

RENATA DAL SASSO FREITAS

PÁGINAS DO NOVO MUNDO:

**UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A FICÇÃO DE JOSÉ DE ALENCAR E JAMES
FENIMORE COOPER NA FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS BRASILEIRO E
NORTE-AMERICANO NO SÉCULO XIX**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE

2008

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH
Programa de Pós-Graduação em História

**PÁGINAS DO NOVO MUNDO:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE A FICÇÃO DE JOSÉ DE ALENCAR E JAMES
FENIMORE COOPER NA FORMAÇÃO DOS ESTADOS NACIONAIS BRASILEIRO E
NORTE-AMERICANO NO SÉCULO XIX**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em História.
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. César Augusto Barcellos Guazzelli

Este exemplar corresponde
à versão apresentada à
Banca Examinadora em
10/03/2008.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Manoel Luis Salgado Guimarães (UFRJ)

Prof. Dr. Temístocles Américo Correa Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó (UFRGS)

Renata Dal Sasso Freitas

Porto Alegre, 10 de março de 2008

*“Scotty liked all the books that I recommended
and even if he didn't, I wouldn't be offended.”*

(Kimya Dawson – “Tire Swings”)

Agradecimentos

Pode-se dizer, na verdade, que este trabalho começou em 2002, quando, com reles dezenove anos, juntei-me ao grupo de orientandos do Prof. Cesar Guazzelli. Nós todos crescemos e agora estamos vivendo à custa e às voltas de dissertações e teses, e tudo é mérito dele. Portanto, o primeiro agradecimento dessa breve lista só pode ser a esse professor e amigo, que me ensinou a ser uma pesquisadora, mas que, mais do que tudo, sempre confiou em mim e apoiou minhas idéias malucas.

Ao Prof. Temístocles Cezar, por sempre estar disponível para me auxiliar com as coisas oitocentistas, me emprestar livros, ler meus artigos e dar suas sempre sinceras opiniões. Agradeço a ele, juntamente com o Prof. Luiz Alberto Grijó, pelas colocações na minha qualificação, no ano passado, que me fizeram repensar meu trabalho, e inclusive colaboraram para idéias futuras.

Ao GT de Teoria e Historiografia da ANPUH-RS, que entre um encontro e outro, sempre me forneceram indicações bibliográficas e sugestões. Em especial, agradeço ao meu colega de assuntos estadunidenses, Arthur Avila, por me contagiar com seu entusiasmo e curiosidade, e pelas discussões no Antônio “de cima”, repletas de abelhas e de livros comprados pela Amazon.

Também não posso de deixar de agradecer à Bruna Sirtori e Tiago Gil. À Bruna, pelo significado mais do que especial que ela tem na minha vida, desde os tempos da graduação. E ao Tiago, por sempre estar disponível para me ajudar, e pelo JSTOR. Sem ele, eu não teria quase metade da bibliografia que tornou esse trabalho possível. Por esse mesmo tipo de auxílio “internético-bibliográfico”, também sou grata ao Fabrício Prado.

Aos meus colegas de mestrado da turma de 2006, em especial, Vicente, Cássia e Mariana, por tornarem as aulas e as atribulações do mestrado mais alegres. À Mari Thompson Flores, por dividir dúvidas, dicas, angústias e alegrias. E ao Rafael Menezes, que me faz rir desde Introdução à Sociologia.

A Clê e sua imensurável paciência, tanto em relação a máquinas de xerox, quanto a nós estudantes.

Ao Pós-Graduação em História da UFRGS, na pessoa da Marília, sempre prestativa e amável.

A minha família, caótica e intensa em tudo, o que inclui o amor. Pelo apoio e pelas repreensões aos meus horários nada saudáveis (mesmo que não obedecidas). Aos meus pais especialmente agradeço por me darem inúmeros conselhos no que diz

respeito à vida dentro de uma pós-graduação. E à minha irmã Raquel, por simplesmente ser minha irmã, o que é sinônimo de muitas coisas para se lidar aqui.

Finalmente, agradeço ao Iuri Bauler, que entrou na minha vida em tempos mais recentes com aquele sorriso tranquilo que reflete como ele se sente em relação à maior parte das coisas da vida. Obrigada pelo amor, pelo carinho, pela compreensão, pelo companheirismo e por aquelas indicações sobre o Gonçalves Dias.

Por fim, sou grata ao CNPq, pelo apoio financeiro durante este trabalho.

Resumo

O presente trabalho dedica-se a analisar comparativamente as obras *The Pioneers* (1823), *The Last of the Mohicans* (1826) e *The Deerslayer* (1841) de James Fenimore Cooper; e *O Guarani* (1857), *As Minas de Prata* (1863-65) e *Iracema* (1865) de José de Alencar sob a perspectiva historiográfica. Tal abordagem justifica-se por estas obras estarem inseridas no contexto de formação de uma cultura histórica no mundo ocidental, intensificado ao final do século XVIII, e que acabou por dar origem à História como disciplina. Logo, considera-se pertinente abordar o romance histórico, assim como outras formas de expressão cultural do período – entre eles a arte pictórica e os museus -, por fazer parte do surgimento do que hoje concebemos como historiografia. Assim, considerando as obras acima como representações do passado, conceito do historiador britânico Stephen Bann, procura-se estudar como elementos da história local – principalmente a paisagem e o passado indígena – articularam-se com convenções do romance romântico europeu, mais precisamente da tradição iniciada por Mme. De Staël, René Chateaubriand, Walter Scott, entre outros. Ao longo da análise, percebeu-se que entre as notas de roda-pé e eventuais referências ao longo das narrativas, tanto Cooper como Alencar referiam-se a documentos de época, o que tinha claramente o objetivo de garantir a veracidade e a verossimilhança de suas criações. Além disso, tais documentos, principalmente no caso de Alencar, onde a produção historiográfica encontrava-se centralizada principalmente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, eram similares aos utilizados por historiadores do período. Dessa forma, verifica-se que os primeiros traços da tentativa de se constituir uma literatura original – em contraposição à européia – nesses dois países tinham uma estreita relação com o fazer histórico, o que é o cerne desta contribuição para a compreensão da cultura histórica oitocentista.

Abstract

The object of this study is to analyse comparatively the works *The Pioneers* (1823), *The Last of the Mohicans* (1826) and *The Deerslayer* (1841) by James Fenimore Cooper; and *O Guarani* (1857), *As Minas de Prata* (1863-65) and *Iracema* (1865) by José de Alencar under a historiographic perspective. Such approach is justified by the fact that these novels are part of the context of formation of a historical culture in the western world, intensified in the end of the eighteenth century, which lies in the origin of History as a discipline. It is, thus, pertinent to study the historical novel, as well as other means of expression – pictorial art and museums among them –, since they are involved in the forthcoming of historiography proper. Hence, considering these literary works as representations of the past, a concept developed by British historian Stephen Bann, we aim to analyse how elements of local history – mainly the landscape and native populations – were articulated with conventions belonging to romantic novels, specifically the tradition initiated with Mme. De Staël, René de Chateaubriand, Walter Scott and others. Throughout the analysis, it was perceived that among footnotes and references in the texts themselves, both Alencar and Cooper referred to documents of the time, which was clearly an attempt to achieve veracity and verisimilitude in their creations. Furthermore, such documents, especially in the case of Alencar, where the historiographic production was centered mainly in the Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, were similar to those used by historians of the time. Therefore, it is verified that the first traces of the effort in constituting an original literature – as opposed to European literature – in these two countries has a straight bond with History writing, which is the focus of this contribution to the understanding of nineteenth-century historical culture.

Sumário

Introdução	7
Capítulo 1 – A História em Duas Tavernas	36
1.1. – Representando um Passado	42
1.1.1 – A Fronteira como “cor local”	44
1.1.2 – A Bahia, o sertão e as minas de prata	50
1.2 – As Cidades das Tavernas	53
Capítulo 2 – Loiras, Morenas e Selvagens	66
2.1. – Os Bons e os Maus Selvagens da América.....	71
2.1.1 – Estados Unidos: a experiência da regressão	74
2.1.2 – Brasil: os índios que não eram índios.....	78
2.1.3 – Moicanos e Goitacazes, Hurons e Aimorés.....	80
2.2. – Loiras e Morenas	83
Capítulo 3 – A Inocência da América	94
3.1. – Águas Passadas.....	103
3.1.1 – Entre Saias e <i>Tomahawks</i>	107
3.1.2 – Tabajaras e Aimorés: <i>Tupi or not Tupi?</i>	113
3.2. – Paraísos Perdidos.....	119
Conclusão.....	137
Fontes.....	141
Bibliografia.....	142

Introdução

Em 1823, James Fenimore Cooper publicava seu segundo romance de sucesso nos Estados Unidos, propondo-se a retratar a vida na fronteira norte-americana no final do século XVIII. Cooper, um oficial da marinha americana reformado e proprietário de terras que sofria de dificuldades financeiras, fez de *The Pioneers* a primeira obra literária a tratar da temática da fronteira. Ele mesmo havia publicado, em 1820, *Precaution* – um romance nos moldes dos da romancista inglesa Jane Austen –, que fracassou editorialmente, mas que não desestimulou a nova empreitada de Cooper. Um ano depois, supostamente inspirado em relatos do ex-governador do estado de Nova York, John Jay¹, Cooper publicou *The Spy*. Tal obra atingiu algum sucesso literário, causando certa expectativa acerca de *The Pioneers*, que teve inclusive um trecho publicado previamente como uma espécie de *teaser*. Ao meio-dia do seu dia de lançamento, o romance de Cooper havia vendido 3.500 cópias².

Decidido a levar adiante seu novo ofício, Cooper assumiu como missão criar uma literatura autenticamente norte-americana, escrevendo sobre diversas temáticas tanto do passado como do presente do país. No entanto, os romances pelos quais ele é mais lembrado ainda são os da série inaugurada com *The Pioneers*, chamada posteriormente de *The Leatherstocking Tales*, publicados entre 1823 e 1841, que tratam das aventuras do caçador de peles Nathaniel Bumppo. Não apenas atingindo sucesso nos Estados Unidos, os romances de Cooper foram publicados na Europa – onde ele viveu durante alguns anos que foram definitivos para sua carreira –, e lançaram as bases para uma nova literatura nos Estados Unidos, mais tarde chamada de *western*.

De maneira semelhante, cerca de trinta anos depois, José Martiniano de Alencar, advogado e jornalista, filho de um ex-governador da província do Ceará, começava a publicar em folhetim *O Guarani*, romance ambientado no Rio de Janeiro em 1604, tratando da saga de D. Antônio de Mariz e sua família em meio aos aventureiros e aos indígenas na região. *O Guarani*, no entanto, não se tratava apenas de um mero folhetim

¹ KLIGERMAN, Jack. Notes on Cooper's Debt to John Jay. **American Literature**: a Journal of Literary History, Criticism and Bibliography. Vol. 41, nº 3, pp. 415-419, Durham, 1969. John Jay (1745-1829) foi um dos políticos considerados os “pais fundadores” dos Estados Unidos da América. Foi presidente do Congresso Continental e escreveu, juntamente com Alexander Hamilton e James Madison, os *Federalist Papers*, tornando-se um dos líderes do Partido Federalista.

² RAYLTON, Stephen. **Fenimore Cooper**. A Study of His Life and Imagination. Princeton: Princeton University Press, 1978. p. 34.

destinado a divertir as moças da elite carioca. Era a resposta de Alencar para uma polêmica que iniciara um ano antes, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*, em que criticava o poema *A Confederação dos Tamoios*, encomendado por D. Pedro II ao poeta e historiador Domingos José Gonçalves de Magalhães e que acabou envolvendo, além de outros, o próprio imperador e o romancista português Alexandre Herculano. Alencar considerava tanto a linguagem como a forma – ou seja, a poesia épica – como inadequados para retratar a gênese do Brasil, propondo que se adotasse a prosa de ficção, assim como outro retrato do indígena e se inserissem heroínas na saga³. Assim como Cooper, Alencar também se propôs a desenvolver uma literatura que fizesse um retrato tanto do passado como do presente do Império Brasileiro e, portanto, original em contraposição à literatura européia.

Os esforços destes dois romancistas estão inseridos no contexto de formação do Estado-nacional moderno na América. Não apenas tratando-se do desenvolvimento de instituições políticas e Estatais, este processo também se encontra relacionado com uma preocupação com a História e com a Literatura nacionais, preocupação esta que, segundo Stephen Bann, estando voltada essencialmente para o passado e representações deste, encontra-se na origem da História como disciplina. Isso, de acordo com Bann, justifica o estudo da literatura, dos museus, da arte pictórica, e de outras representações do passado do período, que compreende o final do século XVIII e as primeiras décadas do XIX, sob um ponto de vista historiográfico⁴.

Tal processo, logicamente, teve suas particularidades onde quer ele tenha se manifestado, principalmente nas novas nações americanas, onde a originalidade do continente era o foco das preocupações dos romancistas e historiadores locais. De acordo com Richard Slotkin, a série *The Leatherstocking Tales*, contribuiu para a mitologização da fronteira na história dos Estados Unidos⁵, através da articulação de narrativas coloniais, tais como os relatos de caçadores e os relatos de cativas, entre outros tipos de referências, com convenções da escrita européia. Segundo Slotkin, foi Cooper que formalizou tais tipos de narrativas como literatura voltada para as elites, acostumadas a encomendar livros da Europa, como também colocou em evidência a

³ CASTELLO, José Aderaldo (org.) **A Polêmica sobre “A Confederação dos Tamoios”**. São Paulo: Seção de Publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953. pp. 30-47. O próprio pseudônimo de Alencar nas cartas, Ig., é uma referência à indígena Iguaçú, personagem do poema e que na opinião do cearenca, não recebera o tratamento que merecia.

⁴ BANN, Stephen. **The Clothing of Clio: A study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. pp. 3-5.

⁵ SLOTKIN, Richard. **The Fatal Environment: The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization 1800-1890**. Norman: University of Oklahoma Press, 1998. p. 86.

violência presente no processo de formação dos Estados Unidos. Era o início da construção do que é chamado de “Mito da Fronteira”, que põe a expansão ao Oeste como essência da criação da nação estadunidense através não apenas das obras de Cooper e os romances baratos que a partir delas foram escritas e publicadas, mas também da própria historiografia norte-americana ao do final do século XIX, com Frederick Jackson Turner⁶.

No Brasil, o processo de formação de uma literatura nacional foi muito mais um esforço coletivo do que nos Estados Unidos, já que a intelectualidade do Império Brasileiro centralizou-se desde os primeiros anos após a independência em academias e organizações seguindo o modelo ilustrado francês⁷. O romance nacional foi afirmando-se como gênero através dos folhetins, paralelamente ao desenvolvimento de uma poesia nacional. É importante deixar claro, contudo, que a formação de um narrador de prosa ficcional brasileiro já vinha ocorrendo desde a década de 30. Flora Sussekind em *O Brasil não é longe daqui* analisa esse processo, o qual se deu com base na apreensão de relatos de viajantes e naturalistas. Tal operação tinha o objetivo de precisar a originalidade da paisagem brasileira em contraposição à européia, como já indicara o francês Ferdinand Denis em seu *Resumé de l'Histoire de la Littérature du Portugal, suivi du Resumé de l'Histoire Litteraire du Brésil*, de 1826⁸, através de um discurso que tinha como objetivo a descrição, classificação e organização do que era considerado brasileiro⁹. Na visão da autora, porém, Alencar faria parte de um segundo movimento na formação deste narrador de prosa de ficção, onde se privilegia os relatos de aventureiros dos séculos XVI e XVII, em busca não apenas da paisagem e dos costumes brasileiros, mas, sobretudo, das origens destas¹⁰.

Anthony Pagden salienta a classificação e a ordenação do espaço americano de acordo com a visão de mundo européia como uma forma de se alcançar alguma

⁶ Ver ÁVILA, Arthur Lima de. **E da Fronteira veio um Pioneiro: a frontier thesis** de Frederick Jackson Turner (1861-1932). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006; e KNAUSS, Paulo (org). **O Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos**. Niterói: UFF, 2004.

⁷ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**. N° 1, pp 5-27, Rio de Janeiro, 1988. p. 6.

⁸ DENIS, Ferninand. **Resumo da História Literária do Brasil**. Tradução e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968. p. 31. “Se os poetas dessas regiões fitarem a natureza, se se penetrarem da grandeza que ela oferece, dentro de poucos anos, serão iguais a nós, talvez nossos mestres. Essa natureza, muito favorável aos desenvolvimentos do gênio, esparze por tôda a parte seus encantos, circunda os centros urbanos com os mais belos dons; e não é como em nossas cidades, onde a desconhecem, onde muitas vezes não a percebem.” pp. 32-33.

⁹ SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 20.

¹⁰ Id., *ibid.*, pp. 190-193.

comensurabilidade em relação às duas realidades, tão díspares entre si. Quando do divórcio entre as ciências naturais e as obras filosóficas e de imaginação no século XVIII, a busca pela comensurabilidade se deu através da inserção da paisagem americana em categorias científicas européias¹¹.

Essa mesma prática de ordenação é identificada por Mary Louise Pratt com a mudança de consciência planetária européia após o descobrimento do Novo Mundo e da exploração da Ásia e da África, cujo desdobramento principal foi o surgimento da História Natural. Isso se dá quando existe a substituição do paradigma marítimo do período dos descobrimentos pela sistemática descrição do interior dos continentes, através de expedições científicas, que funcionavam como um instrumento de expansão dos impérios coloniais do século XVIII¹². Tanto na ficção de Cooper como na de Alencar, as localidades da ação dos romances são situadas no espaço e sobretudo no tempo, já que as obras de ambos narram as origens ou elementos formadores de cada nação. Essa articulação característica dos romances históricos relacionados com a formação do Estado-nacional moderno, no entanto, ganha peculiaridades, como veremos no decorrer do trabalho.

O objetivo deste estudo é comparar de um ponto de vista historiográfico três dos romances de James Fenimore Cooper constituintes da série *The Leatherstocking Tales – The Pioneers, The Last of the Mohicans, e The Deerslayer* com *O Guarani* (1957), *As Minas de Prata* (1863-65) e *Iracema* (1865) de José de Alencar, enfocando o processo de articulação de diferentes narrativas feitas pelos romancistas, ressaltando a busca de ambos pela originalidade de seus respectivos países, o que, de certa forma, está relacionado com o contexto de formação dos Estados-nacionais no século XIX.

Comparar a literatura romântica dos Estados Unidos e do Brasil, portanto, implica indiretamente uma comparação da formação do Estado nacional e da evolução política desses dois países. João Paulo Pimenta, remetendo-se a Marc Bloch, afirma que apesar de suas vantagens para a pesquisa historiográfica, a comparação requer alguns cuidados metodológicos, entre os quais o mais importante seria a constante crítica das escolhas feitas para a comparação, ou seja, a revisão *do quê, por quê e como* se está

¹¹ PAGDEN, Anthony. **European Encounters with the New World: from Renaissance to Romanticism.** New Haven, Conn.: Yale University Press, 1993. p. 10.

¹² PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação.** Bauru, SP: EDUSC, 1999. pp. 41-53.

comparando os processos em questão¹³. A comparação de obras – sejam elas de ficção ou não e independentemente de seus interesses intrínsecos - que tratam de um mesmo tema ou pertencem a um mesmo gênero ainda permite, segundo Krzysztof Pomian, reconstruir as mudanças de atitudes, de crenças e de normas de uma sociedade¹⁴. O autor propõe cinco categorias de comparação para o que ele considera “objetos invisíveis” em análises históricas: os indivíduos, as formas, as relações, as trajetórias e as singularidades¹⁵. Estas categorias serão levadas em consideração para o estudo destas obras, de seus autores e suas realidades, na medida em que elas contemplam, juntamente com a comparação dos textos em si – dentro de seus propósitos ficcionais e reais, os objetivos que se buscam com este trabalho.

Geralmente, as análises acerca da contribuição de James Fenimore Cooper e José de Alencar são relacionadas com as interpretações, surgidas principalmente ao longo do século XX, do nacionalismo e do conceito de nação, porque em muitas delas o papel da Literatura é alçado a uma posição central ao processo de formação dos sentimentos de nacionalidade.

As tentativas de compreender o nacionalismo após as primeiras décadas do século XIX, de forma a desnaturalizar a entidade “nação”, surgiram com Ernest Renan e seu ensaio “O que é uma nação?” em que propõe como melhor forma de caracterizar o nacionalismo uma abordagem sociopsicológica¹⁶, rejeitando determinismos e especialmente o princípio de solidariedade voluntária defendida por historiadores românticos, principalmente Jules Michelet¹⁷.

De acordo com Anthony Smith, as diferentes leituras do nacionalismo a partir do final do século XIX, passando por teóricos como Max Weber, em *Economia e Sociedade* e Lord Acton, no ensaio *Nacionalismo*, tenderam a caracterizá-lo como um movimento político ou uma ideologia. Tais definições geraram, ao longo do século XX

¹³ PIMENTA, João Paulo Garrido. **Estado e nação na crise dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da USP. São Paulo: USP, 1998. p. 10.

¹⁴ POMIAN, Krzysztof. De la comparaison dans l'histoire. In: **Sur L'Histoire**. Paris: Gallimard, Folio/histoire, 1999. p. 169.

¹⁵ Id., *ibid.*, pp. 179-180.

¹⁶ RENAN, Ernest. **Qu'est-ce qu'une nation?** Paris: Éditions Mille et une nuits, 1997.

¹⁷ SMITH, Anthony D. O Nacionalismo e os Historiadores. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. pp. 187-188.

- tendo em vista os acontecimentos em suas primeiras décadas -, abordagens avaliativas do fenômeno. Somente a partir das décadas finais do século é que começou a se enfatizar o que Smith considera como o caráter “artificial” do nacionalismo do ponto de vista cultural. O autor define esse movimento da historiografia como “modernista” ou “instrumentalista”, sendo estes a essência das reflexões da década de 1980 feitas por Benedict Anderson em *Nação e Consciência Nacional* e por Eric Hobsbawm e Terrence Ranger, ao editarem *A Invenção das Tradições*¹⁸:

*“As nações não são apenas constructos recentes de ideólogos partidaristas. O nacionalismo é também um instrumento de legitimação e mobilização através do qual os líderes e as elites despertam o apoio das massas para sua luta competitiva pelo poder”*¹⁹.

O trabalho que Hobsbawm publicou anos mais tarde, *Nações e Nacionalismos desde 1780* também segue essa premissa, principalmente no que diz respeito às distinções entre nação revolucionária pós-Independência dos Estados Unidos e Revolução Francesa, em que o que unia os membros de uma mesma nação era a presença de interesses políticos comuns entre seus habitantes. Assim, Hobsbawm define o primeiro conceito moderno de nação como essencialmente político, diferente dos desdobramentos pelos quais o termo passou ao longo do século XIX²⁰.

Outra releitura do nacionalismo que segue essa premissa definida por Smith como modernista e instrumentalista é a de Ernest Gellner, que o define como

“ [...] um princípio político que defende que a unidade nacional e a unidade política devem corresponder uma à outra.

*O nacionalismo, enquanto sentimento ou enquanto movimento, deve ser entendido a partir deste princípio. O sentimento nacionalista é o estado de cólera causado pela violência desse princípio ou o estado de satisfação causado pela sua realização. Um movimento nacionalista é aquele que é incitado por um sentimento deste tipo.”*²¹

¹⁸ Id. *ibid.*, pp. 197-200.

¹⁹ Id., *ibid.*, pp. 197-198.

²⁰ HOBBSAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. pp. 26-30. José Carlos Chiaramonte se contrapõe a essa concepção traçando a existência da equivalência entre “nação” e Estado desde o período pré-Revolução Francesa, o que estaria associado a uma ruptura com a noção advinda da Antiguidade que associava nação à etnicidade. Chiaramonte, no entanto, afirma que essa noção antiga não desapareceu por completo durante o período das revoluções burguesas, apesar do sentido político da palavra ter predominado. Ver: CHIARAMONTE, José Carlos. **Nación y Estado en Iberoamérica**: El lenguaje políticos en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004. Anne-Marie Thiesse, por outro lado, afirma que a concepção de nação surgida neste período foi separada em duas noções antagônicas: a primeira, a autora define com o mesmo significado político e revolucionário proposto por Hobsbawm, resultante da Revolução Francesa; e a outra, reacionária e baseada na emoção, seria resultado do movimento romântico. Thiesse afirma que em realidade essa divisão seria falsa, tendo as duas concepções colaborado para a formação dos Estados nacionais a partir do final do século XVIII, com sua influência variando de acordo com as circunstâncias sociais e políticas de cada nação. Cf. THIESSE, Anne-Marie. *Ficções Criadoras: As identidades nacionais*. **Revista Anos 90**. N.º 15, pp. 7-25, Porto Alegre, 2001/2002. pp. 7-8.

²¹ GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismos**. Lisboa: Gradiva, 1983. p. 11.

A preocupação de Gellner com o surgimento tanto da “contingência” Estado como da “contingência” nação faz parte de sua leitura de que apesar da existência de diversas definições de nação, de que o autor caracteriza ou como voluntaristas ou como culturais, existe a necessidade de uma explicação histórica da nação. Surge, daí, a presença que Gellner enxerga de uma série de pressupostos para o surgimento do sentimento de nação, entre eles certa homogeneidade cultural, que não é imposta pelo nacionalismo e sim forjada por ele. Em sua leitura histórica, Gellner considera o nacionalismo um desdobramento da organização da sociedade industrial e de outros processos inerentemente modernos, como a Reforma, a colonização, o imperialismo e a descolonização²².

Já a interpretação que Benedict Anderson dá às nações e ao nacionalismo difere da de Gellner em sua forma de abordar justamente o caráter “artificial” da nação, definindo a nação como uma comunidade política imaginada. O uso deste termo está ligado ao fato de que os membros de uma mesma nação compartilham do sentimento de comunhão apesar de não se conhecerem. A diferença entre a conceitualização de Anderson e de outros teóricos que apontaram para este caráter da nação (estando entre eles o próprio Ernest Renan) é que Anderson rompe com a idéia da nação enquanto uma ideologia ou um movimento de cunho estritamente político²³. Apoiado em um “espírito antropológico”, Anderson parte de que:

“[...] a nacionalidade, ou, como talvez prefira dizer, devido às múltiplas significações dessa palavra, nation-ness²⁴, bem como o nacionalismo, são artefatos culturais de um tipo peculiar. Para compreendê-los adequadamente é preciso que consideremos com cuidado como se tornaram entidades históricas, de que modo seus significados se alteraram no decorrer do tempo, e por que, hoje em dia, inspiram uma legitimidade emocional tão profunda.”²⁵

Assim, para Anderson, a nação também é uma criação, mas foge da conotação conferida por Gellner, que segundo o autor, implicaria em tratá-la como uma falsidade ou uma invenção. Para compreender a formação do sentimento de nacionalidade de Anderson, é necessário fazer a ressalva que o autor não considera a nação como a única comunidade imaginada existente e que se trata de uma comunidade imaginada de forma limitada e soberana, dentro das premissas modernas forjadas no Iluminismo em que o Estado-nação surgiu. Contudo, Anderson acredita encontrar definições mais precisas para como esse processo se deu através de um exame do que considera as raízes

²² Id., *ibid.*, pp. 65-70.

²³ ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989. p. 12-14.

²⁴ Termo sem tradução que referencia o sentimento de nacionalidade.

²⁵ Id., *ibid.*, p. 12.

culturais da nação, determinando que o nacionalismo é um sistema cultural mais amplo do que a ideologia política e que deve ser relacionado com dois processos distintos: a erosão tanto do reino dinástico e da comunidade religiosa, os quais eram aceitos como verdadeiros “quadros de referência”, tal como a nacionalidade o é atualmente²⁶.

Para o autor, o desenvolvimento do capitalismo editorial auxiliado por três fatores externos foi decisivo nesse processo de distinção temporal entre passado e futuro vigente até hoje, em que o presente é um tempo de transição, no qual tempo é homogêneo e vazio e saturado de “agoras”²⁷. Esses fatores foram a alteração do caráter do latim, que se distanciou da vida cotidiana; o impacto da Reforma, que dependeu fundamentalmente da atividade editorial e a disseminação das línguas vulgares, agora associadas ao Estado burocrático²⁸.

Como reflexos dessas mudanças, o desenvolvimento do jornal e do romance, segundo Anderson, foram essenciais não apenas para a mudança na concepção de tempo e de espaço das novas comunidades imaginadas e conseqüentemente para os sentimentos que as mesmas despertaram em seus membros. O papel da literatura, mais especificamente do romance é salientado por Anderson, na medida em que este gênero retrata um organismo sociológico que se move pelo calendário através do tempo homogêneo e vazio. A consciência da atividade constante, anônima e simultânea de pessoas com quem se divide algo em comum é fundamental para a concepção de uma nacionalidade. O jornal também foi essencial para esse processo, já que a justaposição de eventos também pressupõe a idéia de simultaneidade. Assim sendo, “*a ficção desliza silenciosa e continuamente para dentro da realidade, criando aquela notável*

²⁶ Id., *ibid.*, pp. 16-46. Anderson, assim como Gellner, considera o nacionalismo como uma conseqüência do desenvolvimento do capitalismo industrial, mas se fixa em um aspecto desse processo, o qual considera essencial para o surgimento da *nation-ness*: o desenvolvimento da “imprensa-como-mercadoria”. Relacionada a essa mudança na cultura letrada encontram-se justamente os fatores que fizeram com que a nacionalidade – como o autor coloca – se “popularizasse” entre as formas de comunidade imaginada no mundo moderno: “Por trás da decadência das comunidades, línguas e linhagens sagradas, tinha lugar uma mudança fundamental nos modos de apreender o mundo, que, mais do que qualquer outra coisa, tornou possível ‘pensar’ a nação” Tal mudança foram as transformações nas concepções do tempo que possibilitaram o que Anderson chama de comunidades do tipo “horizontal-secular”. Baseando-se em Walter Benjamin, o autor aponta para a alteração da concepção de tempo vigente desde a Idade Média - na qual a simultaneidade era longitudinal ao tempo, ou seja, o futuro e o passado se encontravam no futuro, o que explicaria, por exemplo, o uso não apenas de imagens de pessoas européias, mas também inclusive de pessoas conhecidas na arte sacra do período. Futuro, presente e passado não são separados de forma linear e portando horizontal, descolados do pressuposto religioso de que os acontecimentos formadores da cristandade se repetem no cotidiano. Ver BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia, Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. pp. 222-235

²⁷ Id., *ibid.*, p. 33..

²⁸ Id., *ibid.*, pp. 48-50.

segurança de comunidade anônima que é a marca de garantia das nações modernas”²⁹.

A leitura de Anderson recebeu críticas ao longo dos quase trinta anos seguintes à publicação de seu texto, como a de Homi Bhabha, que afirma que o estudo de Anderson não considerou totalmente a complexidade do processo de significação de um determinado constructo, no caso, a nação. Bhabha aborda a questão da nação a partir de uma perspectiva daqueles que estão à margem da mesma. Porque o recorte do autor é relativo ao que chama de última fase da nação moderna, cuja tônica são as migrações em massa no ocidente e a expansão colonial no oriente, sua leitura questiona a estabilidade do discurso nacionalista, propondo uma construção cultural da *nationness* de Anderson como forma de afiliação social e textual, sendo seu objetivo

*“[...] formular as [...] estratégias complexas de identificação cultural e de interpretação discursiva que funcionam em nome ‘do povo’ ou ‘da nação’ e os tornam sujeitos imanes e objetos de uma série de narrativas sociais e literárias.”*³⁰

Bhabha enfatiza a dimensão temporal na inscrição dessas entidades políticas, deslocando o historicismo dominante nas discussões da nação como força cultural. O autor rompe com a idéia de uma equivalência linear entre o evento e a idéia, ou seja, da nação e da cultura nacional enquanto categorias sociológicas empíricas ou entidades culturais holísticas. A nação, para Bhabha, é uma estratégia narrativa composta por metáforas – entre elas o próprio romance –, na qual há o deslizamento contínuo de categorias, ou seja, a nação como uma medida de liminaridade da modernidade. É aí que, segundo o autor, Anderson foge da complexidade inerente à formação da nação, na medida em que o espaço do povo-nação nunca é simplesmente horizontal:

“Os historiadores transfixados no evento e nas origens da nação nunca indagam, e teóricos políticos possuídos totalidades ‘modernas’ da nação – ‘homogeneidade, alfabetização e anonimato são características chaves – nunca fazem a pergunta essencial sobre a representação da nação como processo temporal.

*É de fato somente no tempo disjuntivo da modernidade da nação – como um saber dividido entre a racionalidade política e seu impasse, entre os fragmentos e retalhos de significação cultural e as certezas de uma pedagogia nacionalista – que questões da nação como narração vêm a ser colocadas.”*³¹

²⁹ Id., *ibid.*, p. 44. Ernest Gellner não deixa também de relacionar a formação de uma cultura erudita dependente do Estado com o nacionalismo em sua abordagem. O autor identifica como necessário ao surgimento do sentimento de nacionalidade uma cultura erudita organizada através de uma infraestrutura política²⁹. No entanto, a abordagem de Benedict Anderson é que relaciona dispositivos culturais tais como o romance com a formação do Estado-nacional moderno, ao ponto de analisar quatro obras de ficção em seu trabalho, de modo a demonstrar em que medida o gênero fornece as bases de uma comunidade imaginada. Ver: GELLNER, Op. Cit., pp. 81-82.

³⁰ BHABHA, Homi K. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: **O Local da Cultural**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. p. 199.

³¹ Id., *ibid.*, p. 202.

Assim, levando em consideração a posição de migrantes e marginalizados, indivíduos localizados nas fronteiras do espaço da nação, Bhabha propõe o uso do conceito de “povo”, que emerge de uma série de discursos como um movimento narrativo duplo, não se referindo apenas a eventos históricos ou a componentes de um corpo político único e patriótico, sendo também uma estratégia retórica de referência social. Este “tempo duplo” tem como suas duas vias primeiramente um passado ou origem histórica imposto pedagogicamente através do discurso nacionalista e, em uma segunda instância, os próprios sujeitos desse povo, que através de um processo de significação obliteram a presença de conceitos anteriores.

*“Os fragmentos, retalhos e restos da vida cotidiana devem ser repetidamente transformados nos signos de uma cultura nacional coerente, enquanto o próprio ato da performance narrativa interpela um círculo crescente de sujeitos nacionais. Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performativo. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de escrever a nação.”*³²

A abordagem de Bhabha nos é interessante na medida em que ele rompe com a idéia do desenvolvimento do Estado-nação como um processo contínuo e único, aspecto que permeia uma boa parte das leituras da historiografia literária, como anteriormente afirmado.

Entre estas está o estudo *Ficções de Fundação*, da crítica norte-americana Doris Sommer, que reflete a respeito do processo de formação da literatura nacional na América Latina, procurando demonstrar o vínculo entre a política e a ficção na construção dos Estados-nacionais latino-americanos e no estabelecimento de modelos éticos convenientes às elites destes países, o que passa – e aqui a autora apóia-se em Michel Foucault – pela sexualidade. Para Sommer, a nação se forja nesses romances através de relacionamentos amorosos e eróticos de suas personagens principais, que determinam modelos de relacionamento e comportamento. O ponto crucial destes romances, no entanto, além de suas propostas de independência literária de suas nações e normatização das relações, é a necessidade dos mesmos de lidar com o passado colonial comum ao continente. Escrever a gênese da nação significava escrever sobre o contato do indígena com o branco, buscando o que havia de original nessas populações que justificassem o rompimento dos laços com as metrópoles européias e seu status de

³² Id., *ibid.*, p. 207.

nação. Assim, Sommer cria o conceito de “literatura fundacional”, aplicando-o a diferentes autores latino-americanos, entre eles José de Alencar³³.

Outro trabalho relevante, desta vez relacionando a literatura norte-americana com a brasileira, é o de Renata Wasserman, que também analisa tanto as obras de Cooper como as de Alencar como fundadoras de tradições literárias em seus países, através do tratamento do elemento exótico, traçando esse processo desde as leituras do século XVIII, de Rousseau, Saint-Pierre e Chateaubriand, para depois abordar Cooper, Alencar e as subseqüentes reformulações da nacionalidade em ambos os países, nas primeiras décadas do século XX³⁴. A abordagem de Wasserman é muito devedora da interpretação do crítico literário Antônio Cândido³⁵, também considerando Alencar como parte do processo formativo da literatura brasileira, e, de certa forma, como um fundador da mesma.

No caso do historiador Bernardo Ricupero, o romantismo brasileiro no século XIX é tratado como apenas um dos projetos de nação que surgiram ao longo da história brasileira, que acima de tudo, esteticamente visava romper com o Antigo Regime, o que no continente americano significava uma reação ao passado colonial. Estabelecendo uma comparação com a Argentina, Ricupero mapeia essa proposta de nação atendo-se a um marco temporal limitado - o período entre os anos de 1830 e 1870 -, isentando-se de declarar obras ou autores como fundadores de tradições intocados pelos processos de releitura das nações brasileira e argentina³⁶.

Levando em consideração a assertiva de Homi Bhabha de que o nem mesmo o processo de formação do Estado-nacional é desprovido de descontinuidades e sofre reelaborações ao longo do tempo - por diferentes agentes - o que aqui se propõe é a inserção destas obras dentro das representações do passado forjadas nas décadas após as independências de seus países, em um determinado momento da formação destes Estados-nacionais.

Geralmente, as obras romanescas de Alencar são estudadas de acordo com a sistematização feita por ele mesmo em 1872 no prefácio, intulado *Benção Paterna*, ao romance *Sonhos D'Ouro*. Ali Alencar descreve sua própria trajetória de romancista,

³³ SOMMER, Doris. **Ficções de Fundação: O Romances Nacionais na América Latina**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004. pp. 20-46.

³⁴ WASSERMAN, Renata R. Mautner. **Exotic Nations: Literature and Cultural Identity in the United States and Brazil, 1830-1930**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1994. pp. 1-33.

³⁵ CÂNDIDO, Antônio. Introdução. **Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)**. Vol. 1. 3ª Ed. São Paulo: Martins, 1969. pp. 23-39.

³⁶ RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a Idéia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

classificando seus romances de acordo com suas temáticas em categorias como “o romance histórico”, “o romance primitivo”, “o romance urbano” e “o romance rural”³⁷. Valéria De Marco, por exemplo, segue essa lógica, na medida em que considera a existência de uma ordem geral que orientou a escrita das obras de Alencar de modo a traçar um painel da geografia e da história do Brasil³⁸. Embora Cooper não tenha publicado uma sistematização de sua obra da mesma forma, até porque o mesmo não se preocupou somente com temáticas norte-americanas, o pressuposto de que ele tenha tido a intenção de fundar uma literatura nacional pode ser evidenciado em cartas, como no caso desta, para um crítico favorável a seu trabalho:

*“You have appreciated my motives, in regard to my own country, [...] Her mental independence is my object, and if I can go down to the grave with the reflection that I have done a little towards it, I shall have the consolation of knowing that I have not been useless in my generation.”*³⁹

Além disso, o próprio status de Cooper como um precursor da literatura norte-americana tende a balizar as análises acerca de seus romances. Steven Railton, por exemplo afirma que:

*“In many respects Cooper was the founding father of the novel in America. [...] it is equally true to say that Cooper first established many of the themes with which the major authors of the century would deal. Before Hawthorne, he wrote historical romances, including one set in Puritan New England. Before Melville, he wrote sea-going fiction in which the ocean provides a setting at once realistic and symbolic. Before James, he wrote international novels. Before Twain, he wrote the kind of tale in which, at the end, the hero lights out for the territory. Before Howells, he wrote American romans de société.”*⁴⁰

Estudos recentes a respeito de Cooper procuram retirá-lo desta condição de “arquiteto da consciência americana” e analisar suas obras dentro de seu contexto, que segundo W. M. Verhoeven era de profunda crise no âmbito literário dos Estados Unidos. Assim, Cooper não poderia ser visto como intencionalmente criando uma

³⁷ ALENCAR, José de. Benção Paterna. In: **Sonhos D’Ouro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. pp. 29-38.

³⁸ DE MARCO, Valéria. **A Perda das Ilusões**: o romance histórico de José de Alencar. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 15.

³⁹ Citado em: RAILTON, Op., Cit., p. 121. “Você tem apreciado meus motivos, em relação a meu próprio país, [...] sua independência mental é meu objetivo, e se eu for para meu túmulo com a impressão de que fiz um pouco nessa direção, eu vou ter o consolo de saber que não fui inútil em minha geração.”

⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 3. “Em muitos aspectos, Cooper foi o pai fundador do romance na América. [...] é igualmente verdadeiro dizer que Cooper primeiramente estabeleceu muitos dos temas com os quais autores de maior peso do século trataram. Antes de Hawthorne, ele escreveu romances históricos, incluindo um ambientado na Nova Inglaterra puritana. Antes de Melville, ele escreveu ficção sobre expedições ao mar nas quais o oceano fornecia um ambiente ao mesmo tempo realista e simbólico. Antes de James, ele escreveu romances internacionais. Antes de Twain, ele escreveu o tipo de história na qual, ao fim, o herói sai em busca do território. Antes de Howells, ele escreveu o *romance de société* americano.”

literatura “nacional”⁴¹. A leitura de Jane Tompkins para o caso de *The Last of the Mohicans* também é válida nesse sentido, porque propõe uma interpretação não-mitologizante da obra de Cooper⁴², contrária à tendência que ganhou bastante força a partir da década de 1960, com análises inspiradas na de D. H. Lawrence publicada em 1923⁴³.

No entanto, parto do pressuposto colocado pelo historiador da arte Michael Baxandall de que o autor de qualquer artefato histórico somente nos deixa a solução acabada e concreta de um problema que ele resolveu, tornando impossível – sem as devidas fontes, como é o caso deste estudo – poder reconstruir de forma completa o processo pelo qual os dois romancistas passaram. Pois, segundo Baxandall, a fim de compreender o artefato histórico,

“[...] tentamos reconstruir ao mesmo tempo o problema específico que o autor queria resolver e as circunstâncias específicas que o levaram a produzir o objeto tal como é. Mas a reconstrução não refaz a experiência interna do autor; ela será sempre uma simplificação limitada ao que é conceitualizável, mesmo que opere numa estreita relação com o quadro [ou o romance] em si, o que nos proporciona, entre outras coisas, modos de perceber e de sentir.”⁴⁴

Assim, não considero esses romances como parte de um conjunto de obras com uma finalidade específica, mas sim como representações do passado de duas nações que seguiam alguns pressupostos do que se pensava a respeito da ficção histórica e da escrita da história vigentes ao longo do século XIX.

Comparações entre Cooper e Alencar foram comuns entre os críticos brasileiros do século XIX a ponto de em *Porque e como sou romancista*, Alencar negar qualquer influência do autor norte-americano em seus romances indianistas, sobretudo *O Guarani*⁴⁵. Apesar de existirem análises recentes entre os dois autores, a maioria delas os relaciona em âmbito mais geral, associando seus romances de forma indiscriminada, como é o caso de Renata Wasserman, em artigo de 1984, no qual estabelece relações entre *O Guarani* e *The Deerslayer*, último romance da série *The Leatherstocking Tales*,

⁴¹ VERHOEVEN, W. M. Introduction: Reconsidering Cooper. In: VERHOEVEN, W. M. (ed.) **James Fenimore Cooper**: New Historical and Literary Contexts. Amsterdam/Atlanta, GA: Rodopi, 1993.

⁴² TOMPKINS, Jane. **Sensational Designs**: The Cultural Work of American Fiction. 1760-1860. New York: Oxford University Press, 1985.

⁴³ LAWRENCE, D. H. **Studies in Classic American Literature**. New York: Penguin, 1977.

⁴⁴ BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 48.

⁴⁵ ALENCAR, José de. **Como e por que sou romancista**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998. p. 64

sem levar em consideração os contextos de cada romance e as propostas que seus autores afirmaram ter com ambos⁴⁶.

A contraposição entre o que se propõe neste trabalho em relação àquelas análises anteriormente citadas torna necessário que se esclareça a forma que os textos estudados serão considerados: a ficção histórica aqui é pensada como uma forma de *representação do passado* no sentido proposto por Stephen Bann. Tal proposição parte do pressuposto de que no final do século XVIII e o no início do século XIX, a importância do passado, principalmente através do movimento romântico, ganhou proporções tão grandes, que a própria estratégia de que Bann lança mão para definir o romantismo é que esse movimento significou “*the rise of history*”, ou seja, o “surgimento da história”. Segundo o autor:

*“No one has ever doubted that one of the most potent causes, and one of the most widespread effects of Romanticism was a remarkable enhancement of the consciousness of history. From being a literary genre whose ‘borders’ were open to other forms of literature, history became over half a century or so the paradigmatic form of knowledge to which all others aspired.”*⁴⁷

A ficção histórica, na forma do romance, serviu, segundo Bann, de mote para os escritores da década de 1820 e para outras formas de expressão, tais como a arte pictórica⁴⁸ – foco do estudo de Bann - e os museus de história. Segundo o autor, a própria escrita da história, *strictu sensu*, praticada por uma quantidade crescente de historiadores profissionais, sobretudo na Alemanha e na França, faz parte dessa tendência⁴⁹. Marcel Gauchet também aponta o romance histórico como elemento fundamental no estabelecimento de uma forma de discurso sobre o passado, no que ele considera como a “unificação do campo dos estudos históricos”, principalmente entre as décadas de 1820 e 1830, na França. Essa “unificação” ensejada no contexto pós-Revolução Francesa, tinha como base a reunião de diversas práticas de compilação e

⁴⁶ WASSERMAN, Renata R. Mautner. Re-Inventing the New World: Cooper and Alencar. **Comparative Literature**. Vol. 36, n° 2, pp. 130-145, Portland, 1984.

⁴⁷ BANN, Stephen. **Romanticism and the Rise of History**. New York: Twayne Publishers, 1995. pp. 3-4. “Ninguém nunca duvidou que uma das mais potentes causas e um dos efeitos que mais se espalhou do Romantismo foi o crescimento incrível da consciência sobre a história. De gênero literário cujas ‘fronteiras’ estavam abertas a outras formas de literatura, a história se tornou, em cerca de meio século, a forma paradigmática de conhecimento a que todos os outros aspiravam.”

⁴⁸ Blake Nevius, em sua introdução ao romance de Cooper *The Prairie* de 1827, relaciona a escrita romanesca romântica do século XIX, usando como exemplo o caso do escritor norte-americano, com a arte pictórica do mesmo período. Ver: NEVIUS, Blake. Introduction. In: COOPER, James Fenimore. **The Prairie**. New York: Penguin Books, 1987. pp. vii-xxiv.

⁴⁹ BANN, Op. Cit. p. 4.

crítica de documentos desenvolvidas anteriormente, entre elas aquelas do antiquariado. Associada a isso estava a fundamental mudança na perspectiva acerca da história, concebida agora como um movimento. Conseqüência da história filosófica das Luzes e das reflexões sobre a própria Revolução, essa idéia de dinamismo da própria sociedade fazia surgir o coletivo como agente dos eventos do passado. A preocupação com o novo discurso da história fez com que historiadores como Prosper de Barante e Augustin Thierry buscassem nos romances de Walter Scott uma solução para a questão da representação objetiva dos detalhes. No entanto, o elemento literário de suas narrativas não consiste em uma imitação das obras do escritor escocês, mas, por sua vez, segundo Gauchet, originam a noção da universalização do singular, importante para o papel do coletivo nesse novo discurso sobre o passado⁵⁰.

Dessa forma, os romances históricos aqui são considerados passíveis de serem analisados dentro de uma perspectiva historiográfica, já que eles fazem parte do desenvolvimento da “consciência histórica” que fez com que a história se firmasse como um campo disciplinar.

A própria noção de “literatura”, cara também para a melhor compreensão das fontes estudadas estava, nesse período, firmando-se. De acordo com Lionel Gossman, é no final do século XVIII que a palavra “literatura” deixa de denominar capacidade de expressão por escrita de indivíduos e passa a ser utilizada para classificar um determinado tipo de produção literária. Ademais, não apenas a produção de textos literários como prática social ganha novas conotações, mas também a leitura e apreensão destes. Gossman também trata da relação da literatura com a história, afirmando que a história era uma ramificação da literatura até o início deste processo, em que estes dois “gêneros” começam a diferenciar-se⁵¹. No entanto, o historiador ainda chama a atenção para pontos de contato entre eles, mapeando as mudanças de concepção do que era um e outro ao longo dos séculos XVIII e XIX.

A mudança essencial, para Gossman, é no papel do narrador e em seu compromisso com a verdade, que no século XVIII tratava-se muito mais de objeto de reflexão do que condição para a validade da narrativa (fosse ela “histórica” ou “ficcional”). Gossman data da Revolução Francesa a substituição do poema épico, ainda vigente como forma de crônica de acontecimentos ou trajetórias de personagens

⁵⁰ GAUCHET, Marcel. L'unification de la science historique. In: GAUCHET, Marcel (Ed.) **Philosophie des sciences historiques**: le moment romantique. Paris: Éditions du Seuil, 2002. pp. 16-20.

⁵¹ GOSSMAN, Lionel. History and Literature: Reproduction or Signification. In: **Between History and Literature**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1990. pp. 227-228.

considerados importantes, pela história e pelo romance histórico. A aproximação com o mito se dá quando a história começa a tratar não de eventos particulares e indivíduos específicos *per se*, mas destes como parte de processos maiores, como a história da humanidade, da “civilização” e mais claramente, do Estado-nação⁵².

É preciso levar em consideração, no entanto, que essa preocupação moderna com o passado, que transforma tanto a escrita literária como a da história, têm origens mais distantes do que tanto Bann como Gossman afirmam. Allan Megill, no artigo “Aesthetic Theory and Historical Consciousness in the Eighteenth Century” traça o início do que ele chama de *historism* – que seria predecessor ao historicismo alemão – uma reação ao neoclassicismo francês tanto na Alemanha, como na própria França, chegando até o inglês Thomas Blackwell e ao italiano Gianbattista Vico ainda no século XVII. De acordo com Megill, o fundo do *historism* teria seus primórdios em preocupações de cunho estético, principalmente acerca da poesia de Homero, central à “Querela entre Antigos e Modernos”, e que tem por conseqüência mais significativa para este estudo a difusão do romance como substituto à épica e à tragédia⁵³.

A “Querela entre Antigos e Modernos” tem, no entanto, implicações que não são apenas críticas ou estéticas. O historiador alemão Reinhart Koselleck, em seu estudo dos conceitos de “crítica” e “crise”, em que se propõe a demonstrar a relação entre o desenvolvimento da moderna filosofia da história e das crises políticas que marcaram o mundo europeu desde 1789, analisa como a crítica do Estado absolutista se desenvolveu no período anterior à Revolução Francesa. Para Koselleck, o desenrolar destes acontecimentos, que no contexto do século XVIII foram apenas uma resposta à política vigente, foi marcado pelo que ele chama de “um processo único e poderoso”, que acabou por transformar a história em processo, gerando o advento da filosofia burguesa da história⁵⁴.

O início dessa transformação, segundo o autor, se dá através da crítica da literatura e da arte para depois ganhar o terreno político. É relevante, no entanto, ressaltar que a idéia de “crise” – dentro dessa “crítica” – permaneceu encoberta em seu sentido político. Ela “permanecia oculta pelas imagens histórico-filosóficas do futuro,

⁵² Id., *ibid.*, pp. 252-253.

⁵³ MEGILL, Allan. *Aesthetic Theory and Historical Consciousness in the Eighteenth Century*. **History and Theory – Studies in the Philosophy of History**. Vol. XVII, pp. 29-62, Middletown, Conn., 1978. pp. 29-47.

⁵⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 1999. p. 14.

diante das quais os eventos cotidianos esmoreciam”⁵⁵. A Filosofia da História que surge, portanto, através do processo de crítica que começa no âmbito estético, tem como seu foco o futuro e principalmente o progresso, sendo, portanto, inerentemente utópica, o que conseqüentemente significa uma alteração da concepção do tempo, com a separação do passado e do futuro⁵⁶. A leitura de Koselleck está, portanto, intrinsecamente relacionada com a idéia do surgimento de uma “consciência histórica”, tal como Stephen Bann a propõe: um processo moderno com suas raízes no século XVIII⁵⁷.

Foi nesse período, segundo o autor, com a filosofia da Ilustração que a História como ciência se dissociou da Retórica, da Filosofia moral e da Teologia. Koselleck considera esse desenvolvimento da história como ciência – que surgirá um século mais tarde – dependerá do surgimento da Filosofia da História, e que três etapas são necessárias para esse processo se dar, sendo que o primeiro deles nos é relevante: trata-se da reflexão estética que aproximava a história e a poesia com dois posicionamentos antagônicos por conta dos letrados do período. Um defendia que o nível de verdade da história era mais alto do que a filosofia, analisando-os sob a perspectiva dos conceitos de *res factae* e *res fictae*, o que era defendido com base nas preleções de Luciano de Samósata⁵⁸. A outra posição era daqueles que invocavam Aristóteles, que diminuía a história frente a poesia por aquela guiar-se somente pelo curso do tempo, sem a possibilidade de se narrar o que o que poderia se passar. São esses dois posicionamentos que levam a uma fusão em que por um lado, a história se beneficiou com a “verdade mais geral da poesia” e de sua plausibilidade interna, e, por outro, a poesia se submeteu cada vez mais às pretensões de verdade da história⁵⁹.

⁵⁵ Id., *ibid.*, p. 13.

⁵⁶ Id., *ibid.*, p. 14.

⁵⁷ Essa premissa fica mais evidente no verbete sobre o conceito de história que Koselleck escreveu para o *Geschichtliche Grundbegriffe*, um dicionário de conceitos históricos fundamentais organizado pelo próprio autor, juntamente com Otto Brunner e Werner Conze. Nele, Koselleck trata da gênese do conceito de história moderno, que segundo o autor, só alcança seu conteúdo e extensão semânticas atuais no último terço do século XVIII. O conceito surge depois de dois grandes processos que terminam convergindo para revelar um campo de experiências que não se podia ter formulado anteriormente. Estes dois processos são, primeiramente a formação do coletivo singular que acumula em um conceito comum a soma das histórias individuais e, em um segundo momento, a fusão da história (*Geschichte*) como conexão de acontecimentos e da História (*historie*) no sentido de indagação histórica, ciência ou relato da história. Assim, tanto o relato do que aconteceu, como a ciência histórica, se coloca atrás de um termo só, que em alemão é o substantivo *die Geschichte*. Ver KOSELLECK, Reinhardt. **história/História**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

⁵⁸ Luciano de Samósata foi o primeiro “historiador” a realmente dar diretrizes a respeito de como se escrever a história, dando ênfase na preocupação com a verdade que o historiador deveria ter, atribuindo esta a Tucídides, em contraposição a Heródoto, que Luciano considerava um mentiroso. MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru, SP: EDUSC, 2004. p. 77.

⁵⁹ KOSELLECK, Reinhardt. **história/História**. pp. 48-49.

É nesse ponto que Luiz Costa Lima questiona a possibilidade de um conceito estável de “literatura”, ao se debruçar sobre três difusores do romantismo: o alemão Friederich Schlegel e os franceses Mme. De Staël e Chateaubriand. Segundo o autor, Schlegel desloca o termo literatura de uma primeira instância, em que se tratava de um termo genérico separado da poesia que designava uma área imensa, incluindo a Retórica, para uma aproximação entre a poesia e a literatura, associando a primeira ao gênero mais saliente da literatura, o romance⁶⁰. Costa Lima situa o deslocamento feito por Schlegel no bojo das mudanças anteriormente citadas, ocorridas no campo das Belas Artes ainda no final do século XVII, que passou não apenas pela criação de um público, mas também por uma concepção diferente do autor, no caso o indivíduo moderno dotado de subjetividade⁶¹. O mesmo processo é identificado nos dois autores franceses, apesar de Chateaubriand não apresentar definições e de Mme. De Staël não diferenciar poesia e romance, somente caracterizando a literatura como obras filosóficas e de imaginação, que se distingüiam das ciências naturais em processo de emancipação.

A falta de precisão do conceito “literatura” reside, portanto, no fato de que nenhum dos autores citados consegue alcançá-la, na medida em que suas definições em torno do romance e da poesia moderna envolviam o processo de ruptura com a noção de Belas Artes. Isso significava não apenas o abandono da Retórica, mas também uma negação da Poética em seu sentido grego original⁶². A saída para tal indefinição, segundo Costa Lima, será apresentada pelo próprio Schlegel anos mais tarde, quando da elaboração da introdução de seu curso de literatura européia ministrado em Paris. À necessidade de conferir um conteúdo próprio à literatura, Schlegel a submeterá à história, em um eixo diacrônico e nacional. Assim, portanto, nascem as histórias da literatura nacionais, factualistas, lineares, subordinadas ao exame dos fatores condicionantes que irão marcar a preocupação com a literatura durante os processos de formação dos Estados-nacionais, principalmente na América⁶³.

Dentro dessas premissas encontram-se as histórias da literatura portuguesa publicadas no início do século XIX, na qual obras de autores brasileiros apareciam inseridas na produção de sua metrópole. A releitura dessa condição foi feita pelo viajante e naturalista francês Ferdinand Denis em 1826, que inclusive propõe que a

⁶⁰ LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. pp. 321-322.

⁶¹ Id., *ibid.*, p. 332-333.

⁶² Id., *ibid.*, pp. 334-335.

⁶³ Id., *ibid.*, p. 336.

literatura brasileira seja independente da européia, inspirando-se na natureza e nos indígenas⁶⁴. Mais tarde, publicações brasileiras como a *Revista Niterói* terão papel importante na concepção de uma produção autônoma, como fica evidente no “Discurso sobre a história da literatura do Brasil” de Gonçalves de Magalhães⁶⁵. Assim, a idéia de uma literatura brasileira estava ligada a história desta, no sentido de uma trajetória. As obras de Alencar encontram-se neste contexto de procura por uma literatura nacional, embora o ensaio de Machado de Assis “Notícias da atual literatura brasileira: instinto de nacionalidade”⁶⁶ torne visível, a partir da leitura de Abel Barros, a relatividade da definição deste processo ao final do século XIX⁶⁷.

Se considerarmos que foi durante as mudanças acima mencionadas no conceito de literatura e durante o surgimento de uma “consciência histórica”, vinculada, no caso da França e dos países americanos, ao surgimento da consciência nacional, que a história se desenvolveu como disciplina, então é preciso levar em conta que as fronteiras entre a escrita histórica e a escrita literária eram muito fluidas. Trabalhos como o de François Hartog, a respeito da obra de Fustel de Coulanges⁶⁸ e o de Peter Gay, em que analisa a questão do estilo em Gibbon, Ranke, Macaulay e Burckhardt, trabalham justamente com essa fluidez. No caso de Gay, em sua polêmica introdução ao livro de 1974, o estilo é tratado como possuidor de valor diagnóstico e o estilo a que ele se refere aqui, é o literário:

“[...] o manejo das frases, o emprego de recursos retóricos, o ritmo da narração. O emparelhamento das locuções em Gibbon, o recurso de Ranke a técnicas dramáticas, a repetição das antíteses em Macaulay, a enunciação informal de Burckhardt, tomados em si, como casos isolados, significam o que dizem no papel. [...] Mas, uma vez que sejam característicos e habituais – isto é, elementos identificáveis no modo de expressão, do estilo do historiador, tornam-se indicadores de questões mais amplas e mais profundas. Em parte indiossincráticos e em parte convencionais, em parte escolhidos e em parte impostos por pressões inconscientes, profissionais ou políticas, os recursos do estilo literário são igualmente instrutivos, nem sempre pelas repostas conclusivas que dão, mas pelas questões fecundas que levantam acerca das intenções centrais e interpretações gerais do historiador, o estado em que se encontra sua arte, as crenças iniciais de sua cultura – e quiçá, os vislumbres que capta de seu objeto.”⁶⁹

⁶⁴ DENIS, Op. Cit., 31-37.

⁶⁵ MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Discurso sobre a história da literatura do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

⁶⁶ ASSIS, Machado de. **Instinto de nacionalidade e Outros Ensaio**s. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

⁶⁷ BAPTISTA, Abel Barros. **A Formação do Nome**: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Editora UNICAMP, 2003. pp. 45-64.

⁶⁸ HARTOG, François. **O século XIX e a História**: o caso Fustel de Coulanges. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

⁶⁹ GAY, Peter. **O Estilo na História**: Gibbon, Ranke, Burckhardt. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 21.

É por sua aproximação com a literatura é que a questão da narrativa na escrita da história sempre foi um tanto controversa e muito debatida. Hayden White, no artigo “The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory” esquematiza os debates acerca da narrativa histórica dividindo-o em quatro vertentes: A primeira, constituída por filósofos analíticos anglo-americanos; a segunda, pelos historiadores franceses ligados à revista *Annales*; a terceira, por teóricos literários tais como Derrida, Barthes e Foucault e a quarta pelos hermenêutas Gadamer e Paul Ricoeur⁷⁰. Enquanto os *Annalistes* negavam a narrativa como parte de sua refutação da história política tradicional que se firmou como disciplina no final do século XIX e os teóricos literários pós-estruturalistas, principalmente Roland Barthes, questionavam a objetividade da mesma história tradicional criticada pelos *Annales*, o contexto anglo-americano dos filósofos analíticos, tais como Walsh, Gardiner, Morton White, Danto, Mink e Gallie, defendiam a narrativa histórica como forma de explicação e de representação. Sua oposição se dava em relação à filosofia da história, não havendo um questionamento da própria legitimidade da história enquanto ciência, como na França, por parte dos estruturalistas e dos pós-estruturalistas.

O resultado desses debates gerou o que White caracteriza como um modelo funcionalista de discurso, já que o *organon* da formação discursiva poderia ser tanto a lógica, como a retórica ou, então, a poética, que seriam *funções de expressão*. Quanto ao problema da coerência do discurso, estabeleceu-se que a narrativa deve necessariamente corresponder à configuração geral da seqüência de eventos da qual se trata, o que, em outras palavras, é o equivalente ao processo de organizar os acontecimentos em um enredo⁷¹.

É evidente, no referido artigo, que White parte destes filósofos analíticos para propor sua própria teoria da escrita da história, na medida em que afirma que o problema desse modelo funcionalista do discurso é que ele não questiona os conjuntos de códigos expressos na mensagem da qual a narrativa é o mediador. A resposta para essa necessidade é a teoria dos tropos proposta por White em *Metahistory* (1973), na

⁷⁰ WHITE, Hayden. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**. Vol. XXIII, pp. 1-33, Middletown, Conn., 1984. pp. 7-8.

⁷¹ Id., *ibid.*, pp. 8-18.

qual distingüe os tipos de *emplotment*⁷², ou seja, leva em consideração, ao contrário dos filósofos analistas, os tipos diferentes de narrativa que cada cultura possui⁷³.

No entanto, o que mais serve para os propósitos deste trabalho são as afirmações de White acerca da relação entre a história e a literatura, sobre a qual afirma que “[...] historiography in the West arises against the background of a distinctively ‘literary’ (or rather ‘fictional’) discourse which itself had taken shape against the even more archaic discourse of ‘myth’”⁷⁴. Segundo White, no entanto, a distinção entre ambas está em seu conteúdo, que no discurso histórico é real em oposição ao discurso literário imaginado. É na forma que as diferenças se atenuam, ainda que:

*“The historical narrative does not, as narrative, dispel false beliefs about the past, human life, the nature of the community, and so on; what it does is test the capacity of a culture’s fictions to endow real events with the kinds of meaning that literature displays to consciousness through its fashioning of patterns of ‘imaginary’ events.”*⁷⁵

As implicações de White, na verdade, aproximam a narrativa histórica com a alegoria. White chega a essa conclusão com base no princípio da figuração, ou seja, todo produtor de uma narrativa, seja ela histórica ou ficcional, elabora os fatos a respeito dos quais escreve em determinado tipo de estrutura de enredo, no qual há uma transcodificação de acontecimentos que elencados em forma de crônica para uma figuração literária, através da qual eles ganham um determinado significado⁷⁶. Essa

⁷² Termo sem tradução, que se refere a construção da narrativa em um enredo.

⁷³ Id., ibid., p. 18. White considera os tropos – metáfora, metonímia, sinédoque e ironia - como os quatro modos de consciência histórica, os quais, cada um a sua vez, proporcionam a base para um protocolo lingüístico diferente através da prefiguração do campo histórico, ou seja, pela articulação dos elementos consituíntes da narrativa nesses quatro modos. Cf. WHITE, Hayden. **Metahistory**: the historical imagination in Nineteenth-Century Europe. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973. pp. 31-35.

⁷⁴ WHITE, Hayden. The question of... p. 21. “[...] a historiografia, no ocidente, emerge contra um passado de um discurso distintivamente ‘literário’ (ou ‘ficcional’) que em si tinha se desenvolvido contra o ainda mais arcaico discurso do ‘mito’.” (trad. minha)

⁷⁵ Id., ibid., p. 22. “A narrativa histórica, enquanto narrativa, não dissemina falsas crenças sobre o passado, a vida humana, a natureza da comunidade, e assim por diante; o que ela faz é testar a capacidade das ficções de uma cultura de dar a eventos reais os tipos de significados que a literatura revela à consciência através de sua elaboração de padrões de eventos ‘imaginários’.” (trad. minha)

⁷⁶ A questão do “enredo” é considerada essencial na construção da narrativa histórica por Paul Ricoeur, tornando-o característico também das representações históricas, além das histórias fictícias ou míticas. Mas ao contrário de Ricoeur, que analisa a narrativa histórica sob um ponto de vista hermenêutico, enxergando-a muito mais como uma forma de compreensão do que de explicação, White trabalha com a narrativa histórica sob um ponto de vista estritamente da crítica literária, ou seja, como ele mesmo coloca, “um artefato literário”, passível de ter sua estrutura questionada a partir de categorias da crítica literária – os tropos -, desenvolvidos por Northrop Frye. Ver: WHITE, Hayden. **The Historical Text as a Literary Artifact**. In: **Tropics of Discourse**: Essays in Cultural Criticism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1978.

premissa será de fundamental relevância metodológica para este trabalho, na medida em que Alencar e Cooper se valeram das mesmas fontes que os historiadores do século XIX de seus respectivos países. Assim como eles, os romancistas elaboraram determinados fatos em uma estrutura de enredo, com certo sentido. Muito mais do que a teoria dos tropos, é esse aspecto da abordagem de White que interessa a este trabalho, já que Stephen Bann afirma que adotar a teoria do historiador norte-americano para analisar textos ficcionais possui o risco de se cair na banalidade. Como Bann afirma: “[Walter] Scott’s novels would not fail to yield up their ‘generic story-types’, but no one had ever supposed that they were inaccessible to such analysis”⁷⁷. Em seu estudo *Romanticism and the Rise of History*, Bann recorre a Roland Barthes para tratar das representações do passado como um continuum de práticas cognitivas ao invés de um campo descontínuo⁷⁸. Essa é a base fundamental para se analisar os romances aqui estudados como representações do passado:

*“It falls to us to look at the continuum of historical representation in which their works [those of novelists and professional historians of the 19th century] participated: this need not mean dissolving their specificity, but it does inevitably imply suspending the universal operation of the dichotomy between ‘truth’ and ‘fiction’. That dichotomy, at any rate, is the bluntest of instruments for analyzing the proliferation of new forms in which the historical understanding sought to express itself in the Romantic period.”*⁷⁹

Bann utiliza sobretudo a distinção proposta por Barthes em *O Discurso da História*, em que a “história” estaria separada de sua enunciação pelo historiador, que produz um “discurso”. Apontando como exemplo do estudo de Barthes sobre Michelet, no qual o autor francês busca indícios do discurso através de prefácios e de determinadas expressões ao longo do texto⁸⁰, Bann coloca essa chave de leitura como ideal para o estudo das representações do passado. Contudo, como já foi dito anteriormente, refazer tal discurso é impossível, já que a intencionalidade, como abordada por Michael Banxadall, só nos é acessível por meio de inferências de uma forma relacional: tratamos aqui da relação entre um problema e a solução com o

⁷⁷ BANN, Stephen. **Romanticism and the Rise of History**. pp. 37-38. “Os romances de [Walter] Scott não falhariam em deixar claro suas formas de narrativa genéricas, mas ninguém havia suposto que eles estavam acessíveis a tal tipo de análise.”

⁷⁸ Id., *ibid.*, p. 38.

⁷⁹ Id., *ibid.*, p. 25. “Cabe a nós olhar para o continuum da representação histórica do qual seus trabalhos [aqueles de romancistas e historiadores profissionais do século XIX] participaram: isso não significa dissolver suas especificidades, mas inevitavelmente implica em suspender a operação universal da dicotomia entre ‘verdade’ e ‘ficção’. Essa dicotomia, de qualquer forma, é o mais óbvio dos instrumentos para analisar a proliferação de novas formas nas quais o entendimento histórico procurou se expressar durante o período Romântico.”

⁸⁰ BARTHES, Roland. **Michelet par lui-même**. Paris: Éditions du Seuil, 1954.

contexto que os cerca, da relação da interpretação do historiador com o artefato estudado, da relação entre uma descrição ou interpretação com o artefato⁸¹.

Logo, por mais que cartas e prefácios escritos pelos próprios autores possam ser consideradas fontes para compreender as obras em questão, deve-se levar em consideração que o momento de escrita não nos está totalmente à disposição, por tais textos terem outro período de produção do que o romance propriamente dito. Assim, será levado em consideração primordialmente o texto em si, sem que as condições de produção ou afirmações dos próprios autores em relação aos mesmos exerçam um papel determinante em sua compreensão, mas somente auxiliar.

A formação dessa *consciência histórica* se manifestou nos Estados Unidos e no Brasil de formas bastante divergentes. Nos Estados Unidos, os historiadores da primeira metade do século XIX, em realidade no que compreende o período chamado de *ante-bellum* – pré-Guerra Civil -, não eram profissionais e caso ocorria de reunirem-se em sociedades de letrados – tais como a *Bread and Cheese Club*, fundada pelo próprio Cooper quando sua carreira de romancista já estava estabelecida – não tinham um objetivo comum de dar um perfil à nação americana.

John Higham afirma que a liderança na escrita da história nos Estados Unidos mudou ao longo da formação do que hoje é o país. No século XVII, narrativas históricas eram escritas por puritanos, com um fundo religioso mais do que político. No século XVIII e no século XIX, no entanto, essa prática foi dominada por amadores: profissionais de diversas áreas que em seu tempo de lazer se preocupavam em escrever livros de história de diversos tipos, predominando as histórias locais e as compilações de documentos⁸². Os arquivos eram pessoais ou depositados em instituições públicas de cada localidade, sem qualquer preocupação em se unificar um acervo de modo a dar uma configuração total à nação norte-americana. George Callcott ressalta esse caráter amador dos historiadores norte-americanos do início do século XIX, fazendo um levantamento a respeito da origem, formação, atuação profissional, tipo de produção e o que estes historiadores por *hobby*, como o próprio autor coloca, pensavam a respeito de

⁸¹ BAXANDALL, Op. Cit., p. 48.

⁸² HIGHAM, John. **History: professional scholarship in America**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983. p. 3

suas obras⁸³. Muitos, principalmente aqueles próximos à metade do século, dividiam um desejo de experimentar o passado, aspecto também apontado por Richard Hofstadter. Assim como Callcott e Higham, Hofstadter também salienta a ausência de um tratamento nacional para temáticas da história norte-americana, entre elas a própria independência.

*“The first writers of American history after national independence were mainly localists. Their animating subject, of course, was the Revolution – its origin, its vindication, its heroes. But for the most part they wrote about South Carolina or New York or Massachusetts, not about the Revolution as a national phenomenon.”*⁸⁴

Os esforços de transformar a história em uma disciplina, de unificar os arquivos – os *National Archives* só foram organizados em 1934 – começaram no final do século XIX. A própria fundação de uma instituição que congregasse os historiadores norte-americanos foi fundada apenas em 1884 e já era composta por profissionais formados em universidades⁸⁵.

Ao contrário, no Brasil, a necessidade de escrever uma história nacional, visando dar um sentido à nação que em 1822 se separara de Portugal, teve vertentes bastante claras e centralizadoras. Angela Alonso, que as caracteriza como a “tradição imperial”, afirma que esta tinha duas diretrizes: o repertório europeu, através tanto da experiência dos próprios indivíduos na Europa, quanto da introjeção de um cosmopolitismo como consequência da formação clássica dessa elite em Coimbra e mais tarde nas escolas de direito nacionais⁸⁶; e a própria experiência política nacional, consequência das turbulências na consolidação do Estado brasileiro, que apontava para a necessidade de se ordenar a “desordem” anterior⁸⁷.

Segundo Manoel Luís Salgado Guimarães, a necessidade de constituir uma história nacional foi diagnosticada por José Bonifácio em 1813 e, em 1838, apesar da turbulência política após a abdicação de D. Pedro I, fundou-se o Instituto Histórico e

⁸³ CALLCOTT, George H. *Historians in Early Nineteenth-Century America*. **New England Quarterly**. Vol. 32, nº 4, pp. 496-520, Boston, 1959.

⁸⁴ HOFSTADTER, Richard. **The Progressive Historians**. New York: HOLST, 1968. p. 8. “Os primeiros escritores de história americana depois da independência nacional eram em sua maioria localistas. Seu tema mais estimulante era, obviamente, a Revolução – suas origens, suas justificações, sua defesa. Mas em sua maioria, eles escreviam sobre a Carolina do Sul, Nova York ou Massachusetts, e não sobre a revolução como um fenômeno nacional.

⁸⁵ HIGHAM, Op. Cit., pp. 8-9.

⁸⁶ ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento: a Geração de 1870 na Crise do Brasil-Império**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. pp. 51-54. Alonso aponta para o papel essencial que a retórica possuía nessa formação. Alencar é inclusive objeto da análise de Eduardo Vieira Martins a respeito da retórica oitocentista. Ver: MARTINS, Eduardo Vieira. **A Fonte Subterrânea: José de Alencar e a Retórica Oitocentista**. Londrina/São Paulo: Eduel/Edusp, 2005.

⁸⁷ Id., *ibid.*, pp. 55-56.

Geográfico Brasileiro⁸⁸. O IHGB tinha características semelhantes às academias ilustradas francesas criadas entre o final do século XVII e o século XVIII, onde os membros eram escolhidos através de suas relações sociais. Assim, estabeleceu-se o lugar de produção de uma história nacional que serviria para homogeneizar a elite brasileira e dar um sentido – para essas elites – à nação que se formava⁸⁹. Em contraposição ao modelo confederativo norte-americano, em que cada estado se encaixava dentro do sentido nacional com suas próprias histórias sendo escritas por seus “filhos”, a empreitada centralizadora do Império Brasileiro em formação exigia que sua história também fosse centralizada⁹⁰.

Nos primeiros anos do IHGB, sua tarefa primordial foi a coleta de documentos referentes à história do Brasil⁹¹. Somente após a estabilidade política alcançada com a subida ao poder de D. Pedro II é que começou a haver uma demanda por trabalhos inéditos de história, geografia e etnologia. Trabalhos estes que estabeleciam a identidade da elite brasileira em contraposição aos negros e aos índios – estes transformados, antes de tudo, em objeto de estudo⁹². A produção historiográfica do IHGB tratava, sobretudo, do período colonial, baseando-se em documentos como o relato de Gabriel Soares de Sousa⁹³, habilitado como fonte histórica por Francisco Adolfo de Varnhagen, autor da *História Geral do Brasil*, publicada entre 1854 e 1857⁹⁴.

⁸⁸ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. pp. 6-7. As diretrizes centralizadoras da escrita da história no Brasil são evidentes sobretudo por conta do concurso acadêmico proposto pelo cônego Januário da Cunha Barbosa para premiar a monografia que apresentasse o melhor plano para a escrita da “história antiga e moderna do Brasil”, do qual saiu vencedor o bávaro Carl Friedrich Phillip von Martius. Ver: CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. pp. 173-208. Sobre as obras de Von Martius sobre o Brasil, ver também GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em Von Martius: esquadrihando o Brasil para construir a nação. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos**. Vol. 7, nº 2, pp. 389-410, Rio de Janeiro, 2000.

⁸⁹ A importância das origens da sociedade imperial no processo de afirmação da mesma, que resultou em uma valorização da história por parte da elite dirigente é apontada por Ilmar Mattos, ao tratar do estabelecimento do Império durante o Segundo Reinado. MATTOS, Ilmar. **Tempo Saquarema: a formação do Estado imperial**. São Paulo: Editora Hucitec, 2004. pp. 295-296.

⁹⁰ GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos. pp. 8-10.

⁹¹ A respeito da relação do IHGB com a prática do antiquariado ver: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Reinventando a Tradição: sobre o Antiquariado e a Escrita da História. **Humanas**. Vol. 23, nº 1/2, pp. 111-144, Porto Alegre, 2000.

⁹² KODAMA, Kaori. **Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: a etnografia no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860)**. Tese de Doutorado. Pós-Graduação em História da PUC-Rio. Rio de Janeiro: 2005.

⁹³ SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

⁹⁴ CEZAR, Temístocles. Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica. **História em Revista**. Vol. 6, pp. 37-58, Pelotas, 2000. Textos de história anteriores à independência ganharam, através de um

Estes e outros relatos, como já mencionados, serviram também para os romances históricos de Alencar que versavam sobre o passado colonial da nação, que serão analisados neste estudo.

Assim, parto da concepção de que este estudo reside no âmbito da história da escrita da história, que passa, como afirmado por Manoel Salgado, pela compreensão de uma “cultura histórica”, que garantiu “a centralidade da História no processo de definição de sentidos para o homem contemporâneo”⁹⁵.

A relação da história com a literatura em ambos os países, no entanto, ocorre de forma semelhante. José de Alencar e James Fenimore Cooper, apesar dos contextos díspares, chegaram ao modelo do romance histórico para escrever a gênese de seus países. Cooper, em um primeiro momento, transforma o que ele queria que fosse um “retrato” da vida na fronteira norte-americana ao final do século XVIII – *The Pioneers* – em um romance histórico com convenções de enredo européias. Isso culmina com *The Last of the Mohicans*, que em vários aspectos se assemelha a *O Guarani*, de Alencar, publicado em 1857. Um dos objetivos deste trabalho, no entanto, é ressaltar como as diferenças entre os contextos de produção podem gerar resultados semelhantes em termos de apreensão de obras, elaboração de enredos e construção de personagens.

Se Alencar encontrava-se em um contexto muito influenciado pelo francês, em que romances eram publicados em jornais e as polêmicas em torno de obras literárias eram muito comuns, inclusive se valendo de uma delas para lançar sua proposta de “gênese do Brasil”, Cooper somente se inseriu em um contexto letrado fragmentado, onde as relações também eram importantes para o sucesso de um autor (foi Washington Irving que conseguiu que editassem os livros de Cooper na Inglaterra, por exemplo⁹⁶), mas que transcorria sem debates acerca do uso de uma linguagem e um gênero anacrônico, como foi o caso, no Brasil, da polêmica em torno do poema *A Confederação dos Tamoios*, que deu origem ao primeiro romance de Alencar.

processo de correção e validação enquanto fonte, como assinalado por Temístocles Cezar. CEZAR, T. **L'écriture de l'histoire au Brésil au XIX^e siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen**. Paris: EHESS, Tese de Doutorado, 2002. Tal é o caso da *História da América Portuguesa* de Sebastião da Rocha Pitta e do *Tratado da terra e gente do Brasil* de Fernão Cardim. Ver: PITTA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950 e CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. 2^a Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1939.

⁹⁵ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. A disputa pelo passado na cultura histórica oitocentista no Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de. (org.). **Nação e Cidadania no Império: novos horizontes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. pp. 93-95.

⁹⁶ RAYLTON, Op. Cit., p. 39.

Assim, é utilizando o princípio de prefiguração de Hayden White, embora não utilizando a teoria dos tropos em sua proposta completa, que os romances *The Pioneers*, *The Last of the Mohicans*, e *The Deerslayer* de Cooper serão analisados, comparando como o mesmo processo se deu em *O Guarani*, *As Minas de Prata*, e *Iracema* de José de Alencar. A análise se dará aos pares, de acordo com semelhanças em propostas dos autores, de modo que o trabalho terá três capítulos. Os capítulos serão ordenados de acordo com a ordem cronológica de publicação dos romances de Cooper, já que eles são anteriores aos romances de Alencar. Essa escolha pode parecer prejudicar a compreensão do momento em que se encontrava a carreira do cearense, mas ela foi tomada tendo em mente que se o contrário fosse feito, os prejuízos em relação às obras de Cooper seriam muito maiores, já que se conhece muito pouco da carreira do norte-americano.

As fontes utilizadas neste trabalho serão versões modernas, em função da inacessibilidade às edições mais antigas, sobretudo no caso de Cooper. A edição analisada de *The Pioneers* foi baseada na edição de 1859, portanto póstuma ao autor, publicada pela W.A. Townsend and Company, apresentando uma introdução e notas posteriormente adicionadas acerca de eventuais modificações pelo autor, as quais são acompanhadas de datas. A edição de *The Last of the Mohicans* que nos serviu para análise foi retirada de uma edição de James Frankflin Beard – editor responsável da correspondência de Cooper – intitulada *The Writings of James Fenimore Cooper* – o mesmo vale para a versão de *The Deerslayer*.

As edições das obras de Alencar usadas foram as de 1953 da Livraria José Olympio, em que afirmam respeitar em tudo a obra de Alencar:

“Duas alterações, apenas, fizemos: na ortografia, que foi adaptada às exigências do sistema em vigor, e no que respeita ao sinal de crase, que Alencar deliberadamente empregava a torto e a direito [...]. Conservamos o acento de crase quando legítimamente colocado, seguindo nisso, alíás, o critério do Prof. Gladstone Chaves de Melo na sua edição crítica de Iracema pelo Instituto Nacional do Livro.”⁹⁷

No primeiro capítulo, intitulado “A História em Duas Tavernas”, são comparados os romances *The Pioneers* e *As Minas de Prata*, que se ambientam em espaços urbanos, com poucas referências ao elemento indígena. Contudo, essencial como chave de leitura desses romances é a noção de “cor local”, de extrema valia para a compreensão da historiografia romântica europeia dos oitocentos, que denota a adesão destes romancistas às convenções do romance histórico europeu, principalmente das

⁹⁷ Nota da Editora. In: ALENCAR: José de. **O Guarani**. Rio de Janeiro: 1953. p. 10.

obras do escocês Walter Scott. Assim, a análise se centra na questão em como a paisagem, ainda que urbana, se configura como elemento de originalidade do Brasil e dos Estados Unidos, e em como os autores utilizaram tradições narrativas, no caso de Cooper, e relatos do período colonial, no caso de Alencar, para obter o máximo de verossimilhança nas descrições do espaço e dos hábitos dos habitantes de Templeton e Salvador. No que diz respeito à construção das personagens, a comparação dos dois romances procura dar especial atenção ao fato de que a diversidade de etnias, credos e nacionalidades das localidades em que se passam as narrativas também faz parte de sua originalidade. Sendo assim, a mestiçagem torna-se uma questão importante, através das figuras de seus respectivos protagonistas, Oliver Edwards e Estácio Corrêa.

Já no segundo capítulo, “Loiras, Morenas e Selvagens”, que compara dos romances *The Last of the Mohicans* e *O Guarani*, é enfatizada a centralidade de personagens indígenas, divididas entre índios “bons” e “maus”, na forma da oposição entre os moicanos e os iroqueses, e os goitacazes e aimorés. Para tanto, são historicizados os tratamentos que os indígenas recebem nas tradições narrativas norte-americanas e nas incipientes produções literárias brasileiras. Nesses dois romances, são as heroínas e sua relação com o selvagem – tanto os indígenas como o próprio ambiente inóspito da América – que denotam a singularidade do continente. A relação desses romances com as convenções européias se dá, sobretudo, através da elaboração das personagens femininas, as irmãs Cora e Alice Munro, de *The Last of the Mohicans*, e Isabel e Cecília de Mariz, de *O Guarani*. Também é aqui abordada a questão da mestiçagem, quando analisados os relacionamentos entre as personagens de Cora e do moicano Uncas, de Álvaro de Sá e a mestiça Isabel, e de Cecília com Peri.

Por fim, o terceiro capítulo trata daqueles romances que possuem uma tradição interpretativa mitologizante na crítica literária, *The Deerslayer* e *Iracema*. Nesses casos, onde a valorização dos indígenas é mais evidente, se salientará as figuras do homem branco no recém ocupado Novo Mundo, nos casos do jovem caçador Deerslayer e de Martim Soares Moreno e de como ambos vivem simultaneamente entre a realidade de sua raça e religião de origem e o mundo indígena. A questão da mestiçagem será também destacada, especialmente porque ela consumada no relacionamento entre Martim e Iracema, resultando em Moacir, o que o narrador chama de “o primeiro cearense”. A importância dessas obras para a constituição de uma idéia de literatura nacional também será debatida, embora deixando de lado os debates, sobretudo em relação a *Iracema*, a respeito da língua brasileira em oposição à

língua portuguesa, nos quais a participação de José de Alencar tem grande importância⁹⁸.

⁹⁸ Ver: MELO, Gladstone Chaves. **Alencar e a “Língua Brasileira”**. Conselho Nacional de Cultura: Brasília, 1972.

Capítulo 1 – A História em Duas Tavernas

Depois da publicação de *Precaution*, seu primeiro romance, James Fenimore Cooper começou imediatamente a escrever *The Spy*. Confiante em seu talento, Cooper pediu para seu editor imprimir a história na medida em que a escrevia. Segundo James Grossman, ao terminar o primeiro volume⁹⁹, Cooper, que ainda se encontrava em dificuldades financeiras, sentiu-se encorajado pelas críticas vindas da Inglaterra acerca de versões “pirateadas”¹⁰⁰ de seu primeiro esforço literário. Apesar de seu entusiasmo, tanto o editor como o próprio escritor se preocupavam com o romance em questão: o primeiro com o tamanho da narrativa, inclusive obrigando o romancista a lhe entregar um capítulo final semanas antes do segundo volume ser completado; o segundo, com a recepção que uma história ambientada nos Estados Unidos obteria do público. Cooper perdeu os motivos para tanto, contudo, quase imediatamente após a publicação, em dezembro de 1821¹⁰¹.

O terceiro romance de Cooper – primeiro do que viria a ser a série *The Leatherstocking Tales – The Pioneers*, foi outro sucesso praticamente imediato, embora a aceitação do romance tenha diminuído depois do lançamento, o que explica a introdução do autor desculpando-se por algumas falhas de enredo, em uma edição posterior¹⁰². A vendagem de 3.500 cópias ao meio-dia de seu lançamento se deu muito em função do excerto publicado alguns dias antes, o que consistia em uma estratégia de publicação da época. A cena escolhida, em que uma pantera é morta por Natty Bumppo quando a heroína do romance é atacada, fez com que os leitores de *The Spy* esperassem mais uma dose de melodrama e depararam-se com um romance de pouca ação¹⁰³.

⁹⁹ Nos Estados Unidos, os romances eram publicados na medida em que os escritores completavam um volume com um número determinado de páginas, que era distribuído antes mesmo da história ser terminada.

¹⁰⁰ Esse termo é aqui empregado entendendo-se que cópias não autorizadas do trabalho de Cooper foram comercializadas na Inglaterra. O romancista teve seus trabalhos publicados na Europa, mas sempre através de editores.

¹⁰¹ A recepção da crítica a *The Spy* foi hesitante nos Estados Unidos, na medida em que se questionava a relevância de um romance ambientado no país para leitores estrangeiros. Mas novamente uma versão pirateada foi publicada na Inglaterra e o romance ganhou tradução em diversas línguas. Cf. GROSSMAN, James. **James Fenimore Cooper**: a biographical and critical study. Stanford, CA: Stanford University Press, 1967. pp. 28-29.

¹⁰² COOPER, James Fenimore. Author's Introduction. In: **The Pioneers**. New York: Penguin Books, 1964. p. v.

¹⁰³ GROSSMAN, Op. Cit., p. 29.

Ao contrário de Cooper que, segundo uma carta para seu editor, escreveu *The Pioneers* sobretudo para agradar a si mesmo¹⁰⁴, o jornalista e advogado cearense José Martiniano de Alencar começou a escrever *As Minas de Prata* por encomenda. O que inicialmente seria uma continuação de seu primeiro romance, *O Guarani*, cuja publicação em folhetim data de 1857, teve seu volume inicial editado para uma coletânea organizada por Quintino Bocaiúva chamada *Biblioteca Brasileira*. Os primeiros dezenove capítulos foram publicados em 1863, em um primeiro tomo. O restante do romance seria publicado entre 1865 e 1866, em seis volumes ao todo, pela editora Garnier.

Além disso, as circunstâncias da carreira de Alencar no momento em que o romance em questão foi escrito e publicado eram completamente diferentes das de Cooper quando da publicação de *The Pioneers*. Enquanto Cooper apenas apresentava mais uma tentativa como um romancista local em escrever sobre temas norte-americanos, Alencar já havia se firmado como romancista no Brasil na época. A própria noção da insipiência de uma literatura nacional já era mais sólida no país sul-americano, o que é denotado pela própria encomenda de Bocaiúva visando formar um conjunto de obras “nacionais”, mas que também é uma consequência da própria época em que os autores as escreveram (Cooper nos anos de 1820, Alencar, nos de 1860). Acerca do momento em que Alencar escreve *As Minas de Prata*, Valéria De Marco afirma que,

“Alencar já havia escrito praticamente toda sua obra teatral (só não encenara O Jesuíta, escrito em 60 mas recusado por João Caetano, e escreveria em 67 Expição). Desde 61 já estava na política, pois elegera-se deputado pelo Ceará. Já demonstrara sua agudez crítica no barulho de 56 com as ‘Cartas sobre A Confederação dos Tamoios’. De romance, além dos pequenos esboços – A Viuvinha e Cinco Minutos, já editara O Guarani, Lucíola e estava escrevendo e lançando Iracema.”¹⁰⁵

No entanto, por razões que se explicitarão adiante, o objetivo desse capítulo é comparar *The Pioneers*, de Cooper e *As Minas de Prata* de Alencar, à luz da historiografia, ou seja, considerando seus romances *representações do passado*, acepção desenvolvida por Stephen Bann¹⁰⁶.

¹⁰⁴ PHILBRICK Thomas. Cooper's *The Pioneers*: Origins and Structure. **PMLA**. Vol. 79, nº 5, pp. 579-593, New York, 1964. p. 580. Essa carta prefacia a primeira edição de *The Pioneers*, afirmando que por conta de seu prazer ao escrever o romance, não era surpresa que ele acabaria por desagradar parte do público.

¹⁰⁵ DE MARCO, Valéria. *As Minas de Prata*: O Rosto Brasileiro. **Língua e Literatura**. Vol. 11, nº 14, pp. 125-142, São Paulo, 1985. pp. 125-126.

¹⁰⁶ BANN, Op. Cit. pp. 3-5.

Em um primeiro momento, a comparação destes dois romances em especial pode parecer inusitada. A obra de Cooper, cujo subtítulo é “*a descriptive tale*”¹⁰⁷ trata de narrar os acontecimentos de uma cidadezinha no interior do Estado de Nova York no ano de 1793, quando seu fundador e maior autoridade, o juiz Marmaduke Temple volta da cidade de Nova York trazendo sua única filha Elizabeth, encontrando ao chegar em suas terras o caçador de setenta anos Nathaniel Bumppo, chamado de Leatherstocking, e um jovem desconhecido, Oliver Edwards, a quem o juiz inadvertidamente fere ao tentar matar um veado e, por isso, o acolhe em sua casa. Por sua vez, os três volumes escritos por Alencar trazem um retrato da cidade de Salvador no ano de 1609, quando da chegada do governador-geral D. Diogo de Menezes. Estácio Correia, filho de Robério Dias, que teve seus bens tomados pelo Estado e sua família empobrecida ao se dizer descobridor de umas minas de prata, recebe, na mesma ocasião, uma carta de D. Diogo de Mariz dizendo que se apresentasse para receber o roteiro de seu pai, o que lhe daria a possibilidade de reabilitar o nome da família e fazer fortuna.

Apesar de seus enredos não coincidirem, os dois romances trazem amplas descrições de costumes e rituais locais, incluindo controvérsias relacionadas à religião: no caso de Cooper, a questão dos múltiplos protestantismos que tornavam a construção de uma simples igreja na cidade um problema; no de Alencar, a questão dos jesuítas junto aos proprietários de engenho que desejavam escravizar indígenas, sem contar um grupo de judeus descontentes com o tratamento que recebiam na colônia portuguesa. Além disso, ambos os romances contam com uma gama de personagens que claramente visam representar os tipos da sociedade do século XVII. Ademais, a estrutura das obras é semelhante: primeiro há a descrição do contexto em que a ação se passa de forma detalhada, com referências a outros textos no corpo da narrativa ou em notas explicativas, para depois a história se transformar em um romance de aventura nos moldes das obras do escocês Walter Scott. O que interessa aqui, no entanto, é como há a articulação dessas convenções européias com narrativas produzidas na América para que o passado de ambas as nações possa ser representado e assim determinado.

O historiador norte-americano Richard Slotkin, ao tratar da construção do “mito da fronteira” nos Estados Unidos, o que compreende entender como esse conceito se tornou uma chave explicativa da historiografia norte-americana a partir do final do século XIX, abordou os três primeiros romances da série *The Leatherstocking Tales* de

¹⁰⁷ “uma história descritiva”

Cooper. Resumidamente, pode-se dizer que Slotkin conclui que Cooper formalizou dois tipos de narrativa essencialmente norte-americanos em romances de convenções européias: as narrativas de cativo, produzidas principalmente por mulheres a partir do século XVII, e os relatos de caçadores, que ganham força com a figura do pioneiro Daniel Boone no final do século XVIII¹⁰⁸. Apesar de apresentar uma chave de leitura interessante e essencial para os demais romances da série, não abordamos aqui *The Pioneers* como formador de um mito. Concordamos com a leitura de Jane Tompkins de que eles devem ser vistos pelo que eram: romances de aventura aos moldes da literatura romântica do período, cujos artifícios Cooper inclusive lançava mão para torná-los mais atraentes para o público, como é o caso dos dois últimos romances da série, *The Pathfinder* e *The Deerslayer*¹⁰⁹. Além disso, o cativo indígena não é um dos temas tratados pelo autor em *The Pioneers*, nos sendo útil somente a questão dos relatos de caçadores, mais especificamente, a chamada *Boone literature*, como tratada por Daniel J. Herman¹¹⁰.

Assim sendo, a leitura de Slotkin acerca das narrativas que Cooper utiliza em seus romances será de especial valia para os demais capítulos deste trabalho, a partir do momento em que a imagem do indígena ganha especial força em seus textos. Para a análise aqui realizada de *The Pioneers* e de *As Minas de Prata*, serão levadas em consideração as fontes que auxiliaram na descrição das sociedades e paisagens norte-americanas e brasileiras, respectivamente.

No que diz respeito às fontes de Cooper, nos valemos leitura de E. Arthur Robinson a respeito da noção de “conservação” em *The Pioneers*, na qual o autor analisa o romance de Cooper contraposto a outros documentos que se mostram passíveis de terem sido usados como fonte para o autor, o que pode ser averiguado a partir das semelhanças de descrições contidas nesses relatos e no romance. Entre esses documentos consta um livro publicado pelo próprio pai de Cooper sobre a região que ele povoara: *A Guide in the Wilderness; or the History of the First Settlement in the*

¹⁰⁸ SLOTKIN, Op. Cit., p. 86.

¹⁰⁹ TOMPKINS, Op. Cit., p. 98.

¹¹⁰ HERMAN, Daniel J. The Other Daniel Boone: The Nascence of a Middle-Class Hunter Hero, 1784-1860. **Journal of the Early Republic**. Vol. 18, n° 3, pp. 429-457, Philadelphia, 1998. Daniel Boone era um pioneiro que foi imortalizado em diversos relatos, sendo o primeiro publicado no ano de 1784. Os relatos de caçadores como abordados por Slotkin são considerados essência da construção do “mito do caçador”. Herman, ocupando-se somente do caso de Boone, o considera o primeiro herói de massas proveniente da classe média. Na visão de Herman, muito mais do que ser apelativo e idealizado por aqueles que moravam na fronteira, eram os jovens das cidades, que fizeram parte do que é chamado de *market revolution* (revolução do mercado), em que se iniciou o fenômeno da especulação financeira dos Estados Unidos e que forjou a idéia do homem auto-suficiente e individualista, o chamado *self-made man*.

*Western Counties of New York, with Useful Instructions to Future Settlers. In a Series of Letters Addressed by Judge Cooper of Coopers-Town, to William Sampson, Barrister, of New York*¹¹¹, volume publicado em 1810, em Dublin¹¹². Dele Cooper retira uma série de acontecimentos e costumes descritos ao longo do romance, o que será analisado mais adiante.

Para o caso de Alencar, Flora Sussekind, ao se debruçar sobre a formação do narrador de prosa de ficção brasileira no século XIX, verifica que esse narrador é formado por seus autores a partir de relatos de viajantes naturalistas¹¹³, o que como já citado, muda na produção do cearense¹¹⁴. Assim sendo, para *As Minas de Prata*, o romancista cita os relatos de Gabriel Soares de Sousa e Fernão Cardim. Também se vale da *Historia da America Portuguesa* de Sebastião da Rocha Pitta e dos *Anais do Rio de Janeiro* compilados por B. Da Silva Lisboa. O uso dessas referências são verificadas a partir das notas de roda-pé que a primeira edição do romance, de 1863, continha e que foram compiladas por Valéria De Marco como anexo de sua tese de doutorado. Essas notas foram retiradas quando da publicação dos romances pela Garnier, embora algumas referências a Gabriel Soares e Fernão Cardim ainda estejam presentes no corpo do texto¹¹⁵.

No entanto, ao tratar da questão da história das minas de prata, que norteia o romance, o historiador Pedro Calmon verifica que além de Rocha Pitta e dos *Anais*, Alencar tinha à mão um manuscrito publicado na *Revista do Instituto Histórico* (IHGB) encontrado na Biblioteca Pública por Manuel Ferreira Lages e por ele oferecido ao cônego Januário da Cunha Barbosa:

“Este [Januário da Cunha Barbosa] o fêz preceder do que diz Sebastião da Rocha Pitta sobre Robério Dias, com a observação, de que não duvidava que fôsse o ‘desejado manuscrito’ que lhe esclareceria o episódio [das minas de prata]. Intitulava-se ‘Relação histórica de uma cidade oculta...’, vista por alguém que era ‘mestre de cam...’ (ilegível o documento nalgumas palavras essenciais), que, ‘dêste sertão da Bahia e dos rios Paraguaçu, Una’ o comunicou um a um amigo do Rio de Janeiro, em 1754; há dez anos palmilhava os desertos atrás das ‘decantadas minas de prata do grande descobridor Moribeca’.”¹¹⁶

¹¹¹ “Um Guia para a Natureza; ou a História do Primeiro Povoado dos Condados do Oeste de Nova York, com úteis instruções para futuros povoadores. Em uma série de cartas enviadas pelo Juiz Cooper de Coopers-Town, para William Sampson, Barrister, Nova York.”

¹¹² ROBINSON, E. Arthur. Conservation in Cooper’s *The Pioneers*. *PMLA*, Vol. 82, nº 7, pp. pp. 564-578, New York, 1967. p. 569.

¹¹³ SÜSSEKIND, Op. Cit., p. 20.

¹¹⁴ Id., *ibid.*, pp. 190-193.

¹¹⁵ DE MARCO, Valéria. *A Perda das Ilusões*. pp. 245-248.

¹¹⁶ CALMON, Pedro. A verdade das minas de prata. In: ALENCAR, José de. *As Minas de Prata*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953. pp. 20-21.

É importante considerar, no entanto, que além da história das minas de prata já ter norteado *O Guarani* – em sua primeira edição, o subtítulo de *As Minas de Prata* era “Continuação de *O Guarani*”, sendo também retirado na edição da Garnier -, tanto o manuscrito publicado, quanto a história de Robério Dias, só servem de ponto de partida para Alencar. A produção acerca da existência de uma Potosí no Brasil, a presença de Robério Dias como um “personagem histórico” fornecem o argumento inicial de Alencar para a escrita de um romance histórico brasileiro aos moldes europeus. Não analisamos essa obra de Alencar afim de interpretá-la como algo para além do que ela almejava ser, assim como fazemos com os de Cooper: considerando-o um romance histórico pura e simplesmente, e não parte de um conjunto de obras fundacionais acerca do Brasil.

Historicizando a noção de *representação do passado* para tratar da historiografia do início do século XIX, Stephen Bann destaca em primeiro lugar a idéia de uma representação que seja “viva”, o que desde o século XVIII passa principalmente pelo quesito da “cor local”. Tal conceito pauta principalmente a historiografia romântica francesa, que em oposição ao classicismo, considerava a história como tendo um valor particular: “*It served, in the simplest terms, as a principle of difference, a panacea against the totalitarian oscillation ‘from the same to the same’*”¹¹⁷. A geração de historiadores estudada por Bann se viu perturbada pela produção romanesca de Walter Scott. Que despertou nesses letrados uma ânsia de separar o que era “imaginação” e “invenção”, por um lado, e os “fatos”, por outro¹¹⁸. No entanto, a questão que o autor nos coloca é investigar com qual tipo de *representação* o historiador – ou como no caso aqui estudado, o romancista – tem afinidade¹¹⁹, lembrando, é claro, que apesar de o cenário intelectual europeu influenciar os dois autores que aqui são objeto de análise, as concepções de História e de Literatura variavam em seus contextos, assim como a própria organização daqueles que se ocupavam de pensá-las.

¹¹⁷ BANN, Op. Cit., p. 21. “Ela [a história] servia, nos termos mais simples, como um princípio de *diferença*, uma panacéia contra a oscilação totalitária ‘do mesmo para o mesmo’.”

¹¹⁸ Carine Fluckiger também analisa a noção de “cor local” em Auguste Thierry e Prosper de Barante, a partir da influência de Walter Scott. Ver: FLUCKIGER, Carine. **L’Histoire entre Art et Science: La “Couleur Locale”** chez Thierry et Barante. Université de Genève, Faculté des Lettres, Département d’Histoire générale, DEA sob a direção de François Hartog, 1995.

¹¹⁹ Id., *ibid.*, pp. 23-24.

1. 1. Representando um passado

No caso dos Estados Unidos da América, o contexto intelectual da primeira metade do século XIX não tinha definições claras do que devia ser a História ou a Literatura da nação. O próprio início da carreira de Cooper aponta para essas indefinições, já que a escolha por uma temática norte-americana só aparece em seu segundo romance. Alguns indícios do que o romancista pensava a respeito de uma literatura essencialmente estadunidense aparecem em um artigo de Thomas Philbrick, no qual são citados alguns textos de crítica escritos tanto pelo próprio Cooper, como por outros autores como James Kirke Paulding, que publicou em 1820 um ensaio intitulado *National Literature*¹²⁰. Além disso, Philbrick cita uma resenha que Cooper publicou em maio de 1822 acerca do conto *A New England Tale*, escrito por Catherine Maria Sedgwick. Nela Cooper cita o escritor britânico Henry Fielding, que caracterizava o ofício de romancista como o de um verdadeiro historiador e que, portanto, a literatura norte-americana deveria “[...] *study the characters of communities, the local peculiarities of separate regions, the traits marked by grades of station, and the influence of passions and interests, operating at different periods, and under various events of life.*”¹²¹

É necessário lembrar, contudo, o contexto da historiografia norte-americana no início do século XIX. A produção era dispersa, marcada pelo amadorismo, sem diretrizes claras, o que também atingia a existência de um tratamento “nacional” da história. A maioria das abordagens era estritamente localista¹²².

Assim, a empresa de determinar o passado dos Estados Unidos como nação coube muito mais a romancistas do que a historiadores. Por isso, por mais “realista” que o retrato de Cooper da fronteira em 1793 almeje ser, não existe uma demanda de que ele apresente suas fontes em sua narrativa. As notas de Cooper ao texto são meramente explicativas das condições da época. As únicas que trazem algum argumento de “verdade” são a que precede e a que sucede o relato de um período de fome que afeta os habitantes de Templeton; esta última consistindo apenas na frase “*all this was literally*

¹²⁰ PHILBRICK, Op. Cit., p. 581.

¹²¹ Id., *ibid.*, p. 580. “[...] estudar os personagens das comunidades, as peculiaridades locais de regiões separadas, os traços marcados por graus de status, e a influência das paixões e interesses, operando em diferentes períodos e sob vários eventos da vida.”

¹²² HIGHAM, Op. Cit., p. 3

true”¹²³. Essas notas, inseridas no texto possivelmente em uma edição posterior, são a primeira menção em todo o romance de que os acontecimentos ali relatados referem-se a uma cidade e pessoas que realmente existiram.

Alencar, por sua vez, encontrava-se em um contexto diferente ao de Cooper, onde as diretrizes de uma história nacional já vinham sendo centralizadas pelo IHGB, fundado em 1838. Não surpreende o fato de um manuscrito acerca do evento escolhido por Alencar como desencadeador dos acontecimentos do romance ter sido publicado na revista do próprio IHGB, em seu terceiro volume, de 1839. No entanto, diferentemente de seu outro romance considerado histórico, *O Guarani*, e de *Iracema*, que apresenta um “Argumento Histórico” precedendo a narrativa, Alencar também omite algumas de suas fontes ao longo do romance. O cearense não escapa, no entanto, de se apoiar em Gabriel Soares de Sousa, sobretudo nas descrições de Salvador quando do início do romance. O relato é, inclusive, referenciado para se tratar da personagem Bartolomeu Pires, o mestre-de-capela: “*Mestre Bartolomeu era dono da ilha da Maré; e Gabriel Soares que o conheceu vinte e dois anos antes, deixou notícia dêle e de seu engenho.*”¹²⁴

Situar Templeton e Salvador no tempo e no espaço, preenchê-las com personagens verídicos ou representativos de sua população, o que vai desde autoridades máximas até indivíduos de classes populares e escravos são preocupações que percorrem ambos romances analisados. É importante salientar que, no caso dos autores estudados, representar o passado implica necessariamente em estabelecer uma relação com o presente: tratar de como duas beatinhas baianas se comportavam em uma missa implica em afirmar se essa conduta diferia ou não em relação ao Rio de Janeiro do século XIX¹²⁵. O mesmo pode-se dizer em relação ao tamanho da ocupação do interior de Nova York e como a mesma situação se apresentava em 1823¹²⁶.

Assim sendo, a história como obtendo valor de diferença se estabelece tanto no aspecto de marcar a originalidade ou a “cor local” da nação historicizada e romanceada, assim como também as rupturas e semelhanças entre seu passado e o presente. É desse modo que os leitores para quem Alencar e Cooper escreviam podiam esperar se identificar ou não com os frequentadores da taverna do Brás Judengo ou da taverna Bold Dragoon.

¹²³ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**. pp. 222-224. “Tudo isso é literalmente verdade.”

¹²⁴ Id., *ibid.*, p. 167.

¹²⁵ Id., *ibid.*, pp. 15-25.

¹²⁶ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**. pp. 13-14.

Como mencionado anteriormente, a busca pela comensurabilidade entre o mundo americano e o mundo europeu passou tanto pelo contato dos europeus com os indígenas como com a paisagem do Novo Mundo. As fontes que Cooper e Alencar utilizaram em seus romances não fugiam dessas premissas. Apesar de Slotkin dar outra ênfase às narrativas que Cooper utilizou para compor seus romances, é importante considerar que no caso dos relatos de caçadores, classificar e inventariar a paisagem também era valorizado. O relato mais famoso a que Slotkin faz referência, a autobiografia do Coronel Daniel Boone, consta como apêndice de uma obra de divulgação acerca do então território do Kentucky, escrita por John Filson, que além de professor, era amigo pessoal de Boone e especulador de terras. Portanto, muito mais do que um relato repleto de aventuras, o livro continha informações acerca da paisagem do local¹²⁷.

Assim, é justamente no quesito dessa intensa descrição e compilação de costumes e aspectos locais que se dá o foco deste capítulo, visando em um primeiro momento demonstrar como essa prática se estendeu para a escrita romanesca a respeito do passado das nações em questão. Isso apesar de seus diferentes contextos de produção, tanto literária como historiográfica. Em um segundo, analisaremos como a construção de um herói romântico se adapta para a representação dos passados no continente americano, o que implica também cingi-lo com a originalidade do Novo Mundo.

1.1.1. A Fronteira como “cor local”

A migração para territórios afastados dos núcleos de colonização foi uma constante durante a ocupação do que hoje compreende os Estados Unidos da América. Assim, o termo *frontier* – significando aquele território para além dos assentamentos, povoado por pequenos proprietários, indígenas e caçadores, ganhou, ainda no período colonial norte-americano, a conotação que a historiografia americana utilizou durante boa parte do século XX como conceito operacional e explicativo para a história dos Estados Unidos da América¹²⁸.

¹²⁷ FILSON, John. The discovery, settlement and present State of Kentucke. Appendix: The Adventures of Col. Daniel Boone. In: LEMAY, J. A. Leo (ed.). **An Early American Reader**. Washington: United States Information Agency, 1989

¹²⁸ AVILA, Arthur Lima de. O Oeste Historiográfico Norte-Americano: a *frontier thesis* vs. a *new western history*. **Anos 90**. N° 21/22, pp. 370-413, Porto Alegre, 2005.

Vernon Louis Parrington, em sua compilação de textos formativos da literatura norte-americana, escrita e publicada na década de 1920, divide os relatos a respeito da fronteira, de acordo com sua percepção desse território, afirmando que sua idealização como uma terra de promessas se deu a partir do final do século XVIII. Até então, a procura por terras mais baratas a Oeste da linha de ocupação procurava ser restringida pelas autoridades coloniais britânicas na América do Norte. Parrington, objetivando ilustrar essa depreciadora da fronteira oferece alguns relatos das primeiras décadas do século XVIII, entre eles *The Private Journal kept by Madam Knight on a Journey from Boston to New York in the Year 1704*¹²⁹. Acerca do atual Estado de Connecticut, Knight escreveu:

*“They Generally lived very well and comfortable in their families. But too Indulgent (especially ye farmers) to their slaves: suffering too great familiarity from them, permitting ym to sit at Table and eat with them (as they say to save time), and into the dish goes the black hoof as freely as the white hand. They told me that there was a farmer lived nere Town where I lodged who had difference with his slave, concerning something the master had promised him and did not punctually perform; wch caused some hard words between them; But at length they put the matter to the Arbitration and Bound themselves to stand to the award of such as they named – wch done, the Arbitrators Having heard the Allegations of both parties, Order the master to pay 40s to black face, and acknowledge his fault. And so the matter ended; the poor master very honestly standing to the award.”*¹³⁰

Essa “fronteira”, denominada nos relatos compilados por Parrington como “*Lubberland*”¹³¹, portanto, apresentava não apenas precariedades econômicas, mas seus habitantes eram tomados por certas “liberdades” encaradas como desordem para aqueles que viviam nos núcleos urbanos. De acordo com outro relato, produzido pelo Coronel William Byrd da Virginia, que Parrington retirou de uma publicação dos escritos de Byrd de 1901, o mundo dos *squatters* – o que pode ser traduzido como “posseiro” – era parado no tempo, independente e animado por hostilidades em relação ao aristocrático

¹²⁹ “O Diário Privado mantido por Madam Knight em uma Viagem de Boston para Nova York no Ano 1704.”

¹³⁰ KNIGHT apud PARRINGTON, Vernon Louis. **Main Currents in American Thought: An interpretation of American Literature from the Beginnings to 1920.** Vols. 1-3. New York: Harcourt, Brace and Company, 1930. p. 137. “Eles de modo geral viviam bem e confortáveis com suas famílias. Mas muito indulgentes (especialmente os fazendeiros) para com seus escravos: sofrendo de grande familiaridade com eles, os permitindo sentar à mesa com eles para comer (segundo eles para poupar tempo), e dentro da travessa entram o casco negro tão livremente quanto a mão branca. Eles me contaram que havia um fazendeiro que morava perto do vilarejo em que fiquei, que teve diferenças com seu escravo, acerca de algo que o senhor o havia prometido e não havia pontualmente feito; o que fez com que ambos trocassem palavras duras; Mas então eles colocaram o assunto para arbítrio e se comprometeram para seguir o que seria dito – o que feito, os árbitros tendo ouvido as alegações de ambas as partes, ordenaram o senhor a pagar 40s para a cara negra, e reconhecer seu erro. E assim o assunto terminou; o pobre senhor muito honestamente se mantendo perante o veredito.”

¹³¹ Termo sem tradução dado por William Byrd II à Carolina do Norte em seu livro a respeito do território, em razão de seus habitantes serem preguiçosos.

Old Dominion. Acerca do território da Carolina do Norte, que então era um dos refúgios prediletos de endividados, criminosos e escravos fugidos, o Coronel escreveu:

*“Surely there is no place in the World where the Inhabitants live with less Labour than N. Carolina. It approaches nearer to the Description of Lubberland than any other, by the great felicity of the Climate, the easiness of raising Provisions, and the Slothfulness of the People. [...] The Men, for their parts, just like the Indians, impose all the Work upon the poor Women. They make their Wives rise out of their Beds early in the Morning, at the same time that they lye and Snore, till the Sun has run one third of his course, and disperst all the wholesome Damps. Then, after Stretching and Yawning for half an Hour, they light their Pipes, and, under the Protection of a cloud of Smoak, venture out into the open Air; tho’ if it happens to be never so little cold, they quickly return Shivering into the Chimney corner. [...] Thus they loiter away their Lives, like Solomon’s Sluggard, with Arms across, and at the Winding up of the Year Scarcely have Bread to Eat. To speak the Truth, tis a profound Aversion to Labor that makes People file off to N. Carolina, where Plenty and a Warm Sun confirm them in their Disposition to Laziness for their whole Lives.”*¹³²

Byrd também escreveu a respeito da aversão dos posseiros a serem integrados ao território da Virginia, sem qualquer interesse em trocar sua liberdade por um governo mais autoritário:

*“Whenever we passed we constantly found the Borderers laid it to Heart if their Land was taken into Virginia; they chose rather to belong to Carolina, where they pay no Tribute, either to God or to Caesar... Another reason was, that the Government there is so Loose, and the Laws so feebly executed, that, like those in the Neighborhood of Sydon formerly, every one does just what seems good in his own Eyes... Besides, there might have been some Danger, perhaps, in venturing to be so rigorous, for fear of undergoing the Fate of an honest Justice in Corotuck Precinct. This bold Magistrate, it seems, taking upon to order a fellow to the Stocks, for being disorderly in his Drink, was, for his intemperate zeal, carry’d thither himself, and narrowly escap’d being whipp’d by the Rabble into the Bargain.”*¹³³

No entanto, a visão destes territórios ficou firmada a partir do final do século XVIII, tanto com os escritos de Thomas Jefferson, que muito influenciado pela

¹³² BYRD apud PARRINGTON, Op. Cit., p. 139. “Certamente não há lugar no mundo onde os habitantes vivem com menos trabalho do que na Carolina do Norte. Aproxima-se mais da descrição de *Lubberland* do que qualquer outro, pela grande felicidade do clima, da facilidade em se conseguir provisões, e a preguiça do povo. [...] Os homens, em sua parte, assim como os índios, impõem todo o trabalho sobre as pobres mulheres. Eles as fazem sair de suas camas cedo pela manhã, ao mesmo tempo em que eles se deitam e roncam, até que o sol já tenha percorrido um terço de seu curso e se dispersado sobre os pântanos. Então, depois de se espreguiçarem e bocejarem por meia hora, eles acendem seus cachimbos e saem ao ar livre protegidos por uma nuvem de fumaça, embora se acontecer de estar um pouco frio, eles retornam correndo e tremendo para o canto da chaminé. [...] Assim eles desperdiçam suas vidas, como o Preguiçoso de Salomão, com seus braços cruzados, e ao final do ano mal têm pão para comer. Para falar a verdade, é a aversão ao trabalho que faz com que as pessoas migrem para a Carolina do Norte, onde a abundância e o sol quente os confirma em sua disposição para a preguiça por todas as suas vidas.”

¹³³ Id. Ibid., p. 140. “Onde quer que passassemos nós constantemente descobríamos que os Fronteiriços ficavam profundamente abalados se suas terras eram incorporadas pelo território da Virginia; eles preferiam pertencer à Carolina, onde eles não pagavam tributos, sequer a Deus ou a Cesar... Outro motivo foi que o governo lá é tão solto, e as leis são mal executadas, que, como aqueles na Vizinhaça de Sídon antigamente, todos fazem o que acham bom a seus próprios olhos... Além disso, pode haver o medo de se incorrer no destino de um Juiz no Precinto de Corotuck. Esse ousado magistrado, aparentemente, levando à ordem um sujeito para a prisão por ser desordeiro ao beber, foi, por seu zelo intempestivo carregado para lá também e mal escapou de ser açoitado pelo povo.”

fisiocracia francesa desenvolveu a idéia de agrarianismo republicano; como com os escritos de Michel Guillaume Jean de Crèvecoeur. Este último foi um francês que emigrou para o então território da Nova França e após servir na Guerra dos Sete Anos, estabeleceu-se na colônia de Nova York, naturalizando-se com o nome de John Hector de Crèvecoeur St. John. Depois de ser preso pelos britânicos na Guerra de Independência apesar de não participar de nenhuma disputa diretamente, Crèvecoeur conseguiu embarcar para a Europa, na costa da qual foi quase vitimado pelo naufrágio de seu navio. Ao chegar a Londres, publicou uma série de manuscritos intitulada *Letters from an American Farmer*¹³⁴, em 1782. Parrington define Crèvecoeur como um fisiocrata e que suas asserções acerca da vida colonial na América possuem um fundo de determinismo econômico, na medida em que procura explicar leis, costumes e instituições à luz de fatores econômicos:

*“Men are like plants; the goodness and flavor of the fruit proceeds from the peculiar soil and exposition in which they grow. We are nothing but what we derive from the air we breathe, the climate we inhabit, the government we obey, the system of religion we profess, and the mode of our employment.”*¹³⁵

Crèvecoeur, ao contrário dos relatos anteriormente citados, afirma que o colono europeu que se infiltra no território americano passa por uma sutil transformação. No entanto, essa transformação está longe de ser a experiência regressiva a respeito da qual autores puritanos como Cotton Mather escreveram, tratando das guerras contra os indígenas no século XVII. As narrativas provenientes desse tipo de percepção do território serão essenciais para outros romances de Cooper, como será abordado no capítulo seguinte. Contudo, no caso de *The Pioneers*, a narrativa centra-se não tanto na questão da ocupação do território indígena através da guerra, mas sim da ocupação prática desse território após essa etapa. Os escritos de Crèvecoeur e, sobretudo, de Thomas Jefferson versam sobre esse tipo de relação com território americano e com a formação do indivíduo americano em contraposição ao europeu a partir desse estágio:

“An European, when he first arrives, seems limited in his intentions, as well as in his views; but he very suddenly alters his scale... he no sooner breathes our air than he forms new schemes, and embarks in designs he never would have thought of in his own country. There the plenitude of society confines many useful ideas, and often extinguishes the most laudable schemes which here ripen into maturity.

[...]

He begins to feel the effects of a sort of resurrection; hitherto he had not lived, but simply vegetated; he now feels himself a man, because he is treated as such; the laws of

¹³⁴ “Cartas de um Fazendeiro Americano”

¹³⁵ CRÈVECOEUR apud PARRINGTON, Op. Cit., p. 142. “Os homens são como plantas; a bondade e o sabor da fruta procedendo do solo peculiar e da exposição na qual ela cresce. Nós não somos nada além do que deriva do ar que respiramos, do clima em que vivemos, do governo que obedecemos, do sistema religioso que professamos, e do meio em que trabalhamos.”

this cover him with their mantle. Judge what an alteration there must arise in the mind and thoughts of this man; he begins to forget his former servitude and dependence, his heart involuntarily swells and glows; this first swell inspire him with those new thoughts which constitute an American... From nothing to start into being, to become a free man, invested with lands, to which every municipal blessing is annexed! What a change indeed! It is in consequence of that change that he becomes an American."¹³⁶

No entanto, a visão negativa do habitante da “fronteira”, ou seja, daqueles territórios eufemisticamente considerados “vazios” após ou durante sua conquista, não deixa de persistir quando no final do século XVIII, quando a figura de um caçador como Daniel Boone e a construção desse espaço como promissor e responsável por formar “verdadeiros americanos” se estabelecem. A interpretação de Richard Slotkin do agrarianismo Jeffersoniano nos é válida aqui, na medida em que ela aponta a função de Thomas Jefferson em redefinir politicamente o papel desse espaço, na então jovem república. Os fronteirões da Carolina do Norte descritos pelo Coronel William Byrd continuavam após a independência a mostrar hostilidades quanto a qualquer tipo de autoridade que ultrapassava os limites do que eles achavam adequados. Conforme afirma Slotkin:

“Rebellions of frontier farmers stimulated the fear of unchecked democracy which in part underlay the call for the constitutional convention. Popular insurrections on the frontier like the Shays’s Rebellion, the Whiskey Rebellions, and various Regulator troubles and secessionist movements led by former heroes of the frontier wars like George Rogers Clark and Aaron Burr seemed to justify such fears.

This negative side to the Frontier and the Frontiersman had as much to do with the mythologization of the Frontier as the hyperbolic imagery of the West as a new Garden of Eden. It allowed the Frontiersman to serve as a metaphor for the “pure” spirit of individualism, in a republic already committed to entrepreneurship as the characteristic mode of economic expansion.”¹³⁷

¹³⁶ Id., Ibid., p. 143. “Um europeu, quando primeiramente chega, parece limitado em suas intenções, assim como em suas percepções; mas ele de repente muda sua escala... tão cedo ele respira nosso ar que forma novos esquemas e embarca em desejos que ele nunca teria pensado em seu próprio país. Lá a plenitude da sociedade confina muitas idéias úteis e muito freqüentemente extingue os mais louváveis planos que aqui acabam por amadurecer.

[...]

Ele começa a sentir os efeitos de uma espécie de ressurreição; lá ele não havia vivido, mas simplesmente vegetado; ele agora se sente como um homem, porque ele é tratado como um; as leis de seu país o tinham ignorado em sua insignificância; as leis deste o cobrem com seu manto. Julgue o que uma alteração deve surgir na mente e nos pensamentos desse homem; ele começa a esquecer sua antiga servidão e dependência, seu coração involuntariamente incha e brilha; esse primeiro inchaço o inspira com esses novos pensamentos que constituem um americano... Do nada a começar em ser, a se tornar um homem livre, investido com terras, para qual todas as bençãos municipais estão anexadas! Que mudança, de fato! É em consequência dessa mudança que ele se torna um americano.”

¹³⁷ SLOTKIN, Op. Cit., pp. 68-69. “Rebeliões de fazendeiros na fronteira estimularam o medo da democracia descontrolada o que em parte estava no fundo da necessidade da convenção constitucional. Insurreições populares na fronteira como a Rebelião dos Shays, as Rebeliões do Whiskey e vários dos chamados *Regulator troubles* e movimentos de secessão liderados por antigos heróis das guerras fronteiriças como George Rogers Clark e Aaron Burr aparentemente justificavam tais medos.

Esse lado negativo da Fronteira e do Fronteirão teve também muito a ver com a mitologização da Fronteira como a imagem hiperbólica do Oeste como um novo Jardim do Éden. Ele permitia que o

Os Federalistas, partido formado nas primeiras décadas após a independência, tinham como solução para esse problema o aumento suficiente do poder coercitivo para abafar o desenvolvimento de qualquer tendência – fosse ela política, econômica ou social – capaz de ameaçar a ordem existente. Thomas Jefferson, principal articulador do que se chamou Partido Republicano, na época, oferecia, segundo Slotkin, um modo mais complexo e sutil de lidar com o problema da liberdade econômica e da ordem política. Detectando que um aumento do poder do Estado só faria com que as classes atingidas por elas se recusassem a serem governadas – que já ocorria de qualquer maneira durante o período colonial –, Jefferson propunha que o poder governamental fosse usado para obter uma reserva de riquezas à população o suficiente para garantir que todos os indivíduos empreendedores pudessem obter propriedade, de forma a torná-los independentes da classe dominante. Jefferson acreditava que com a ampla difusão da propriedade privada, o próprio status desta estaria garantido: “*The very energy of individualism that threatened to dissolve the coercive state would become the political cement of the agrarian republic.*”¹³⁸

Assim, nos escritos de Jefferson, a figura do *yeoman farmer*¹³⁹, o indivíduo livre, vivendo em suas próprias terras, independente de outros para as necessidades da vida, mas ainda dependendo de seus concidadãos para proteção, através do sistema legal e das amenidades da civilização, vêm a tona. Portanto, Slotkin considera os escritos de Crèvecoeur acima mencionados como o melhor documento para ilustrar alguns aspectos do agrarianismo¹⁴⁰, tais como a liberdade essencial encontrada na América para a formação do homem americano.

De acordo com a leitura de Slotkin, Cooper tem um papel definitivo no estabelecimento dessa percepção da fronteira, na mitologização da mesma e na formação de uma ideologia em torno dela. O curioso de *The Pioneers*, no entanto, reside no fato de a fonte que fornece a Cooper maior precisão acerca da ocupação deste território é o livro escrito por seu pai. William Cooper além de ser um juiz, ou seja, representar a autoridade governamental no vilarejo que fundou, era Federalista. Ou seja,

Fronteiriço servisse como a metáfora para o espírito ‘puro’ do individualismo, em uma república já comprometida com o empreendedorismo como o modo de expansão econômica.” O que Slotkin se refere como os *Regulators troubles* foram insurreições em ambas as Carolinas em oposição à latifundiários do Leste e funcionários coloniais corruptos, que ocorreram entre as décadas de 60 e 70 do século XVIII.

¹³⁸ Id., *ibid.*, p. 69. “A própria energia do individualismo que ameaçava dissolver o estado coercivo se tornaria o cimento político da república agrária.”

¹³⁹ A palavra *yeoman* deriva da organização social inglesa para se referir a pequenos proprietários rurais que possuíam direitos de cidadania.

¹⁴⁰ Id., *ibid.*, pp. 70-71.

partidário do aumento da coersão do Estado em relação à população, principalmente aquela nos novos núcleos de ocupação. Não é de surpreender que o conflito entre a “civilização” e a “brabárie” dos fronteirços será o centro de tanto *The Pioneers*, como de seu romance sobre a ocupação do território da Louisiana, *The Prairie* (1827).

1.1.2. A Bahia, o sertão e suas minas de prata

Ao contrário do romance de Cooper, que se passa nas primeiras décadas após a independência, *As Minas de Prata* se centra no início do século XVII. Encontrar as origens do Brasil em um período, no qual visava reproduzir as instituições portuguesas no Novo Mundo não é tratar de algo tão evidente quanto no caso estadunidense. O esforço de Alencar, no entanto, em sua procura de fontes acerca do período em que trata, tem suas peculiaridades e aponta para algumas nuances no sentido de buscar um Brasil onde ainda não havia um.

Como dito anteriormente, as circunstâncias em que se encontravam a escrita da história no Brasil no século XIX são fundamentais para a representação de um passado brasileiro através do estilo romanesco. Deve-se deixar claro, no entanto, que as fontes que Alencar consultou para escrever os capítulos do romance que se passam na Espanha não serão abordadas, embora seja possível considerar que a representação da Espanha no período da União Ibérica ofereça algumas possibilidades de análise.

De acordo com Marta Marczyk, Alencar, em *As Minas de Prata*, buscou articular uma série de formas narrativas do período tratado – o início do século XVII – para fins de maior verossimilhança. Tratando-os como “modelos das Letras Coloniais”, Marczyk elencou o uso da emblemática, do latinismo, do sermão sacro, do gênero picaresco, do herói prudente, da enumeração e tipologias bíblicas e da composição numérica ao longo do romance para o desenvolvimento da narrativa¹⁴¹. Porém o foco deste capítulo é o uso de Alencar de fontes que lhe auxiliassem nas descrições da paisagem, da cidade de Salvador e de rituais locais.

Valemo-nos, fundamentalmente, da leitura de Stuart Schwartz acerca do surgimento de uma identidade colonial, em que o autor examina textos produzidos durante esse período, desde os primeiros relatos após a descoberta até o momento da

¹⁴¹ MARCZYK, Marta Bernadete Frolini de Aguiar. **Representações cristãs do povo judeu em *As Minas de Prata*, de José de Alencar**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Cultura e Literatura Judaicas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006. pp. 20-21.

independência. Uma das fontes de Alencar que só aparecem nas notas do primeiro volume, posteriormente retiradas, é a *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pitta. Schwartz situa essa publicação dentro dos movimentos de insatisfação com a situação da colônia que pautaram o surgimento de sociedades literárias surgidas no Salvador e no Rio de Janeiro, de forma menos organizada em outros locais da colônia.

*“These were certainly not revolutionary or radical groups in intent or membership (most were patronized by the senior royal officials in their area), but questions on the present and past of the colony were addressed directly in a coherent fashion for the first time in their meetings. While the academies praised and honored the classes of their members, they also gave considerable attention to the natural phenomena of America, ‘the fourth and greater part of the World, the best, most opulent, and most fertile region’.”*¹⁴²

Schwartz considera a criação de uma história colonial um aspecto que merece atenção especial, o que significa necessariamente tratar da publicação de Rocha Pitta, na medida em que a outra “história do Brasil”, escrita pelo Frei Vicente de Salvador em 1627 nunca foi publicada e que as outras obras que apareceram no início do século XVIII tratavam somente de eventos particulares, principalmente a guerra com os holandeses. Dessa forma, a *História* de Rocha Pitta, de 1730, foi a primeira a realmente chegar ao alcance do público leitor. Rocha Pitta era um produtor de açúcar na Bahia, que decidiu levar adiante sua empreitada como membro da Academia dos Esquecidos em 1724. Apesar de parecer um primeiro esforço de afirmar o Brasil como uma nação, o próprio título e o fato de seu autor ser membro correspondente da Academia de História de Lisboa denotam seus laços com a metrópole portuguesa. Ainda que:

*“[...] , like many of the works of the academies, his history eulogizes Brazil and his appendix listing the names of Brazilians who had achieved high office in the empire demonstrates not only pride but also a desire to affirm the positive qualities of his fellow colonials. Such an attitude seems almost defensive and suggests that prejudices against the Brazilians were deeply felt. With virtually no concern for the Indians or blacks of the colony except as dangers to be overcome, Rocha Pitta defended the talents and ‘nobility’ of the class to which he belonged.”*¹⁴³

¹⁴² SCHWARTZ, Stuart B. *Formation of Identity in Brazil*. In: CANNY, Nicholas & PAGDEN, Anthony. **Colonial Identity in the Atlantic World**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1987. p. 46. “Estes certamente não eram grupos revolucionários ou radicais em intenção ou afiliação (a maioria era tratada com condescendência pelos oficiais reais em sua área), mas questões acerca do presente e do passado da colônia eram abordadas diretamente de maneira coerente pela primeira vez em suas reuniões. Enquanto as academias elogiavam e honravam as classes de seus membros, elas também davam atenção considerável para o fenômeno natural que era a América, ‘a quarta e maior parte do Mundo, a melhor região, mais opulenta e mais fértil.’”

¹⁴³ Id., *ibid.*, p. 47. “Ainda, como muitos trabalhos das academias, sua história era uma elegia do Brasil e suas listas apêndices de nomes de brasileiros que tinham atingido postos altos no império demonstram não só orgulho, mas também um desejo de afirmar as qualidades positivas de seus conterrâneos. Tal atitude parece quase defensiva e sugere que preconceitos contra os brasileiros eram sentidos profundamente. Virtualmente sem preocupação para com os indígenas ou os negros da colônia exceto como perigos a serem superados, Rocha Pitta defendia os talentos e a ‘nobreza’ da classe a que pertencia.”

A referência a Rocha Pitta no texto de Alencar, contudo, não pode ser interpretada como uma busca por um sentimento de nacionalidade brasileiro que antecederesse aquele a que procurava contribuir com seus romances. O livro de Rocha Pitta, assim como a *Narrativa Epistolar* de Fernão Cardim, constam como referências no mesmo nível que o relato de Gabriel Soares de Sousa¹⁴⁴, o qual merece algumas considerações.

É relevante considerar que entre as notas retiradas da publicação inicial do romance constasse para além de explicações acerca de termos e nomes utilizados pelo romancista, esteja a *História Geral do Brazil* de Francisco Adolfo de Varnhagen publicada entre 1854 e 1857. Isso evidencia a relação de Alencar com o contexto historiográfico de seu tempo, apesar de não fazer parte do IHGB. As apropriações que Alencar fez do texto de Varnhagen serão analisadas na segunda parte deste capítulo, cabendo por ora nos debruçarmos sobre a questão do vasto uso que Alencar faz do relato de Soares de Sousa.

Quando publicado, o relato em questão trazia como título *Tratado Descritivo do Brasil em 1587 – Edição castigada pelo estudo e exame de muitos códices manuscriptos existentes no Brasil, em Portugal, Hespanha e França, e acrescentada de alguns comentários por Francisco Adolpho de Varnhagen*. Consta ainda, na edição, uma apresentação escrita por Varnhagen na qual o autor afirma:

“Sabeis também como as Reflexões críticas que sobre essa obra escrevi, foram as primicias que offereci às letras, por intermedio da Academia das Sciencias de Lisboa que se dignou, ao acolhel-as no corpo de suas memorias, contar-me nos do seu gremio. Sabeis como aquella obra corria espuria , pseudonyma e corrompida no titulo e na data, quando as Reflexões críticas lhe restituiram a genuinidade de doutrina e legitimidade de autor e de titulo, e lhe fixaram a verdadeira idade.”¹⁴⁵

Assim sendo, Alencar valia-se de uma fonte legitimada dentro do contexto de formação da historiografia brasileira para escrever acerca da Bahia do século XVII. O relato de Gabriel Soares fornecia não somente precisões geográficas de Salvador, mas também acerca de indivíduos que acabaram transformados em personagens do romance pelo autor.

O personagem que serve de ponto de partida para a narrativa é o suposto descobridor das minas de prata, Robério Dias. Como foi afirmado anteriormente, a

¹⁴⁴ DE MARCO, Valéria. **A Perda das Ilusões**. p. 248.

¹⁴⁵ VARNHAGEN, Francisco Adolfo. Ao Instituto Histórico do Brasil. In: SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938. pp. ix-x.

questão destas minas ainda surtiam interesse no século XIX. O nome de Robério Dias consta na *História da América Portuguesa* de Rocha Pitta, quando este trata do governo geral de D. Francisco de Souza, que chegara à Bahia com a possibilidade de receber o título de Marquês das Minas, caso fossem encontradas as jazidas de prata que um Robério Dias afirmava ter descoberto.

“Foy fama muy recebida, que Roberio Dias, hum dos moradores principaes, e dos mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvres, tinha uma baixela, e todo o serviço de sua Capella de finíssima prata, tirada em minas, que achara nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Robério Dias, porque sabendo ser já publica esta noticia, que muito tempo occultara, passou a Madrid, e offereceo a ElRey mais prata no Brasil, do que Bilbao dava ferro em Biscaya, se lhe concedesse à merce do título de Maquez das Minas.”¹⁴⁶

Quando, em 1839, publicou-se na *Revista do Instituto Histórico* o manuscrito que supostamente seria o roteiro das minas encontradas por Dias, um padre português, Benigno José de Carvalho e Cunha, foi levado a tentar encontrar as ditas minas. Penetrando no sertão brasileiro, com auxílio do governo da província e a publicação de sua correspondência na *Revista*, a expedição resultou no descobrimento de grandes quantidades de pedras valiosas, dando à região o nome de Chapada Diamantina¹⁴⁷. Pedro Calmon esclarece a questão das minas em seu artigo, mas o aqui nos importa é o uso desse episódio relatado inicialmente por Rocha Pitta e que também consta nos *Anais do Rio de Janeiro* editados por Lisboa, que décadas antes da publicação de *O Guarani* e de *As Minas de Prata* ainda chamava a atenção de autoridades.

Assim, Alencar parte de fontes estabelecidas pela historiografia de seu tempo para produzir uma narrativa de ficção, que, por constar descrições da paisagem urbana e personagens referenciados nessas fontes, procura um fundo de verdade histórica. É justamente essa articulação de narrativas coloniais validadas como fontes históricas e o gênero romanesco que analisaremos a seguir.

1.2. As Cidades das Tavernas

Por compartilhar a estrutura do romance histórico de Walter Scott, em um primeiro momento, tanto Cooper como Alencar acham necessário situar, com a maior precisão possível, Templeton e Salvador no tempo e no espaço:

¹⁴⁶ ROCHA PITTA, Op. Cit., pp. 129-130.

¹⁴⁷ CALMON, Op. Cit., p. 21.

“Near the center of the State of New York lies an extensive district of country whose surface is a succession of hills and dales or, to speak with greater deference to geographical definitions, of mountains and valleys. It is among these hills that the Delaware takes its rise, and flowing from the limpid lakes and thousand springs of this region, the numerous sources of the Susquehanna meander through the valleys until, uniting their streams, they form one of the proudest rivers in the United States.

[...]

Before the war of the revolution the inhabited parts of the colony of New York were limited to less than a tenth of its possessions. A narrow bent of country, extending for a short distance on the banks of the Hudson, with a similar occupation of fifty miles of the Mohawk, together with the islands of Nassau and Staten and a few insulated settlements on chosen land along the margins of streams, composed the country, which was then inhabited by less than two hundred thousand souls.

[...]

Our tale begins in 1793, about seven years after the commencement of one of the earliest settlements which have conducted to effect that magical change in the power and condition of the state which we have alluded.”¹⁴⁸

Da mesma forma que Cooper, Alencar fornece dados semelhantes relativos à província da Bahia no primeiro capítulo de *As Minas de Prata*.

“A Bahia não passava então de uma pequena cidade habitada por cêrca de mil e quinhentas almas; mas seus vizinhos eram abastados e gostavam do luxo; havia muitos colonos ricos de fazenda de raiz, peças de prata de ouro, jazes de cavalo e alfaias da casa; alguns tinham o melhor de cinco mil cruzados de renda, e diz Gabriel Soares, ‘tratavam suas pessoas mui honradamente com muitos cavalos, criados e escravos.

Esses cabedais que atualmente parecem mesquinhos, eram naquele tempo avultados; a facilidade com que se adquiriam e o gênio natural da população inclinada ao fausto e prodigalidade alimentavam na Bahia e Pernambuco um luxo superior ao de Lisboa, e entretinham o gôsto pelas festas e divertimentos.

Não há pois admirar se a capital do Brasil despertou quinta-feira, 1º de janeiro de 1609, possuída de alvorôto agradável que produz uma esperança prestes a realizar-se, e precede a satisfação de um desejo afagado de nossa alma.”¹⁴⁹

Em nota de roda-pé na primeira edição, o autor cearense ainda adiciona que:

“Gabriel Soares (Roteiro) dá em 1587 oitocentos moradores à Bahia; em 22 anos que vão para 1609, essa população devia se ter elevado ao algarismo de 1500 poucos mais

¹⁴⁸ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**. pp. 13-14. “Perto do centro do Estado de Nova York reside um extenso distrito cuja superfície é uma sucessão de colinas e depressões ou, para falar com mais deferência a definições geográficas, de montanhas e vales. É entre essas colinas que o Delaware surge e fluindo dos límpidos lagos e muitos riachos dessa região, as numerosas origens do Susquehanna penetram através de vales até que, unindo seus cursos, eles formam um dos maiores rios dos Estados Unidos.

[...]

Antes da guerra da revolução [independência], as partes habitadas da colônia de Nova York eram limitadas a menos de um décimo de suas possessões. Um cinturão de terra, se estendendo por uma distância curta em ambos os lados do Hudson, com uma ocupação similar de cinqüenta milhas às margens do Mohawk, juntamente com as ilhas de Nassau e Staten e poucos assentamentos insulados em terras escolhidas ao longo das margens de riachos, compunham a colônia, que era então habitada por menos de duzentas mil almas.

[...]

Nossa história começa em 1793, cerca de sete anos depois do início dos mais antigos desses assentamentos que têm conduzido com efeito aquela mudança mágica no poder e condições do estado a que aludimos.”

¹⁴⁹ ALENCAR, José de. **As Minas de Prata**. Vol. 1, pp. 31-32.

ou menos. A capitania tinha em 1587 2.000 colonos, 4.000 escravos, e 6.000 índios catequizados, segundo o autor citado.”¹⁵⁰

As notas que Cooper coloca no seu texto têm a mesma função inicial que aquelas colocadas por Alencar na primeira edição de *As Minas de Prata*. Elas dão dados acerca de objetos peculiares do cotidiano que se almeja representar no romance. Exemplos desses são as notas referentes ao trenó usado pelo juiz Marmaduke Temple e sua filha, dirigido pelo escravo Aggy, ou então dos palanquins usados para locomoção de mulheres ricas para a missa na Bahia. No caso dessas notas em particular, há o estabelecimento de uma relação com o presente; uma prática freqüente ao longo da narrativa. Em *The Pioneers*, após explicar que a palavra *sleigh* nos Estados Unidos é usada para denominar um *traineu*, tal como usado no oeste da Inglaterra, Cooper salienta que o uso desse meio de transporte diminuiu nos Estados Unidos, com a melhora do clima em consequência do desmatamento¹⁵¹. Ao mesmo tempo, Alencar refere-se aos palanquins e das cadeirinhas como meio de transporte equivalente às carruagens e seges usadas no século XIX¹⁵².

Na leitura de E. Arthur Robinson de *The Pioneers* anteriormente citada, o autor constantemente relaciona o texto de Cooper com as cartas de Crèvecoeur, o livro que o pai do romancista escreveu e ainda com os relatórios do economista Tench Coxe, que mantinha correspondência intensa com o pai de Cooper. Em seus escritos, Coxe arrola os tipos de produção possíveis na região do Otsego, como é o caso da preocupação em preservar as árvores de bordo¹⁵³ para a fabricação de açúcar:

*“Judge Cooper and the fictional Judge Temple both make a special project of the manufacture of maple sugar. Tench Coxe wrote that the economic potential of this forest product received much attention about 1790; he printed a letter that William Cooper had written him in April of 1793, from Cooperstown, stating that one sixty thousand pounds of maple sugar had been made in Otsego township that season and soliciting his aid in promoting its trade and preventing ‘the destruction of the trees from whence it produced’. In the novel, Judge Temple conducts experiments in methods of refining the sugar, contemplates cultivating the trees, and inquires into signs of disease and the relative vitality of the trees used.”*¹⁵⁴

¹⁵⁰ DE MARCO, Valéria. **A Perda das Ilusões**. p. 246.

¹⁵¹ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**. , p. 15.

¹⁵² DE MARCO, Valéria. **A Perda das Ilusões**. p. 246.

¹⁵³ O bordo do qual se pode extrair açúcar é uma árvore nativa às matas do nordeste dos Estados Unidos e leste do Canadá. O chamado *maple sugar* é retirado depois que a resina da árvore é fervida e transformada em um xarope.

¹⁵⁴ ROBINSON, Op. Cit., p. 570. “O Juiz Cooper e o fictício Juiz Temple ambos fazem da manufatura do açúcar de bordo um projeto particular. Tench Coxe escreveu que o potencial econômico desse produto da floresta recebeu muita atenção por volta de 1790; ele imprimiu uma carta que William Cooper havia lhe escrito em abril de 1793, de Cooperstown, afirmando que sessenta mil libras de açúcar de bordo haviam sido produzidas no município de Otsego naquela estação e solicitava sua ajuda em promover seu comércio e a prevenir ‘a destruição das árvores da qual ele é produzido’. No romance, o Juiz Temple

Além disso, Cooper visivelmente apoia-se no livro de seu pai para descrever um período de fome, que de acordo com Robinson possui detalhes e até mesmo algumas palavras de *A Guide to the Wilderness*¹⁵⁵. O trecho, em edições após 1832, era inclusive seguido de uma nota:

*“The author has no better apology for interrupting the interest of a work of fiction by these desultory dialogues, than that they have reference to facts. In reviewing his work, after so many years, he is compelled to confess that it is injured by too many allusions to incidents that are not at all suited to satisfy the just expectations of the general reader”*¹⁵⁶

Este é o momento em que Cooper admite que o romance é baseado em pessoas que realmente existiram, mas ele somente alude à anedota contada por Marmaduke Temple a sua filha Elizabeth sobre o período de escassez em Templeton em nota depois. Essa primeira nota é seguida do relato da morte de uma irmã de Cooper nas mesmas montanhas em que se passam os eventos do romance. Na narrativa em si, Temple adverte Elizabeth a para ter mais cuidado ao andar a cavalo, em um dos capítulos iniciais. Assim sendo, o autor admite que existe um fundo de “verdade” nos fatos ali relatados. Já a figura do narrador lança mão, em diversos momentos, de outros elementos para garantir a verossimilhança de sua história, tal como, por exemplo, o uso do relato de um personagem acerca das ações do romance, cujos detalhes “equivocados” são desmentidos pelo narrador, como é o caso de quando o médico, Elnathan Todd, extrai a bala do ombro de Oliver Edwards após o mesmo ser atingido sem querer por Temple. Durante a cena, o narrador cita o relato que Remarkable Pettibones, a governanta de Temple, fornecia do acontecido:

“Remarkable [Pettibone] often found occasions, in after days, to recount the minutiae of that celebrated operation; and when she arrived at this point she commonly proceeded as follows: ‘And then the Doctor tuck out of the pocketbook a long thing, like a knitting needle, with a button fastened on the end on’t; and then he pushed it into the wovnd; and then the young man looked awful; and since then I thought I should have swaned away – I felt in sitch a dispu’t taking; and then the doctor had to run it right through his shoulder, and shoved the bullet out on t’other side; and so Dr. Todd cured the young man – of a ball that the Judge had shot into him, for all the world, as easy as I could pick out a splinter with my darning needle.’

conduz experimentos em métodos de refinamento do açúcar, contempla cultivar as árvores, e escrutina sinais de doença e a vitalidade relativa das árvores usadas.”

¹⁵⁵ Id. Ibid., p. 569.

¹⁵⁶ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers.**, p. 222. “O autor não tem melhor desculpa para interromper os interesses de um trabalho de ficção com esses diálogos digressivos a não ser a que eles fazem referências a fatos. Ao revisar este trabalho, depois de muitos anos, ele é compelido a confessar que o romance é prejudicado por muitas alusões a incidentes que são completamente inadequados para satisfazer a expectativa do leitor em geral.”

*Such were the impressions of Remarkable on the subject; and such doubtless were the opinions of most of those who felt it necessary to entertain a species of religious veneration for the skill of Elnathan; but such was far from the truth.*¹⁵⁷

Outro artifício peculiar é usado pelo narrador, quando da prisão de Natty Bumppo por haver matado um cervo fora da temporada de caça determinada pelo Juiz Temple. Curiosos por conta do zelo excessivo que Bumppo tinha por sua cabana afastada da cidade e inclusive acreditando que ele e o indígena John Mohegan escondiam ouro, o primo do juiz e xerife do vilarejo Richard Jones, juntamente com o Capitão Hollister da milícia local, decidem prendê-lo e antes de partirem da taverna Bold Dragoon, que pertencia a Hollister, ambos fazem discursos. O narrador afirma, então, não haver espaço para registrar os discursos proferidos por Hollister e por Jones, mas que ambos estavam

*“ [...] preserved in the columns of the little blue newspaper, which is yet to be found on the file, and are said to be highly creditable to the legal formula of one of the parties, and to the military precision of the other.”*¹⁵⁸

No caso de Alencar, recursos narrativos como esses atingem mais proximidade com as próprias fontes que ele cita. É o caso do que é relatado no capítulo XIX do primeiro volume, cujo título “Quanto ingrato já era no século XVII o míster de escritor” ironiza a condição do escritor na época do próprio romancista, relacionando-a com o destino do manuscrito que ele ali descreve. Trata-se da leitura que o padre jesuíta Manuel Soares faz de um manuscrito por ele produzido na presença do espanhol e também jesuíta padre Gusmão de Molina, que chegara a Salvador no dia ano novo, enviado para o posto de principal autoridade da Companhia de Jesus no Brasil, com a missão de angariar fundos para sua ordem através das minas de pratas supostamente encontradas na colônia portuguesa. No momento da leitura do manuscrito, o narrador cessa os acontecimentos do romance para afirmar:

¹⁵⁷ Id., *ibid.*, pp. 75-76. “Remarkable [Pettibone] freqüentemente encontrava ocasiões, mais tarde, para contra as minúcias daquela celebrada operação; e quando ela chegava a esse ponto, ela normalmente procedia como a seguir: ‘E daí o Doutor tirou de seu caderno uma coisa comprida, como uma agulha de tricot, com um botão atrelado à ponta; e aí ele a empurrou para dentro do ferimento; e aí o jovem ficou com uma aparência horrorosa; e daí achei que ía desmaiar – eu senti tal disposição; e daí o doutor havia enfiado-a através do ombro dele, e empurrou a bala para o outro lado; e assim Dr. Todd curou o jovem – de uma bala que o Juíz havia disparado nele, por todo o mundo, tão fácil quando eu poderia ter tirado uma felpa com minha agulha de costura.’”

Essas eram as impressões de Remarkable acerca do assunto; e essas eram sem dúvida as opiniões da maioria daqueles que sentiam necessidade de manter uma espécie de veneração religiosa pelo talento de Elnathan; mas tais estavam longe de ser verdade.”

¹⁵⁸ Id., *ibid.*, p. 406. “[...] preservados nas colunas do pequeno jornal azul, que ainda está por ser encontrado no arquivo, e têm a reputação de serem altamente confiáveis para a fórmula legal de uma das partes e para a precisão militar da outra.”

“A imparcialidade do historiador nos põe o dever de protestar contra a injusta prevenção do respeitável capítulo sôbre a prosa do Reverendo Manuel Soares.

O ilustre cronista da Província do Brasil, como Cervantes, já havia pressentido no século XVII a invenção da escola romântica, à qual deve a literatura moderna tantos primores e maiores extravagâncias literárias. A sua narrativa tinha a forma dramática do poema antigo e a simplicidade do conto da média idade. O estilo chão e fluente desmerecia talvez pela falta do nervo e consição da frase, mas compensava êste senão com a naturalidade e singeleza da expressão.

É pena que êsse livro precioso se tenha perdido, pois sem contar a descoberta importante de que tratava, daria à história que ora escrevemos um testemunho irrecusável de sua veracidade.”¹⁵⁹

A referência ao relato, que tinha o título de *Memória circunstaciada que a respeito das formosas minas de prata de jacobina escreveu o padre Manuel Soares, da Companhia e Jesus, Religioso Professo, e Cronista da Província do Brasil, Seguida de notas críticas e explicativas para a maior inteligência do texto* fornece um fundo de verdade para a trajetória do Roteiro das minas, assim como os depoimentos de personagens de Cooper e seus discursos publicados no jornal de Templeton para os acontecidos de *The Pioneers*. O volume escrito pelo jesuíta é o que faz com que o padre Molina tome conhecimento de que D. Diogo de Mariz, após a morte de seu pai pelos aimorés – o que compreende os acontecimentos de *O Guarani* – era o portador do Roteiro, a ser entregue para o descendente de Robério, Estácio Correia. Assim, os eventos descritos por Rocha Pitta e o manuscrito publicado na *Revista do Instituto* em 1839 se interligam ao romance de Alencar.

É importante ressaltar um outro aspecto das obras aqui analisadas, diretamente relacionado com o uso que os romancistas fazem de suas respectivas fontes, dadas as suas diferenças tanto das fontes em si, como do tratamento das mesmas. Cooper baseia-se em personagens reais para compor sua narrativa, sendo o principal deles a figura de seu próprio pai. Isso não é evidente na narrativa, mas sim na correspondência do romancista¹⁶⁰ e nas similitudes encontradas entre as descrições oferecidas para representar a fronteira norte-americana em 1793 e o livro publicado por William Cooper em 1810. Alencar, ao contrário, por seu contexto de produção, encontra seus personagens em suas fontes e as cita, ao longo do texto e nas notas da primeira edição. Além do caso de Robério Dias, encontram-se D. Diogo de Mariz, filho do D. Antônio de Mariz de *O Guarani*, que Alencar retirou dos *Anais do Rio de Janeiro*, o governador-general D. Diogo de Menezes e Siqueira e o anteriormente mencionado mestre-de-capela

¹⁵⁹ ALENCAR, José de. **As Minas de Prata**. Vol. 1. p. 218.

¹⁶⁰ ROBINSON, Op. Cit., p. 564.

Bartolomeu Pires. Além disso, os protagonistas do romance também têm sua existência retirada das fontes, sobretudo do relato de Gabriel Soares. É o caso, primeiramente, de Cristóvão Garcia de Ávila, melhor amigo de Estácio e fundamental para o desfecho feliz do romance. Na primeira edição consta a nota:

“Christovão de Garcia de Ávila. *Refere Varnhagen que um moço pobre de nome Garcia de Avila veio com Tomé de Sousa e depois tornou-se um dos primeiros proprietários. No correr dos tempos, encontra-se um Garcia de Ávila Pereira, descendente do primeiro, também poderoso e rico.*”¹⁶¹

Além disso, o engenho e o pai de Inês de Aguilar, heroína do romance, também aparecem nas notas, retirados dessa vez de Gabriel Soares:

“Engenho do Paripe. *Diz Gabriel Soares: “De Nossa Senhora da Escada para cima se recolhe a terra para dentro até o porto de Paripe, qual é daí uma légua, cujo espaço se chama Praia Grande, pelo ser e muito formosa, ao longo da qual está indo povoando de mui alegres fazendas, e de um engenho de açúcar que mói com bois e está muito bem aabado, cujo senhorio se chama Francisco de Aguilar, homem principal, castelhano de nação.*”¹⁶²

A relação de Alencar e Cooper com suas fontes e com o contexto de produção historiográfica em seus respectivos países não altera, no entanto, os aspectos fundamentais de suas obras. Primeiramente, como foi afirmado no início do capítulo, a estrutura dos romances, apesar de sua diferença em tamanho. Mas principalmente, no que diz respeito à articulação de convenções do romance europeu com aqueles elementos que marcam a originalidade do continente americano, está a construção de personagens. No caso, aqui nos debruçaremos sobre Oliver Edwards, cujo nome depois se descobre ser Effingham, e Estácio Correia.

No primeiro momento em que Oliver Edwards aparece em *The Pioneers*, ele está junto de Natty Bumppo, conhecido como *Leatherstocking*, um caçador de peles a quem Marmaduke Temple deixava caçar em suas terras. Oliver é atingido quando o juiz tentava abater um cervo que ele e seu companheiro tentavam emboscar e é convencido a ser tratado na casa do juiz. Apesar de parecer familiar ao juiz, Oliver afirma ter chegado em Templeton somente três semanas antes do ocorrido, enquanto o juiz estava na cidade de Nova York buscando sua filha, que tornava impossível ambos se conhecerem¹⁶³. No capítulo anterior, entretanto, o narrador se dedica a recuar no tempo e relatar como Marmaduke Temple se tornou o principal proprietário da região do Otsego, o que se deu através de sua relação com Edward Effingham, filho de um major do exército britânico residente na colônia, cujos negócios comerciais Temple dirigia,

¹⁶¹ DE MARCO, Valéria. **A Perda das Ilusões**. p. 246.

¹⁶² Id., *ibid.*, p. 247.

¹⁶³ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**. pp. 35-36.

obtendo algum lucro para si. Durante a guerra da independência, o major foi destituído de suas terras e, antevendo que os resultados da emancipação poderiam prejudicar tanto a Edward como a ele próprio, Temple registrara as propriedades em seu nome¹⁶⁴. Temple teria tentado ajudar a família de Effingham em sua subsequente pobreza, mas o mesmo recusou sua ajuda, sentindo-se traído. O que parece simplesmente servir para ilustrar as circunstâncias de Temple na região, em realidade, consiste na causa da reviravolta final do romance: O jovem que lhe parecera tão familiar é filho de seu amigo e o segredo caçador mantinha em sua cabana era o velho major.

O mistério que cerca Oliver Edwards ao longo do romance é grande: ele vive com o caçador, sem ser filho do mesmo, e ambos vivem na companhia de um indígena chamado John Mohegan. Mohegan, além de demonstrar alguns problemas com bebida, foi cristianizado por missionários moravianos¹⁶⁵ e, além disso, é o último da sua tribo, os Delaware¹⁶⁶. Alusões a Edwards possuir “sangue Delaware” feitas por Mohegan desde o momento em que o indígena aparece no romance dispararam uma série de preconceitos contra o rapaz, até mesmo do reverendo local, Mr. Grant, que reconhece em Edwards particularidades que indicam sua educação na cidade.

“I trust, my young friend,” he said, ‘that the education you have received has eradicated most of those revengeful principles which you may have inherited by descent, for I understand from the expressions of John that you have some of the blood of the Delaware tribe. Do not mistake me, I beg, for it is not color, nor lineage, that constitutes merit; and I know not that he who claims affinity to the proper owners of this soil has not the best right to tread these hills with the lightest conscience.’”¹⁶⁷

O ressentimento que Edwards apresenta em relação ao Juiz Temple desde o início da narrativa é tomado sempre como em função de ter sido ferido pelo mesmo, apesar de os diálogos entre o rapaz e o indígena, escritos no que Cooper considera a

¹⁶⁴ Em seu estudo biográfico de Cooper, Steven Raylton afirma que o pai de Cooper adquiriu suas propriedades da mesma forma. RAYLTON, Op. Cit., pp. 40.

¹⁶⁵ Os moravianos surgiram a partir de um movimento protestante na boêmia e na morávia, regiões atualmente parte da República Tcheca. A Igreja Moraviana chegou à Inglaterra no início do século XVIII, mesma época em que integrou-se aos movimentos missionários protestantes, cuja atuação na América Inglesa foi substancial.

¹⁶⁶ Delaware é o nome anglicizado dos Lenape ou Lenni Lenape, que habitavam as regiões do rio Delaware, chegando até ao sul do Rio Hudson. Foram dizimados por epidemias, pela violência da colonização e pelo deslocamento de seu território, inicialmente para a Pennsylvania, onde Entraram em contatos com os moravianos, nas primeiras décadas do século XVIII. HOXIE, Frederick E. (Ed.) **Encyclopedia of the North American Indians**. Boston/Nova York: Houghton Mifflin Company, 1996. pp. 157-159.

¹⁶⁷ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**., p. 135. “ ‘Eu acredito, meu jovem amigo,’ ele disse, ‘que a educação que você recebeu tenha erradicado a maior parte daqueles princípios vingativos que você pode ter herdado por descendência, pois eu depreendo das expressões de John que você tem algum sangue da tribo dos Delaware. Não me entenda mal, eu peço, pois não é cor, nem linhagem que constituem mérito; e eu sei que aqueles que reivindicam afinidade com os proprietários de direito desse solo não têm o melhor direito em trilhar essas colinas com a mais leve das consciências.’”

“maneira peculiar do falar indígena”, demonstrarem que os motivos são outros. Quando ao conversar com Grant, Edwards se exalta, o reverendo explica para sua filha Louisa:

“It is the hereditary violence of a native’s passion, my child,” said Mr. Grant in a low tone, to his affrighted daughter, who was clinging in terror to his arm. ‘He is mixed with the blood of the Indians, you have heard; and neither the refinements of education, nor the advantages of our excellent liturgy, have been able to entirely eradicate the evil. But care and time will do much for him yet.’”¹⁶⁸

No entanto, ao invés de corrigir a suposição do reverendo, Edwards também não refuta seu suposto parentesco com os nativos:

“Be not alarmed, Miss Grant, at either the wildness of my manner or that of the dress. I have been carried away by passions that I should struggle to repress. I must attribute it with your father, to the blood in my veins, although I do not impeach my lineage willingly; for it is all that is left me to boast of. Yes! I am proud of my descent from a Delaware chief, who was a warrior that ennobled human nature. Old Mohegan was his friend and will vouch for his virtues.”¹⁶⁹

A única habitante de Templeton que considera Edwards um igual é Elizabeth Temple, pelo mesmo sempre tê-la tratado como deveria um cavalheiro. Apesar das hostilidades do rapaz em relação ao juiz, Edwards acaba se apaixonando pela moça, algo que só fica realmente explícito nos últimos capítulos do romance, quando os dois se encontram no incêndio que marca o final da narrativa.

O aspecto de maior relevância na personagem de Edwards, no entanto, é o fato de apesar de conviver com indígenas e com caçadores como Bumppo, seu destino não ser viver fora da civilização. E aqui a leitura de Daniel J. Herman da construção de Daniel Boone como um herói de massa ao longo do século XIX é valiosa. Analisando a série de textos publicados desde o final do século XVIII a que chama de *Boone literature*, ou seja, histórias de aventuras acerca de caçadores que se embrenham no Oeste americano, Herman chama a atenção para o fato de que os principais consumidores dessa literatura eram os jovens dos núcleos urbanos. Isso porque a partir do desenvolvimento do mercado de especulação financeira nos Estados Unidos a partir do início do século XIX, o individualismo e o empreendedorismo eram atributos

¹⁶⁸ Id., *ibid.*, p. 136. “É a violência hereditária da paixão de um nativo, minha criança,” disse o Sr. Grant em voz baixa para sua filha amedrontada, que segurava seu braço com terror. ‘Ele é misturado com o sangue dos índios, você ouviu; nem os refinamentos da educação, ou as vantagens da nossa excelente liturgia foram capazes de totalmente erradicar o mal. Mas cuidado e tempo farão muito por ele ainda.’”

¹⁶⁹ Idem. “Não se alarme, Srta. Grant, tanto com a selvageria de meus modos como de minhas vestimentas. Eu fui movido por paixões que devo me esforçar para reprimir. Eu devo atribuí-las, tal como seu pai, ao sangue em minhas veias, embora eu não negue minha linhagem sem relutância; porque ela é tudo o que tenho para me gabar. Sim! Eu sou um orgulhoso descendente de um chefe Delaware, um guerreiro que enobrecia a natureza humana. O velho Mohegan era seu amigo e pode confirmar suas virtudes.”

essenciais para qualquer jovem norte-americano¹⁷⁰. Os fronteirços, em realidade, eram as principais vítimas desse sistema, na medida em que a especulação de terras significava o avanço da ocupação; mas eles serviam como exemplos a ser seguidos pelos próprios especuladores, o que serviu como base tanto para a política de expansão de Jefferson, como para seu aumento durante a presidência de Andrew Jackson, na década de 1820.

A relutância em aceitar a lei manifestada pelos fronteirços do relato do Coronel William Byrd no início do século XVIII é retratada no romance de Cooper através da figura de Nathaniel Bumppo, que rejeita qualquer forma de autoridade governamental sobre seus hábitos. Até mesmo a religião é vista como uma ameaça: “*I never know’d preaching to come in a settlement but it made game scarce, and raised the price of gun powder; and that’s a thing that’s not as easily made as ramrod or an Indian flint*”¹⁷¹. Assim, Cooper se vale do relato de seu pai, um Federalista, cujos ideais são claramente representados no romance através de Temple, para criar uma espécie de Daniel Boone fictício que protagoniza a série dos romances aqui estudados. A figura de Edwards, no entanto, nos é mais relevante porque ele circula entre esses dois mundos originalmente americanos: ora se comporta como um fronteirço, ora se vê plenamente capaz de adotar o mundo que seu companheiro tanto repudia. Isso porque apesar de ser proveniente da Inglaterra, sua família possuía relações íntimas tanto com Bumppo quanto com os Delaware. Ao final do romance, a questão é assim elucidada:

“He [Bumppo] was reared in the family of my grandfather; served him for many years during their campaigns at the west, where he became attached to the woods; and he was left here [Otsego] as a kind of locum tenens on the lands that old Mohegan (whose life my grandfather once saved) induced the Delawares to grant him, when they admitted him as an honorary member of their tribe.

‘This, then, is thy Indian blood?’

‘I have no other,’ said Edwards, smiling; - ‘Major Effingham was adopted as the son of Mohegan, who at that time was the greatest man in his nation; and my father, who visited those people when a boy, received the name Eagle from them on account of the shape of his face, as I understand. They have extended this title to me. I have no other Indian blood or breeding; though I have seen the hour, Judge Temple, when I could wish that such had been my lineage and education.’”¹⁷²

¹⁷⁰ HERMAN, Op. Cit., pp. 429-440.

¹⁷¹ COOPER, James Fenimore. **The Pioneers.**, p. 129. “‘Eu nunca soube de pregação que chegasse nos assentamentos e não diminuisse a caça e aumentasse o preço da pólvora; e essa é uma coisa que não é tão facilmente feita como um soquete ou uma pedra de esquiteiro indígena.’” (trad. minha)

¹⁷² Id., ibid., p. 421. “‘Ele [Bumppo] foi criado na família de meu avô; serviu-o por muitos anos durante as campanhas no oeste, onde ele se tornou ligado à floresta; e foi deixado aqui [Otsego] como um espécie de inquilino nas terras que o velho Mohegan (cuja vida meu avô uma vez salvou) induziu os Delaware a darem-lhe, quando eles o admitiram como membro honorário de sua tribo.’”

Da mesma forma que Edwards, Estácio Correia de *As Minas de Prata* provinha de uma família despossuída pelo governo e, portanto, era pobre. Seu destino deveu-se ao fato de que seu pai, Robério Dias, desapareceu sem dar notícias das minas de prata que afirmava haver encontrado, enquanto as procurava com auxílio da Coroa espanhola. Com o nome de sua família manchado, Estácio foi educado por Vaz Caminha, o licenciado da cidade, português de nascimento e por D. Álvaro Carvalho. Também freqüentava o Colégio dos Jesuítas. Assim, Estácio, apesar da pobreza, circulava no mundo dos senhores de engenho e freqüentava as festas da cidade como um igual, como é o caso das justas após a festa de ano novo.

Em suas maneiras, vestimentas e valores, Estácio é um português fiel a Coroa, mesmo tratando-se do período da União Ibérica. É com esse sentimento que ao ficar sabendo, enquanto preso por desafiar seu rival pelo amor de Inês a um duelo, da conspiração dos judeus da cidade juntamente com três oficiais flamengos na cela vizinha à sua, foge da prisão, seqüestra os flamengos e os judeus, toma os navios holandeses para onde os mesmos fugiam e os leva para o Rio de Janeiro. Estácio consegue fazer tudo isso porque se relaciona tanto com Gil, um pájem pobre, como com Cristóvão de Ávila que lhe garante a ajuda de seu capitão-do-mato João Fogaça e dos indígenas que lidera.

Portanto, ao mesmo tempo em que Edwards possui ascendência inglesa e, portanto, teria motivos para não ser qualificado como um herói norte-americano propriamente dito se não fosse suas relações com indígenas e com fronteirços, Estácio não possui qualquer sentimento de brasilidade. Contudo, algo diferencia o rapaz em questão. Trata-se do fato de Robério Dias ser descendente, de acordo com o relato de Rocha Pitta, de Catarina Álvares, nome de batismo da indígena Paraguaçu, esposa de Diogo Álvares. Em dado momento do romance, Estácio vai até a ermida Nossa Senhora da Graça e Alencar discorre acerca dos antepassados de seu protagonista:

“Breve assomou por diante a graciosa ermida de N. S^a. Da Graça, fundada por Catarina Álvares, e por ela doada aos Beneditinos, que ali tinham seu hospício; à parte, um tanto arredadas viam-se umas casas da morada de Diogo Álvares, o

‘Esse é, então, seu sangue indígena?’

‘Não possuo outro,’ disse Edwards, sorrindo; - ‘O Major Effingham foi adotado como filho de Mohegan, que em seu tempo era o homem mais poderoso de sua nação; e meu pai, que visitava aquela gente quando menino, recebeu o nome de Águia deles, por conta do formato de seu rosto, creio eu. Eles estenderam esse título a mim. Eu não tenho qualquer outro sangue indígena ou decendência; embora eu tenha visto a hora, Juiz Temple, quando eu desejasse que tal fosse minha linhagem e educação.’” (trad. minha)

Caramuru, que aí habitara até o ano de 1557, em que falecera, deixando nobre e numerosa descendência, tronco de muitas das principais famílias da Bahia.

Estácio, revendo aquêles lugares, onde seus olhos penetravam-se das recordações estampadas na face daquele edifícios, sentia que o entrava uma tristeza grande. Também êle, pobre, decaído, proscrito a sua casa, provinha da estirpe ilustre dos primeiros senhores da Bahia; seus pais tinham o sangue de Diogo Álvares, e haviam herdado dos seus muitos haveres uma parte, que sua diligência própria aumentara. Mas tudo, a fatalidade dissipara com um sopro devastador, deixando a Estácio por única herança a vergonha e miséria.

A numerosa descendência do Caramuru povoara a Bahia e o Recôncavo, onde tinham nobres casarias com muitas alfaías e trem de criados e cavalos, e engenhos famosos com grandes fábricas ou granjearias arrendados em mil arrobas de açúcar por ano. Alguns netos seus ocupavam cargos importantes na governança do Estado; e viviam todos à lei da grandeza.”¹⁷³

O fato de Catarina Álvares ser uma indígena não livra seus descendentes, no romance de Alencar, de preconceitos. Quando Estácio vai ao encontro de D. Francisco de Aguilar para pedir a mão de Inês em casamento, apesar de a moça estar prometida para D. Fernando de Ataíde, o castelhano recusa de pronto o pedido do rapaz.

“- Melhor fôra calar; mas por ela julgareis de minha sinceridade. D. Inês de Aguilar pertence à melhor nobreza das Espanhas para se aliar com a descendência bastarda de um simples cavalheiro português, em cujas veias corre uma mistura de sangue gentio. Quanto às honras que possam vir em troca das minas, serão, caso se realizem, nobreza de mercador, e não verdadeira fidalguia de linhagem.

A altivez de Estácio revoltou-se:

- Essa mistura de sangue gentio que corre em minhas veias, sr. D. Francisco, é a dos senhores primeiros desta terra, onde viestes a enriquecer. Quem tanto despreza a nobreza dos mercadores, também deverá desprezar o seu ouro.”¹⁷⁴

Em compensação é justamente o parentesco com Paraguaçu que garante à família de Estácio acesso à gruta onde as minas se encontram. No capítulo XVI do terceiro volume, o narrador introduz a figura de Abaré, pajé dos Tupis, que guarda o rochedo. Abaré, um dia, encontra um guerreiro branco, que tinha o nome indígena de Moribeca, o caçador de gente, levado ao sertão por conta das notícias das minas de prata de Potosí. O pajé percebe, contudo, “*sobre as faces brancas do guerreiro a côr de sua raça e nos olhos a centelha do sol americano*”: Ao descobrir que o guerreiro em questão é o neto de Paraguaçu, Abaré revela ser irmão da mesma e promete para Moribeca os diamantes que se encontram na gruta se o mesmo vingar a raça de seus

¹⁷³ ALENCAR, José de. **As Minas de Prata**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. pp. 481.

¹⁷⁴ ALENCAR, José de. **As Minas de Prata**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. pp. 787-788.

pais. Antes que pudesse voltar à gruta, porém, Moribeca falece, deixando o segredo com seu filho, Robério¹⁷⁵.

Assim, o sangue indígena de Estácio, embora possa comprometê-lo com o pai da mulher que ama, lhe traz certos privilégios. Como veremos também nos outros capítulos deste trabalho, a questão da mestiçagem obedece a um padrão nas obras de Cooper e Alencar. O norte-americano, nos cinco romances analisados, valoriza o intercâmbio cultural que seus personagens brancos mantêm com determinados indígenas, sendo esse um dos elementos que o tornam estadunidenses de fato. A mestiçagem é somente cultural e toda e qualquer possibilidade de que ela possa ir além disso é extirpada. No caso do romancista brasileiro, a possibilidade de mestiçagem é aberta, dentro de alguns limites. No caso de *As Minas de Prata*, pode-se averiguar que a valorização do indígena é bastante relativa, principalmente quando daqueles autóctones fiéis ao capitão-do-mato João Fogaça, chamados Olho, Faro e Ouvido. Seu valor é somente o de agir a serviço de Fogaça, como se fossem cães de caça.

Verificamos, portanto, que a questão da “cor local” tem a necessidade de atingir os próprios protagonistas dos romances, na medida em que os mesmos devem possuir traços de originalidade até em contextos onde isso tem poucas possibilidades de ser averiguada, como no caso da representação do Brasil colonial de Alencar. Contudo, foi no segundo romance da série *The Leatherstocking Tales* e no primeiro romance histórico de Alencar que a questão da valorização do indígena como elemento de originalidade das nações aqui estudadas é mais desenvolvida, como veremos no segundo capítulo.

¹⁷⁵ Id., *ibid.*, p. 858.

Capítulo 2 – Loiras, Morenas e Selvagens

Entre a publicação de *The Pioneers* e *The Last of the Mohicans*, James Fenimore Cooper lançou duas histórias voltadas para o público feminino a pedido de seu editor, que se encontrava em dificuldades financeiras; e o primeiro de seus romances navais, *The Pilot*¹⁷⁶ em 1824, inspirado em discussões acerca da autoria das chamadas *Waverley Novels*¹⁷⁷, durante um jantar em Nova York. Cooper, que serviu durante anos na marinha americana, se inspirou nas críticas feitas ao romance *The Pirate* por sua suposta falta de verossimilhança em relação a vida em alto mar. Embora não pensasse da mesma forma acerca da obra, Cooper ficou curioso a respeito do que poderia criar tendo o mar como temática, com seus conhecimentos sobre o assunto.

Com o sucesso obtido, Cooper mudou-se de Scarsdale, onde vivia em uma propriedade adquirida através da família de sua mulher, para Nova York, com o objetivo de encontrar escolas para suas filhas e ficar mais próximo de seu editor. Contudo, a mudança também foi motivada pela pequena vida intelectual da cidade. Com a criação do *The Bread and Cheese Club*, Cooper estabeleceu-se como alguém de grande influência no meio, formando contatos com editores, políticos e escritores como William Cullen Bryant e Washington Irving¹⁷⁸. No ano seguinte, Cooper lançou *Lionel Lincoln*, outro romance ambientado na Guerra de Independência, dessa vez escrevendo sobre os eventos de Lexington, Concord e Bunker Hill¹⁷⁹. Foi o primeiro romance de Cooper após a consolidação de sua carreira de romancista a não fazer sucesso tanto de público, como de crítica, na medida em que envolveu o posicionamento político de Cooper e o envolvimento de sua família com o partido Federalista¹⁸⁰.

O contraste do sucesso entre *Lionel Lincoln* e *The Last of the Mohicans* é, portanto, considerado enorme, já que este último é a obra pela qual Cooper é mais lembrado. Além disso, é o primeiro romance realmente de aventura do autor, que forneceu a tônica para o surgimento de obras parecidas, envolvendo conflitos entre

¹⁷⁶ “O Piloto”.

¹⁷⁷ Os chamados romances Waverley é modo como os romances de Walter Scott foram conhecidos por não terem sido publicados com autoria, até o momento em que o romancista escocês a assumiu em 1827. São assim denominadas por conta do primeiro romance, *Waverley*, publicado anonimamente em 1814. Os outros foram assinados simplesmente como “do autor de *Waverley*”.

¹⁷⁸ GROSSMAN, Op. Cit., pp. 36-39.

¹⁷⁹ Bunker Hill e Lexington foram os locais das primeiras batalhas da Guerra pela Independência dos Estados Unidos.

¹⁸⁰ Id., *ibid.*, pp. 40-43.

brancos e indígenas na fronteira, que mais tarde se configuraram na formação do gênero *western*.

Trinta anos depois da publicação de *The Last of the Mohicans*, o então advogado e redator-chefe do jornal *Diário do Rio de Janeiro* José Martiano de Alencar começou a publicar cartas assinadas sob o pseudônimo Ig., causando uma polêmica em torno do poema épico *A Confederação dos Tamoios*, de Domingos José Gonçalves de Magalhães. O poeta havia, no final de 1854, retornado da Europa antes de assumir o posto de cônsul-geral e encarregado de negócios na Sardenha e trazido consigo os originais do poema, editado no ano seguinte, a mando de D. Pedro II, para quem Magalhães havia mostrado a obra pessoalmente. A expectativa em torno de *A Confederação dos Tamoios* foi grande no meio intelectual da Corte, principalmente após o entusiasmo do imperador. No entanto, o poema decepcionou o público leitor. E foi atacando o que era para ser o grande épico nacional que Alencar adentrou o meio intelectual do período¹⁸¹.

Alencar – que assim como Cooper era oriundo de uma família tradicional no meio político novaiorquino - era filho de um político liberal cearense, que participou ativamente da Revolução de 1817, na qual Pernambuco e parte do Nordeste brasileiro declararam-se independentes de Portugal. O envolvimento dos Alencar foi tão intenso na revolução, que até a matriarca da família, D. Bárbara, acabou presa junto com os filhos ao fim do conflito¹⁸². José Martiniano Pereira de Alencar, pai do romancista, era padre e deixou a batina para casar-se com uma prima, com quem teve seis filhos, ingressando na política brasileira após a independência, como deputado e governador da província do Ceará. Enviou o filho mais velho para estudar na Faculdade de Direito de São Paulo, que apesar de formado advogado, pouco exerceu de sua profissão, preferindo ao invés disso ingressar na carreira jornalística, trabalhando no *Correio Mercantil*, antes de ser contratado como redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, onde publicava colunas e editoriais¹⁸³.

A primeira carta da polêmica sobre *A Confederação dos Tamoios* foi publicada no dia 10 de junho, como sendo apenas “impressões de leitura”: Alencar alegou não ser habilitado, nem possuir tempo para fazer um “juízo crítico”. Nesta, critica a qualidade

¹⁸¹ MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar**: literato e político. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. pp. 85-89.

¹⁸² Id., *ibid.*, pp. 5-24.

¹⁸³ Id., *ibid.*, pp. 49-60.

dos versos, afirmando que os mesmos não fazem jus à beleza e a originalidade da natureza brasileira:

“Parece-me que Virgílio, que descreveu a Itália, Byron a Grécia, Chateaubriand as Gallias, Camões os mares da Índia, terão achado no sol do Brasil algum novo raio, alguma centelha divina para illuminar essa tela brilhante de uma natureza virgem e tão cheia de poesia.

Parece-me que o genio de um poeta em luta com a inspiração, devia arrancar do seio d’alma algum canto celeste, alguma harmonia original, nunca sonhada pela velha litteratura de um velho mundo.

Digo-o por mim: se algum dia fosse poeta, e quizesse cantar a minha terra e suas bellezas, se quizesse compor um poema nacional, pederia a Deus que me fizesse esquecer por um momento as minhas idéas de homem civilisado.

Filho da natureza embrenharme-ia por essas mattas seculares; contemplaria as maravilhas de Deus, veria o sól erguer-se no seu mar de ouro, a lua a deslizar-se no azul do céu; ouviria o murmurio das ondas e o écho profundo e solemne das florestas.

E se tudo isto não me inspirasse uma poesia nova, se não dêsse ao meu pensamento outros vãos que não esses adejos de uma musa classica ou romantica quebraria a minha penna com desespero, mas não a mancharia n’uma poesia menos digna de meu bello e nobre paiz.”¹⁸⁴

Entre 10 de junho e 14 de julho, Alencar publicou cinco cartas com críticas ao poema. No dia 23 de julho, o poeta Manuel José de Araújo Porto-Alegre as respondeu em uma série de artigos no *Correio da Tarde*, assinando anonimamente como “O amigo do poeta”. Outras cartas surgiram, sempre com pseudônimos, entre eles *Omega*, *O boquiaberto* e *O inimigo das capoeiras*. Apesar de ter afirmado que não voltaria a publicar mais cartas, “Ig.” voltou a se pronunciar no dia 9 de agosto. No dia 12, Porto-Alegre respondeu novamente e a polêmica adquiriu um novo partícipe: D. Pedro II começou sua própria série de artigos, utilizando o pseudônimo “Outro amigo do poeta”, publicando-a no *Jornal do Comércio*. Tentando obter aliados contra as acusações a seu protegido, o imperador escreveu ao romancista português Alexandre Herculano. No entanto, a opinião de Herculano em relação ao poema foi tão negativa quanto a da comunidade intelectual da Corte. Nem mesmo Antônio Gonçalves Dias, a quem o imperador também recorreu, foi favorável ao poema. Quando Pedro II viu no frei Francisco do Monte Alverne uma última fonte de apoio na polêmica, Alencar já tinha dado seu trabalho por encerrado¹⁸⁵. Poucos meses depois, apareceria no espaço de folhetins do *Diário do Rio de Janeiro* os primeiros capítulos de *O Guarani*.

¹⁸⁴ CASTELLO, Op. Cit. p. 7.

¹⁸⁵ MENEZES, Op. Cit., pp. 92-93.

Espaço de publicação surgido na França, no início do século XIX, o folhetim – ou *feuilleton* – designava apenas um lugar preciso do jornal, o *rez-de-chaussée*: rés-do-chão ou rodapé. Sendo geralmente o da primeira página, era onde se publicavam variedades com o objetivo de entreter os leitores. Segundo Marlyse Meyer, ao surgir o folhetim:

“[...] pode-se já antecipar, dizendo que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira deste espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela moderna cinza a que obrigava a forte censura napoleônica.”¹⁸⁶

Com a Revolução de 1830, aconteceu também uma revolução na imprensa francesa, ampliando-se o uso do termo “folhetim”, com a publicação praticamente exclusiva de ficção nos rodapés das primeiras páginas dos jornais. Assim, o folhetim “vale-tudo” virou folhetim-romance, inaugurando uma nova forma de ficção e um novo gênero literário, o folhetim “folhetinesco”, marcado pelo “continua” ao final de cada volume. Praticamente ao mesmo tempo em que se consolidou nos jornais franceses, seus equivalentes brasileiros, principalmente o *Jornal do Comércio*, adotaram tal prática, publicando inicialmente traduções de romances franceses. O folhetim teria penetrado no Brasil ainda em 1836, segundo Marlyse Meyer, sendo o primeiro romance de impacto significativo publicado neste formato *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, de 1844. Na posição de redator-chefe do *Diário do Rio de Janeiro*, Alencar instituiu os folhetins, onde comentava os fatos da semana através de crônicas e mais tarde publicou seus próprios romances.

Diferentemente de Cooper, que começou a escrever depois dos 30 anos, enquanto tentava dirigir os negócios da família, Alencar publicou seu primeiro romancete – *Cinco Minutos* – no jornal que comandava, aos 27 anos. O primeiro folhetim de *O Guarani* saiu sem assinatura, no dia 1º de janeiro de 1857, que segundo críticos, despertou a curiosidade do público leitor de forma intensa¹⁸⁷. Logo depois de terminada a publicação por meio do folhetim, o romance foi publicado em volume, mas que fracassou no parco mercado editorial do Rio de Janeiro. Somente em 1870, Alencar obteve um contrato firme com a Livraria Garnier, para a publicação sistemática de seus romances, entre eles *O Guarani*¹⁸⁸.

¹⁸⁶ MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57.

¹⁸⁷ Raimundo de Menezes reproduz um trecho de *Reminiscência*, do Visconde de Taunay, onde o também romancista relembra o impacto do folhetim de Alencar, fazendo referências ao que considera as prováveis influências do autor: Chateaubriand e Cooper. Id., *ibid.*, p. 118.

¹⁸⁸ Id., *ibid.*, pp. 118-119.

Na primeira carta da Polêmica, a crítica de Alencar que nos é mais significativa é a que diz respeito aos indígenas e seus costumes, que na opinião de Alencar além de não possuir beleza em seus versos, Magalhães não havia aproveitado o melhor que eles lhe forneciam de material para poesia: “[...] o esboço histórico d’essas raças extintas, a origem d’esses povos desconhecidos, as tradições primitivas dos indígenas [...]”¹⁸⁹. Ou seja, já nas críticas tecidas ao poema de Gonçalves de Magalhães, Alencar sustentava que a procura das origens dos costumes indígenas deveria ser o cerne de um épico sobre o Brasil. Dessa forma, Alencar recorreu, na escrita de seu romance, ao relato de Gabriel Soares de Sousa de 1587, texto instituído como principal fonte para o período pelo IHGB, como já mencionado:

*“O padre Cazal, o poeta e historiador Robert Southey, o viajante naturalista Karl von Martius e o viajante e literato francês Ferdinand Denis, alargam de uma maneira significativa as redes de recepção de um texto que, curiosamente, circulou quase dois séculos não somente sob um pseudônimo, mas com títulos e datas de publicação divergentes. Acrescente-se as circunstâncias de criação, produção e circulação do relato, o fato de o original ter sido perdido. Foi o próprio [Francisco Adolfo de] Varnhagen quem, após ter consultado e confrontado várias edições, restaurou o relato e atribuiu sua redação definitiva a Gabriel S. de Sousa.”*¹⁹⁰

Dessa forma, Alencar valeu-se de outras narrativas para constituir o romance-folhetim carregado de suspense e fundamentado sobre uma estrutura narrativa repleta de convenções européias que apresentaria a gênese do Brasil. Cooper, como veremos mais adiante, também se valeu de outras fontes, embora de forma menos explícita, sem o uso, por exemplo, de notas de rodapé. Não deixam, portanto, de articular elementos do mesmo modo que se consitui a prática historiográfica.

Essa articulação de diferentes narrativas que compõem os romances também passa pela composição dos personagens envolvidos na trama, estando em jogo aqui seus papéis na “gênese” da nação. Um aspecto fundamental na criação das nações americanas, principalmente no que diz respeito à elaboração de representações do passado é a presença dos indígenas e da paisagem neste processo. O período da conquista, a natureza diferenciada e os próprios autóctones eram aspectos que tinham tanto de adquirir um sentido particular nas premissas da nacionalidade criada, como eram elementos que diferenciavam as nações americanas de suas antigas metrópoles européias. Tal operação envolve a apropriação do discurso do exótico, desenvolvido a partir do final da Idade Média, durante a expansão européia, primeiro através das cruzadas e depois pelas grandes navegações. Essa apropriação continha uma tensão

¹⁸⁹ CASTELLO, Op. Cit., p. 6

¹⁹⁰ CEZAR, Temístocles. Quando um manuscrito torna-se fonte histórica. pp. 38-39.

particular, segundo Renata Wasserman: enquanto por um lado é necessário determinar valor positivo para os componentes não-europeus – porque eles afirmam uma diferença entre a ex-colônia e a sua antiga metrópole – por outro, ao escolher tais elementos como identitários, tem-se o risco de se ser julgado bárbaro por uma metrópole civilizada¹⁹¹.

Essa tensão é produzida pela incomensurabilidade entre o mundo europeu e o mundo americano, com a qual viajantes - passando pelo próprio Colombo - tentaram lidar em seus relatos. Anthony Pagden afirma que o período da “descoberta” era somente o primeiro momento de encontro do europeu com a América, sendo este seguido de um prolongado processo de assimilação em que se tenta relacionar o Novo Mundo ao máximo com o Velho. Isso vai desde tentar explicar o lugar dos indígenas dentro do mundo cristão, a classificar a flora e a fauna do novo continente de acordo com as categorias européias, o que ocorre de forma maciça no século XVIII¹⁹².

Assim, tratamos aqui da construção das personagens e da descrição da paisagem americana como forma atingir uma forma de comensurabilidade entre o mundo europeu e o americano, conferindo sentido a determinados aspectos do que teria sido a vivência de personagens brancos e indígenas principalmente através das relações de amor romântico estabelecidas entre heroínas e bons selvagens.

2.1. Os Bons e os Maus Selvagens da América

The Last of the Mohicans e *O Guarani* possuem mais em comum do que serem romances históricos acerca do passado colonial. No romance de Cooper, as personagens centrais são o caçador de *The Pioneers*, Natty Bumppo, seus companheiros indígenas, os Delaware Chingachook – chamado de John Mohegan no outro romance – e seu filho Uncas, que ajudam duas irmãs escocesas, Alice e Cora Munro, a ir ao encontro de seu pai, um coronel do exército britânico, quando estas e o major Duncan Heyward, que as escoltava, são traídos por seu guia indígena Magua.

Igualmente vítimas de traição por aliados, os personagens de *O Guarani* são D. Antônio de Mariz, que mora com sua esposa, sua filha Cecília, seu filho Diogo e uma sobrinha, Isabel, nas matas circundantes à recém fundada vila do Rio de Janeiro. O centro da narrativa, no entanto, é a relação entre o goitacá Peri, que presta serviços à

¹⁹¹ WASSERMAN, Renata R. Mautner. *Exotic Nations*. pp. 10-11.

¹⁹² PAGDEN, Op. Cit., pp. 7-10.

família, e Cecília. As semelhanças mais profundas residem nas heroínas: tanto Alice Munro como Cecília de Mariz são loiras de olhos azuis, dotadas de desconcertante beleza e pureza de caráter. Cora e Isabel, igualmente morenas e sedutoras por motivos bastante diferentes de suas companheiras, são objetos de revelações ao longo do romance. Cora Munro é mestiça, filha ilegítima do Coronel com uma antilhana descendente de escravos. Isabel, que passa boa parte do romance referida como sobrinha de D. Antônio, também é filha ilegítima deste com uma índia.

O que difere drasticamente é o destino destas personagens: Cooper casa Alice com Duncan Heyward, um americano como ela, major dos *Royal Americans*, divisão colonial do exército britânico. No romance de Alencar, quem se apaixona pelo herói branco é Isabel, que correspondida por Álvaro, acaba por se matar junto ao amante quando este morre ferido em combate contra os Aimorés. Cecília não só é rechaçada por Álvaro, como acaba se apaixonando por Peri. No caso do romance de Cooper, quem é vítima deste impasse é Cora, que se apaixonou por Uncas, ambos morrendo juntos ao final da narrativa.

Assim, meu propósito com este capítulo é analisar principalmente como essas personagens femininas e sua relação com o exótico são construídas nesses romances, levando em consideração o papel de figuras femininas nas representações do passado características do processo de formação do Estado-nacional moderno.

Embora Cooper não forneça informações acerca de suas fontes para *The Last of the Mohicans* como Alencar, o romance, ainda que tenha descrições menos extensas do que *The Pioneers*, também se encontra repleto delas, principalmente para dar mais dramaticidade a determinadas cenas do romance, como é o caso das cataratas Glenn, descritas por Natty Bumppo, atrás da qual os personagens se refugiam de seus inimigos em determinado momento:

“ [...] *there are the falls on the two sides of us, and the river above and below. If you had daylight, it would be worth the trouble to step up on the height of this rock, and look at the perversity of the water! It falls by no rule at all; sometimes it leaps, sometimes it tumbles; there, it skips; here, it shoots; in one place 'tis white as snow, and in another 'tis green as grass; hereabouts, it pitches into deep hollows, that rumble and quake the 'arth; and thereaway, it ripples and sings like a brook, fashioning whirlpools and gullies in the old stone, as 'twas no harder than trodden clay. The whole design of the river seems disconcerted. First it runs smoothly, as if meaning to go down the descent as things were ordered; then it angles about and faces the shores; nor are there places wanting, where it looks backward, as if unwilling to leave the wilderness, to mingle with the salt! Ay, lady, the fine cob-web looking cloth you wear at your throat, is coarse, and like a fish net, to little spots I can show you, where the river*

fabricates all sorts of images, as if, having broke loose from order, it would try its hand at every thing.”¹⁹³

Para além da descrição das cataratas como algo que nem o próprio Bumpo considera dentro da ordem habitual das coisas, Cooper, em uma nota de rodapé acrescentada em 1831, explica a localização exata das cataratas, no rio Hudson:

*“Glenn’s Falls are on the Hudson, some forty or fifty miles above the head of the tide, or the place where that river becomes navigable for sloops. The description of this picturesque and remarkable little cataract, as given by the scout, is sufficiently correct, though the application of the water to the uses of civilised life has materially injured its beauties.”*¹⁹⁴

Da mesma forma, José de Alencar também se viu inclinado a descrever o cenário de seu primeiro romance, dedicando um capítulo inteiro para isso, que inicia de pronto também com a descrição de um rio, o Paquequer:

“É o Paquequer: saltando de cascata em cascata, enroscando-se como uma serpente, vai depois se espreguiçar na várzea e embeber no Paraíba, que rola majestosamente em seu vasto leito.

Dir-se ía que, vassalo e tributário desse rei das águas, o pequeno rio, altivo e sobranceiro contra os rochedos, curva-se humildemente aos pés do suserano. Perde então a beleza selvática; suas ondas são calmas e serenas como as de um lado, e não se revoltam contra os barcos e as canoas que resvalam sobre elas: escravo submisso, sofre o látigo do senhor.

Não é neste lugar que ele deve ser visto; sim três ou quatro léguas acima de sua foz, onde é livre ainda, como o filho indômito desta pátria da liberdade.

Aí, o Paquequer lança-se rápido sobre o seu leito, e atravessa as florestas como o tapir, espumando, deixando o pêlo esparso pelas pontas do rochedo, e enchendo a solidão com o estampido de sua carreira. De repente, falta-lhe o espaço, fuge-lhe a terra; o soberbo rio recua um momento para concentrar as suas forças, e precipita-se de um só arremesso, como o tigre sobre a presa.

¹⁹³ COOPER, James Fenimore. **The Last of the Mohicans**. New York: The Modern Library, 2001. p. 47. “[...] tem as cataratas nos nossos dois lados, e o rio acima e embaixo. Se você tivesse luz do dia, valeria o esforço de subir essa rocha e olhar a perversão da água! Ela cai sem regram alguma; algumas vezes ela salta, em outras ela cai; ali, ela saltita; aqui, dispara; em um lugar, é branca como a neve, e outro, é verde como a grama; por aqui, ela soa em grandes ecos, que tremem e chacoalham a terra; e lá, ela ondula e canta como um córrego, fazendo redemoinhos e barrancos nas pedras velhas, como se fossem tão duras quanto argila. Todo o desenho da água parece desconcertado. Primeiro, ela corre suavemente, como se tivesse a intenção de descer como as coisas são; daí ela angula, de frente para as margens; nem há lugares faltando, onde ela olha para trás, como relutasse em deixar as matas, para se misturar ao sal! Sim, senhora, o belo pano que você veste no pescoço é grosseiro, e como uma rede de pesca, comparado a pequenos lugares que eu posson lhe mostrar, onde o rio fabrica toda a espécie de imagens, como se tivesse se libertado da ordem e tentaria qualquer coisa.”

¹⁹⁴ Idem. “As Cataratas Glenn são no Hudson, há quarenta ou quarenta e cinco milhas do ponto mais alto do rio, ou de onde ele se torna navegável para chalupas. A descrição dessa pitoresca e incrível catarata, como dada pelo caçador, é suficientemente correta, embora a aplicação da água para os usos da vida civilizada tem materialmente prejudicado suas belezas.”

Depois, fatigado do esforço supremo, se estende sobre a terra, e adormece numa linda bacia que a natureza formou, e onde o recebe como um leito de noiva, sob as cortinas de trepadeiras e flores agrestes.”¹⁹⁵

Alencar também dá a localização do rio, na Serra dos Órgãos, no Rio de Janeiro, citando outra de suas fontes: os *Anais do Rio de Janeiro*, de Baltazar da Silva Lisboa. Além disso, também estabelece a mesma relação com seu presente, afirmando que: “*Hoje as grandes plantações de café transformaram inteiramente aqueles lugares outrora virgens e desertos*”¹⁹⁶.

Minha preocupação nesse capítulo, como já mencionado, é a relação que os romancistas constroem entre suas personagens e o exótico, que não inclui apenas a paisagem, mas principalmente o indígena como parte da mesma e como ente a ser assimilado pelo colono europeu que forjará a nação. A elaboração destes personagens passa pela mesma operação de mapeamento, referência às fontes e juízo de valor acerca da importância dos mesmos para o passado da nação, a ser representado no romance.

2.1.1. Estados Unidos: a experiência da regressão

A produção de romances nos Estados Unidos estava, até as primeiras décadas do século XIX, muito atrelada à literatura britânica. Isso é verificável através de alguns romances de Charles Brockden Brown, tido como o primeiro romancista profissional norte-americano e do próprio primeiro romance de James Fenimore Cooper, *Precaution*, publicado em 1820. Tais romances possuíam temáticas baseadas em comédias de costumes como as da romancista inglesa Jane Austen, alguns sendo até mesmo ser ambientados na Inglaterra, com personagens ingleses, como é o caso do romance de Cooper¹⁹⁷.

No entanto, Cooper, no ensaio *Notions of the Americans*, de 1828, aponta a maior facilidade conferida aos editores norte-americanos em obter obras inglesas do que de seus conterrâneos. Cooper afirma que este seria um fator repressivo para o surgimento de uma literatura nacional e conseqüentemente, entre outros aspectos, um dos motivos por trás do atrelamento da literatura norte-americana à inglesa, ainda que os

¹⁹⁵ ALENCAR, José de. *O Guarani*. São Paulo: Editora Ática, 2004. p. 15.

¹⁹⁶ Id., *ibid.*, p. 15.

¹⁹⁷No caso de Cooper, a vinculação com Austen chega a ser evidente até mesmo no título do romance. Os títulos mais populares da romancista geralmente eram palavras soltas referindo-se aos sentimentos das personagens, como *Pride and Prejudice* (1813), *Sense and Sensibility* (1811) e *Persuasion* (1817).

Estados Unidos fossem uma nação que politicamente inovara tanto¹⁹⁸. Michael Warner, em seu estudo sobre a imprensa e a esfera pública nos Estados Unidos do século XVIII, afirma que os primeiros romances publicados nos Estados Unidos vendiam muito mais por motivos nacionalistas, ou seja, serem escritos por um estadunidense e publicado no país, do que por sua temática. Em um primeiro momento de euforia após a independência, estimulou-se a publicação de livros no país, inclusive através da imposição de tarifas mais altas para livros importados. No entanto, nas primeiras décadas do século XIX, o gosto pelos livros britânicos ainda predominava, o que explica as reivindicações de Cooper¹⁹⁹.

Apesar disso, segundo Richard Slotkin, Cooper foi o primeiro romancista a lançar mão de elementos da história norte-americana de maneira extensa e ter uma popularidade que se refletiu não apenas nas vendas de seus livros – em especial a série *The Leatherstocking Tales*, mas também em uma larga produção de imitações e paródias tanto por outros romancistas, quanto por dramaturgos e pela crescente indústria das chamadas *dime novels*²⁰⁰ a partir da década de 1850²⁰¹.

Com *The Leatherstocking Tales*, cujo primeiro romance foi *The Pioneers*, publicado em 1823, Cooper contribuiu de duas formas para o que Slotkin identifica como a mitologização da história estado-unidense: em primeiro lugar, ele coloca o indígena e a questão racial no centro de suas considerações sobre questões morais; em segundo, representa a história dos Estados Unidos como inerentemente violenta. Para tanto, ainda de acordo com Slotkin, o romancista se valeu da linguagem simbólica

¹⁹⁸ COOPER, James Fenimore. *Notions of the Americans*. In: STERN, Milton R. & GROSS, Seymour L. **The Viking Portable American Literature Survey: The American Romantics (1800-1860)**. New York: The Viking Press, 1968. pp. 52-53.

¹⁹⁹ WARNER, Michael. **The Letters of the Republic: Publication and the Public Sphere in Eighteenth-Century America**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1990. pp. 118-120.

²⁰⁰ O nome de *dime novels* deve-se ao preço destes romances que seria dez centavos. *Dime* é uma expressão coloquial usada para denominar a moeda de dez centavos norte-americana. Os efeitos políticos da disseminação do *western* como gênero literário podem ser conferidos em trajetórias como as de David Crockett, eleito duas vezes deputado pelo Tennessee, fazendo uso político de sua imagem de caçador. Crockett inclusive lançou, em 1834, uma auto-biografia. Ver CROCKETT, Davy. **A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee**. Lincoln: Nebraska University Press, 1987. Crockett também contava com almanaques relatando suas aventuras, publicados entre 1836-1856. Cf. HUTTON, Paul Andrew. “Sunrise in his Pocket”: the Crockett Almanacs the Birth of an American Legend. In: HUTTON, Paul Andrew & RITCHIE, Robert C. **Frontier and Region**. Albuquerque: New Mexico University Press, 2001. p. 141. Vale considerar, contudo, que a associação entre a figura do caçador e a identidade nacional norte-americana já estava sendo elaborada desde a independência, o que é evidenciado pelo retrato de Benjamin Franklin usando um chapéu de peles no medalhão comemorativo de seu posto de embaixador na França. Cf. DAUBER, Op. Cit, p. 3.

²⁰¹ SLOTKIN, Op. Cit, p. 81.

herdada dos autores de narrativas populares coloniais, embora também suas referências incluam Thomas Jefferson e Crèvecoeur²⁰².

Contudo, a construção de personagens indígenas com qualidades positivas não é uma excepcionalidade no período. Sherry Sullivan identifica na ficção norte-americana do século XIX a presença de um debate entre autores de uma ficção simpática aos indígenas e os daquela chamada de “anti-primitivista”, que tinha entre seus pioneiros o próprio Charles Brockden Brown, com o romance *Edgar Huntly*, publicado em 1799. Para além disso, dentro desse debate, Sullivan aponta a indianização de heróis e heroínas em romances simpáticos aos indígenas, o que será explorado mais adiante²⁰³.

Como já foi referido anteriormente, a prosa de ficção norte-americana do século XIX se valeu de dois tipos de narrativas coloniais em seu tratamento do indígena: os relatos de cativo e os de caçadores. Embora o que distancie mais esses dois tipos de narrativa seja o elemento puritano, que estaria ausente dos relatos de caçador, o primeiro relato do gênero é o de um veterano do conflito entre puritanos e indígenas na segunda metade do século XVII, chamado King Philip’s War. Slotkin identifica como cerne da experiência de cativos e caçadores a experiência da “regressão”, em que homens e mulheres civilizados saem da sociedade contemporânea – por vontade própria ou não – para um mundo primitivo. Obviamente, essa regressão tem sentidos diferentes para cada tipo de narrativa:

*“The pioneer submits to regression in the name of progress; he goes back to the past to purify himself, to acquire new powers, in order to regenerate the present and make the future more glorious. The danger in this experience is that in undergoing regression, in going to the Indian, or to a figurative childhood or infancy, the hero risks the integrity of his or her white soul; he or she may be tempted to remain in the past, become a racial renegade or, on return, may be so altered by the experience of regression that the social responsibilities of adult life in civilization are no longer attractive.”*²⁰⁴

Para as cativas, em especial Mary Rowlandson - autora do primeiro relato de cativo a ganhar popularidade na Nova Inglaterra - o cativo era um castigo imposto por Deus, como consequência de suas falhas de conduta. Assim, apesar de se referir aos

²⁰² Id., *ibid.*, pp. 87-88.

²⁰³ SULLIVAN, Sherry. A Redder Shade of Pale: The Indianization of heroes and heroines in Nineteenth-Century American Fiction. **The Journal of the Midwest Modern Languages Association**. Vol. 20, n° 1, pp. 57-75, Iowa City, 1987. pp. 58-70.

²⁰⁴ SLOTKIN, Op. Cit., p. 63. “O pioneiro se submete a regressão em nome do progresso; ele retorna para o passado para purificar-se, para adquirir novos poderes, com o propósito de recriar o presente e tornar o futuro mais glorioso. O perigo dessa experiência é que ao fazer a regressão, ao aproximar-se do indígena, ou a uma infância figurativa, o herói arrisca a integridade de sua alma branca; ele ou ela podem ser tentados a permanecer no passado, tornar-se um renegado racial ou, em contrapartida, alterar-se tando com a experiência da regressão que as reponsabilidades sociais da vida adulta na civilização não lhe são mais atraentes.”

indígenas como demônios e sua estada entre eles como o inferno, ela também teria passado por uma experiência interior, que edificou e purificou sua alma. No entanto, seu retorno para a civilização não se dá tranqüilamente. Não apenas Rowlandson tem problemas para se re-adaptar, como seus familiares e vizinhos desconfiam dela²⁰⁵.

Importante, no entanto é considerar como estava se transformando a percepção do indígena no contexto em que Rowlandson escreve seu relato, depois do conflito entre os puritanos e os indígenas. De acordo com Alden T. Vaughn, na região da Nova Inglaterra – ao contrário da Virginia, em que escaramuças e ataques constantes por indígenas eram vivenciados pelos primeiros colonos – os puritanos mantinham expectativas em relação às tribos locais, principalmente de conversão e adaptação das mesmas ao modo de vida britânico. Após a King Philip's War – uma resposta dos indígenas aos abusos inerentes às tentativas de colonização dos puritanos – acabou-se por difundir a noção entre os habitantes da região de que os indígenas deveriam ser considerados seus inimigos e conseqüentemente, uma raça inferior, degenerada e irremediavelmente diferente da branca²⁰⁶.

No que diz respeito à imagem dos indígenas nesses relatos, Vaughn identifica em um dos modelos das narrativas de caçadores apontadas por Slotkin como base para a ficção sobre a fronteira – a obra *Kentucke* de John Filson, do qual a autobiografia do Coronel Daniel Boone era um anexo – a primeira mudança crucial na percepção dos indígenas²⁰⁷. Tal mudança implicava em atribuir ao tom de pele dos nativos uma relevância para sua diferença em relação aos anglo-americanos brancos. Antes disso, segundo Vaughn, o que causava estranhamento para os colonos eram as práticas culturais e religiosas dos indígenas²⁰⁸.

Slotkin, analisando o relato de Boone, afirma que o caçador percebe os indígenas como tendo alguns elementos que podem ser aproximados à idéia do “bom selvagem”, vigente na Europa neste período. No entanto, a aproximação do caçador com os índios do Kentucky não tem valores positivos, embora Boone admire sua cultura quando de sua captura pelos Shawnees. No entanto, ele os engana, escapa e retorna para

²⁰⁵ Id., *ibid.*, p. 64.

²⁰⁶ VAUGHN, Alden T. From White to Redskin: Changing Anglo-American Perceptions of the American Indian. **The American Historical Review**. Vol. 87, n° 4, Chicago, pp. 917-953, 1982. p. 941. Para uma discussão acerca da identidade indígena em relação à branca considerando o ponto de vista indígena, ver: SHOEMAKER, Nancy. How Indians Got to Be Red. **The American Historical Review**. Vol. 102, n° 3, pp. 625-643, Chicago, 1997.

²⁰⁷ Id., *ibid.*, p. 930.

²⁰⁸ Id., *ibid.*, pp. 917-918.

derrotá-los militarmente²⁰⁹. Em seu relato, o coronel cita inúmeras expedições lideradas por si próprio e por outros colonos para guerrear com os nativos, sempre se referindo a eles como “selvagens” e “bárbaros”²¹⁰.

A concepção do indígena como um bom selvagem, desenvolvida na Europa com maior contundência no século XVIII, somente atingiu os Estados Unidos nas primeiras décadas do século XIX. Segundo Vaughn, anglo-americanos na costa leste desenvolveram sentimentos parecidos, que refletiram em algumas medidas políticas no período jeffersoniano, principalmente envolvendo educação e missões religiosas. Ademais, para além da já usual imagem do indígena representando a nação estado-unidense na iconografia (por ser o habitante original do continente), os indígenas passaram a ser vistos como uma raça que estava desaparecendo e assim romantizada e idealizada na historiografia, arte e literatura²¹¹. É dentro deste movimento que surgem os moicanos retratados no romance de Cooper: como uma raça de selvagens nobres e honrados que aos poucos estavam sendo exterminados por seus inimigos indígenas e brancos.

Os indígenas de Cooper são retirados de uma fonte em especial: o relato intitulado *History, Manners, and Customs of the Indian Nations Who Once Inhabited Pennsylvania and The Neighbouring States*²¹² do moraviano John Heckewelder. A oposição estabelecida entre delawares e hurons será retirada dessa fonte, escrita no século XVIII. Embora o antagonismo entre huros e delawares seja um dos motes de *The Last of the Mohicans*, em *The Deerslayer* que a questão dos abusos por parte dos iroqueses em relação aos moicanos será tratada com maior amplitude. Por isso optei por deixar a discussão dessa fonte para o próximo capítulo.

2.1.2. Brasil: os índios que não eram índios

O mesmo processo de “independência literária” ocorreu no Brasil, apenas alguns anos depois. Conforme Bernardo Ricupero, apesar de existir uma imprensa bastante desenvolvida, o corpo de intelectuais da América portuguesa ainda não estava preparado

²⁰⁹ SLOTKIN, Op. Cit., pp. 66-67.

²¹⁰ FILSON, Op. Cit., pp. 498-500.

²¹¹ VAUGHN, Op. Cit., p. 950.

²¹² “História, Comportamento e Costumes das Nações Indígenas que uma vez Habitaram a Pensilvânia e seus Estados circundantes.”

para engendrar uma autonomia cultural²¹³. Segundo o autor, a formação do Estado nacional no Brasil está ligada à transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro em 1808, à conseqüente abertura dos portos e ao surgimento e transplante de inúmeras instituições para a colônia. Mas a independência significou apenas a emancipação política, estando os sentimentos de seus habitantes restritos às suas províncias e vilas²¹⁴.

Quando as primeiras obras a respeito de uma literatura portuguesa começaram a ser publicadas, escritores brasileiros apareciam como fazendo parte da mesma. No entanto, após a independência, trabalhos sugerindo a necessidade de uma literatura brasileira começaram a aparecer.

Em 1826, Ferdinand Denis sugere que o projeto de uma literatura nacional devia seguir o programa indianista, proposta surgida na Europa, dentro do processo supracitado de valorização do indígena, sobretudo pelos iluministas franceses, e desenvolvida por intelectuais latino-americanos²¹⁵. No Brasil, o indianismo é uma tradição literária claramente definida que dura aproximadamente cinquenta anos. David Treece o analisa dividindo-o em três períodos distintos, relacionando-os com o contexto político do Império brasileiro: um primeiro, entre 1835 e 1850, em que o indígena é retratado como vítima das conseqüências sociais e militares da Conquista; o segundo, que o autor chama de Conciliação, cujo ápice é a obra de Alencar; e o terceiro, no qual as fórmulas do indianismo começam a perder lugar para a literatura realista e no qual o indígena aparece como um rebelde²¹⁶.

Segundo a análise de David Treece, o indianismo no Brasil tem suas primeiras expressões em meio ao turbulento período Regencial, seguindo os primeiros anos da independência, onde a imagem do indígena como resistente à dominação portuguesa e como elemento diferenciador do Brasil em relação à metrópole foi trabalhada superficialmente, via imprensa e folhetos (José Bonifácio, por exemplo, editou um periódico chamado *O Tamoio*). Em compensação, os indígenas, principalmente aquelas tribos consideradas tapuias²¹⁷ ainda sofriam as conseqüências de sua marginalização

²¹³ RICUPERO, Op. Cit., p. 33.

²¹⁴ Id., *ibid.*, p.37.

²¹⁵ MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo Literário e Crítica Romântica**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991. pp. 42-43. Está se referindo aqui às obras de Friedrich Bouterwek e Simonde de Sismondi.

²¹⁶ TREECE, David. Victims, Allies, Rebels: Towards a New History of Nineteenth-Century Indianism in Brazil. **Portuguese Studies**. Nº 2, pp. 56-98, Londres, 1986. pp. 57-58.

²¹⁷ A diferença entre tupis e tapuias foi criada ainda no século XVI para designar as tribos litorâneas, mais “pacíficas” e dadas ao trabalho compulsório (tupis) e aquelas do sertão, que reagiam aos esforços colonizadores dos portugueses agressivamente (tapuias). Para uma discussão mais aprofundada da criação

através do Diretório Pombalino e, posteriormente, das Guerras Justas, reinstituídas por D. João VI quando de seu impulso expansionista a partir de 1808. A situação dos tapuias e a existência de frentes de expansão no Brasil através do período imperial fazem com que exista a necessidade de se deixar claro que o indígena valorizado pelos indianistas é “[...] *the primitive in his mythical, ideal state, before or upon the impact of the Conquest, relying for the descriptive, ethnographical detail on the sixteenth- and seventeenth-century crônicas of Cardim and Brandão*”²¹⁸.

Essa tendência continua no que Treece identifica como a segunda fase do indianismo, sobretudo nas obras de Alencar, que não é marcada pelas temáticas militares das obras poéticas de Gonçalves de Magalhães e Gonçalves Dias. Além disso, é preciso explicitar uma diferença crucial entre poetas indianistas e o romancista Alencar: Treece chama a atenção para o fato de existir um grupo de origem mestiça na comunidade intelectual brasileira, como é o caso de Dias, cuja situação social e racial os levava a adotar uma visão pessimista da vida no Império²¹⁹. Ainda assim, não existe muita diferença na romantização e idealização de indígenas por parte de Dias e Alencar, por exemplo, principalmente acerca da idéia do que era esse autóctone: em 1858, Gonçalves Dias voltou ao Brasil para fazer parte de uma comissão científica com a finalidade de explorar o sertão do norte brasileiro. Ao se deparar com as tribos do norte do Amazonas, o poeta se recusa a aceitar que eles fossem realmente indígenas, referindo-se a eles como “mestiços” ou “negros”²²⁰. Como veremos a seguir, essa é uma tendência do indianismo brasileiro, mesmo em sua vertente alencariana, considerada “conciliatória”.

2.1.3. Moicanos e Goitacazes, Hurons e Aimorés

Quando Cooper, como parte da tendência de se produzir uma literatura simpática ao indígena nos Estados Unidos, escreveu sobre os Delaware, estes já haviam sido

destas categorias ver: MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores**: estudos de história indígena e indigenismo. Tese de Livre Docência. Campinas: UNICAMP, 2001.

²¹⁸ TREECE, Op. Cit, p. 59. “[...] o primitivo em seu estado mítico, ideal, antes ou durante o impacto da Conquista, apoiando-se para os detalhes descritivos, etnogáficos nas crônicas dos séculos XVI e XVII e de Cardim e Brandão.” (trad. minha).” No que diz respeito às referências dos autores, Treece está aqui remetendo à Gonçalves Dias e os primeiros indianistas, deste período entre 1835 e 1850.

²¹⁹ Id., *ibid.*, p. 65.

²²⁰ HABERLY, David. **Three Sad Races**: Racial Identity and national consciousness in Brazilian literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. pp. 20-21.

eliminados. Embora o estadunidense não seja tão claro como Alencar sobre suas fontes, mesmo utilizando notas de roda-pé ao longo do texto para esclarecer aspectos da paisagem, dos indígenas ou dos costumes norte-americanos, ele explicitou não apenas em suas notas, como também em prefácios, sua opinião acerca dos já extintos nativos:

“There is a well authenticated and disgraceful history of the means by which the Dutch on one side, and the Mengwe on the other, succeeded in persuading the Lenape to lay aside their arms, trusting their defense entirely to the latter, and becoming, in short, in the figurative language of the natives, ‘women’. The policy on the part of the Dutch was a safe one, however generous it may have been. From that moment may be dated the downfall of the greatest and most civilized of the Indian nations, that existed within the limits of the present United States. Robbed by the whites, and murdered and oppressed by the savages, they lingered for a time around their council-fire, but finally broke off in bands, and sought refuge in the western wilds. Like the luster of the dying lamp, their glory shone in the brightest as they were about to become extinct.”²²¹

Assim como os indianistas brasileiros, que glorificavam os já eliminados tupis, os moicanos (referidos no texto acima como Lenape) também haviam sido “extintos”. A peculiaridade de Cooper está na atribuição do destino do que ele chama de a mais civilizada nação indígena a *outros* indígenas e não aos colonizadores brancos, no caso, os holandeses, baseado nos relatos do missionário John Heckewelder, como será explorado mais adiante.

Os “mengwe”, referidos no romance como “mingos”, hurons ou iroqueses²²² não apenas são inimigos dos moicanos Chingackook e Uncas, mas também aliados dos franceses na Guerra dos Sete Anos. Magua, o vilão do romance, é um huron que se faz passar por aliado dos ingleses com o objetivo de assassinar Cora e Alice em vingança ao tratamento que recebeu do pai das moças quando prisioneiro dos britânicos. Mas a presença dos hurons no romance não se limita apenas a serem responsáveis pelo desaparecimento dos moicanos. Com a exceção de Magua, nenhum outro huron aparece se expressando verbalmente através de algo que não gritos apavorantes e súbitos. Seu

²²¹ COOPER, James Fenimore. Preface to the First Edition (1826) In: **The Last of the Mohicans**. New York: The Modern Library, 2001. p. xxvii. “Há uma história bem autenticada e desgraçada dos meios pelos quais os holandeses, por um lado, e os Mengwe, por outro, tiveram sucesso em persuadir os Lenape a deixar de lado suas armas, confiando sua defesa inteiramente a estes, e tornando-se, em suma, na linguagem figurativa dos nativos, ‘mulheres’. A política da parte dos holandeses era segura, ainda que fosse generosa. A partir deste momento pode ser datada a decadência da maior e mais civilizada nação indígena que existiu nos limites dos atuais Estados Unidos. Roubados pelos brancos e assassinados e oprimidos pelos selvagens, eles permaneceram por um tempo em sua tribo, mas finalmente acabaram dispersos em bandos e procuraram refúgio nas terras selvagens do oeste. Como o lustro de um lâmpião apagado, sua glória brilhou mais brilhantemente quando estavam prestes a extinguirem-se.”

²²² “Mingo” é uma corruptela de *mingwe*, uma palavra que quer dizer “traíçoeiro”. O termo era empregado por colonos ingleses para denominar bandos Iroqueses – indígenas do nordeste dos Estados Unidos que formaram uma liga de Seis Nações constituída por senecas, onondaga, cayuga, mohawk e tuscarora. Estes indígenas, durante a Guerra dos Sete Anos acabaram aliando-se aos franceses, opondo-se a ocupação britânica. Os franceses, por sua vez, chamavam os Iroqueses de “hurons”. Ver: HOXIE, Op. Cit., pp. 380-381.

comportamento animalesco contrasta com a serenidade e dignidade de Uncas e Chingachkook, discretos até mesmo quando atacam o inimigo. A passagem mais ilustrativa dessa peculiaridade é inclusive aquela pela qual Cooper foi criticado pelo excesso de violência: o ataque ao Forte William Henry, comandado pelo Coronel Munro.

*“The flow of blood might be likened to the out breaking of a torrent; and as the natives became heated and maddened by the sight, many among them even kneeled to the earth, and drank freely, exultingly, hellishly, of the crimson tide.”*²²³

Da mesma forma, apesar da categorização do indianismo de Alencar como conciliatório por diversos autores da crítica literária²²⁴, não apenas se glorifica o índio já eliminado, das tribos litorâneas, como se recusa a associar o indígena contemporâneo com o da literatura. Na nota de roda-pé em que o autor se refere a Peri, ele explica exatamente que tipo de indígena seu herói é:

*“Um índio: O tipo que descrevemos é inteiramente copiado das observações que se encontram em todos os cronistas. Em um ponto porém variam os escritores; uns dão aos nossos selvagens uma estatura abaixo da regular; outros uma estatura alta. Neste ponto preferi guiar-me por Gabriel Soares que escreveu em 1580, e que nesse tempo devia conhecer a raça indígena em todo o seu vigor, e não degenerada com que se tornou depois.”*²²⁵

É importante considerar que no Brasil oitocentista, os índios, além de serem divididos entre tupis e tapuias, também eram passíveis de uma subdivisão, que segundo Manuela Carneiro da Cunha tinha fins práticos, ligados à administração: “bravos” e “domésticos”, sendo estas aquelas que eram enfrentadas militarmente pelo Império, ainda no século XIX. Peri, além de ser um índio “doméstico”, é um tupi, que segundo Cunha, “já estão virtualmente ou extintos ou supostamente assimilados”. Segundo a autora, são estes os índios glorificados pela literatura²²⁶.

No entanto, a tribo inimiga não apenas dos portugueses, como dos goitacazes, os aimorés, não tinha sido eliminada como é o caso dos hurons de Cooper. Juntamente com os botocudos, motivaram o questionamento neste período acerca da humanidade dos índios, desdobramento das tendências científicas oriundas do desenvolvimento da

²²³ COOPER, James Fenimore. **The Last of the Mohicans**, Op. Cit., p. 168. “O derramamento de sangue poderia ser comparado com o de uma torrente; e na medida em que os nativos ficavam enlouquecidos pela visão, muitos deles até se ajoelharam no chão e beberam livre, exultante, demoniacamente da maré vermelha.”

²²⁴ David Treece e Doris Sommer associam a ficção de Alencar com o período do Gabinete de Conciliação. Ver TREECE, Op. Cit., p. 67.; SOMMER, Op. Cit., p. 182.

²²⁵ ALENCAR, José de. **O Guarani**, p. 543.

²²⁶ CUNHA, Manuela Carneiro da. Política Indigenista no século XIX. In: **História dos Índios no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras; Sec. Mun. de Cultura; Fapesp, 1992. p. 136.

história natural. Segundo Cunha, contudo, o debate se dava geralmente de forma polarizada internacionalmente, com os letrados brasileiros defendendo os indígenas. Mas internamente, a idéia dos índios como equivalentes a animais era comumente expressa, como é o caso do presidente da província de Minas Gerais em 1827, que quando perguntado acerca da índole das duas tribos, referiu-se aos mesmos como sendo semelhantes a tigres e leões²²⁷.

Alencar ao descrevê-los, também não poupa analogias semelhantes:

“Homens quase nus, de estatura gigantesca e aspecto feroz; cobertos de peles de animais e penas amarelas e escarlates, armados de grossas clavas e arcos enormes, avançavam soltando gritos medonhos.

A inúbia retroava; o som dos instrumentos de guerra misturado com os brados e alaridos formavam um concerto horrível em harmonia sinistra que revelava os instintos dessa horda selvagem reduzida à brutalidade das feras.”²²⁸

Essas concepções do indígena e seu papel na “gênese” da nação não está restrita, contudo, a descrições e à construção destes personagens nos romances, mas também em como os anglo-americanos e luso-brasileiros se relacionam com eles, mais marcadamente as personagens femininas.

2.2. Loiras e Morenas

Os romances indianistas de Alencar e os *Leatherstocking Tales* de Cooper são alvos de algumas comparações, tendo em vista a possível influência do norte-americano no trabalho do brasileiro. Como já foi mencionado, Alencar negava qualquer dívida com Cooper, embora a crítica literária desde o século XIX os relacionasse. A possibilidade, contudo, do contato do cearense com esses romances era grande, na medida em que Cooper era amplamente publicado na Europa e, que, ainda que um ano após a publicação de *O Guarani*, *The Last of the Mohicans* ganhar uma edição em português, feita por Caetano Lopes de Moura, tradutor também de Scott e Chateaubriand²²⁹. Contudo, a única análise localizada que compara diretamente *O Guarani* e *The Last of*

²²⁷ Id., *ibid.*, p. 134.

²²⁸ ALENCAR, Op. Cit., p. 380.

²²⁹ Ver: VEIGA, Cláudio. **Um Brasileiro Soldado de Napoleão**. São Paulo: Ática, 1979.

the Mohicans é a de Consuelo Loureiro, de 1975, que é apenas descritiva dos pontos em comum e das discrepâncias entre os dois romances²³⁰.

Minha proposta, como já foi mencionado, é uma análise destes dois romances sob duas perspectivas: a historiográfica, os levando em consideração como representações do passado, e a de gênero, dando ênfase para a construção das personagens femininas em relação a necessidade de se conceber a originalidade tanto do Brasil como dos Estados Unidos em contraposição à Europa. Assim, minha análise parte de como estes dois escritores tomaram elementos do passado colonial e da experiência de homens e mulheres, fictícios ou não, europeus ou indígenas, para elaborar o que consideravam narrativas de gênese.

Conforme visto até agora, a construção dos narradores de prosa de ficção nos romances de Alencar e Cooper deriva de narrativas produzidas no período colonial ou dos primórdios da nação, que não tinham o propósito de promover uma identidade nacional no sentido moderno. A vinculação de Cooper e de Alencar com a história é bem clara no corpo de seus textos. Alencar cita historiadores, inclusive Francisco Adolfo de Varnhagen²³¹. Já Cooper após narrar os acontecimentos do Massacre do Forte William Henry, refere-se à história como sendo, para ele, uma “musa irmã”²³².

Tanto *The Last of the Mohicans* como *O Guarani* apresentam a mesma estrutura do romance romântico desenvolvido por Walter Scott: uma determinada realidade de um passado distante é usada como pano-de-fundo para a ação de personagens tanto históricos como fictícios com o intuito de se retratar a gênese da nação.

No caso de Cooper, o pano-de-fundo é a Guerra dos Sete Anos e, mais especificamente, o Massacre do Forte William Henry. Depois de acordar com os franceses sua rendição militares britânicos, milicianos anglo-americanos, mulheres e crianças foram mortas por soldados franceses e seus indígenas aliados. Cooper não cita fontes, mas David P. French aponta uma lista de documentos e relatos aos quais Cooper muito provavelmente obteve acesso quando começou a pesquisar a genealogia de sua esposa. De fato, o forte havia sido comandado pelo Tenente Coronel George Monro, sepultado nas proximidades da escola que Cooper frequentou quando criança no interior de Nova York. Em livros de história militar do período, o forte consta como tendo sido

²³⁰ LOUREIRO, Consuelo M. O Último dos Mohicanos e O Guarani: duas visões paralelas do Novo Mundo. Revista de Letras, n° 4, Curitiba, 1975. pp. 111-120.

²³¹ ALENCAR, José de. **O Guarani**. p. 545.

²³² COOPER, Op. Cit., p. 172.

sitiado por muitos dias, até a rendição dos britânicos, que depois foram mortos apesar dos acordos entre oficiais de ambos os lados²³³.

O Guarani é ambientado durante o período da União Ibérica, no qual, em um ato de rebeldia, D. Antônio de Mariz e sua família, uma das primeiras a fundar e povoar a cidade do Rio de Janeiro, refugiam-se no interior, onde o fidalgo poderia continuar vivendo como se fosse português. Alencar não revela a seus leitores o quanto disso tudo ele obteve de suas fontes, mas assinala em nota de rodapé a existência de D. Antônio, sua esposa e seu filho mais velho, D. Diogo²³⁴.

No entanto, as quatro personagens femininas, filhas destes homens que Alencar e Cooper encontraram em anais históricos ou relatos, são fictícias. No caso de Cooper, não há evidência nenhuma da existência de equivalentes a Cora e Alice Munro, assim como Alencar não faz referência a fontes relacionadas a Isabel ou Cecília. Se a presença de personagens históricas e de um marco temporal e espacial, envolvendo a descrição detalhada da paisagem local e dos costumes tem o objetivo de garantir a verossimilhança da narrativa, as protagonistas femininas citadas são essenciais para a relação da formação da nação com o exótico, no caso, o elemento indígena.

Contudo é necessário considerar como a diferença entre homens e mulheres era pensada no século XIX. Linda Nicholson, tratando das questões ligadas ao uso dos termos “sexo” e “gênero” para determinar essas diferenças, chama a atenção para a necessidade de se historicizar a forma que entendemos o corpo humano. Segundo Nicholson, é entre os séculos XVIII e XIX que se começa a pensá-lo a partir do ponto de vista da metafísica materialista, ou seja, a se conceber as pessoas como matéria em movimento²³⁵. A partir dessa perspectiva, o aspecto físico de homens e mulheres ganha o atributo de ser uma testemunha da natureza. Assim, o corpo passa a ser visto não somente como fonte de informações sobre a natureza humana, mas também influenciado por aspectos exteriores²³⁶.

Essa transformação ocorre dentro de um processo já mencionado aqui: o do surgimento da História Natural como parte da nova consciência planetária desenvolvida após os Descobrimentos. O homem torna-se passível de ser descrito, classificado, organizado. Isso se aplica não somente à questão das raças – empregadas pela primeira

²³³ FRENCH, David P. James Fenimore Cooper and Fort William Henry. *American Literature*. Vol. 32 n° 1, pp. 28-38, Durnham, NC, 1960.

²³⁴ ALENCAR, José de. *O Guarani*. p. 543.

²³⁵ NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. *Estudos Feministas*. Vol. 8, n° 2, Florianópolis, 2000. p. 12.

²³⁶ Id., *ibid.*, p. 13-14

vez com a publicação do *Sistema Natural* de Carolous Linnaeus –, como também implica a re-elaboração de distinções já existentes. De acordo com a autora, não há a criação de uma distinção entre masculino e feminino, mas sim uma maior atenção à importância das características físicas para esta distinção: o que eram considerados apenas marcas ou sinais, passam a ser a origem da diferença. Há, assim, uma ruptura com uma noção herdada dos gregos, de que o corpo humano era unissexuado, e o corpo feminino tratava-se do corpo masculino incompleto e, portanto, inferior. É com o surgimento da consciência naturalista e quando conseqüentemente, a Bíblia e os escritos de Aristóteles perdem sua autoridade como diretrizes do comportamento de homens e mulheres, que o corpo feminino passa a ser considerado completamente diferente do masculino, isso aplicando-se também ao que a autora chama de “conceitos-ponte” do século XVIII, como temperamento, constituição e sensibilidade²³⁷.

Essa mudança de consciência também se aplica, como já dito, à questão racial. O temperamento, a constituição e a sensibilidade de homens e mulheres também variam de acordo com sua raça, conforme a classificação de Linnaeus. No caso de Cooper e Alencar essas diferenças também se articularão na construção de suas heroínas, ambos os autores também se valendo de tradições próprias do romantismo. Renata Wasserman aponta para esse aspecto das personagens femininas de Cooper e Alencar nos romances estudados, afirmando que tanto Cora como Isabel são adaptações da tradição romântica oitocentista de heroínas morenas que morreram ao final de suas histórias, como a Corinne de Mme. De Stael²³⁸. Geralmente, tais heroínas são contrapostas a suas irmãs loiras e submissas, como é o caso de Alice e Cecília.

Assim sendo, as personagens mestiças/morenas possuem características bastante distintas de suas respectivas irmãs. Ademais, possuem tipos de beleza diferente, que atraem os personagens masculinos de formas diversas. O capítulo em que Alencar introduz as irmãs (que então aparecem como primas) Cecília e Isabel inclusive é intitulado “Loira e Morena”:

“No pequeno jardim da casa do Paquequer, uma linda moça se embalava indolentemente numa rede de palha presa aos ramos de uma acácia silvestre, que estremecendo deixava cair algumas de suas flores miúdas e perfumadas.

²³⁷ Id., *ibid.*, p. 16

²³⁸ WASSERMAN, Renata R. Mautner. *Re-Inventing the New World: Cooper and Alencar.*, pp. 137-138. Ver também: MOERS, Ellen. *Performing Heroism: The Myth of Corinne.* **Harvard English Studies**. Nº 6, pp. 319-350, Cambridge, 1975. Essa oposição entre uma heroína loira e uma morena, também aparece em *Ivanhoe*, de Walter Scott, nas figuras da saxã Lady Rowena e da judia Rebecca, que ao final do romance, ao invés de morrer queimada acusada de bruxaria, é salva, mas vai para a Espanha. SCOTT, Walter. *Ivanhoe*. New York: Penguin, 1994.

Os grandes olhos azuis, meio cerrados, às vezes se abriam languidamente como para se embeberem de luz, e abaixavam de novo as pálpebras rosadas.

[...] Sua tez alva e pura como um froco de algodão, tingia-se nas faces de uns longes cor-de-rosa, que iam, desmaiando, morrer no colo de linhas suaves e delicadas.

[...] Os longos cabelos louros, enrolados negligentemente em ricas tranças, descobriam a fronte alva, e caíam em volta do pescoço presos por uma rendinha finíssima de fios de palha cor de ouro, feita com uma arte e perfeição admirável.”²³⁹

Isabel, contudo, é praticamente o oposto de Cecília:

“Era um tipo inteiramente diferente do de Cecília; era o tipo brasileiro em toda sua graça e formosura, com o encantador contraste de languidez e malícia, de indolência e vivacidade.

Os olhos grandes e negros, o rosto moreno e rosado, cabelos pretos, lábios desdenhosos, sorriso provocador, davam a este rosto um poder de sedução irresistível.”²⁴⁰

O mesmo ocorre quando Cooper descreve as irmãs Munro pela primeira vez no romance:

“One, and she was the most juvenile in her appearance, though both were young, permitted glimpses of her dazzling complexion, fair golden hair, and bright blue eyes, to be caught, as she artlessly suffered the morning air to blow aside the green veil, which descended low from her beaver. The flush which still lingered above the pines in the western sky, was not more bright nor delicate than the bloom of her cheek; nor was the opening day more cheering than the animated smile which she bestowed on the youth, as he assisted her into the saddle. The other, who appeared to share equally in the attention of the young officer, concealed her charm from the gaze of the soldiery with a care that seemed better fitted to the experience of four or five additional years. It could be seen, however, that her person, though moulded with the same exquisite proportions, of which none of the graces were lost by the traveling dress she wore, was rather fuller and more mature than that of her companion.

[...] The tresses of this lady were shining and black, like the plumage of the raven. Her complexion was not brown, but it rather appeared charged with the colour of the rich blood, that seemed ready to burst its bounds. And yet there was neither coarseness, nor want of shadowing, in a countenance that was exquisitely regular and dignified, and surpassingly beautiful.”²⁴¹

²³⁹ ALENCAR, José de. **O Guarani**. p. 109.

²⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 111.

²⁴¹ COOPER, James Fenimore. **The Last of the Mohicans**. pp. 10-11. “Uma delas, e era aparentemente a mais jovem das duas, embora ambas fossem bastante novas, cada vez que o ar da manhã lhe agitava o véu verde pendente do chapéu de castor, deixava entrever a sua tez maravilhosa, o lindos cabelos louros e os olhos azuis muito expressivos. A cor roxa que ainda para o ocidente tingia levemente o céu por cima dos pinheiros não era nem mais resplandecente nem mais delicada que a frescura das suas faces; nem tão pouco a luz do dia ao nascer do sol era mais alegre e animada que o sorriso concedido ao jovem oficial que a ajudada a montar. A outra, que parecia partilhar igualmente das atenções do mesmo oficial, roubava os seus encantos dos olhos da soldadesca com tanto cuidado que indicava ser isto fruto da experiência de mais uns quatro ou cinco anos. Podia-se, porém, verificar que a sua figura, embora moldada nas mesmas deliciosas proporções, cuja graça o seu traje de viagem de modo algum dissimulava, era no entanto mais cheia e mais desenvolvida que a da sua companheira.

O contraste entre as irmãs, no entanto, não se limita apenas ao físico, como pode ser evidenciado nas descrições citadas acima. Os cabelos loiros e olhos azuis, tanto de Cecília como de Alice, e seu status de filhas legítimas lhes conferem a mesma pureza de caráter que os autores dão à sua linhagem. A ambas são atribuídas características infantis, são marcadas por sua fragilidade e se impressionam com qualquer evento inesperado. Peri sempre evita qualquer tipo de ação violenta que possa ofender ou assustar Cecília, enquanto a postura de Alice em relação à Magua, quando este ainda está se fazendo passar por seu guia, é drasticamente diferente da de Cora.

*“As they traversed that short distance, not a voice was heard amongst them; but a slight exclamation proceeded from the younger of the females, as the Indian runner glided by her, unexpectedly, and led the way along the military road in her front. Though this sudden and starting movement of the Indian, produced no sound from the other [Cora], in the surprise, her veil also was allowed to open its folds, and betrayed an indescribable look of pity, admiration and horror, as her dark eye followed the easy motions of the savage.”*²⁴²

A questão da fragilidade é vista como central nessa diferença entre loiras e morenas, já que se trata de uma característica inerentemente feminina, associada à beleza. Steven Blakemore analisa *The Last of the Mohicans*, buscando a apropriação que Cooper teria feito dos conceitos de belo e sublime como formulados por Edmund Burke, em *A Philosophical Enquiry into the Origin of our Ideas of the Sublime and Beautiful* (1757) e ao qual Cooper provavelmente teria tido acesso, já que Burke era muito popular nos Estados Unidos. Burke, segundo Blakemore, não somente tem os conceitos por inconciliáveis, como também a diferença entre ambos estaria relacionada com as distinções do período entre masculino e feminino. Assim, o belo estaria associado ao prazer, pena, empatia, compaixão, ternura, bondade, pequenez, suavidade,

[...] As tranças desta senhora eram negras e brilhantes como as asas do corvo. A sua tez não era morena, mas parecia antes deixar transparecer a côr do sangue opulento que se diria pronto a ultrapassar os seus limites. E contudo não existia na sua aparência a mais leve falta de distinção nem dos requintes geralmente inerentes a uma senhora de nascimento ilustre, pois o seu porte era cheio de dignidade, além de as suas feições serem de inexcelsível formosura.” (Tradução retirada de COOPER, James Fenimore. **O Últimos dos Moicanos**. São Paulo: W. M Jackson Editores, 1952. pp. 14-15.)

²⁴² Id., *ibid.*, p. 11. “Percorreram essa breve distância sem que qualquer deles pronunciasse uma palavra, mas a mais nova das mulheres deixou escapar uma ligeira exclamação quando o guia índio passou inesperadamente a seu lado e tomou a dianteira, guiando-os pela estrada militar que seguia em frente. Embora este subitito movimento do índio produzisse, naturalmente, certo susto, a mais velha das duas não o manifestou; porém, com um movimento de surpresa, as pregas de seu véu também se abriram e traíram um olhar indestricível, em que se liam ao mesmo tempo a pena, a admiração e o horror, à medida que os olhos negros seguiam os movimentos desembaraçados do selvagem.” (Trad. *id.*, *ibid.*, p. 14)

delicadeza, timidez, fragilidade e fraqueza. O sublime, com perigo, terror, majestade, violência, poder, punição e força²⁴³.

Além disso, Burke também dividira o belo e o sublime em dois tipos. Um primeiro tipo de belo, frágil e que inspira amor e proteção; outro fatal, sedutor, que geralmente leva à morte. Os dois tipos de sublime se dividiriam entre um que é ameaçador e produz terror; e outro que pode ser admirado a uma certa distância. Embora Blakemore afirme que Alice e Cora são o belo e o sublime, respectivamente²⁴⁴, penso que elas se dividem nos dois tipos de belo, em uma primeira instância, e que Cora teria alguns elementos do segundo tipo de sublime. O mesmo se aplicaria a Isabel e Cecília.

Isso se explica pelo comportamento das duas heroínas morenas/mestiças. Tanto Cora como Isabel não agem de acordo com características tipicamente femininas – como a fragilidade ou a fraqueza – durante todo o tempo em que aparecem nos romances. Um exemplo disso em *O Guarani* é como Cecília e Isabel lidam com seus sentimentos em relação a Álvaro de Sá, aventureiro ligado a D. Antônio e que o fidalgo deseja que case com Cecília. Quando confrontada pelo rapaz a respeito de por que motivo estava sofrendo, Isabel, embora hesite, admite com franqueza que é devido a seu amor por ele. Cecília, sempre que Álvaro se aproxima dela, nunca diz nada, apenas enrubesce corada e procura receber as atenções do rapaz como seu pai deseja. Seu comportamento é muito mais passivo do que o de Isabel.

Essa determinação do feminino como dependente da proteção masculina percorre ambos os romances, relacionada com a apropriação, por parte dos românticos, de uma ideal de código de cavalaria medieval. Gary Dyer, analisando como os romances históricos românticos lidam com os problemas intrínsecos ao desejo cavalheiresco de se proteger mulheres – que muitas vezes se torna inconseqüente – aponta o choque entre a resolução feminina de morrer ao invés de ser abusada e a ambigüidade de seus malfeitores como sendo uma crítica por parte dos românticos aos códigos medievais²⁴⁵. No entanto, a idéia de um padrão de comportamento que exige o auto-sacrifício do homem para se manter um monopólio da proteção das mulheres – seja esta para servir interesses masculinos ou para a manutenção da posição da mulher na

²⁴³ BLAKEMORE, Steven. “Without a Cross”: The Cultural Significance of the Sublime and Beautiful in Cooper’s “The Last of the Mohicans.” *Nineteenth-Century Literature*, Vol. 52, nº 1, pp. 27-57, California, 1997. p. 28.

²⁴⁴ Id., *ibid.*, p. 46.

²⁴⁵ DYER, Gary. Irresolute Ravishers and the Sexual Economy of Chivalry in the Romantic Novel. *Nineteenth-Century Literature*. Vol. 55, nº 3, pp. 340-368, California, 2000

sociedade – é evidente de duas formas ao longo dos romances, associada com as determinações de caráter das heroínas morenas/mestiças e loiras.

Dentro da articulação de elementos narrativos europeus com americanos, o ponto central é a questão da ameaça às personagens femininas. Para ambos os romancistas, esse perigo é o ambiente inóspito do interior do continente americano, o que inclui, logicamente, as tribos retratadas pelos autores como degeneradas ou selvagens; no caso, os hurons e os aimorés. A função dos homens, portanto, é protegê-las dessas ameaças, o que no caso de Cooper é mais contundente por sua apropriação dos relatos de cativas. Se Slotkin afirma que Cooper é o primeiro autor a concretizar a violência como parte do mito da fronteira norte-americano, David Haberly considera que Cooper, em seu propósito de idealizar tanto a fronteira como o indígena já extinto, teve de conciliar a violência com este propósito, que tem as personagens femininas desempenhando um papel central. Para tanto, Cooper lança mão dos contrastes entre heroínas morenas/mestiças e loiras²⁴⁶. Cora e Alice têm reações diferentes à experiência do cativo, derivadas de características intrínsecas à sua mestiçagem e pureza, respectivamente.

Haberly afirma que as mulheres cativas corriam três perigos adicionais, além daqueles normais de qualquer cativo, seja tortura ou morte: o primeiro era a defeminização, ou seja, a possibilidade de que a cativa adote posturas só cabíveis a homens por conta da necessidade de se defender-se: “*Bravery, quickness of action, mental and physical independence – and even the sheeding of blood – were totally at odds with the ideal of the sentimental heroine*”²⁴⁷.

O segundo era a possibilidade de estupro, muitas vezes atenuada com o casamento forçado com indígenas. Geralmente, a maioria das cativas negava, em seus relatos, terem sofrido esse tipo de abuso: ou afirmando que apesar de outras mulheres o sofrerem, elas não haviam passado por isso; ou negando a possibilidade por completo. O terceiro perigo iminente era a indianização. Assim, além da possibilidade de perder sua feminilidade e sua honra, as cativas também poderiam perder os atributos de sua raça. O alarme causado por esse problema era ligado à aceitação, por parte das cativas,

²⁴⁶ HABERLY, David T. Women and Indians: *The Last of the Mohicans* and the Captivity Tradition. *American Quarterly*. Vol. 26, nº 4, pp. 431-444, Baltimore, 1976. pp. 433-437.

²⁴⁷ Id., *ibid.*, p. 434. “Bravura, rapidez de ação, independência mental e física – e até o derramamento de sangue – eram opostos ao ideal da heroína sentimental.” (trad. minha) Haberly aponta o exemplo de Hannah Dustin - que livrou a si e ao marido do cativo indígena matando seus captores à machadadas - como sendo recriminada por Henry Thoreau e Nathaniel Hawthorne por suas atitudes.

de manter relações sexuais com os indígenas, geralmente consequência de um possível casamento²⁴⁸.

No entanto, como *The Last of the Mohicans* lida com duas reações diferentes ao cativo, os perigos apresentados a Cora e Alice variam. Alice só corre aquele perigo que seria normal a todo cativo: a morte. Enquanto isso, Cora passa o romance inteiro ameaçada pelos três tipos de perigo identificados por Haberly. Ela não apenas desempenha a função de proteger Alice em diversos momentos, como também toma atitudes que não são características de seu sexo, ou seja, de alguém dependente de homens para se defender. Quando capturadas por Magua depois do massacre, Cora deixa uma trilha feita com seu véu para que os homens possam encontrá-las mais facilmente. Além disso, ela sistematicamente apresenta aquela resolução feminina que Dyer considera uma crítica ao código de cavalaria medieval: quando Magua quer forçá-la a casar-se com ele, ela afirma que prefere morrer, pedindo ao indígena que a mate²⁴⁹.

Assim, os limites entre o masculino e o feminino são tão fluidos em Cora quanto seus limites raciais, justamente por ela não ser uma mulher pura. Devido a essa fluidez, ela deve morrer ao final do romance, não somente pelas características intrínsecas à sua condição de heroína morena/mestiça, mas também porque ela e Uncas apaixonam-se um pelo outro. E é justamente quando o indígena tenta exercer seu papel de defendê-la que ambos morrem: em um momento de distração de Magua, um de seus companheiros – e aqui a ênfase nos atributos animais e selvagens dos hurons é evidente – apunhala Cora. Uncas perde a razão e é morto por Magua, que, por sua vez, despenca do precipício onde a cena se passa, vítima do rifle de Natty Bumppo²⁵⁰.

A questão da proteção das mulheres também é o eixo principal de *O Guarani*, embora isso não esteja diretamente associado a um tipo de narrativa específico²⁵¹. Cecília e Isabel também devem ser protegidas dos perigos que a natureza brasileira apresenta, embora a ênfase seja colocada em Cecília. Peri torna-se um agregado de D. Antônio justamente por salvar a vida da moça e quando sua estada ali é questionada pela esposa do fidalgo, descobre-se que na verdade o perigo que o indígena aparentou causar foi justamente porque estava a protegendo mais uma vez²⁵². Ao contrário de

²⁴⁸ Id, ibid., pp. 434-436.

²⁴⁹ COOPER, James Fenimore. **The Last of the Mohicans**. p.330.

²⁵⁰ Id. ibid., pp. 330-331.

²⁵¹ A cena de cativo de *O Guarani* é quando Peri torna-se cativo dos Aimorés, para a qual Alencar usa como fonte o relato de Gabriel Soares de Sousa sobre os tupinambás. José de Alencar. **O Guarani**. p. 223.

²⁵² Id., ibid. p. 139.

Alice, Cecília corre os mesmos perigos que Cora, exceto ser forçada a casar-se com um indígena. A ameaça a sua honra está na figura de Loredano, um ex-frade italiano que quer trair D. Antônio por ter um mapa indicando a presença de minas de prata nas terras do português. Mas diferentemente de Cora, Cecília não mostra a mesma resolução quando ameaçada. Peri a salva sem ela sequer saber²⁵³. Nesse quesito, é Isabel que corresponde aos seus atributos de heroína morena/mestiça, tomando em suas mãos o seu destino e de Álvaro quando este aparece morto depois do ataque dos Aimorés. Ela se tranca no quarto com o corpo do rapaz e acende uma vela, para morrer asfixiada com a fumaça. Prefere, portanto, morrer a viver sem o amante²⁵⁴.

Análises da obra de Alencar pela crítica literária sempre o colocam como apresentando uma maior fluidez no tratamento de diferentes categorias raciais. Doris Sommer analisa os romances românticos “fundacionais” da América Latina sob a hipótese de que suas narrativas eram geralmente histórias de amor, onde os autóctones, que conferiam às nações americanas sua originalidade, seriam incluídos na sociedade através do amor e do erotismo. No capítulo a respeito de Alencar, em que analisa *O Guarani* e *Iracema*, sua conclusão é que a inclusão do indígena tem um resultado e uma conotação positiva.²⁵⁵

Renata Wasserman, em sua análise do romancista brasileiro, vai além, afirmando que os romances de Alencar são o início da ideologia do elogio da mestiçagem, que passaria por leituras de Alencar pela crítica do final do século XIX e de Gilberto Freyre²⁵⁶.

No entanto, contrapondo *O Guarani* e *The Last of the Mohicans* em suas construções do feminino e sua relação com o exótico, podemos ver que a fluidez de categorias atribuídas a Alencar é relativa, mesmo que o discurso de Cooper seja muito mais normativo. Para Cora e Uncas morrerem ao final do romance basta apenas sua relação ser insinuada, ainda que a moça ganhe um funeral indígena e que as índias na cerimônia cantem a respeito da união dos dois amantes em outro plano²⁵⁷. Os únicos amantes a declarar seu amor no romance são Alice e Heyward, dentro da situação apontada anteriormente de que as heroínas loiras e puras sempre se casam com o herói em contraposição a suas irmãs morenas. Dentro de um gênero que estava se tornando

²⁵³ Id., *ibid.* p. 180.

²⁵⁴ Id., *ibid.*, pp. 240-241.

²⁵⁵ SOMMER, Op. Cit., pp. 190-191.

²⁵⁶ WASSERMAN, Renata R. Mautner. *The Red and the White: The “Indian” Novels of José de Alencar*. PMLA. Vol. 98, n° 5, pp. 817-827, Nova York, 1983. pp. 815-820.

²⁵⁷ COOPER, James Fenimore. *The Last of the Mohicans*. p. 339.

extremamente popular nos Estados Unidos, Cooper era realmente mais estático em suas categorias de raça e gênero do que outros romancistas do período, principalmente mulheres²⁵⁸. Até mesmo em sua personagem mais “indianizada”, Natty Bumppo, a mestiçagem não sai de um plano cultural e Bumppo afirma repetidamente ao longo de toda a série de romances que ele é um homem puro, assim como seus companheiros indígenas também o são²⁵⁹.

Entretanto, Alencar também aborta relações mestiças, como é o caso de Isabel e Álvaro, também o único casal do romance a declarar seu amor um pelo outro. Além disso, apesar de análises como a de Valéria de Marco afirmarem que as mulheres alencarianas sempre conduzem à formação da sociedade brasileira, transgredindo limites²⁶⁰, quem atravessa os limites de sua etnicidade é Peri. Em primeiro lugar, o indígena abandona sua tribo para proteger Cecília e, embora em um primeiro momento recuse a conversão ao cristianismo justamente para poder matar sem culpa e dessa forma ser mais eficaz na proteção da moça, quando D. Antônio lhe incumbe tarefa de fugir com Cecília para a cidade, salvando-a da explosão que mata não somente o fidalgo, mas toda a família e os indígenas que a atacavam, Peri é obrigado a se batizar. O auto-sacrifício do homem que tem o dever de proteger a mulher é presente até o final do romance, deixado em aberto.

Apesar de inúmeras leituras atribuírem um final positivo ao romance de Alencar, justamente a ambigüidade de seu final mostra que Alencar ainda não estava disposto a transpor as categorias de raça para escrever a gênese do Brasil. A inclusão é, no caso, a de um indígena que além de não existir mais no século XIX, sacrifica sua identidade para supostamente fundar a nação, assim como mais tarde Alencar retratará o sacrifício de Iracema no romance de mesmo nome, analisado no capítulo a seguir. *Iracema* será colocada lado a lado com *The Deerslayer*, romance de Cooper de 1841, onde a possibilidade de mestiçagem também é retratada pelo norte-americano, embora de forma drasticamente diferente.

²⁵⁸ WOJDAT, Caroline M. Puritan Daughters and “Wild” Indians: Elizabeth Oakes Smith’s Narratives of Domestic Captivity. *Legacy*. Vol. 1. n° 1, pp. 21-34, Lincoln, NE, 2001. p. 23.

²⁵⁹ Ver FREITAS, Renata Dal Sasso. **A Construção do Homem de Fronteira na Série de Romances *The Leatherstocking Tales (1823-1841)***. Porto Alegre: UFRGS (mimeo), 2003.

²⁶⁰ DE MARCO, Valéria. As Mulheres Fundadoras de Alencar. In: GAZOLLA, Lúcia Almeida (org.). **A Mulher na Literatura**. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990. pp. 80-85.

Capítulo 3 – A Inocência da América

*“I wish I could persuade you to undertake a naval story on your own inland Seas. – The late unfortunate war gave rise to many gallant encounters on your lakes, which wrought up into a story could scarcely fail to be interesting to readers on both sides of the water. It would unite pictures of the border country, and possess a fresh interest. Do me the favor again to think of this, which I believe I previously had the pleasure of proposing to you.”*²⁶¹

Nessa carta de 6 de abril de 1839, Richard Bentley, o editor de James Fenimore Cooper na Inglaterra, tentava convencê-lo a escrever o romance que viria a ser *The Pathfinder (or The Inland Sea)*, o quarto da série *The Leatherstocking Tales*. Treze anos depois de narrar a morte do protagonista Natty Bumppo em *The Prairie* (1827), Cooper voltaria a escrever suas aventuras. Mas o retorno de Bumppo às prateleiras das livrarias norte-americanas e européias não foi suscitado por simples sentimentos nostálgicos de seu autor ou a mera sugestão do editor britânico. De acordo com Stephen Raylton, os trabalhos do nova-iorquino a partir da década de 1830 passaram a interessar a muito poucos leitores, sobretudo porque traziam comentários acerca da sociedade norte-americana que acabaram por desagradar seus compatriotas²⁶². Assim, Cooper encontrava-se em um ponto de sua carreira, em que precisava retomar seu prestígio literário, principalmente por motivos financeiros.

As desavenças de Cooper com seu público leitor iniciaram durante sua estadia na França, ainda no final da década de 1820. Cooper subitamente começou a reagir às concepções européias a respeito dos norte-americanos e, devido as suas vendas serem maiores na Europa do que em seu país de origem, voltou sua atenção mais para o mercado europeu. Em 1829, lançou *Notions of the Americans*, uma espécie de texto de divulgação a respeito dos Estados Unidos voltado para o público do Velho Mundo. Aparentemente, Cooper estava tomando como seu dever ilustrar os europeus a respeito de sua terra natal. Até então, o escritor ainda se mantinha enquanto o romancista mais popular em seu país. No entanto, a partir de seu envolvimento com os acontecimentos que transcorreram na França nos primeiros anos da década de 1830, os primeiros

²⁶¹ RAYLTON, Op. Cit., p. 194 “Eu gostaria de poder persuadi-lo a escrever uma história naval nos seus próprios Mares de dentro. – A última infeliz guerra deu margem a muitos encontros em seus lagos, o que forjado em uma história não poderia deixar de ser interessante para leitores dos dois lados do oceano. Poderia unir imagens da região da fronteira e possuir novo interesse. Faça o favor de pensar nisso, o qual, eu acredito, já tive o prazer de lhe propor.”

²⁶² Id., *ibid.*, pp. 194-195

conflitos entre Cooper e parte da elite norte-americana começaram, e se transpuseram do âmbito político para o literário.

Segundo Anne Loveland, os resultados da Revolução de 1830 desiludiram Cooper a respeito das posturas de seu amigo General Lafayette. O que inicialmente seria a instauração de um “trono popular com instituições republicanas” transformou-se em um governo aristocrático, o que Cooper abominava. O tema da aristocracia se colocando por trás de uma república foi abordado por ele em seu romance *The Bravo*, lançado em 1831, ambientado em Veneza. Do ponto de vista de Cooper, havia um conflito político essencial em seu tempo, entre democracia e a aristocracia; e *The Bravo* constituiu-se em um ataque não só ao governo de Luis Felipe, mas também a seus compatriotas que, em sua visão, não compreendiam os acontecimentos na Europa e eram levados a acreditar que as minorias podiam governar as nações; no caso dos Estados Unidos, uma oligarquia comercial que mais tarde iria autodenominar-se *Whigs*²⁶³.

Além disso, também há o envolvimento de Cooper no que é chamado de *French Finance Controversy*²⁶⁴: um debate a respeito da rentabilidade financeira dos governos francês e norte-americano²⁶⁵. A posição de Cooper, derivada de sua concepção supracitada, era de que o exemplo norte-americano deveria ser seguido não só pela França, mas também por outras nações européias. O debate, iniciado por um artigo de Louis Sebastien Saulnier na *Revue Britannique*, que afirmava que o governo norte-americano era mais caro do que o francês, tinha como argumento o fato de que uma república era, portanto, mais cara do que uma monarquia. A resposta de Cooper ao artigo, embora não imediata, acabou resultando em um “amargo debate” na Câmara francesa, e diversos jornais o atacaram²⁶⁶. Por essas reações Cooper já esperava. No entanto, as críticas que mais o surpreenderam foram de norte-americanos residentes na Europa.

*“Cooper had already begun to suspect that Americans living abroad, particularly official representatives of the United States often did not truly represent American principles. The reaction of Americans in France to the Finance Controversy confirmed this suspicion”*²⁶⁷

²⁶³ LOVELAND, Anne C. James Fenimore Cooper and the American Mission. **American Quarterly**. Vol. 21, nº 2, pp. 244-258, Baltimore, 1969. pp. 244 – 247.

²⁶⁴ Controvérsia Financeira Francesa.

²⁶⁵ Id.,Ibid., p. 244.

²⁶⁶ Id.,Ibid., p. 247.

²⁶⁷ Id. Ibid., p. 248. “Cooper já havia começado a suspeitar de que os norte-americanos morando no exterior, particularmente aqueles representantes oficiais dos Estados Unidos, freqüentemente não representavam verdadeiramente os princípios norte-americanos. A reação dos norte-americanos na França à Controvérsia Fincanceira Francesa confirmavam essa suspeita.

Pior que essa reação, para o escritor, somente a dos norte-americanos que se encontravam em seu país. Na verdade, ela representava a confirmação de suas suspeitas de que uma elite estava concebendo um governo aristocrático por trás de uma fachada democrática. Cooper chegava a acreditar que esse grupo conspirava junto a seus equivalentes franceses em suprimir os esforços em prol dos princípios norte-americanos no exterior.

De acordo com Loveland, na verdade, os *Whigs* não tinham as intenções delineadas por Cooper. Sua reação somente implicava “(...) *the articulation of a conservative conception of the American mission in opposition to a more radical version*”²⁶⁸. Entre as críticas feitas a Cooper estava o fato de que, para os *Whigs*, ele estava violando o voto de não-interferência da Doutrina Monroe²⁶⁹ e que seu posicionamento estava causando problemas para as relações franco-americanas. Tal interferência era considerada fútil, na visão dos mesmos, por conta da falta de preparo que eles diagnosticavam nas instituições francesas para que o modelo norte-americano fosse seguido²⁷⁰.

Atacados pela imprensa francesa e estadunidense, os romances de Cooper, a partir de *The Bravo*, voltaram-se mais para o aspecto político do que seus anteriores. Segundo Robert H. Zoellner, o retorno de Cooper para os Estados Unidos, em 1832,

“[...] signaled the beginning of two decades of almost continual altercation between the novelist and the American public. His European experience appears to have made it impossible for him to understand, much less sympathize with, the strident rhythms of Jacksonian America.”²⁷¹

Esse “ritmo estridente” referido por Zoellner foi o que ficou conhecido como *Market Revolution*, uma nova concepção de democracia entre os norte-americanos, que acompanhavam as demandas do crescente mercado capitalista. A oposição de Cooper a essas mudanças, que inclusive o fizeram criticar o presidente Andrew Jackson, somado aos conflitos relativos a manutenção de sua propriedade em Cooperstown, deixaram o romancista em total descompasso com as condições de seu país, de acordo com a

²⁶⁸ Id., Ibid., p. 49. “ [...] a articulação de uma concepção conservadora da Missão Americana em oposição a uma versão mais radical.” A Missão Americana seria o propósito da nação.

²⁶⁹ Teoria apresentada para o Congresso norte-americano pelo presidente James Monroe no ano de 1823, quando da tentativa de retomada, por parte da Espanha, de seus territórios americanos, contendo três princípios gerais: a) o continente americano não pode ser objeto de recolonização; b) é inadmissível a intervenção de qualquer país europeu nos negócios internos ou externos de países americanos, e c) os Estados Unidos se absterão de intervir nos negócios pertinentes aos países europeus.

²⁷⁰ Id., Ibid., pp. 50 – 51.

²⁷¹ ZOELLNER, Robert H. Fenimore Cooper: Alienated American. *American Quarterly*. Vol. 13, nº 1, Baltimore, 1961, pp. 55-66. p. 56. “[...] assinalava o início de duas décadas de conflito contínuo entre o romancista e o público norte-americano. Sua experiência européia aparentemente tornou impossível que ele entendesse e muito menos simpatizasse com os ritmos estridentes da América Jacksoniana.”

opinião pública. Sua popularidade entrou em franco declínio, e as críticas aos seus romances, pautadas muito mais em questões políticas, refletiram em uma queda nas vendas dos mesmos. Foi nesse contexto de reabilitação perante o público leitor que Cooper retomou os *Leatherstocking Tales*.

Ao contrário do novaiorquino, quando *Iracema* foi publicado, a situação de José de Alencar era bastante diferente. Em uma crítica publicada em janeiro 1866, o também escritor e crítico Joaquim Maria Machado de Assis afirmou que o nome literário de Alencar “[...] escreve-se hoje com letras cintilantes: Mãe, Guarani, Diva, Lucíola e tantas outras; o Brasil tem o direito de pedir-lhe que Iracema não seja o ponto final”²⁷². No mesmo ano de publicação da história de amor entre uma indígena tabajara e um português, Alencar também terminava de editar *As Minas de Prata*.

Recém-casado com Georgiana, filha do médico britânico Thomas Cochrane, o cearense, já tinha uma reputação sólida como romancista e dramaturgo e seguia com sua carreira política, estando somente a três anos de se tornar Ministro da Justiça. Contudo, as origens de *Iracema* encontram-se em dois projetos anteriores do escritor: um, datado ainda de 1847, quando cursava Direito em São Paulo, era escrever uma biografia do herói indígena Poti, mais tarde conhecido como D. Antônio Filipe Camarão, com o objetivo de provar que o mesmo era cearense ao invés de pernambucano²⁷³. Alencar deixa isso claro no Argumento Histórico do romance, já que Poti é um dos personagens principais de sua narrativa²⁷⁴. O outro projeto do qual *Iracema* origina é o poema épico *Os Filhos de Tupã* que Alencar tentou escrever em 1863, em razão da polêmica de *A Confederação dos Tamoios*. Inacabado, o poema só foi publicado postumamente.

Iracema foi editado por conta do próprio Alencar, pela tipografia Viana & Filhos, obtendo críticas favoráveis da imprensa, o que inclui a de Machado de Assis, anteriormente citada, publicada *Diário do Rio de Janeiro*.

Além dos contextos de escrita e publicação desses dois romances serem bastante diversos no que diz respeito às carreiras dos romancistas, eles também não possuem, em princípio, muitos pontos em comum. Vale dizer que, apesar de a influência dos romances de Cooper em Alencar seja alegada, a maioria dos críticos – passando pelo próprio Machado de Assis – geralmente relaciona *Iracema* com os

²⁷² ASSIS, Machado de. *Iracema*. In: ALENCAR, José de. **Iracema e Ubirajara**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953. p. 23.

²⁷³ MENEZES, Op. Cit, p. 200.

²⁷⁴ ALENCAR, José de. Argumento Histórico. In: **Iracema**. p. 161.

trabalhos do francês René de Chateaubriand²⁷⁵. Isso porque os enredos propriamente ditos da obra de Alencar e de *The Deerslayer* não são parecidos. Este trata das primeiras aventuras do jovem caçador Natty Bumppo nos arredores do lago Otsego, interior do que viria a ser o estado de Nova York, junto ao seu companheiro Delaware, Chingachgoock, e a Harry March, outro fronteiro. *Iracema* conta a história do encontro do português Martim Soares Moreno com a virgem tabajara cujo nome intitula o romance. No entanto, a crítica literária norte-americana e brasileira recorrentemente referem-se a ambas histórias como “mitos”.

Em 1927, o britânico D. H. Lawrence publicou um estudo de crítica literária intitulado *Studies in Classic American Literature*, no qual dedica dois capítulos para as obras de Cooper, dividindo-as entre seus romances “brancos” e os *Leatherstocking Tales*. Neste consta a famosa passagem onde afirma que a série de romances são “[...] *a decrescendo of reality and and a crescendo of beauty*”, o que é apenas a introdução para como se dá sua leitura dos mesmos:

“Now let me put aside my impatience at the unreality of this vision, and accept it as a wish-fulfillment vision, a kind of yearning myth. Because it seems to me that the things in Cooper that make one so savage, when one compares them with actuality, are perhaps, when one considers them as presentations of a deep subjective desire, real in their way, and almost prophetic.

The passionate love for America, for the soil of America, for example. As I say, it is perhaps easier to love American passionately, when you look at the wrong end of the telescope, across all the Atlantic water, as Cooper did so often, than when you are right there. When you are actually in America, America hurts, because it has a powerful disintegrative influence upon the white psyche. It is full of grinning, unappeased aboriginal demons, too, ghosts, and it persecutes white men, like some Eumenides, until the white men give up their absolute whiteness. America is tense with latent violence and resistance. The very common sense of white Americans has a tinge of helplessness in it, and deep fear of what might be if they were not common-sensical.

[...] The Red Man and the White Man are not blood-brothers: even when they are most friendly. When they are most friendly, it is as a rule the one betraying his race-spirit to the other. In the white man [...] who ‘loves’ the Indian, one feels the white man is betraying his own race. There is something unproud, underhand in it. Renegade. The same with the Americanized Indian who believes absolutely in the white mode. It is a betrayal. Renegade again.

[...] the Natty and Chingachgoock myth must remain a myth. It is wish-fulfillment, an evasion of actuality.”²⁷⁶

²⁷⁵ Ver, principalmente: AMORA, Antônio Soares. *Iracema e Atala*. **Revista de Letras**. Vol. 3, pp. 120-136, São Paulo, 1962.

²⁷⁶ LAWRENCE, Op. Cit., pp. 56-57. “Agora, deixe eu colocar de lado minha impaciência com a falta de realidade dessa visão e aceitá-la como uma visão de um desejo realizado, uma espécie de mito ansioso. Porque me parece que as coisas em Cooper que tornam alguém tão selvagem comparado com a realidade sejam, talvez, quando consideradas como manifestações de um profundo desejo subjetivo, reais a sua própria maneira, e quase proféticas.

Assim, sendo o ápice da formação desse “mito” em torno da convivência do homem branco com o indígena, D. H. Lawrence considera que *The Deerslayer* deve ser lido como um mito que se passa no lago Glimmerglass. Já foi mencionado anteriormente que o historiador Richard Slotkin se vale dos romances de Cooper como parte da construção do chamado “mito da fronteira”, mas a apropriação dos romances de Cooper e principalmente de *The Deerslayer* para a concepção da fronteira norte-americana como carregada de significados mitológicos e até mesmo edênicos atravessou o século XX, com *Virgin Land* de Henry Nash Smith²⁷⁷, que influenciou estudos como o de R.W.B Lewis, intitulado, sugestivamente, *The American Adam*²⁷⁸.

Mas essa leitura de *The Deerslayer* não se limita somente a essas obras interpretativas. Em sua biografia de Cooper, Stephen Raylton salienta o fato de que o primeiro subtítulo que o romancista escolheu para o romance fora *A legend of the Glimmerglass*, para depois decidir-se por *The first warpath*²⁷⁹. Apesar da palavra “lenda” ser usada por Cooper para designar suas narrativas de forma bastante indiscriminada – ele o faz ao final de *Lionel Lincoln*, seu segundo romance sobre a Guerra de Independência²⁸⁰ –, a observação de Raylton não deixa de indicar o motivo das análises dessa obra sob esta ótica em particular:

O amor apaixonado pela América, pelo solo do América, por exemplo. Como eu digo, talvez seja mais fácil amar a América de forma apaixonada quando se olha pelo lado errado do telecópio, do outro lado do Atlântico, como Cooper frequentemente fez, do que quando se está lá. Quando se está realmente na América, a América machuca, porque possui uma poderosa influência desagradadora na psique branca. Ela é cheia de demônios aborígenes sorridentes e insaciáveis também, fantasmas, e isso persegue os homens brancos como Eumenides, até que o homem branco desiste de sua brancura absoluta. A América é tensa com violência e resistência latentes. O próprio senso comum da América branca tem um resquício de impotência e medo profundo do que seria se eles não fossem sensatos.

[...] O Homem Vermelho e o Homem Branco não são irmãos-de-sangue: até quando são o mais amigáveis possível. Quando eles o são, é como uma regra que um traia seu espírito-da-raça para o outro. No homem branco [...] que ‘ama’ o indígena, pode-se sentir que o homem branco está traíndo sua própria raça. Existe alguma coisa desonrosa, solta nisso. Renegado. O mesmo com o indígena americanizado que acredita absolutamente no modo branco. É uma traição. Renegado de novo.

O mito de Natty e Chingachgoock deve permanecer um mito. É a realização de um desejo, uma evasão da realidade.”

²⁷⁷ SMITH, Henry Nash. *Virgin Land*. Cambridge: Harvard University Press, 1950.

²⁷⁸ LEWIS, R.W.B. *The American Adam: Innocence, Tragedy, and Tradition in the Nineteenth Century*. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

²⁷⁹ *Warpath* em seu sentido literal quer dizer “caminho da guerra”, no entanto, trata-se de uma expressão específica para denominar a expedição de um indígena a caminho da batalha.

²⁸⁰ “The historical facts of our **legend** are beginning to be obscured by time; and it is more than probable that the prosperous and affluent English peer, who now enjoys the honors of the house of Lincoln, never knew the secret history of his family, while it sojourned in a remote province of the British Empire.” (grifo meu) COOPER, James Fenimore. *Lionel Lincoln or, The Leaguer of Boston*. New York: Elibron, 2005.

“The story set here, the story of the Leather-stocking as a young man, has two themes: a rite of passage and the right of possession. The book’s subtitle – The First Warpath – refers to the passage. War between England and France had just been declared. After a long peace, the frontier is once again filled with armed parties of Indians. Deerslayer has come to the Glimmerglass to meet his Delaware friend Chingachgoock. Together they intend to track down the mingos who have kidnapped Wah-Ta!-Wah, a Delaware maiden to whom the Big Serpent is betrothed. [...] Neither youth has yet trodden the warpath; Natty’s skill at the hunt earned him the name Deerslayer among the Delawares, but as a warrior, a slayer of men, he is untried.”²⁸¹

Portanto, *The Deerslayer* não é somente um retorno de Cooper ao tema e à personagem que lhe garantiram seu sucesso inicial através de um simples recuo no tempo da vida de Natty Bumppo. Trata-se especificamente do momento em que o jovem Bumppo tornou-se o homem que Cooper criara em 1823 com *The Pioneers* e isso se dá a partir de um “batismo de fogo”, ou seja, quando o caçador deixa de ser um mero caçador e torna-se também um guerreiro ao matar, pela primeira vez – ainda que em defesa própria –, outro homem. Logo, o mote principal do romance em questão pode ser considerado a perda da inocência para dar lugar a um homem: um homem essencialmente americano.

O surgimento desse homem criado no Novo Mundo também é a temática por trás de *Iracema*, de José de Alencar. A curta narrativa criada pelo cearense pode ser interpretada como o relato de uma história de amor que causou profundas transformações em seus personagens, fundamentalmente a reformulação de suas identidades. Se para muitos críticos o homem americano surge em Cooper através de uma luta, o brasileiro surge em Alencar através de uma relação de cunho romântico e sexual. Doris Sommer em *Ficções de Fundação*, como já previamente assinalado, argumenta que os romances oitocentistas latino-americanos geralmente trazem consigo a união de um indígena e de um branco através desse tipo de relacionamento, dedicando em um capítulo exclusivamente à ficção de José de Alencar. Considerando a mesma como uma revisão do que chama de o “ideal militarista” do poeta Gonçalves de

“Os fatos históricos de nossa **lenda** estão começando a ser obscurecidos pelo tempo; e é mais do que provável que o próspero e importante nobre inglês, que agora goza das honras da casa de Lincoln nunca soube a história secreta de sua família, enquanto ela vivera em uma remota província do Império Britânico.”

²⁸¹ RAYLTON, Op. Cit. p. 202. “A história aqui contada, a história do *Leather-stocking* enquanto jovem, tem dois temas: um rito de passagem e o direito de posse. O subtítulo do livro – o caminho da guerra – se refere à passagem. Guerra entre Inglaterra e França havia recém sido declarada. Depois de uma longa época de paz, a fronteira estava novamente cheia de bandos de indígenas armados. Deerslayer veio para o Glimmerglass encontrar seu amigo Chingachgoock. Juntos eles pretendem procurar os mingos que seqüestraram Wah-Ta!-Wah, uma virgem Delaware prometida para o Grande Serpente. [...] Nenhum dos dois jovens já andou pelo ‘caminho da guerra’; o talento de Natty na caçada lhe fez receber o nome de Deerslayer entre os Delaware, mas como um guerreiro, um matador de homens, ele ainda não foi testado.” Deerslayer é uma palavra sem tradução cujo sentido literal significa “matador-de-cervos”.

Magalhães e seguindo o que interpreta como a proposta de Von Martius, Sommer afirma que “*Alencar insistia na idéia de que o Brasil fora fundado quando brancos e índios caíram uns nos braços dos outros e tiveram filhos mestiços*”²⁸², referindo-se aqui à Moacir, fruto da relação de Iracema e Martim.

No entanto, é necessário levar em conta que outras interpretações consideram *Iracema* como uma alegoria do encontro entre europeus e indígenas. O que inicia-se, segundo Vagner Camilo, com o ensaio de 1931 de Afrânio Peixoto, “Nativismo político e literário. Idealização do selvagem”, em que aponta para o anagrama de “América” contido no nome criado por Alencar para sua personagem principal. Ademais, além dessa alegoria do período da conquista, os outros dois críticos citados por Camilo além da própria Doris Sommer – David Treece e Alfredo Bosi – interpretam *Iracema* como sendo também uma elaboração alegórica acerca do período de formação do Estado-nacional brasileiro no século XIX, com base no posfácio de Alencar em forma de carta ao seu primo Domingos Jaguaribe²⁸³, no qual afirma:

“Há de recordar-se você de uma noite que, entrando em minha casa, quatro anos a esta parte, achou-me rabiscando um livro. Era isso em uma quadra, importante, pois que uma nova legislatura, filha da nova lei, fazia sua primeira sessão; e o país tinha os olhos nela, de quem esperava iniciativa generosa para melhor situação.

*Já estava eu meio descrito das coisas, e mais dos homens; e por isso buscava na literatura diversão à tristeza que me infundia o estado da pátria entorpecida pela indiferença.”*²⁸⁴

Segundo Camilo, esse pequeno trecho em que Alencar refere-se ao fim da política de Conciliação no Segundo Reinado serve de indício para que exista uma ligação entre o que Bosi e Camilo chamam de “mito sacrificial” presente no romance e as percepções de Alencar acerca do estado das coisas na política brasileira do período, levando-se em consideração, também, seus escritos políticos – principalmente as *Cartas de Erasmo*, também publicadas em 1865 – e suas crônicas. Se o final de *O Guarani*, escrito em 1857, no calor dos acontecimentos do período, pode ser considerado otimista, Camilo considera que:

*“[...] depois de uma década da oficialização dessa política de consenso pelo gabinete Paraná (1853-1856) e de sua sobrevida nos gabinetes seguintes, até seu abandono em 1861, será bem outra a visão de Alencar a respeito da natureza e das conseqüências da Conciliação.”*²⁸⁵

²⁸² SOMMER, Op. Cit., p. 178.

²⁸³ CAMILO, Vagner. Mito e História em Iracema: a recepção crítica mais recente. **Novos Estudos CEBRAP**, n° 78, pp. 169-189, São Paulo, 2007. pp. 174.

²⁸⁴ ALENCAR, José de. **Iracema**. p. 177.

²⁸⁵ CAMILO, Op. Cit., p. 183.

Alegoria política ou não, o momento em que Iracema, uma indígena tabajara destinada a permanecer virgem por ser uma espécie de sacerdotiza de sua tribo, entregasse para o português Martim tem sido considerado o mito de fundação do Brasil na maioria das interpretações desde o início do século XX. O que contribui de forma essencial para esse tipo de leitura é a própria estrutura narrativa do romance, que Machado de Assis em sua crítica de 1866, chamou de “*poema em prosa*”, pois “*poema lhe chamamos a êste, sem curar de saber se é antes uma lenda, se um romance*”²⁸⁶. Além de *Iracema* ser carregado de metáforas, o próprio subtítulo *Lenda do Ceará* confunde o leitor a respeito do gênero da obra.

Mas é fundamental levar em consideração que antes de se tratar de um mito alegórico acerca da formação da nação brasileira, a “lenda” de Alencar lida com o surgimento de sua província natal, na medida em que a premissa para se iniciar a narrativa é a origem do nome “Ceará”. Em nenhum momento da narrativa - dos prefácio e posfácio oferecidos a seu primo -, Alencar refere-se à história como sendo o início do que chamamos de Brasil. Moacir é, afinal de contas, o “*primeiro cearense*”, que traz consigo os sentimentos de nostalgia e de saudade que ele, Alencar, emigrado daquele mesmo território diversas vezes, também possuía²⁸⁷. O que o romancista refere-se a “poesia brasileira” ou “poesia americana” em seu posfácio é aquele tipo de literatura produzida a partir do tema indígena, a literatura indianista por si só:

“Desde cedo, quando começaram os primeiros pruridos literários, uma espécie de instinto me impedia a imaginação para a raça selvagem indígena. Digo instinto, porque não tinha eu estudos bastantes para apreciar devidamente a nacionalidade de uma literatura; era simples prazer que movia-me à leitura das crônicas e memórias antigas.

Mais tarde, discernindo melhor as cousas, lia as produções que se publicavam sôbre o tema indígena; não realizavam elas a poesia nacional, tal como me aparecia no estudo da vida selvagem dos autóctones brasileiros. Muitas pecavam pelo abuso dos têrmos indígenas acumulados uns sobre os outros, o que não só quebrava a harmonia da língua portugêsa, com perturbava a inteligência do texto. Outras eram primorosas no estilo e ricas de belas imagens; porém faltava-lhes certa rudez ingênua de pensamento e expressão, que devia ser a linguagem dos indígenas.

*Gonçalves Dias é o poeta nacional por excelência; ninguém lhe disputa na opulência da imaginação, no fino labor do verso, no conhecimento da natureza brasileira e dos costumes selvagens. Em suas poesias americanas, aproveitou muitas das lindas tradições dos indígenas; e em seu poema não concluído dos Timbiras, propôs-se a descrever a epopéia brasileira.”*²⁸⁸

²⁸⁶ ASSIS, Machado de. *Iracema.*, p. 23.

²⁸⁷ ALENCAR, José de. ***Iracema*** p. 157.

²⁸⁸ Id., *ibid.*, p. 178.

Ou seja, quando Alencar refere-se à criação de uma literatura eminentemente brasileira não está se referindo à pura e simples independência das letras brasileiras em relação a Portugal, mas sim a um tipo de literatura que trate especificamente do passado indígena da América, através dos costumes e da língua dessas populações. *Iracema*, portanto, pode ser considerada a história do primeiro cearense em um sentido alegórico, mas não pode ser lido como um mito que se estenda ao resto do Brasil e muito menos como uma obra fundacional da literatura brasileira, porque este conceito era utilizado de forma diferente de como a crítica e a historiografia literária o percebe hoje.

O que *Iracema* e *The Deerslayer* possuem em comum, portanto, é o mote da perda da pureza ou da inocência, que os levam a serem lidas como mitos de origem acerca de duas partes distintas do continente americano, relacionados ao passado colonial e indígena. Em suas estruturas, apesar de *Iracema* estar longe de ser um “romance histórico” convencional, as obras possuem o mesmo tipo de articulação de narrativas coloniais com convenções européias que os livros anteriormente analisados, como veremos a seguir.

3.1. Águas Passadas: Glimmerglass e Porongaba

Desde a interpretação de D.H. Lawrence, é comum *The Deerslayer* ser lido como um recuo radical no tempo em relação aos outros romances da série *The Leatherstocking Tales*. Lawrence identifica esse movimento temporal como inerente e necessário à criação do mito da amizade entre Natty Bumppo e o indígena Chingachgook:

“Natty and the Great Serpent are neither equals nor unequals. Each obeys the other when the moment arrives. And each is stark and dumb in the others’ presence, starkly himself, without illusion created. Each is the crude pillar of a man, the crude living column of his own manhood. And each knows the godhead of this crude column of manhood. A new relationship.

The Leatherstocking novels create the myth of this new relation. And they go backwards, from old age to gold youth. That is the true myth of America.”²⁸⁹

²⁸⁹ LAWRENCE, Op. Cit., p. 60. “Natty e a Grande Serpente [significado original da palavra “Chingachgook”, conforme Cooper] não são iguais, nem desiguais. Cada um obedece o outro quando é necessário. E cada um é rígido e pasmo na presença do outro, rigidamente ele mesmo, sem ilusões criadas. Cada um é o pilar cru de um homem, a coluna viva e crua de sua própria humanidade. E cada um conhece a divindade dessa coluna crua de humanidade. Um novo relacionamento.

Os romances *Leatherstocking* criam o mito dessa nova relação. E eles voltam ao passado, da velhice à juventude dourada. Esse é o verdadeiro mito da América.”

Stephen Raylton, seguindo o mesmo raciocínio, afirma que o cenário do romance também encontra-se rejuvenecido: “*Natty Bumppo had originally been imagined on this ground as the aged outcast from the pioneer settlement, but now Cooper restores both Natty and the Otsego to an earlier period. Natty is in his twenties. In a sense, the lake is also young.*”²⁹⁰ O lago, inclusive, ainda não recebera um nome formal por parte dos colonos brancos; para os poucos caçadores que freqüentavam a região em meados do século XVIII, ele era simplesmente conhecido como *Glimmerglass*, e assim o narrador refere-se ao local ao longo do romance.

A “pureza” da paisagem também se aplica à sua ocupação. Só uma única família a habita: Tom Hutter, um caçador que se refugiara ali por ter problemas com a lei, e suas duas filhas Judith e Esther, chamada de Hetty. Os Hutter primeiramente moravam em um castelo, chamado Muskrat Castle, construído em meio às matas que circundavam o lago, mas por conta da ameaça constante dos indígenas que povoavam a região, mudaram-se para um barco, referido no romance como arca, à deriva no lago. Portanto é nesse “estado selvagem”, como o próprio Cooper afirma em outra carta a Bentley respeito do romance²⁹¹, que o *Glimmerglass* encontra-se. Inocente, de certa forma, na mesma medida em que o protagonista do romance.

Apesar desses elementos contribuírem para a determinação do mote do romance como sendo a perda da inocência, as categorias tempo e espaço não são vagas. No terceiro parágrafo do romance, o narrador situa o leitor:

“The incidents of this tale occurred between the years 1740 and 1745, when the settled portions of the colony of New York were confined to the four Atlantic counties, a narrow belt of country on each side of the Hudson, extending from its mouth to the falls near its head, and to a few advanced ‘neighborhoods’ on the Mohawk and the Schonarie. Broad belts of the virgin wilderness not only reached the shores of the first river, but they even crossed it, stretching away into New England²⁹²; and affording forest covers to the noiseless moccasin of the native warrior, as he trod on the secret and bloody warpath.”²⁹³

²⁹⁰ RAYLTON, Op. Cit. pp. 201-202. “Natty Bumppo tinha sido originalmente imaginado em seu território como o velho proscrito do assentamento pioneiro, mas agora Cooper restaura tanto Natty como o Otsego para um período anterior. Natty tem vinte e poucos anos. Em certo sentido, o lago também é jovem.”

²⁹¹ Id., *ibid.*, p. 202.

²⁹² É importante enfatizar que a colônia de Nova York foi anexada à área de domínio britânico em 1664 e, por isso, não faz parte do que é considerado até hoje a Nova Inglaterra.

²⁹³ COOPER, James Fenimore. **The Deerslayer (or, The First Warpath)**. New York: Penguin, 1982. p. 2. “Os incidentes dessa história ocorreram entre os anos de 1740 e 1745, quando as partes ocupadas da colônia de Nova York eram limitadas ao quatro condados atlânticos; um cinturão estreito de campo nas duas margens do Hudson, estendendo-se de sua faz às cataratas perto de sua nascente; e a algumas ‘comunidades’ no Mohawk e no Schonarie. Amplos cinturões da natureza virgem não apenas alcançavam as margens do primeiro rio, mas até o atravessavam, estendendo-se Nova Inglaterra a dentro e fornecendo

Além de afirmar que aqueles que tentassem transmitir como era qualquer porção dessa região deveriam possuir uma noção relativamente correta da mesma, Cooper estabelece a relação entre o passado e o presente da região, como nos outros dois romances analisados previamente, dessa vez falando daqueles lugares do passado que ainda podiam ser encontrados no século XIX.

“This glance into the perspective of the past will prepare the reader to look at the pictures we are about to sketch, with less surprise than he might otherwise feel; and a few additional explanations may carry him back in imagination to the precise condition of society that we desire to delineate. It is matter of history that the settlements on the eastern shores of the Hudson, such as Claverack, Kinderhook, and even Poughkeepsie, were not regarded as safe from Indian incursions a century since; and there is still standing on the banks of the same river, and within musket-shot of the wharves of Albany, a residence of a younger branch of the Van Rensselaers, that has loopholes constructed for defence against the same crafty enemy, although it dates from a period scarcely so distant. Other similar memorials of the infancy of the country are to be found, scattered through what is now deemed the very center of American civilization, affording the plainest proofs that all we possess of security from invasion and hostile violence is the growth of but little more than the time that is frequently filled by a single human life.”²⁹⁴

No caso da obra de Alencar, a questão temporal é ainda mais precisa do que em *The Deerslayer*. Se os acontecimentos do romance do norte-americano podem ter acontecido no espaço de cinco anos, *Iracema* é marcado pelos primeiros movimentos de colonização do atual território do Ceará, primeiramente através da figura de Pêro Coelho, em 1603, e depois com Martim Soares Moreno, que:

“[...] se ligou de amizade com Jacaúna, chefe dos índios do litoral e seu irmão Poti. Em 1608, por ordem de D. Diogo de Menezes, voltou a dar princípio à regular colonização daquela capitania, o que levou a efeito, fundando o presidio de Nossa Senhora do Amparo em 1611.

Jacaúna, que habitava as margens do Aracaru, veio estabelecer-se com sua tribo nas proximidades do recente povoado, para o proteger contra os índios do interior e os franceses que infestavam a costa.

Poti recebeu no batismo o nome de Antônio Filipe Camarão, que ilustrou na guerra holandesa. Seus serviços foram remunerados com o fôro do fidalgo, a comenda de Cristo e o cargo de capitão-mor dos índios.

coberturas de floresta para o mais silencioso mocassim do guerreiro nativo, quando ele percorria o secreto e sangrento caminho da guerra.”

²⁹⁴ Id. *ibid.*, pp. 1-2. “Esse olhar para a perspectiva do passado preparará o leitor a olhar às imagens que vamos desenhar com menos surpresa que ele iria, do contrário, sentir; e algumas explicações adicionais poderão levá-lo pela imaginação para a condição precisa da sociedade que nós desejamos delinear. É uma questão histórica que os assentamentos nas margens leste do Hudson, como Claverack, Kinderhook e até Poughkeepsie não são consideradas seguras de incursões indígenas depois de um século; e ainda está de pé na mesma ribeira e a um tiro de musquete dos portos de Albany, uma residência do ramo mais jovem dos Van Rensselaers, que têm buracos construídos para defesa contra o mesmo hábil inimigo, embora seja datado de um período nem tão distante. Outras lembranças similares do país podem ser achadas, espalhadas através do que é agora considerado o próprio centro da civilização americana, concedendo as mais claras provas que tudo o que possuímos de segurança contra invasões e violência hostil é o aumento do mero tempo que é freqüentemente preenchido com uma única vida humana.”

*Martim Soares Moreno chegou a mestre de campo e foi um dos excelentes cabos portugueses que libertaram o Brasil da invasão holandesa. O Ceará deve honrar sua memória como a de um varão prestante e seu verdadeiro fundador, pois que o primeiro povoado à foz do rio Jaguaribe [fundado por Pêro Coelho em 1603] não passou de uma tentativa frustrada.*²⁹⁵

Contudo, não é apenas no “Argumento Histórico”, ao qual Machado de Assis se refere como a “tela que serve ao poeta”²⁹⁶, em que aparecem aqueles elementos que servem como fundo de realidade à narrativa de Alencar. Ali mesmo o cearense afirma que utilizará notas para referir-se ao que chama de “outros subsídios” que retirara de cronistas do período colonial. Essas notas, a primeira vista, tratam essencialmente de referências a raízes etimológicas de palavras indígenas, retiradas ou não de dicionários da chamada *Língua Geral*. Contudo, no roda-pé do romance também constam explanações acerca de determinadas localidades que servem de cenário à narrativa, relacionando-as com seu estado no presente do autor, como é o caso da nota referente à lagoa onde Iracema banhava-se pela manhã, que levava o nome de Porangaba: “Porangaba – Significa beleza. É uma lagoa distante da cidade uma légua em sítio aprazível. Hoje a chamam de Arronches; em suas margens está a decadente povoação do mesmo nome.”²⁹⁷

É importante notar que esse tipo de referência não permeia a narrativa em si, de modo a não interromper a temporalidade da narrativa de Alencar, ao contrário de seus romances anteriores. O trecho no qual a nota se encontra trata da localidade da forma a seguir:

“Era a hora do banho da manhã; atirava-se à água e nadava com as garças brancas e as vermelhas jaçanãs. Os guerreiros pitiguaras, que apareciam por aquelas paragens, chamavam essa lagoa de Porangaba, ou lagoa da beleza, porque nela se banhava Iracema, a mais bela filha da raça de Tupã.

*E desde êsse tempo as mães vinham de longe mergulhar suas filhas nas águas da Porangaba que tinha a virtude de dar formosura às virgens e fazê-las amadas pelos guerreiros.*²⁹⁸

Portanto, ainda que no corpo da narrativa Alencar mencione uma outra temporalidade que não a de Iracema – aquela em que as indígenas desenvolvem o hábito de banhar suas filhas nas águas da lagoa –, esta não está distante da “lenda”. O narrador só foge da mesma em notas de roda-pé, quando julga necessário situar o leitor.

²⁹⁵ ALENCAR, José de. Argumento Histórico. pp. 161-162.

²⁹⁶ ASSIS, Machado de. Iracema. p. 17.

²⁹⁷ ALENCAR, José de. **Iracema.**, p. 173.

²⁹⁸ Id. Ibid., p 118.

Dessa forma, apesar das interpretações os distinguirem dos outros romances de seus respectivos autores, *Iracema* e *The Deerslayer* também possuem os mesmos tipos de convenções em relação a tempo e espaço aqui analisados como “representações do passado”, o que também os tornam passíveis de serem lidos sob esta ótica.

Observamos no capítulo anterior que o repertório de leituras tanto de Alencar como de Cooper foram fundamentais para a concepção de seus personagens indígenas e suas realidades. Mas o foco desse capítulo será sobre a relação do indígena com o homem branco e como suas identidades alteram-se a partir dela, enfatizando mais especificamente o papel de Natty Bumppo e de Martim Soares Moreno nos romances analisados.

3.1.1. Entre Saias e Tomahawks

Se na breve introdução de *The Last of the Mohicans*, Cooper já havia fornecido um breve “histórico” acerca dos Leni Lenape e de seu infortúnio ao serem injustiçados pelos Iroqueses e passarem a ser considerados mulheres, esses episódios ganham nova força em *The Deerslayer*. Como afirmado anteriormente, Cooper valeu-se principalmente das informações contidas nos escritos do missionário moraviano John Heckewelder. Descobre-se em *The Deerslayer* que o próprio Natty Bumppo foi criado entre os moravianos e dali originam-se sua visão de mundo e, principalmente, a base de sua religiosidade, que, neste romance, aparece em destaque neste romance. Enquanto em *The Last of the Mohicans* Natty Bumppo – atendendo pelo nome de *Hawkeye* – e Chingachgoock são dois batedores incansáveis e destemidos, no romance aqui analisado, ambos são jovens colocando em prática valores e ensinamentos recém-aprendidos. Assim, aquelas características que Cooper tomou de Heckewelder para seus protagonistas aparecem de forma mais expressiva, principalmente aquelas que os tornam tão diferentes dos “mingos” e dos colonos que ocupam a região em que vivem.

Em seu artigo sobre a influência de Heckewelder nos romances de Cooper, Paul A. W. Wallace afirma que o romancista nova-iorquino é um “*Heckewelder product*”, ou seja, que o contraste marcante entre os nobres Delaware e os traiçoeiros Mingos ou Iroqueses advém do relato absolutamente parcial de Heckewelder a respeito da relação entre esses dois povos em seu livro *History, Manners, and Customs of the Indian Nations Who Once Inhabited Pennsylvania and The Neighbouring States*, escrito a

partir do envolvimento do missionário nos conflitos entre os Delaware e os Iroqueses quando estes tentavam sua independência junto às Seis Nações:

“Heckewelder’s missionary career was among the western Delawares and certain groups of the Mahican, their ‘grandchildren’. Being a man of warm temperament and quick sympathies, he espoused the cause of Delaware ‘independence’, for which this western branch of the Delawares stood, and accepted without question their explanation of the origin of their quarrel with the Six Nations, who claimed sovereignty over them. Heckewelder was aware at the outset that he was presenting a one-sided view of the dispute. But he so warmed to his work that he devoted the better part of the five hundred pages (about a quarter of the book) to the Delaware cause, and wrote with a passion of moral earnestness that left no room for questions.”²⁹⁹

A elaboração da oposição entre Mingos e Delawares, sobretudo em *The Deerslayer*, advém dessa obra de Heckewelder, já que muito do comportamento de Bumppo se deve a sua convivência com estes últimos. No entanto, a interpretação de Wallace sugere alguns aspectos que são interessantes analiticamente.

“A perversion of the meaning of the term, probably as a result of the white man’s misuse of it in mockery, caused the Iroquois spokesmen, Canasatego, and later the Delaware leader, “King” Teedyuscung, to understand it in a term of reproach. Teedyuscung in a fit of passion – and rhetoric – threw his skirt in the faces of the Six Nations and told them to wear it. [...] Be that as it may, the question of the Delaware ‘skirts’, with all the new connotations of the word, became central in the struggle ensued between parts – though by no means at all – of the Delaware and their ‘uncles’.”³⁰⁰

De acordo com Wallace, o termo “mulher”, que os Delaware adotaram junto aos Iroqueses quando as Seis Nações foram formadas, não mantinha durante o final do século XVIII seu significado original: que era a posição socialmente honrosa daqueles responsáveis por manter a paz. Por conta do uso de armas ser contraditório a essa posição, os Delaware aceitaram, de bom grado, abdicarem das mesmas e passaram a se vestir como mulheres. O que tanto Heckewelder, como Cooper depois dele não poderiam perceber, segundo Wallace, era a sutil mudança no significados das palavras,

²⁹⁹ WALLACE, Paul. A. W. John Heckewelder’s Indians and the Fenimore Cooper Tradition. **Proceedings of the American Philosophical Society**, Vol. 96, nº 4, pp. 496-504, Philadelphia, 1952. p. 497. “A carreira de Heckewelder como missionário se deu entre os Delaware do Oeste e certos grupos Mahican, seus ‘netos’. Sendo um homem de forte temperamento e rápidas simpatias, ele abraçou a causa da independência Delaware, apoiada por esse ramo ocidental dos Delaware, e aceitou sem questionar sua explicação da origem de seu desentendimento com as Seis Nações, que alegava soberania sobre eles. Heckewelder estava a par, ao final, de que estava apresentando uma visão unilateral da disputa. Mas ele se afeiçoou tanto ao seu trabalho que ele dedicou a maior parte das quinhentas páginas (cerca de um quarto do livro) para a causa Delaware, e escreveu com uma paixão de sinceridade moral que não deixou espaço para dúvidas.”

³⁰⁰ Id., *ibid.*, p. 499. “A perversão do significado do termo, provavelmente resultado do mau uso do mesmo por parte do homem branco em troca fez com que o porta-voz dos Iroqueses, Canasatego, e mais tarde o líder Delaware ‘Rei’ Teedyuscung a compreender o termo como um insulto. Teedyuscung, em um ato apaixonado, - e retórico – atirou sua saia nas faces das Seis Nações e os mandou usá-la. [...] Seja como for, a questão das ‘saias’ dos Delaware, com todas as novas conotações da palavra, tornou-se central ao conflito estabelecido entre as partes – embora de forma alguma – dos Delaware e seus ‘tios’.”

causados por anos de migrações e contatos entre povos diferentes. Assim surge a idéia de um povo inerentemente “bom” enganado por outro inerentemente “mau”, ou no caso dos romances de Cooper, “[...] a vision of the American forest peopled by good spirits and bad, a region where reigned an antithetical absolute of good and evil [...]”³⁰¹.

Embora provavelmente desproposital, a influência do homem branco na mudança de conotação da posição de mulheres que os Delawares ocupavam junto às seis nações está presente no romance. Na primeira cena de *The Deerslayer*, quando o jovem Bumppo e seu companheiro menos escrupuloso Henry March, ou Hurry Harry, chegam ao Glimmerglass, ambos discutem acerca da educação dada a Deerslayer nas reduções morávias, junto a seus amigos indígenas, de quem recebera seu nome.

“Come, Deerslayer, fall to, and prove that you have a Delaware stomach, as you say you have had a Delaware education,” cried Hurry, setting the example by opening his mouth to receive a slice of cold venison steak that would have made an entire meal for a European peasant; ‘fall to, lad, and prove your manhood on this poor devil of a doe with your teeth, as you’ve already done with your rifle.’

‘Nay, nay, Hurry, there’s little manhood in killing a doe, and that too out of season; though there might be some in bringing down a painter or a catamount,’ returned the other, disposing himself to comply. ‘The Delawares have given me my name, not so much on account of a bold heart, as on account of a quick eye, and an active foot. There may not be any cowardice in overcoming a deer, but certain it is, there’s no great valor.’

‘The Delawares themselves are no heroes,’ muttered Hurry through his teeth, the mouth being too full to permit it to be fairly opened, ‘or they would never have allowed them loping vagabonds, the Mingos, to make them women.’

‘That matter is not rightly understood – has never been rightly explained,’ said Deerslayer earnestly, for he was a zealous friend as his companion was dangerous as an enemy; ‘the Mengwe fill the woods with their lies, and misconstrue words and treaties. I have now lived ten years with the Delawares, and know them to be as manful as any other nation, when the proper time to strike comes.’”³⁰²

³⁰¹ Id., *ibid.*, p. 450. “[...] uma visão da floresta americana povoada por espíritos bons e ruins, uma região onde reinava um absoluto atitético de bem e mal[...]”.

³⁰² COOPER, James Fenimore. **The Deerslayer**. pp. 5-6. “‘Vamos, Deerslayer, coma e prove que você tem um estômago Delaware, já que diz que tem uma educação Delaware,’ exclamou Hurry, dando o exemplo ao abrir sua boca para receber uma fatia de bife frio de cervo que poderia ser a refeição inteira de um camponês europeu; ‘comece, garoto, e prove-se homem nessa pobre corça com seus dentes, como já o fez com seu rifle.’

‘Não, não, Hurry, há pouca hombridade em matar uma corça, ainda mais fora de época; embora talvez haja em derrubar uma pantera ou um gato-do-mato,’ respondeu o outro, se dispondo a obedecer. ‘Os Delaware me deram meu nome não tanto por conta de um coração audaz, mas por conta de um olho rápido e um pé veloz. Talvez não haja muita covardia em ganhar de um cervo, mas com certeza não há grande valor.’

‘Os Delawares mesmos não são heróis,’ murmurou Hurry entre-dentes, sua boca estando cheia demais para permitir que ela se abrisse completamente, ‘ou eles nunca teriam permitido que aqueles vagabundos, os Míngos, o transformassem em mulheres.’

Portanto, apesar de não fazer referências diretas à versão de Heckewelder dos fatos envolvendo os Delaware e as Seis Nações na década de 1740 – anos em que se passa o romance –, os acontecimentos são citados de forma bastante clara, moldando inclusive o caráter dos dois jovens que se submetem ao rito de passagem do *warpath*, Natty e Chingchagoock, mas mais marcadamente este primeiro, já que se trata de um garoto cujas identidades flutuam entre povos bastante distintos. Essa questão, no entanto, será abordada em um próximo momento deste capítulo.

Um aspecto que permeia a oposição entre Delawares e Mingos em *The Deerslayer*, e que se distancia um pouco da forma como ela é apresentada em *The Last of the Mohicans*, e até mesmo *The Pathfinder*, é a ausência de um personagem Iroquês que se coloque em oposição a Bumppo e Chingachgoock desde o início da narrativa. Se nos romances citados havia Magua e Arrowhead, Rivenoak – descarta-se aqui a figura de Lynx, o primeiro ser humano que Bumppo mata, pois este é o único papel no enredo – somente aparece no capítulo XIV, quando os indígenas se aproximam da cabana flutuante de Tom Hutter para negociar com o jovem o destino de seus prisioneiros: o próprio Hutter e Hurry Harry³⁰³. Até este momento, os Mingos nada mais eram do que parte da floresta que circunda o Glimmerglass, só tornando-se aparentes no momento do ataque, como no caso da primeira cena envolvendo os perigos aos quais a arca de Hutter estava exposta:

“The ark was in the act of passing the last curve of this leafy entrance, as Deerslayer, having examined all that could be seen of the eastern bank of the river, crossed the room to look from the opposite window, at the western. His arrival at this aperture was most opportune, for he had no sooner placed his eye at a crack, than a sight met his gaze that might well have alarmed a sentinel so young and inexperienced. A sapling overhung the water, in nearly half a circle, having first grown towards the light, and then been pressed down into this form by the weight of the snows; a circumstance of common occurrence in the American woods. On this no less than six Indians had already appeared, others standing ready to follow them, as they left room; each evidently bent on running out on the trunk, and dropping on the roof of the ark as it passed beneath. This would have been an exploit of no great difficulty, the inclination of the tree admitting of an easy passage, the adjoining branches offering ample support for the hands, and the fall being too trifling to be apprehended. When Deerslayer first saw this party, it was just unmasking itself, by ascending the part of the tree nearest to the earth, or that which was much the most difficulty to overcome; and his knowledge of Indian habits told him at once that they were all in their war paint, and belonged to a hostile tribe.

‘Essa questão não é compreendida corretamente – nunca foi explicada de forma justa,’ disse Deerslayer de forma franca, porque ele era um amigo zeloso tanto quanto seu companheiro era perigoso como um inimigo; ‘os Mengwe enchem a floresta com suas mentiras, tratados e palavras distorcidas. Eu completei dez anos com os Delawares e os conheço por serem tão homens quanto qualquer outra nação, quando chega a hora de atacar.’”

³⁰³ Id., *ibid.*, pp. 210-226.

[...] *The scow redoubled its motion, and seemed to glide from under the tree as if conscious of the danger that was impending overhead. Perceiving that they were discovered, the Indians uttered the fearful war whoop, and running forward on the tree, leaped desperately towards their fancied prize. There were six on the tree, and each made the effort. All but their leader fell into the river more or less distance from the ark, as they came, sooner or later, to the leaping place. The chief, who had taken the dangerous post in advance, having an earlier opportunity than the others, struck the scow just within the stern. The fall providing so much greater than he had anticipated, he was slightly stunned, and for a moment he remained half bent and unconscious of his situation. At this instant Judith rushed from the cabin, [...], and, throwing all her strength into the effort, she pushed the intruder over the edge of the scow, headlong into the river. [...] All this occupied less than a minute, when the arm of Deerslayer was thrown around her waist, and she was dragged swiftly within the protection of the cabin. This retreat was not effected too soon. Scarcely were the two in safety, when the forest was filled with yells, and bullets began to patter against the logs.*³⁰⁴

Assim, os Míngos, na primeira metade do romance, somente aparecem entrando e saindo de dentro da floresta, icógnitos em sua condição de integrantes da “natureza” à qual a região do Otsego estava entregue no período em que se passa a narrativa. Contudo, na medida em que as aventuras de Bumppo progridem, os Míngos deixam este estado, como mencionado anteriormente, e ganham uma *persona* através do chefe Rivenoak. Os atributos de selvageria e crueldade dos indígenas, contudo, só aumentam no decorrer do romance, principalmente nas cenas que compreendem a morte de Tom

³⁰⁴ Id., *ibid.*, pp. 58-59. “A arca estava no ato de passar a última curva dessa entrada folhosa, quando Deerslayer, havendo examinado tudo o que podia ser visto na margem leste do rio, atravessou o aposento para olhar da janela oposta, para a margem oeste. Sua chegada nessa abertura foi muito oportuna, porque tão cedo ele pôs os olhos em uma fresta, uma visão encontrou seu olhar que podia muito bem ter alarmado um sentinela tão novo e inexperiente. Uma árvore nova pairava sobre a água, in quase um semi-círculo, havendo primeiramente crescido em direção à luz, e depois sido prensada em sua forma pelo peso da neve; uma circunstância de comum ocorrência nos bosques americanos. Nela, nada menos do que seis índios já haviam aparecido, outros parados prestes a segui-los, no que estes deixavam espaço; cada um evidentemente determinados a correr no tronco, e cair no telhado da arca quando esta passasse por baixo. Isso poderia ser uma ação de quase nenhuma dificuldade, já que a inclinação da árvore admitia uma passagem fácil, com os galhos adjacentes servindo de amplo suporte para as mãos, e a queda sendo nada que pudesse causar preocupação. Quando Deerslayer primeiramente viu esse grupo, ele estava surgindo à vista, ascendendo a parte da árvore mais perto do solo, ou aquela que era mais difícil de superar; e seu conhecimento dos hábitos indígenas lhe disse de um vez que eles estavam todos em sua pintura de guerra e pertenciam à uma tribo hostil.

[...] O barco redobrou seu movimento, e parecia deslizar de debaixo da árvore como se consciente do perigo que estava acima. Percebendo-se descobertos, os índios ecoaram o temeroso grito de guerra, e correndo para frente da árvore, pularam desesperadamente em direção a sua recompensa. Havia seis na árvore, e cada um deles fez o esforço. Todos, menos seu líder, caíram no rio, mais ou menos à distância da arca, quando chegaram, mais cedo ou mais tarde, ao lugar do salto. O chefe, que havia tomado a posição perigosa em antecendência, tendo uma oportunidade anterior à dos outros, bateu no barco perto da popa. A queda provendo ser maior do que ele havia antecipado, acabou deixando-o meio atônito e por um tempo, ele ficou meio deitado e inconsciente de sua situação. Nesse instante, Judith correu da cabine, [...], e, colocando toda a sua força no esforço, ela empurrou o intruso através da beirada do barco, de cabeça para dentro do rio. [...] Tudo isso ocupou menos de um minuto, quando o braço de Deerslayer foi jogado ao redor de sua cintura e ela foi arrastada para a proteção da cabine. Essa retirada não foi executada cedo demais. Os dois mal estavam a salvo, quando a floresta encheu-se de gritos e balas começaram a repicar contra os troncos.”

Hutter, escalpelado e deixado para morrer dentro de sua cabana, e o capítulo XXIX, em que os nativos torturam Deerslayer, como se fosse um hábito destas tribos em particular. A resistência de Bumpo aos métodos cruéis dos Hurons é um ponto a ser salientado mais adiante. O que nos interessa, por ora, é como esse tipo de prática é descrita como natural e aceitável entre os índios:

“It was one of the common expedients of the savages, on such occasions, to put the nerves of their victims to the severest proofs.

On the other hand, it was a matter of Indian pride to betray no yielding to terror or pain; but for the prisoner to provoke his enemies to such acts of violence as would soonest produce death. Many a warrior had been known to bring his own suffering to a more speedy termination, by taunting reproaches and riviling language, when he found that his physical system was giving away under the agony of sufferings, produced by a hellish ingenuity, that might well eclipse all that has been said of the infernal devices of religious persecutions.”³⁰⁵

Durante as cenas de tortura de Bumpo por parte dos Hurons, o jovem freqüentemente provoca seus captores. Em compensação, os indígenas buscam “quebrar seu espírito” tentando levá-lo ao desespero: de início arremessam *tomahawks*³⁰⁶ na direção de seu corpo imobilizado contra uma árvore, sem a intenção de matar, passando em seguida a atirar com rifles. Passam depois a torturá-lo fisicamente, acendendo uma fogueira aos seus pés³⁰⁷.

A crueldade e selvageria dos Hurons não é completamente contrastada pelas maneiras de Chingachgoock. Embora seja um chefe Delaware de linhagem “nobre”, o companheiro de Bumpo não abdica de determinados hábitos que fazem dele também um “selvagem”, como por exemplo, o escalpelamento, considerado pelo protagonista de Cooper como “anti-cristão”, na medida em que significa uma agressão ao corpo de um morto. É importante levar em consideração aqui a observação feita por Wynette Hamilton, para quem

“Cooper’s Indians are noble in their distaste for hypocrisy and in their fidelity to fixed natural values. And if their unique principles and spiritual values prevent them from reaching the upper limits of Christian morality, they successfully reconcile physical

³⁰⁵ Id, *ibid.*, p. 460. “Era um dos recursos comuns dos selvagens, nessas ocasiões, colocar os nervos de suas vítimas à prova mais severa.

Por outro lado, era uma questão de orgulho indígena não evidenciar qualquer sombra de terror ou dor, e o prisioneiro provocar seus inimigos à tais atos de violência que produziram sua morte o mais cedo possível. Muitos guerreiros ficaram conhecidos por trazer um término mais rápido a seus sofrimentos, através de comentários provocadores e linguagem intimidante, quando eles achavam que seus sistemas físicos estavam submetendo-se sob a agonia de sofrimentos, produzidos por uma engenhosidade infernal, que pode eclipsar tudo o que já foi dito sobre as técnicas infernais das perseguições religiosas.”

³⁰⁶ Os *tomahawks* são machadinhas de guerra usadas por indígenas da costa leste dos Estados Unidos e mais tarde adotadas por colonos.

³⁰⁷ Id., *ibid.*, pp. 461-475.

violence with an unshakable faith in traditional law. Indeed, Cooper's Indians were governed by custom and natural law, whereas the Anglo pioneers, isolated as they were from the refinements of civilized society, were marked by a lack of restraint, ignorance, prejudice, and a bizarre code of honor."³⁰⁸

Mesmo assim, segundo Hamilton, os indígenas servem como uma medida para o não-civilizado, que inexoravelmente acabam desaparecendo, tal qual Chingachgoock, no primeiro romance da série, e Bumppo, em *The Prairie*. Não se trata necessariamente da perda de suas identidades, mas sim de sua eliminação física de um cenário em que ambos não fazem mais sentido, seja isso positivo ou negativo. Esse não é necessariamente o caso da obra de Alencar, no que diz respeito a tanto os Tabajaras como os Pitiguaras.

3.1.2. Tabajaras e Aimorés: Tupi or not Tupi?

Um outro fator importante é comum às duas obras analisadas neste capítulo: é o fato de que, por mais que ambos os autores se proponham a falar sobre a cultura e o passado indígenas com certa autoridade, nenhum dos dois utiliza suas fontes de forma crítica. Mas ao contrário de Cooper, que tomou o relato de John Heckewelder a respeito dos Delaware como um testemunho exato, fato que delineou seus romances, a falta de questionamento das fontes por parte de Alencar não atinge diretamente o enredo de *Iracema*. Se ele cita o francês Jean de Léry, é simplesmente para referenciar algum costume indígena que descreve, e o faz em notas, separadas da narrativa principal.

Alencar também usa suas fontes para compor a estrutura formal do romance, através do uso de vocábulos indígenas na língua tupi. No posfácio ao romance, o romancista afirma que o conhecimento da língua indígena é o melhor caminho para dar originalidade à literatura “nacional”:

*“Ele nos dá não só o verdadeiro estilo, como as imagens poéticas do selvagem, os modos de seu pensamento, as tendências de seu espírito, e até as menores particularidades de sua vida. É nessa fonte que deve beber o poeta brasileiro; é dela que há de sair o verdadeiro poema nacional, tal como eu o imagino.”*³⁰⁹ (grifos meus)

³⁰⁸ HAMILTON, Wynette L. The Correlation between Societal Attitudes and Those of the American Authors in the Depiction of American Indians, 1607-1860. **American Indian Quarterly**, Vol. 1, nº 1, pp. 1-26, Nebraska, 1974. p. 14. “Os índios de Cooper são nobres em seu desgosto por hipocrisia e em sua fidelidade à valores naturais fixos. E se seus princípios e valores espirituais únicos os previnem de alcançar os limites mais altos da moralidade cristã, eles conseguem conciliar a violência física com uma fé inabalável na lei tradicional. De fato, os índios de Cooper eram governados pelos costumes e pela lei natural, enquanto os pioneiros anglo-saxões, isolados como eram dos refinamentos da sociedade civilizada, eram marcados pela falta de limites, pela ignorância, pelo preconceito e por um código de honra bizarro.”

³⁰⁹ ALENCAR, José de. Posfácio. In: **Iracema**. p. 179.

A língua indígena a qual se refere o cearense é a Língua Geral. Também por vezes chamada de língua tupi ou *nheengatu*, esse idioma surgiu no período colonial e era utilizado como língua franca da colônia. Foi posteriormente gramaticalizado pelos jesuítas para fins catequéticos e acabou sendo erroneamente considerado, nos séculos seguintes, como a língua original dos indígenas³¹⁰.

Doris Sommer reflete a respeito do uso da língua geral por parte de Alencar, relacionando-o com a frase de Oswald de Andrade “*Tupi or not tupi?*”. A crítica norte-americana caracteriza a Língua Geral como “a língua do colonizador”:

[...] ela foi uma invenção dos jesuítas, que regularizaram uma série de dialetos diferentes sob esse nome [língua tupi] ou sob o nome de língua geral, como parte do processo de substituição do tupi pelo português. Os jesuítas colecionaram mais fracassos do que sucessos, primeiro porque os índios freqüentemente preferiam internar-se na selva ou cometer suicídio, em vez de ficar confinados à vida estável nas missões; e, em segundo lugar, porque os conquistadores estavam ansiosos por limpar a terra – dos índios, quando necessário.

Em outras palavras, o trocadilho de Oswald de Andrade envolve mais do que a inevitável europeização da cultura brasileira; envolve também a tenacidade da identidade indígena do Brasil, ainda que a fundação do país tivesse sido baseada na remoção dos índios.”³¹¹

O que escapa à autora, em sua interpretação dessa busca pelas raízes indígenas em uma língua que havia sido criada no período colonial, é o fato de que era parte das práticas que consistem a cultura histórica brasileira oitocentista a transformação de relatos e documentos dos séculos em que o Brasil fora colônia em fontes para a escrita da história. O estudo da língua indígena não fugia dessas premissas, como pode ser visto, por exemplo, no dicionário pelo poeta e historiador Gonçalves Dias, que era membro do Instituto Histórico e Geográfico:

“Tomei por base o vocabulário, que o autor da Paranduba Maranhense acrescentou ao seu trabalho, valendo-me da Gramática do Padre Figueira, do Dicionário Brasiliano, publicado por um anônimo em Lisboa, no ano de 1795, de um manuscrito que deparei na Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, e cujo título me esquece agora, de outro Dicionário, também manuscrito, da Biblioteca da Academia Real de Ciências, de Lisboa, e de quatro dos cadernos que acompanharam as remessas do nosso distinto e infatigável naturalista – Alexandre Rodrigues Ferreira, durante sua comissão científica pelo Amazonas nos anos de 1785-86 e 87.”³¹²

³¹⁰ DAHER, Andréa. “Cultura escrita, oralidade e memória: a língua geral na América Portuguesa”. In: PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru: EDUSC, 2004. Ver também: EDELWEISS, Frederico G. Estudos tupis e tupi-guaranis : confrontos e revisões. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1969; FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel. A história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

³¹¹ SOMMER, Op. Cit., p. 167.

³¹² DIAS, Gonçalves. Dicionário da Língua Tupi chamada língua-geral dos indígenas Brasil. In: **Poesia Indianista**: obra indianista completa. Organizada por Márcia Lúcia Guidin. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 195.

Ivana Stolze Lima, em *Cores, marcas e falas*, insere a preocupação de Alencar com a língua indígena no contexto da discussão intelectual oitocentista sobre a língua utilizada no Brasil, que conferiria à incipiente nação um maior caráter de unidade. Segundo a autora, essa polêmica foi marcada, sobretudo, por um descompasso entre a idéia de nação pensada pelos homens de letras do período e a população em si, que além de se expressar em variações regionais ou sociais, utilizava vocábulos de diferentes línguas indígenas e africanas. As soluções para essa distância entre o que era considerado ideal em termos lingüísticos e a língua falada no cotidiano foram colocadas em prática através de políticas educacionais do Império e de uma paulatina formalização da língua com a organização de dicionários da “língua brasileira”. No entanto, esse termo não era claro, na medida em que nem todos os autores analisados por Lima o usaram ou lhe conferiram o mesmo conteúdo³¹³.

Essa discussão permeou principalmente a própria questão da literatura nacional e do indianismo como “literatura americana”, por conta da inserção de vocábulos indígenas, para além da mera adoção do nativo como temática em obras literárias. Segundo Lima, essas práticas acabaram tornando-se uma tendência que beirava o exagero, o que foi repreendido por Macedo Soares, Machado de Assis e pelo próprio Alencar³¹⁴:

*“Mais tarde, discernindo melhor as cousas, lia as produções que se publicavam sobre o tema indígena; não realizavam elas a poesia nacional, tal como me aparecia no estudo da vida selvagem dos autóctones brasileiros. Muitas pecavam pelo abuso dos termos indígenas acumulados uns sobre os outros, o que não só quebrava a harmonia da língua portuguesa, como perturbava a inteligência do texto.”*³¹⁵

Segundo Lima, o foco de Alencar na língua tupi encontra-se relacionado com um interesse romântico por línguas antigas, como parte de sua preocupação com o passado. No caso brasileiro, isso estava fundamentalmente vinculado fundamentalmente às origens do Brasil:

*“O nacionalismo literário de Alencar levou-o às reflexões sobre a língua como corpo em transformação, marcado indelevelmente pela história. Na América, a língua portuguesa terá uma história própria. A natureza americana foi a grande responsável não só por essa transformação, mas por um enriquecimento. O ambiente americano livrou-a de uma extinção certa, e ainda fez com que dela brotasse um ‘novo idioma sonoro, exuberante e vigoroso’. Essa ‘natureza tão opulenta’ foi uma dádiva ao português, atribuindo-lhe uma nova e gloriosa tarefa, que seria ‘servir de raiz a uma das mais belas e opulentas entre as línguas que dominarão na América, antes de um século.’”*³¹⁶

³¹³ LIMA, Ivana Stolze. **Cores, marcas e falas. Sentidos da mestiçagem no Império do Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003. pp. 133-147.

³¹⁴ Id., *ibid.*, p. 158.

³¹⁵ ALENCAR, José de. Posfácio. p. 178.

³¹⁶ LIMA, Op. Cit., pp. 165-166.

No entanto, é importante considerar que embora Alencar tivesse mergulhado em dicionários e gramáticas da língua tupi, entre eles o do próprio Gonçalves Dias, o que o romancista considerava como a chave para se compreender os hábitos, pensamentos, sentimentos e particularidades dos nativos brasileiros tratava-se de uma convenção criada por indígenas e colonizadores para fins práticos, mas que foi estabelecida através dos letrados do Brasil oitocentista como a verdadeira essência desses povos, serviu como forma de mediação entre as populações que os portugueses encontraram ao chegar no Brasil e a percepção de Alencar sobre os mesmos, duzentos anos mais tarde.

Também é relevante para a análise aqui apresentada, uma particularidade apontada por Ivana Soltze Lima acerca de *O Guarani*, em comparação à *Iracema*. Neste primeiro romance, embora não traga um entendimento acerca da língua dos nativos como na obra de 1865, o narrador já traz referências ao que Gonçalves Dias, antes do cearense, já considerava a poesia e musicalidade inerentes à língua indígena³¹⁷. Afirmava que o protagonista Peri fazia poesia instintivamente, estabelecendo a oposição entre o goitacá, um falante do tupi, e os aimorés, que eram incapazes de pronunciar palavras compreensíveis³¹⁸. Esse tipo de antagonismo não aparece em *Iracema*. O próprio chefe dos tabajaras é dotado, dessa vez, de um nome – Irapuã – e de voz para opor-se à presença de Martim na cabana do pajé de sua tribo e ao fato de Iracema o defender. Ao invés das atitudes selvagens e quase irracionais dos aimorés citadas no capítulo anterior, Irapuã defende sua vingança em conselho com seus guerreiros:

“Eis retroa o boré pela amplidão do vale. Travam das armas os rápidos guerreiros e correm ao campo. Quando foram todos na vasta ocara circular, Irapuã, o chefe, soltou o grito de guerra:

- Tupã deu à grande nação tabajara toda esta terra. Nós guardamos as serras donde manam os córregos, com os frescos ipus onde cresce a maniva e o algodão; e abandonamos ao bárbaro potiguara, comedor de camarão, as areias nuas do mar, com os secos tabuleiros sem água e sem florestas. Agora os pecadores da praia, sempre vencidos, deixam vir pelo mar a raça branca dos guerreiros de fogo, inimigos de Tupã. Já os emboabas estiveram no Jaguaribe; logo estarão em nossos campos; e com eles os potiguaras. Faremos nós, senhores das aldeias, como a pomba, que se encolhe em seu ninho, quando a serpente enrosca pelos galhos?

O irado chefe brande o tacape e o arremessa no meio do campo. Derrubando a fronte, cobre o rúbido olhar:

*- Irapuã falou, disse.”*³¹⁹

³¹⁷ “E de facto entre os Tupys era tudo musica e poesia, nascimento e a morte- as guerras e as festas – o amor e a religião – linguagem e a vida – tudo era poesia”. DIAS, Gonçalves. **O Brazil e a Oceania**. Paris/Rio de Janeiro: Garnier, 1909. p. 199.

³¹⁸ LIMA, Op. Cit., p. 164.

³¹⁹ ALENCAR, José de. **Iracema**. pp. 42-43.

Talvez esse tratamento diferente se dê por conta do fato de que, ao contrário dos aimorés, tapuias e, portanto, ainda eram enfrentados militarmente até o século XIX, os tabajaras tiveram sua virgem retirada da tribo por um branco, o que corrompeu sua identidade e levou-a à morte. A importância de Iracema à sua tribo fica evidente no capítulo VII, quando a mesma encontra-se com Irapuã após dar de beber da jurema pela primeira vez a Martim e é confrontada pelo guerreiro acerca da presença do branco na cabana de seu pai:

“- O guerreiro branco é hóspede de Araquém. A paz o trouxe aos campos do Ipu, a paz o guarda. Quem ofender o estrangeiro ofende o Pajé.

Rugiu de sanha o chefe tabajara:

- A raiva de Irapuã só ouvi agora o grito de vingança. O estrangeiro vai morrer.

- A filha de Araquém é mais forte que o chefe dos guerreiros, disse Iracema, travando na inúbia. Ela tem aqui a voz de Tupã, que chama seu povo.

- Mas não chamará! respondeu o chefe escarnecendo.

- Não, porque Irapuã vai ser punido pela mão de Iracema. Seu primeiro passo é o passo da morte.

A virgem retraiu dum salto o avanço que tomara, e vibrou o arco. O chefe cerrou ainda mais o punho do formidável tacape; mas pela vez primeira sentiu que pesava o braço robusto. O golpe que deveria ferir Iracema, ainda não alçado, já lhes trespassava, a êle próprio, o coração.

Conheceu quanto o varão forte é, pela sua mesma fortaleza, mais cativo das grandes paixões.”³²⁰

Portanto, a principal diferença no tratamento que Cooper e Alencar conferem aos indígenas reside em como a oposição entre os índios “bons” e os “maus” é retratada. Enquanto Cooper mantém sua representação habitual dos hurons, Alencar confere apenas traços de crueldade à Irapuã e seus guerreiros, e não a uma tribo de forma generalizada.

Ainda assim, um aspecto é de especial relevância: o fato de que também, em *Iracema*, a descrição dos indígenas é de plena comunhão com a natureza americana posta em evidência ao longo da narrativa. Se os Hurons fazem parte das densas florestas em torno do Glimmerglass, a própria Iracema faz parte das matas da serra que habita. Do início ao fim do romance, a virgem tabajara é sempre descrita metaforicamente, referenciando animais e plantas:

³²⁰ Id., *ibid.*, pp. 50-51.

“Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha rescendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a ema selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oiticida, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sôbre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem, os pássaros ameigavam o canto.”³²¹

Quando Iracema deixa sua tribo para morar com Martim à beira da praia, dá a luz ao seu filho sozinho, valendo-se da natureza ao seu redor:

“Iracema, sentindo que se lhe rompia o seio, buscou a margem do rio onde crescia o coqueiro. Estreitou-se com a haste da palmeira. A dor lascou suas entranhas; porém logo o chôro infantil inundou sua alma de júbilo.

A jovem mãe, orgulhosa de tanta ventura, tomou o tenro filho nos braços e com êle se arrojou-se às águas límpidas do rio. Depois suspendeu-o à teta mimosa; seus olhos o envolviam de tristeza e amor.

- Tu és Moacir, o nascido do meu sofrimento.

A ará, pousada no ôlho do coqueiro, repetiu Moacir; e desde então a ave amiga unia em seu canto ao nome da mãe o nome do filho.”³²²

Da mesma forma, ao falecer a indígena, o narrador afirma que:

“Pousando a criança nos braços paternos, a desventurada mãe desfaleceu como a jetica, se lhe arrancam o bulbo. O espôso viu então como a dor tinha consumido seu belo corpo; mas a formosura ainda morava nela, como o perfume da flor caída do macaná.

Iracema não se ergueu mais da rêde onde a pousaram os aflitos braços de Martim. O terno espôso, em quem o amor renascera com o júbilo paterno, a cercou de carícias que encheram sua alma de alegria, mas não a puderam tornar à vida: o estame de sua flor se rompera.

- Enterra o corpo de tua espôsa ao pé do coqueiro que tu amavas. Quando o vento do mar soprar nas fôlhas, Iracema pensará que é tua voz que fala entre seus cabelos.”³²³

Essa relação com a natureza também aparece em outros personagens na forma de metáforas, mas nunca como nas descrições de Iracema. Poti, Irapuã, Caubi e o próprio Martim são descritos sempre como guerreiros, com este último sendo discernido pela sua religião, raça e status de estrangeiro.

³²¹ Id., *ibid.*, p. 31.

³²² Id., *ibid.*, p. 144.

³²³ Id., *ibid.*, pp. 153-154.

No entanto, a personagem de Martim, de forma mais específica, será analisada na próxima parte do capítulo, em relação ao norte-americano Natty Bumppo.

3.2. Paraísos Perdidos

Em suas análises comparativas entre Cooper e Alencar, Renata Wasserman, por tratar fundamentalmente do discurso do exótico nos romances desses dois escritores, deixa de lado a figura do “homem americano” que ambos inscrevem em suas obras³²⁴. Por “homem americano” não entendemos aqui o indígena, mas sim o europeu que, transformado pelas circunstâncias ambientais e sociais que o cercam, acaba integrando-se de forma bastante particular ao Novo Mundo.

No capítulo anterior, afirmamos que, de acordo com a leitura de Richard Slotkin, duas formas de narrativas coloniais foram articuladas aos padrões do romance histórico europeu por James Fenimore Cooper entre as décadas de 1820 e 1840. A primeira delas foi a narrativa de cativo, que apesar de menos relevantes para essa análise, ainda está presente na elaboração do enredo de *The Deerslayer*. Além dela, fundamentais são os relatos de caçadores, que serviram de base para Cooper e outros autores do século XIX retratarem essas figuras tão essenciais na formação da cultura estadunidense contemporânea³²⁵.

Tratando especificamente de *The Deerslayer*, é relevante retomarmos as interpretações a respeito da obra feitas ao longo do século XX, salientando a tradição interpretativa iniciada pelo britânico D.H. Lawrence, baseada na idéia de que o romance de 1841 é fundamentalmente o clímax de um mito que seu autor vinha elaborando ao longo dos outros quatro livros da série, tratando da relação entre o homem branco e o homem indígena, nas formas de Natty Bumppo e Chingachgook³²⁶.

No entanto, saliento que minha chave de leitura para as obras até aqui analisadas são tomá-las como representações do passado, ou seja, que *The Deerslayer* é um romance que busca representar os primórdios da colonização de Nova York, através das aventuras das duas personagens supracitadas e seu envolvimento com a família de Tom Hutter. Considero, portanto, que Cooper estava reelaborando a figura do caçador

³²⁴ WASSERMAN, Renata R. Mautner. Re-Inventing the New World: Cooper and Alencar. pp. 130-145.

³²⁵ SLOTKIN, Op. Cit., pp. 60-80.

³²⁶ LAWRENCE, Op. Cit., pp. 65-69.

pioneiro de acordo com premissas de seu tempo, mas com base em relatos coloniais e em sua própria experiência no território então considerado limítrofe de seu estado natal.

Tal reelaboração passou por uma série de aspectos que forneceram a historiadores e críticos literários chaves de leitura para diversas interpretações, que vão da própria questão da violência inerente à história norte-americana, no caso do historiador Richard Slotkin, ao desenvolvimento de noções de masculinidade nos Estados Unidos, como abordado pelo crítico literário Leland S. Person³²⁷.

Um outro fator essencial à presente análise é o fato de que o aspecto que se tornou mais evidente ao início desta análise e, portanto, motivou a comparação entre *The Deerslayer* e *Iracema*, foram as leituras críticas que ambos dividem como “mito”. Estas fazem com que a preocupação com o passado percebida nas mesmas seja diferente daquela em outros romances de seus autores. Se o denominador comum dessas interpretações é a conotação mítica que essas obras podem explicitar para seus leitores, uma variante igualmente importante é o fato de que ambas também já foram consideradas como possíveis alegorias bíblicas, como é o caso da obra de R. W. B Lewis, *American Adam*, e das interpretações de *Iracema* feitas por David Treece, que considera que o romancista cearense apropriou-se de uma série de mitos bíblicos, indo da queda edênica ao nascimento de um novo redentor³²⁸.

Muito do que motiva essas interpretações se deve à elaboração das personagens masculinas brancas, que, encontrando-se no ambiente americano, se modificam de acordo com as circunstâncias. No caso das obras de Cooper, o que está no cerne das interpretações bíblicas acerca da figura do fronteiro personificado em Natty Bumppo é o “*crescendo of beauty and decrescendo of reality*” observado inicialmente por D.H. Lawrence ao longo dos cinco romances da série *The Leatherstocking Tales*. Se primeiramente Bumppo é retratado como um velho caçador aos setenta anos – cuja experiência com a civilização o faz repudiá-la em troca das inóspitas terras marginais à ocupação anglo-saxônica – em sua última aparição ele se encontra com vinte anos, sem nunca ter matado um outro ser humano. O resultado disso é o papel fundamental que essa obra de Cooper ocupa na construção da imagem da fronteira como uma espécie de

³²⁷ PERSON, Leland S. The Historical Paradoxes of Manhood in Cooper's "The Deerslayer". **NOVEL: A Forum on Fiction**. Vol. 32, nº 1, Reading Gender After Feminism, pp. 76-98, Providence, 1998.

³²⁸ TREECE, David. **Exiles, allies and rebels**: Brazil's indianist movement, indigenist politics, and the imperial nation-state. Londres: Greenwood Press, 2000. p. 203-204.

jardim do Éden, em que o homem branco se torna puro e dá origem a uma nova civilização³²⁹.

Da mesma forma, a união proibida de Martim e Iracema e suas conseqüências, trágicas ou não, são lidas como alegorias de mitos bíblicos até pelo cenário paradisíaco que os cerca. David Treece é um dos críticos que oferecem esse tipo de leitura, afirmando que Alencar reconstruiu a narrativa bíblica de queda, traição, sacrifício e nascimento do redentor de forma a representar as contradições e o legado da culpa oriundos da violência da colonização que abalavam a consciência cultural dos românticos brasileiros³³⁰.

Essas personagens – Bumpo e Martim – oferecem-nos possibilidades para uma melhor compreensão do tipo de representação do passado que Cooper e Alencar elaboraram ao tratar da chegada do homem branco no continente americano e que papel eles possuem na criação da originalidade de suas respectivas nações. Sérgio Bellei, ao se debruçar sobre o romance do cearense nos traz algumas formas de leitura relevantes, ao chamar a atenção para as inversões de sentido no que as personagens do romance de Alencar representam:

*“Em Iracema, a ‘virgem dos lábios de mel’ é apresentada, mas precariamente, como emblema de não violência e doçura, e Martim é apresentado, também precariamente, como o civilizador benevolente. Nos dois casos, a precariedade de sentido aponta sempre para as fraturas no significado idealizante do texto. Este acaba por deixar entrever a presença de violência lá onde se lê ‘civilização’ e de amargura onde se lê ‘doçura’. Essas inversões de sentido, contudo, só se tornam mais claramente visíveis quando se abandona a perspectiva de uma leitura meramente textual (do ‘texto em si’) de Iracema e se apela para uma leitura intertextual em que o texto de Alencar é percebido como repetição de uma tópica cuja função histórica essencial é precisamente ocultar sentidos amargos.”*³³¹

A tópica a que se refere Bellei é a da “donzela salvadora”, o que por si só implica a passividade do herói do romance, que geralmente trata-se de um viajante recém-chegado a uma terra estranha. Embora seja muito mais relacionável ao caso dos relatos do explorador inglês John Smith acerca de Pocahontas, filha de um chefe indígena de uma tribo do território que veio a ser a Virginia, ela apresenta determinados aspectos que podem ser proveitosos também para uma leitura de *The Deerslayer*, sobretudo tratando-se de certos significados recorrentes a esse tópico, principalmente o

³²⁹ Leland S. Person tem um artigo a respeito da possibilidade de um mito edênico feminino na literatura de fronteira norte-americana, ao analisar romances escritos por mulheres durante o século XIX. Ver: PERSON JUNIOR, Leland S. *The American Eve: Miscegenation and a Feminist Frontier Fiction*. *American Quarterly*. Vol. 37, nº 5, pp. 668-685, Baltimore, 1985.

³³⁰ TREECE, David. *Exiles, allies and rebels*. p. 203.

³³¹ BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A virgem dos lábios sem mel. *Luso-Brazilian Review*. Vol. 36, nº 2, pp. 63-80, Madison, 1999. p. 68.

que Bellei chama de “homem politrópico”, que é “[...] *basicamente o aventureiro disposto a utilizar, para melhor sobreviver em terra estranha, um discurso ambivalente ou de ‘verdades múltiplas’*”³³²

Aqui a leitura efetuada por Bellei sobre Martim Soares apresentado como um “homem politrópico” nos é particularmente importante, na medida em que tanto Martim como Iracema comportam-se alternadamente como passivos e ativos ao logo da narrativa. Sendo assim, até mesmo a caracterização de Martim como um guerreiro torna-se ambivalente:

*“Constantemente apresentado como tal, é contudo um guerreiro cuidadosamente mantido passivo e paralisado seja pelas peripécias do enredo, seja pela ação salvadora de Iracema, ou de seu irmão, Caubi, ou ainda de Araquém. Martim é um guerreiro, que, no final das contas, não combate e não suja as mãos de sangue: é guerreiro mais na imagem do que na ação.”*³³³

No entanto, antes de passar à própria questão da violência nos romances, deve-se considerar que existe ambivalência na própria condição de Martim como branco. Ao contrário de parecer um europeu recém-chegado ao Novo Mundo, na primeira cena em que aparece, Martim já fala a língua franca utilizada entre os indígenas considerados tupis e os colonizadores. Além de parecer totalmente integrado à cultura indígena, Martim deixa para trás parte de sua identidade como branco depois de ir morar com Iracema na beira da praia:

“O estrangeiro, tendo adotado a pátria da espôsa e do amigo, devia passar por aquela cerimônia, para tornar-se um guerreiro vermelho, filho de Tupã. Nessa intenção fôra Poti se prover dos objetos necessários.

[...]

- *Meu irmão é um grande guerreiro da nação pitiguara; êle precisa de um nome da língua de sua nação.*

- *O nome de teu irmão está em seu corpo, onde o pôs tua mão.*

- *Coatiabo! exclamou Iracema.*

- *Tu disseste: eu sou o guerreiro pintado; o guerreiro da espôsa e do amigo”.*

*Poti deu a seu irmão o arco e o tacape, que são as armas nobres do guerreiro. Iracema haia tecido para êle o cocar e a araçóia, ornatos dos chefes ilustres.”*³³⁴

No entanto, a saudade que o português ocasionalmente sente de sua terra natal, geralmente associada com imagem de uma noiva de sua própria raça, acompanham a

³³² Id., *ibid.*, p. 69.

³³³ Id., *ibid.*, p. 72.

³³⁴ ALENCAR, José de. **Iracema**. pp. 121-122. Segundo a nota de Alencar, *Coatiabo* significa “homem pintado”. p. 174.

personagem através da narrativa. A ambigüidade de Martim em relação à virgem tabajara já é expressa no sexto capítulo do romance:

“O cristão contempla o ocaso do sol. A sombra, que desce dos montes e cobre o vale, penetra sua alma. Lembra-se do lugar onde nasceu, dos entes queridos que ali deixou. Sabe êle se tornará a vê-los algum dia?

[...]

Iracema parou em face do jovem guerreiro:

- É a presença de Iracema que perturba a serenidade no rosto de estrangeiro?

Martim pousou brandos olhos na face da virgem:

- Não, filha de Araquém; tua presença alegre como a luz da manhã. Foi a lembrança da pátria que trouxe a saudade ao coração pressago.

- Uma noiva te espera?

O forasteiro desviou os olhos. Iracema dobrou a cabeça sôbre a espádua, como a tenra palma da carnaúba, quando a chuva peneira na várzea.

- Ela não é mais doce do que Iracema, a virgem dos lábios de mel; nem mais formosa! Murmurou o estrangeiro.

- A flor da mata é formosa quando tem rama que a abrigue, e tronco onde se enlace. Iracema não vive nalma de um guerreiro: nunca sentiu a frescura de seu sorriso.

Emudeceram ambos, com os olhos no chão, escutando a palpitação dos seios que batiam oprimos.

A virgem falou enfim:

- A alegria voltará logo à alma do guerreiro branco, porque Iracema quer que êle veja antes da noite a noiva que o espera.”³³⁵

Como já dito, é justamente o anseio de Martim pelos seus, juntamente com suas longas ausências guerreando junto a Poti, que fazem com que o relacionamento de Iracema e Martim acabe prejudicado:

“O cristão amou a filha do sertão como nos primeiros dias, quando parece que o tempo nunca poderá estancar o coração. Mas breve sóis bastara, para murchar aquelas flores de uma alma exilada da pátria.

O imbu, filho da serra, se nasce na várzea porque o vento ou as aves o trouxeram a semente, vinga achando boa terra e fresca sombra; talvez um dia cope a verde folhagem e enflora. Mas basta um sôpro do mar, para tudo murchar. As fôlhar lastram o chão; as flores, leva-as a brisa.

Como o imbu na várzea, era o coração do guerreiro branco na terra selvagem. A amizade e o amor o acompanharam e fortaleceram durante algum tempo, mas agora, longe de sua casa e de seus irmãos, sentia-se no êrmo. O amigo e a espôsa não bastavam mais a sua existência cheia de grandes desejos e nobres ambições.

³³⁵ Id., *ibid.*, pp. 45-46.

Passava os já tão breves, agora longo sóis, na praia, ouvindo gemer o vento e soluçar as ondas. Com os olhos engolfados na imensidade do horizonte, buscava, mas embalde, descobrir no azul diáfano a alvura de uma vela perdida nos mares.

[...]

*Às vezes lhe vinha à mente a idéia de tornar à sua terra e aos seus; mas êle sabia que Iracema o acompanharia; e essa lembrança lhe remordeu o coração. Cada passo mais que afastasse dos campos nativos a filha dos tabajaras, agora que ela não tinha o ninho de seu coração para abrigar-se, era uma porção da vida que lhe roubava.*³³⁶

Se Martim é habitado por uma série de ambigüidades em relação à sua presença e inserção juntos aos pitiguaras, também Natty Bumppo apresenta indiossincracias que o distanciam do homem europeu e dos indígenas simultaneamente. A conotação ambivalente do homem de fronteira estadunidense – por mais que tenha sido elaborada positivamente por alguns intérpretes, principalmente o fundador da *Western History*, Frederick Jackson Turner – ao longo da série de romances traz para essa personagem conseqüências que vão desde o ostracismo por parte de assentamentos, como é o caso de *The Pioneers*, até pelo abandono de relações de cunho romântico como em *The Pathfinder*. A solidão e a amargura, principalmente, são os resultados dessas múltiplas verdades para Natty Bumppo.

Assim como Martim Soares, raramente Bumppo é referido nos romances por seu “nome cristão”, sendo, ao invés disso, referido por nomes indígenas anglicizados não apenas em diálogos, mas também pelo narrador. Em *The Deerslayer*, trata-se do nome que dá o título ao romance, e, quando mata o Huron Lynx, recebe o nome de guerra *Hawkeye*, pela qual a personagem fica conhecida em *The Last of the Mohicans*. Mas a “mestiçagem” do jovem Deerslayer não é limitada à sua convivência com indígenas: ela encontra-se em seus hábitos, vestimentas e habilidades, a começar por aquelas que lhe dão o título de matador-de-cervos. No entanto, algumas observações devem ser feitas, na medida em que existe alguma licença nessas ambigüidades como meio de adaptação às inóspitas florestas do interior do território americano. É o caso das que o narrador concede a Hurry Harry e Deerslayer na descrição das duas personagens, no capítulo inicial do romance:

“Both these frontiersmen were still young, Hurry having reached the age of six or eight and twenty, while Deerslayer was several years his junior. Their attire needs no particular description, though it may be well to add that it was composed in no small degree of dressed deerskins, and had the usual signs of belonging to those who pass their time between the skirts of civilized society and the boundless forests. There was, notwithstanding, some attention to smartness and the picturesque in the arrangements of Deerslayer’s dress, more particularly connected with his arms and accoutrements. His rifle was in perfect condition, the handle of his hunting knife was neatly carved, his

³³⁶ Id., *ibid.*, pp. 136-137.

*powder horn was ornamented with suitable devices lightly cut into the material, and his shot pouch was decorated with wampum.*³³⁷

Em um outro momento da narrativa, ao reprovar o fato de seu amigo Chingachgook estar experimentando um casaco vermelho achado na casa dos Hutter, obviamente pertencente a um oficial britânico, o jovem caçador justifica seu uso de mocassins:

*“‘Off with it, Serpent – off with it,’ resumed the inflexible Deerslayer; ‘such garments as little become you as they would become me. Your gifts are for paint, and hawk’s feathers, and blankets, and wampum; and mine are for doublets of skins, tough legging, and serviceable moccasins. I say moccasins, Judith, for though white, living as I do in the woods, it’s necessary to take to some of the practices of the woods, for comfort’s sake and cheapness.’”*³³⁸

Como evidenciado pela citação acima, Deerslayer, mais do que ninguém, contrapõe sua condição de homem branco à sua presença em meio aos Delaware. Em diversos momentos da narrativa, ele não apenas se afirma como branco, mas também como cristão – o que o diferencia até mesmo dos outros homens brancos da narrativa. Deerslayer recusa-se, desde os capítulos iniciais do romance, a seguir as atitudes de Harry March, inicialmente discordando da postura deste em relação à possibilidade de Judith Hutter – por quem March era apaixonado – escolher outro homem que não ele:

“‘You would not harm the man she has chosen, Hurry, simply because she found him more to her liking than yourself?’

‘Why not? If an inimy crosses my path, will I not beat him out of it! Look at me! am I a man like to let any sneaking, crawling, skin-trader get the better of me in a matter that touches me as near as the kindness of Judith Hutter? Besides, when we live beyond law, we must be our own judges and executioners. And if a man should be found dead in the woods, who is there to say who slew him, even admitting that the colony took the matter in hand and made a stir about it?’

‘If that man should be Judith Hutter’s husband, after what has passed, I might tell enough, at least, to put the colony on the trail.’

³³⁷ COOPER, James Fenimore. **The Deerslayer**. p. 5. “Ambos esses fronteirços ainda eram jovens, Hurry tendo alcançado a idade de vinte seis ou oito anos, enquanto Deerslayer era muito anos mais jovem. Suas roupas não precisam de descrições mais particulares, apesar de que pode ser dito que era composto sem menores graus de peles de cervos, e tinham os sinais habituais de pertencer àqueles que passam seu tempo entre as margens da sociedade civilizada e a floresta sem limites. Havia, entretando, alguma atenção ao capricho e o pitoresco nos arranjos das vestimentas de Deerslayer, mais particulamente em relação às suas armas e utensílios. Seu rifle estava em perfeitas condições, o cabo de sua faca de caça era belamente esculpido, seu chifre de pólvora era ornado com os desenhos próprios suavemente engravados no material, e seu saco de tiro era decorado com contas.”

³³⁸ Id. *ibid.*, p. 186. “Tire isso, Serpente – tire isso,” disse o inflexível Deerslayer, “tal vestimenta não lhe serve tampouco serviria a mim. Seus dons são para tinta, e penas de falcão, e cobertores, e contas; e os meus são para vestimentas de peles, calças grossas, e mocassins úteis. Eu digo mocassin, Judith, porque embora seja branco, vivendo como eu vivo nas matas, é necessário adotar algumas das práticas da floresta, para fins de conforto e de custo.”

'You! – half-grown, venison-hunting bantling! You dare to think of informing against Hurry Harry in so much as a matter touching a mink or a woodchuck!'

*'I would dare to speak truth, Hurry, consarning you or any man that ever lived.'*³³⁹

É justamente a falta de autoridade quase permanente no ambiente selvagem do território periférico à ocupação européia na costa leste dos Estados Unidos que faz com que o jovem mantenha uma série de valores acerca do que é certo ou errado, o que, no romance, é atribuído à sua convivência com missionários, o que fica evidente na seqüência do diálogo citado:

“‘I thought we had been friends,’ he [March] at length added; ‘but you’ve got the last secret of mine that will ever enter your ears.’

‘I want none, if they are to be like this. I know we live in the woods, Hurry, and are thought to be beyond human laws – and perhaps we are so, in fact, whatever it may be in right – but there is a law and a lawmaker, that rule across the whole continent. He that flies in the face of either need not call me friend.’

*‘Damme, Deerslayer, if I do not believe you are at heart a Moravian, and no fair-minded, plan-dealing hunter, as you’ve pretended to be!’*³⁴⁰

O status de guerreiro de Deerslayer, portanto, também é ambíguo em relação aos seus conterrâneos da mesma raça, o que se torna mais contrastante ainda quando se trata da violência dirigida aos indígenas, mesmo que sejam hurons. Além de discordar

³³⁹ Id., *ibid.*, p. 12. “‘Você não faria mal o homem que ela escolheu, Hurry, simplesmente porque ela o achou mais de seu agrado do que a você?’

‘Por que não? Se um inimigo cruza o meu caminho, eu não o tiraria do meu caminho! Olhe para mim! Sou eu um homem que deixaria qualquer vendedor de peles furtivo e rastejante me ganhar em um assunto que me toca do mesmo jeito que os agrados de Judith Hutter? Além disso, quando nós vivemos além da lei, nós podemos ser nossos próprios juizes e carrascos. E se um homem deve ser achado nos bosques, quem dirá quem foi que o matou, até admitindo que a colônia tome o assunto em suas mãos e fizesse um rebuliço a respeito?’

‘Se esse homem for o marido de Judith Hutter, depois do que se passou, eu direi o suficiente, pelo menos, para colocar a colônia na trilha.’

‘Você! – seu fedelho, mal-crescido e cacador de cervos! Você ousa pensar em falar contra Hurry Harry a respeito de coisas até mesmo como uma martas ou uma marmota!’

‘Eu ousaria dizer a verdade, Hurry, a respeito de você ou qualquer homem que já viveu.’”

³⁴⁰ Id., *ibid.*, p. 13. “‘Eu achava que nós éramos amigos,’ ele [March] depois falou; ‘mas você tem o último segredo a meu respeito que irá entrar em suas orelhas.’

‘Eu não quero nenhum, se eles forem como esse. Eu sei que nós vivemos na floresta, Hurry, e pensamos que estamos além das leis humanas – e talvez nós somos, de fato, o que quer que seja direito – mas há uma lei e um fazedor de leis, que governam através do continente inteiro. Ele que estrapola em face aos dois não precisa me chamar de amigo.’

‘Diabo, Deerslayer, se eu não acredito que você é, no fundo, um moraviano, e não um caçador centrado, como você finge ser!’”

diversas vezes da opinião de Harry acerca dos nativos, Deerslayer recusa o escalpelamento, prática da qual seus companheiros retiram recompensas junto às autoridades locais. Ao longo dos primeiros capítulos do romance, Cooper delinea claramente como seu protagonista posiciona-se em relação a esse tipo de atitude, o que, de certa forma, serve como uma introdução para que o leitor compreenda como um branco se considera irmão de um indígena. No capítulo III do romance, Deerslayer explica como concebe a diferença entre as raças humanas:

“God made us all, white, black, and red; and, no doubt, had his own wise intentions in coloring us differently. Still, he made us, in the main, much the same in feelin’s; though I’ll not deny that he gave each race its gifts. A white man’s gifts are Christianized, while a redskin’s are more for the wilderness. Thus, it would be a great offense for a white man to scalp the dead; whereas it is not a signal virtue in an Indian. Then ag’in, a white man cannot amboosh women and children in war, while a redskin may. ‘Tis cruel work, I’ll allow; but for them it’s lawful work, while for us, it would be grievous work.”³⁴¹

Por esses motivos, quando March e Hutter partem para atacar um acampamento de Hurons, mesmo sabendo que este não é um acampamento de guerra, ou seja, repleto de mulheres e crianças, Deerslayer fica para trás. Tal atitude impede que o rapaz seja capturado junto com seus companheiros quando a emboscada fracassa. São nestas circunstâncias que, deixado sozinho no meio da mata, dorme dentro de uma canoa e acaba acordando na situação, na qual, de acordo com o narrador, dá início à sua trajetória:

“Such was the commencement of a career in forest exploits, that afterwards rendered this man, in his way, and under the limits of his habits and opportunities, as renowned as many a hero whose name has adorned the pages of works more celebrated than legends simple as ours can ever become.”³⁴²

Tal começo é marcado pelo momento em que Deerslayer mata o Huron Lynx, quando combatem pela canoa que sobrou das peripécias de March e Hutter na noite anterior. As atitudes do jovem perante o perigo são coerentes com o posicionamento que mantivera junto aos seus companheiros, até mesmo no que diz respeito a atacar um inimigo:

³⁴¹ Id., *ibid.*, p. 32. “Deus nos fez a todos, brancos, negros e vermelhos; e, sem dúvida, tinha suas próprias intenções sábias ao nos colorir de forma diferente. Ainda assim, ele nos fez, na maior parte, iguais em sentimentos; embora eu não negarei que deu a cada uma das raças seus dons. Os dons de um homem branco são Cristianizados, enquanto os de um pele-vermelha são mais da floresta. Assim, seria uma grande ofensa um homem branco escalpelar um morto; enquanto não é um sinal de virtude em um índio. Aí, novamente, um homem branco não pode emboscar mulheres e crianças em guerra, enquanto um pele-vermelha pode. É cruel, eu concedo; mas para eles é trabalho honesto, enquanto para nós, seria trabalho doloroso.”

³⁴² Id., *ibid.*, p. 94. “Tal foi o começo de uma carreira de explorações de florestas, que mais tarde deixou esse homem, à sua maneira, e sob os limites de seus hábitos e oportunidades, tão conhecido quanto muitos heróis cujos nomes têm adornado as páginas de obras mais celebradas que lendas simples como a nossa pode tornar-se.”

“Nothing would have been easier than to spring forward, and decide the affair by a close assault on his unprepared foe; but every feeling of Deerslayer revolted at such a step, although his own life had just been attempted from a cover. He was yet unpracticed in the ruthless expedients of savage warfare, of which he knew nothing except by tradition and theory, and it struck him as an unfair advantage to assail an unarmed foe. His color had heightened, his eye frowned, his lips were compressed, and all his energies were collected and ready; but, instead of advancing to fire, he dropped his rifle to the usual position of a sportsman in readiness to catch his aim, and muttered to himself, unconscious that he was speaking –

‘No, no – that may be redskin warfare, but it’s not a Christian’s gift. Let the miscreant charge, and then we’ll take it out like men; for the canoe he must not, and shall not have. No, no; let him have time to lead, and God will take care of the right!’”³⁴³

Primeiramente, ao invés de envolver seu inimigo em combate, Deerslayer conversa com o indígena e ambos chegam a um acordo acerca da canoa ambicionada pelo huron. Contudo, Deerslayer nota que Lynx pretente pegá-lo desprevenido. Dessa vez, considera a ameaça motivo o suficiente para atirar e fere o indígena mortalmente. Apesar das expectativas do moribundo, recusa-se a pegar seu escalpo, atitude que justifica por suas “virtudes” cristãs, e ainda tenta reconfortá-lo para aliviar os incômodos do ferimento. Ao final, o Huron indaga qual o nome do homem que matou:

“Deerslayer is the name I now bear, though the Delawares have said that when I get back from this warpath, I shall have a more manly title, provided I can ‘arn one.’

‘That good name for a boy – poor name for a warrior. He better quick. No fear there -’ the savage had strength sufficient, under the strong excitement he felt to raise a hand and tap the young man on his breast – ‘eye sartain – finger lightning – aim, death – great warrior soon. No Deerslayer – Hawkeye – Hawkeye – Hawkeye. Shake hand.’”³⁴⁴

É dessa forma que Deerslayer torna-se um homem, recusando-se a agir fora dos preceitos que considera cristãos e dignos de um homem branco, mas que ao final o

³⁴³ Id, *ibid.*, p. 95. “Nada poderia mais ser mais fácil do que adiantar-se e decidir o feito com um ataque próximo ao seu despreparado algoz; mas todos os sentimentos de Deerslayer se revoltaram com tal passo, embora sua própria vida havia sido recém almejada de uma cobertura. Ele ainda não tinha prática nas impiedosas práticas do guerrear selvagem, do qual ele não sabia nada a não ser o que lhe tinha sido transmitido pela tradição e teoria, e lhe pareceu uma vantagem injusta atacar um algoz desarmado. Sua cor havia aumentado, seu olho franzido-se, seus lábios estavam comprimidos, e todas as suas energias estavam reunidas e prontas; mas, ao invés de avançar para atirar, ele largou seu rifle para a posição comum de um esportista pronto para mirar, e murmurou para si mesmo, inconsciente de que estava realmente falando –

‘Não, não – isso pode ser guerra de pele-vermelhas, mas não é a virtude de um cristão. Deixe o patife vir primeiro e daí tomaremos a coisa como homens; porque a canoa ele não *deve* e não *pode* ter. Não, não; deixe que ele tenha tempo para começar e Deus cuidará do que é certo.’”

³⁴⁴ Id. *ibid.*, p. 102. “Deerslayer é o nome que eu agora carrego, embora os Delaware tenham dito que quando eu voltar desse *warpath*, eu deverei ter um título mais másculo, desde que eu o mereça.’

‘Esse nome bom para um garoto – nome pobre para um guerreiro. É melhor se apressar. Sem medo -’ o selvagem tinha força o suficiente sob a forte excitação que sentia para erguer a mão e tocar o jovem em seu peito – ‘olho certo – dedo rápido- mira, morte – grande guerreiro em breve. Deerslayer não – Hawkeye- Hawkeye – Hawkeye. Aperte a mão.’”

fazem ganhar o respeito de um indígena da tribo que, para ele, é mais selvagem e impiedosa. Através desse último diálogo, pode-se também perceber que apesar de recusar-se a compartilhar atitudes que considera errôneas, Deerslayer está no *warpath* com o objetivo de mais tarde retornar para a tribo que o adotou, provar que agora é um guerreiro e ganhar um nome novo. Além disso, apesar de considerar determinadas atitudes como bárbaras, as reconhece como sendo justas dentro da lógica dos indígenas, embora não as pratique, o que não impede que busque aprovação entre aqueles que considera irmãos.

Portanto, assim como Martim, a personagem de Natty Bumppo nesse romance está permeada de ambigüidades no que diz respeito ao seu status de guerreiro – tanto entre os brancos como entre os indígenas – e seu pertencimento entre as duas raças. Contudo, a postura que estes personagens irão manter perante as mulheres é completamente diferente. Como se sabe, *Iracema* é fundamentalmente a história de amor entre um português e uma indígena que, consumada, produz um mestiço. Em *The Deerslayer*, assim como nos outros romances de Cooper, a possibilidade de mestiçagem é sempre vetada, já que, como demonstrado anteriormente, a própria adoção por parte de um branco de valores indígenas é mal-vista por seu protagonista. Se Bumppo adota alguns hábitos – como por exemplo o uso do mocassim – é somente pela necessidade de sobrevivência nas florestas americanas.

Nos capítulos finais do romance, Deerslayer é capturado, mas tem sua sessão de tortura adiada para servir de mensageiro a seus companheiros, que, com a arca e o castelo de Hutter tomados – e seu dono, morto –, estão a mercê dos índios. As propostas dos iroqueses são negadas tanto pelas irmãs Judith e Hetty, como por Chingachgook e sua noiva. Deerslayer retorna para seus captores, honrando a combinação à maneira dos nativos, o que surpreende os Hurons consideravelmente. Eles reúnem-se em conselho e decidem propor que o jovem se case com a viúva de Lynx, o guerreiro que matou. Ao ouvir a ordem de Rivenoak, o jovem recusa terminantemente, apesar da mesma significar que sua vida seria poupada. A justificativa para o não envolvimento de Deerslayer com uma mulher indígena corresponde a sua concepção de que as diferentes raças humanas, embora iguais perante Deus, possuem cada uma seus dons e virtudes:

“[...] Mingo, I’m white, and Christian-born; ‘t would ill become me to take a wife, under redskin forms, from among heathen. That which I wouldn’t do in peaceable times, and under a bright sun, still less I would do behind clouds, in order to save my life. I may never marry; most likely Providence, in putting up here in the woods, has intended that I should live single, and without a lodge of my own; but should such a thing come to pass, none but a woman of my own color and gifts shall darken the door

*of my wigwam. As for feeding that young of your dead warrior, I would do that cheerfully, could it be done without discredit; but it cannot, seeing that I can never live in a Huron village. Your own young men must find the Sumach in venison, and the next time she marries, let her take a husband whose legs are not long enough to overrun territory that don't belong to him. We fou't a fair battle, and he fell; in this there is nothin' but what a brave expects, and should be ready to meet. As for getting a Mingo heart, as well might you expect to see gray hairs on a boy, or the blackberry growing on the pine. No, no, Huron; my gifts are white, so far as the wives are consarned; it is Delaware in all things touchin' Injins.'*³⁴⁵

Assim sendo, inexistente a possibilidade de haver, por parte das personagens de Cooper, qualquer tipo de mestiçagem, assim como foi visto em *The Last of the Mohicans*, com a atração entre Cora, descendente de mulatos, e o delaware Uncas.

Mas se nesse aspecto, o estadunidense é radicalmente diferente de Alencar, já que a mestiçagem no caso brasileiro é possibilitada – afinal de contas se consuma uma relação que é somente insinuada em *O Guarani*. Mas ela também não é dotada completamente de positividade. A chegada de Martim ao campo dos tabajaras já causa uma ruptura dentro da própria tribo, na medida em que o pajé Araquém e seus filhos o recebem com uma hospitalidade que é hostilizada pelos guerreiros, mais especificamente pelo chefe Irapuã.

As conseqüências de Iracema trair o segredo da jurema, ou seja, entregar-se para um guerreiro, qualquer que seja, são anunciadas desde a primeira vez que Martim bebe o licor que somente a tabajara sabia produzir. Em um primeiro momento, a ameaça é para o próprio português: “*Iracema é filha do Pajé e guarda o segredo da jurema. O guerreiro que possuíse a virgem de Tupã morreria.*”³⁴⁶ Já Araquém, quando enfrenta Irapuã e os homens de sua tribo, que adentram sua cabana para capturar Martim, é a virgem que tem sua sentença: “*Se a virgem abandonou ao guerreiro branco a flor de*

³⁴⁵ Id., *ibid.*, p. 436. “Mingo, eu sou branco, e nascido Cristão; não me cairia bem tomar uma esposa sob formas de pele-vermelha, saída dos pagãos. Aquilo que eu não faria em tempos de faz e sob o brilho do sol, menos ainda eu faria atrás de nuvens, para salvar minha vida. Talvez eu nunca me case; é mais provável que a Providência, colocando-me aqui nas matas tenha pretendido que eu deva viver solteiro e sem uma casa só minha; but se coisa do tipo acontecer, ninguém que não seja uma mulher de minha cor e dons irá escurecer a porta da minha cabana. Quanto a alimentar os filhos de seu guerreiro morto, eu o faria alegremente, se isso pudesse ser feito sem me causar descrédito; mas não posso, já que eu nunca poderia viver em um vilarejo Huron. Seus próprios jovens devem achar cervo para Sumach e da próxima vez que ela for casar, que arrume um marido que não tenha pernas longas o suficiente para entrar em território que não lhe pertence. Nós lutamos uma batalha justa, e ele caiu; nisso não há nada que um bravo não espere e deva estar pronto a encontrar. Quanto a obter um coração Mingo, vocês podem esperar também que cresça cabelos grisalhos em um menino, ou que a framboesa cresça no pinheiro. Não, não, Huron; meus dons são brancos, no que diz respeito à esposas; e é Delaware, em todas as coisas que tocam em índios.”

³⁴⁶ ALENCAR, José de. **Iracema**. p. 54.

seu corpo, ela morrerá; mas o hóspede de Tupã é sagrado: ninguém o ofenderá; Araquém o protege”³⁴⁷.

Na última noite que o português passa na cabana do pajé tabajara, Iracema e Martim já não resistem à atração que sentem um pelo outro:

“Iracema recosta-se langue ao punho da rêde; seus olhos negros e fúlgidos, ternos olhos de sabiá, buscam o estrangeiro e lhe entram nalma. O cristão sorri; a virgem palpita; como saí, fascinado pela serpente, vai declinando o lascivo talhe, que se debruça enfim sôbre o peito do guerreiro.

Já o estrangeiro a preme ao seio; e o lábio ávido busca o lábio que o espera, para celebrar nesse ádito o himeneu do amor.

No recanto escuro o velho Pajé, imerso em funda contemplação e alheio às coisas dêste mundo, soltou um gemido doloroso. Pressentira o coração o que não viram os olhos? Ou foi algum funesto presságio para a raça de seus filhos, que assim ecoou nalma de Araquém?”³⁴⁸

Para os amantes, sua união também não é exatamente desprovida de dúvidas, sentimentos de culpa e questionamentos. Iracema deixará sua tribo, trairá o destino que lhe conferira Tupã e sacrificará sua identidade. Martim, porque não se sente completamente à vontade longe dos seus e porque também sacrifica sua identidade ainda que temporariamente: *“Os beijos de Iracema são doces no sonho; o guerreiro branco encheu dêles a sua alma. Na vida, os lábios da virgem de Tupã amargam e doem como o espinho da jurema*”³⁴⁹. Possuindo Iracema sob o efeito do licor da jurema, que tomara para aliviar sua culpa por não resistir à tabajara, Martim parece não ter consciência do que fez até mesmo quando ela o segue para fora do território de sua tribo, alegando que Araquém já não tem mais sua filha e que agora é esposa do guerreiro branco:

“ – Iracema te acompanhará, guerreiro branco, porque ela já é tua espôsa.

Martim estremeceu.

– Os maus espíritos da noite turbaram os espírito de Iracema.

– O guerreiro branco sonhava, quando Tupã abandonou sua virgem. A filha do Pajé traiu o segrêdo da jurema.

O cristão escondeu as faces à luz.

– Deus!... clamou seu lábio trêmulo.

– Permaneceram ambos mudos e quedos.”³⁵⁰

³⁴⁷ Id., ibid., p. 66.

³⁴⁸ Id., ibid., pp. 85-86.

³⁴⁹ Id., ibid., p. 88.

³⁵⁰ Id., ibid., p. 95.

Para além das ameaças, o final trágico e o calvário pelo qual passa Iracema depois de abandonar sua tribo e, principalmente, após dar a luz a Moacir – o filho de seu sofrimento – denotam a dubiedade do aspecto positivo que interpretações como as de Doris Sommer e Renata Wasserman conferem à consumação da mestiçagem no romance de Alencar. Como já dito, ambas aparentam fazer uma leitura das obras indianistas do cearense à luz de textos acerca da formação da sociedade brasileira que só foram escritos e publicados a partir do início do século XX, mais marcadamente, pela obra de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda. No caso de Sommer, a autora justifica a concepção de *O Guarani* e, principalmente, *Iracema*, como romances fundacionais da literatura brasileira, destacando o que considera certo pioneirismo de Alencar, que já teria “[...] abraçado a sugestão em seus romances e suas reflexões sobre a autonomia cultural brasileira”³⁵¹ depois de von Martius:

“‘Conciliação’ e ‘cordialidade’ tanto na política partidária [a autora refere-se aqui ao período da conciliação durante o Segundo Reinado] como na racial, ao invés das convulsões militares da América Espanhola, se tornaram os lemas na tradição dominante da historiografia e sociologia brasileiras. O tema colore de tal maneira a história que o brasileiros contram sobre eles próprios que até a crueldade ofuscante e por vezes requintada da conquista e da escravidão tem seu tom suavizado pelo brilho geral do sincretismo. Os índios – as índias, em especial – são lembrados com afeto pela atenção que deram aos conquistadores, pelos alimentos que preparavam e pelos cuidados pessoais que tornavam a eles próprios e seus bebês mestiços tão atraentes.”³⁵²

Porém a positividade que a autora afirma que tanto Von Martius quanto Alencar conferem para o fato de o Brasil ser um país mestiço necessita ser relativizada. Iracema não é apenas “punida” ao final do romance por haver traído os desígnios que sua tribo havia lhe conferido – aqueles de virgem detentora de um segredo de dimensões religiosas –, mas principalmente por ter abandonado sua identidade indígena e produzido um filho com um homem de outra raça. As conseqüências da união para Martim são menos trágicas, já que além de sobreviver, somente sofre com as saudades de sua terra natal. Além de angariar sentimentos de rejeição quando deixa de receber os afetos do marido, Iracema sofre em sua gravidez, no parto e até mesmo para alimentar a criança, tendo de primeiro amamentar iraras, que lhe machucam os seios e os fazem sangrar, para depois alimentar Moacir, que passa a ser “[...] duas vezes filho de sua dor, nascido dela e também nutrido”³⁵³

³⁵¹ SOMMER, Op. Cit., p. 181.

³⁵² Id., *ibid.*., p. 82.

³⁵³ ALENCAR, José de. *Iracema* p. 150.

Por fim, vale chamar a atenção para uma outra convenção do romance histórico que se repete tanto em *The Deerslayer* como em *Iracema*: a oposição de personagens loiras e morenas, com suas características contrastantes que não cessam somente em uma questão física. É relevante considerarmos que Iracema, indígena e morena, é constantemente colocada em oposição à noiva loira e sem nome de Martim: “*Martim se embala docemente; e, como a alva rêde que vai e vem, sua vontade oscila de um a outro pensamento. Lá o espera a virgem loura dos castos afeto; aqui lhe sorri a virgem morena dos ardentes amôres*”³⁵⁴.

Também, se Iracema é morena e indígena, tem muito mais licença para agir fora das premissas da submissão e recato esperado das brancas e loiras. É necessário recordar que a tabajara recepciona Martim no campo de seu povo com uma flechada e que freqüentemente salva o marido do perigo de seus companheiros de tribo. Como Bellei afirma que faz parte da tópica da “donzela salvadora”, Iracema toma para si a função ativa da relação em diversos momentos, seja portando o arco e flecha ao lado de Martim, seja guiando-o para fora da serra que habita. Nesse quesito, relatividade do status do português como guerreiro é marcante, já que Iracema toma até mesmo a frente na fuga de Poti e Martim da taba inimiga, distraindo os guerreiros de sua tribo com o licor da jurema:

– *Iracema quer te salvar e a teu irmão; ela tem seu pensamento. O chefe pitiguara é valente e audaz; Irapuã é manhoso e traiçoeiro como a acauã. Antes que chegues à floresta, cairás; e teu irmão da outra banda cairá contigo.*

– *Que fará a virgem tabajara para salvar o estrangeiro e seu irmão? perguntou Martim.*

– *A lua das flores vai nascer. É o tempo da festa, em que os guerreiros tabajaras passam a noite no bosque sagrado e recebem do Pajé os sonhos alegres. Quando estiverem todos adormecidos, o guerreiro branco deixará os campos de Ipu, e os olhos de Iracema, mas sua alma, não.*

[...]

A voz do cristão transmitiu a Poti o pensamento de Iracema; o chefe pitiguara, prudente como o tamanduá, pensou e respondeu:

– *A sabedoria falou pela bôca da virgem tabajara. Poti espera o nascimento da lua.*”³⁵⁵

No caso de *The Deerslayer*, a oposição entre uma heroína loira e outra morena encontra-se nas irmãs Hutter, Judith e Hetty, a respeito das quais D.H. Lawrence afirma:

“The two girls are the inevitable dark and light. Judith, dark, fearless, passionate, a little lurid with sin, is the scarlet-and-black blossom. Hetty, the younger, blonde, frail

³⁵⁴ Id., *ibid.*, p. 85.

³⁵⁵ Id. *ibid.*, p. 84.

and innocent, is the white lily again. But alas, the lily has begun to fester. She is slightly imbecile.”³⁵⁶

Apesar de ser filha ilegítima de sua mãe com um outro homem, Judith não é mestiça e sequer chega a cogitar sentir-se atraída por um indígena e também divide a condição de bastarda com sua irmã mais nova. Suas possibilidades românticas dividem-se entre Harry March e Deerslayer. O primeiro ela recusa diversas vezes ao longo do romance; com relação ao segundo, acaba tomando a frente e propondo-lhe casamento, somente para ser rejeitada. Além disso, Judith tem uma reputação duvidosa por freqüentemente flertar com oficiais britânicos, o que é apenas um dos aspectos de sua aberta sensualidade. Mas o que também é evidente a respeito da caracterização de Judith como uma heroína tipicamente morena é sua coragem e disposição em perder sua feminilidade ao freqüentemente envolver-se em ações perigosas, como a cena anteriormente citada em que empurra um iroquês para fora do barco de sua família. O narrador a descreve como:

“[...] in the main, [...] a girl of great personal spirit, and her habits prevented her from feeling any of the terror that is apt to come over her sex at the report of firearms. She had discharged many a rifle, and had been even known to kill a deer, under circumstances that were favorable to the effort.”³⁵⁷

No entanto, apesar de seguir o padrão das heroínas românticas do século XIX, Judith não morre ao final da narrativa. Perde-se junto com o passado confuso de sua família: sem a mãe que lhe ocultou a verdadeira identidade, sem o homem que a criou como se fosse sua filha, e sem a irmã mais nova, ela só deixará boatos para Natty Bumppo acerca de seu destino e de sua vida entre os militares, depois que começa a Guerra dos Sete Anos. Perdida como se tivesse perecido junto com as evidências da primeira ocupação da região do Otsego.

Sua irmã, contudo, tem o um final mais trágico. A loira Hetty, embora tenha traços similares à Alice Munro de *The Last of the Mohicans*, não compartilha de sua beleza, que inspira desejo nos homens brancos e admiração quase religiosa nos indígenas. Possui a mesma fragilidade e a fé fervorosa de que a religião pode mudar suas circunstâncias. Hetty também aparenta possuir a mesma falta de temor que sua irmã mais velha acerca das coisas da floresta, mas quando desaparece da arca, no meio

³⁵⁶ LAWRENCE, Op. Cit., p. 67. “As duas meninas são o inevitável escuro e claro. Judith, escura, destemida, apaixonada, um pouco lúrida com pecado, é a flor vermelha-e-negra. Hetty, a mais nova, loira, frágil e inocente, é o lírio branco novamente. Mas ai! O lírio começou a morrer. Ela é levemente imbecil.”

³⁵⁷ COOPER, James Fenimore. **The Deerslayer**. p. 194. “[...] ao todo, [...] uma garota de grande espírito pessoal, e seus hábitos a preveniam de sentir qualquer coisa do terror que é apto a tomar conta daquelas de seu sexo ao som de armas de fogo. Ela havia atirado com muitos rifles e era conhecida por até haver matado um cervo, sob circunstâncias favoráveis ao esforço.”

da narrativa, com o objetivo de tentar salvar seu pai e seu amado Harry March, Hetty é vista desprovida de razão e inteligência. Os iroqueses inclusive contrapõem o título de “*Wild Rose*” – Rosa Selvagem – conferido à sua irmã mais velha, com o nome de “*Feeble Minded*” – Mente Fraca – para a jovem. Com sua pequena expedição, ela só não coloca sua família em maior perigo, porque os indígenas consideram sua debilidade intelectual como uma manifestação espiritual e não ameaçam a vida da moça:

*“As Hetty approached the chiefs, they opened their little circle with an ease and deference of manner that would have done credit to men of more courtly origins. A fallen tree lay near, and the oldest of the warriors made a quiet sign for the girl to be seated on it, taking his place at her side with the gentleness of a father. The others arranged themselves around the two with grave dignity; and then the girl, who had sufficient observation to perceive that such a course was expected of her, began to reveal the object of her visit.”*³⁵⁸

Hetty, frágil demais para sobreviver às agruras da floresta, contudo, acaba morrendo devido a um tiro acidental durante a escaramuça final do romance, quando Chingachgoock chega para salvar Deerslayer e as tropas britânicas chamadas por Harry March também interferem nos objetivos dos Hurons.

Uma outra figura feminina que merece destaque nessa análise é a personagem Wah-ta-Wah, noiva de Chingachgoock que também é chamada pelo nome anglicizado de Hist-oh-Hist³⁵⁹. Apesar de necessitar que seu namorado a salve da tribo rival, como Hist é indígena, ela também toma iniciativas durante os romances, encontrando Hetty na floresta quando esta sai em busca de seu pai. Contudo, diferentemente das personagens indígenas femininas dos dois romances anteriores de Cooper, *The Prairie* e *The Pathfinder* – Tachechana e Dew-of-June – não pertencem a tribo inimigo. Já que Hist é uma Delaware, ela ganha outro tipo de tratamento:

“The girl who had so suddenly arrested the steps of Hetty was dressed in a calico mantle, that effectually protected all the upper part of her person, while a short petticoat of blue cloth edged with golden lace, that fell no lower than her knees, leggings of the same, and moccasins of deerskin, completed her attire. Her hair fell in long dark braids down her shoulders and back, and was parted above a low smooth forehead, in a way to soften the expression of eyes that were full of archness and natural feeling. Her face was oval, with delicate features; the teeth were even and white, while the mouth expressed a melancholy tenderness, as if it wore this particular meaning in intuitive perception of the fate of a being who was doomed from birth to endure a woman’s sufferings, relieved by a woman’s affections. Her voice, as has been already intimated was soft as the sighing of the night air, a characteristic of females of

³⁵⁸ Id. *ibid.*, p. 164. “Quando Hetty aproximou-se dos chefes, eles abriram seu pequeno círculo com suavidade e respeito que daria crédito a homens de origens mais nobres. Uma árvore caída se encontrava ali perto, e o mais velho dos guerreiros fez um sinal silencioso para que a garota sentasse nela, tomando lugar ao seu lado com a delicadeza de um pai. Os outros se arrumaram ao redor dos dois com grave dignidade; e então a garota, que tinha observação o suficiente para perceber que tal curso era o esperado, começou a revelar o objetivo de sua visita.”

³⁵⁹ “Hist” é uma interjeição usada para se chamar a atenção, tais como “ouça!” ou “silêncio!”.

*her race, but which was so conspicuous in herself as to have her procured for her name of Wah-ta-Wah; which rendered in English, means Hist-oh-Hist.*³⁶⁰

Pode-se notar que apesar de menor, Hist possui o mesmo tipo de sensualidade e maldição das heroínas morenas produzidas na época, já que, por ser uma indígena, não pode possuir os mesmos atributos de uma cristã pura. Contudo, sua postura, mesmo diante dos homens é diferente das mulheres iroquesas, como é o caso de Sumach, a indígena com quem Deerslayer é intimado a casar-se, que apesar de o narrador afirmar que ela não era inteiramente desprovida de beleza física, depois da recusa que recebe do caçador reage de forma quase animalesca:

*“If there was anything like tenderness in her bosom – and no woman was probably ever entirely without that feminine quality – it all disappeared at this plain announcement. Fury, rage, mortified pride, and volcano of wrath, burst out at one explosion, converting her into a sort of maniac, as it might be at the touch of a magician’s wand. Without deigning a reply in words, she made the arches of the forest ring with screams, and then flew forward at her victim, seizing him by the hair, which she appeared resolute to draw out by the roots.”*³⁶¹

Logo, fica claro que assim como Hurons e Delawares são opostos em termos de comportamento, suas mulheres também contrastam de forma evidente. Contudo, o que é mais relevante dessa análise era apontar que apesar de constar elementos que o tornem diferentes dos romances históricos anteriormente analisados, os quais dão margens para interpretações míticas, por exemplo, tanto *Iracema* como *The Deerslayer* não escapam da articulação de narrativas entre a tradição romanesca do século XIX e aqueles elementos utilizados, tanto por estes romancistas como por historiadores do período, para delimitar a originalidade de seus países.

³⁶⁰ Id., *ibid.*, pp. 150-151. “A menina que havia de forma tão repentina parado os passos de Hetty estava vestida com um manto de morim, que efetivamente cobria toda a parte superior de sua pessoa, enquanto uma anágua curta de tecido azul com borda de renda dourada, que caía logo abaixo de seus joelhos, meias da mesma cor e tecido, e mocassins de pele de cervo completavam sua indumentária. Seu cabelo corria em longas tranças negras sobre seus ombros e costas e estava partido no centro de uma testa lisa, de forma a suavizar a expressão de seus olhos, cheia de malícia e sentimentos naturais. Seu rosto era oval, com feições delicadas; os dentes eram retos e brancos, enquanto a boca expressava uma ternura melancólica, como se usasse esse significado particular sob a perspectiva intuitiva a respeito do destino de ser alguém fadada desde o nascimento a ter que suportar os sofrimentos de mulher, aliviadas pelas afeições de mulher. Sua voz, como já dito, era suave com o suspiro da ar da noite, uma característica das mulheres de sua raça, mas que era tão conspícua em si que a deu nome de Wah-ta-Wah; que traduzido para o inglês significa Hist-oh-Hist.”

³⁶¹ Id. *ibid.*, p. 458. “Se havia qualquer coisa parecida com ternura em seu seio – e nenhuma mulher é inteiramente desprovida dessa qualidade feminina – tudo desapareceu perante esse simples anúncio. Fúria, ira, orgulho mortificado, e um vulcão de raiva eclodiram em uma só explosão, a convertendo em um tipo de maníaca, como se ao toque da varinha de um mágico. Sem conceder uma resposta em palavra, ela fez os arcos da floresta ecoar com gritos, e daí voou em direção a sua vítima, agarrando-o pelos cabelos, os quais ela parecia determinada a arrancar pelas raízes.”

Conclusão

Em *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, Antônio Cândido afirma que, no Brasil oitocentista, o termo “literatura nacional” não era definido com absoluta precisão, mas que “*todos tinham uma noção aproximada*”³⁶². O que denota significativamente a falta de coesão acerca do que seria essa literatura é o ensaio de 1873 que Machado de Assis, então no início de sua carreira de romancista, escreveu para a publicação *O Novo Mundo*, intitulado “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de Nacionalidade”. Em sua análise do mesmo, Abel Barros Baptista afirma que o escritor carioca não necessariamente desacreditava o que Alencar chamara de “missão patriótica”, ou seja, tornar a produção literária do país mais independente, mas a considera apenas “instinto”, ou seja, uma busca cujos primeiros traços foram dados pelos precursores Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Araújo Porto-Alegre. Mas com o ensaio, Machado inaugurava uma nova possibilidade de discurso crítico sobre a literatura brasileira:

*“[...] um discurso que já não precisa orientar-se para o fundamento, para a origem ou para a garantia da nacionalidade. A Machado, não interessa se a nacionalidade tem ou não condições para se cumprir: ele sabe ou parece saber que se atingirá um dia. O que lhe interessa é mostrar que o ‘instinto de nacionalidade’ não constitui missão ou obrigatoriedade para os escritores, é apenas o ‘primeiro traço’ da literatura brasileira no estado em que se encontra, ou seja, é apenas uma tendência literária entre outras possíveis que nada torna verdadeiramente mais importante ou mais legítima que qualquer outra.”*³⁶³

Contudo, é preciso também lembrar que se a carreira literária de Alencar gerou-se com uma polêmica nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro*, o fim de sua vida não foi diferente. As primeiras com Franklin Távora e José Feliciano de Castilho, em 1871, e mais tarde, com Joaquim Nabuco³⁶⁴, em 1875 – apenas dois anos antes de o escritor cearense falecer. Essas polêmicas foram marcadas pela reação anti-romântica da década de 70, sobretudo representada pela Escola de 1870, a fim de defender o realismo e o naturalismo.

Geralmente, José de Alencar é chamado de “patriarca” da literatura brasileira ou, seus romances são considerados “fundacionais”, assim como James Fenimore Cooper é considerado como o primeiro grande romancista norte-americano, ou como no caso de

³⁶² CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. Vol. 2. 3ª Ed. São Paulo, 1969. p. 10.

³⁶³ BAPTISTA, Op. Cit., p. 63.

³⁶⁴ COUTINHO, Afrânio (Org.). **A Polêmica Alencar-Nabuco**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

estudos interpretativos ou historiográficos sobre a fronteira, como um expoente na formação de uma tradição de produções culturais sobre o Oeste dos Estados Unidos.

Buscamos nesse estudo, contudo, procurar a relação entre essa busca pela nacionalidade ao longo no século XIX – à qual são caras noções como “cor local” e “originalidade” – sem incorrer em leituras que atribuíssem intenções a estes dois romancistas de forma generalizada, para além dos próprios textos, como no caso das leituras de Sommer e Renata Wasserman, para quem Alencar é um precursor da interpretação do Brasil elaborada por Gilberto Freyre; ou então aquelas que conferem à Cooper um elogio à expansão territorial estadunidense como aquele surgido de forma intensa ao final do século XIX, sobretudo ensejado pela obra do historiador Frederick Jackson Turner³⁶⁵, como é o caso de L. B. W. Lewis. Se o papel de Alencar na historiografia literária brasileira passa inquestionado, o de Cooper foi paulatinamente diminuído ao longo do século XIX. De acordo com Stephen Raylton:

*“As part of the meeting held in New York on February 24th, 1852, to commemorate and honor the novelists’ death five months earlier, Irving, Emerson, Hawthorne, Melville and most of the republic’s other leading men of letters entered their praise for Cooper’s accomplishments, and especially for his contribution to the cause of an American literature, into the public record. Forty years later, Mark Twain wrote ‘Fenimore Cooper’s Literary Offenses’ not to praise Cooper, but to bury him.”*³⁶⁶

O que se pretendeu com este trabalho não foi analisar estes autores sob a perspectiva de um processo de formação das literaturas nacionais, mas sim como passíveis de terem suas obras inseridas no contexto historiográfico de sua época, afim de adquirir uma melhor compreensão do que estes autores entendiam por Brasil e Estados Unidos. Considerando a vastíssima produção tanto de Cooper como de Alencar, o que se apresentou aqui foi um pequeno esboço de como romances desses autores podem ser lidos sob o ponto de vista da historiografia, como representações do passado. Inicialmente vimos como esses romances operam uma articulação entre narrativas

³⁶⁵ É importante destacar nesse processo a expressão “Destino Manifesto”, criada pelo jornalista John O’Sullivan em 1846 e que marcou a forma pela qual a cada vez mais intensa – sobretudo a partir da década de 1840 – com que o governo norte-americano estimulou os movimentos de expansão nos Estados Unidos. Esses movimentos não passaram sem gerar derramamento de sangue, sendo o maior exemplo disso a Guerra Mexicano-Americana entre os anos 1846 e 1848, que resultou na anexação dos territórios do Norte do México pelos Estados Unidos. Sobre o “Destino Manifesto” ver: STEPHANSON, Anders. **Manifest Destiny: American Expansion and the Empire of Right**. New York: Hill and Wang, 1995.

³⁶⁶ RAYLTON, Op. Cit., p. 4. “Como parte da reunião promovida em Nova York no dia 24 de fevereiro de 1852, para comemorar e honrar a morte do romancista cinco meses antes, Irving, Emerson, Hawthorne, Melville e a maior parte dos outros homens de letras importantes da república deixaram elogios públicos aos feitos de Cooper, especialmente por sua contribuição à causa de uma literatura americana. Quarenta anos depois, Mark Twain escreveu ‘As Ofensas Literárias de Fenimore Cooper’, não para elogiar Cooper, mas para enterrá-lo.”

coloniais e a incipiente tradição da literatura romanesca européia. Entretanto, ficou claro que os dois romancistas voltaram-se para fontes – relatos ou documentos – que conferiam às suas obras um fundo de veracidade, no caso de eventos ou personagens passados, e verossimilhança, no que diz respeito às descrições da paisagem e costumes dos indígenas quando estes faziam parte das narrativas.

Partindo da afirmação de Stephen Bann que a literatura, a arte pictórica e os museus podem ser analisados pela historiografia – na medida em que também expressam uma crescente preocupação com o passado a partir do final do século XVIII – procuramos mostrar que os romances históricos são de especial valia para a compreensão da cultura histórica oitocentista. Primeiramente, no caso de Cooper, vê-se que o escritor preocupou-se em transformar em romance, temas que eram objetos de outras narrativas surgidas nos Estados Unidos colonial, mais especificamente os relatos de caçadores pioneiros e de cativas, que ao serem consumidas como produtos essencialmente nacionais, poderiam fornecer às obras de ficção elementos de originalidade em relação à Europa. Embora no período em que Cooper escreveu, livros de história não eram produzidos a partir de diretrizes centralizadas, tampouco claras, ele menciona a História em momentos de suas narrativas como sendo uma “musa irmã” ou até mesmo superior, mas com suas obras ficcionais dividiam determinadas preocupações, como é o caso do esclarecimento dos acontecimentos do massacre do Forte William Henry em *The Last of the Mohicans*, ou do mero “retrato” da “realidade” da região do condado de Otsego no século XVII, em *The Pioneers* e *The Deerslayer*.

Já Alencar estava inserido em um contexto de produção historiográfica cujos principais expoentes encontravam-se reunidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, organização que contava com a freqüente presença do Imperador D. Pedro II em suas reuniões. Embora não fizesse parte do IHGB, Alencar citava em seus romances os trabalhos de seus membros, como é o caso da *Historia Geral do Brazil* de Francisco Adolfo de Varnhagen e do manuscrito sobre as minas de prata publicado na *Revista do Instituto* em 1839, a respeito das quais o romancista escreveu em *O Guarani* e mais tarde tornaria objeto de *As Minas de Prata*. Além disso, o cearense utilizou em seus romances obras que foram transformadas em fontes a respeito da História colonial do Brasil, tais como a de Sebastião da Rocha Pitta e o relato atribuído à Gabriel Soares de Sousa pelo próprio Varnhagen.

Sendo assim, esses dois romancistas compartilhavam de preocupações com a verossimilhança e com a veracidade do que estavam escrevendo, embora isso se deva

essencialmente ao tipo de prosa de ficção aos moldes de Walter Scott, dividiam recursos e métodos com a História, não importando o quão incipiente era esta disciplina em ambos os países, fato que leva a um ponto essencial deste trabalho: a comparação entre os dois autores. Antes de tudo, ela nos serviu, fundamentalmente, para compreender como a cultura histórica, ainda que sob contextos drasticamente diferentes, fez com que estes dois autores recorressem às mesmas tópicas e convenções tanto americanas como européias. Mais especificamente, à construções de narrativas estruturalmente parecidas – como são os casos de *As Minas de Prata* e *The Pioneers* – e de personagens semelhantes, lembrando aqui das irmãs Alice e Cora, de *The Last of the Mohicans*; e Isabel e Cecília, de *O Guarani*. Vale considerar que embora Alencar possivelmente tenha tido acesso às obras de Cooper, o brasileiro negava a influência do norte-americano, e nem sempre seguia à risca as mesmas convenções que Cooper seguira.

Dessa forma, analisamos aqui algumas obras de Cooper e Alencar que lidavam com o elemento do exótico – sobretudo os indígenas –, mas que nem sempre suas obras de caráter histórico versavam sobre esse aspecto do passado de seus países. Como visto no terceiro capítulo, a literatura “brasileira” – indianista – era uma das possibilidades de ficção ainda durante a segunda metade do século XIX, e, no caso estadunidense, a ficção sobre a fronteira também se apresentava como uma das possibilidades que Cooper poderia recorrer para arrebatá-los em 1841. Assim sendo, há muito do passado ficcional a que estes dois romancistas se dedicaram a respeito do que nos interrogar, sob a perspectiva da historiografia.

Fontes

James Fenimore Cooper:

COOPER, James Fenimore. **The Pioneers**. New York: Penguin Books, 1964.

_____. **The Deerslayer**. New York: Penguin, 1982.

_____. **The Last of the Mohicans**. New York: The Modern Library, 2001.

José de Alencar:

ALENCAR, José de. **As Minas de Prata**. 3 Vols. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

_____. **O Guarani**. 2 Vols. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

_____. **Iracema e Ubirajara**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

Bibliografia

ABREU, Márcia & SCHAPOCHNIK, Nelson. **Cultura Letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas: Mercado de Letras, 2005.

ALENCAR, José de. Benção Paterna. In: **Sonhos D'Ouro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

_____. **Como e por que sou romancista**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998

ALONSO, Angela. **Idéias em Movimento**: a Geração de 1870 na Crise do Brasil-Império. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

AMORA, Antônio Soares. Iracema e Atala. **Revista de Letras**. Vol. 3, pp. 120-136, São Paulo, 1962.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ASSIS, Machado de. **Instinto de nacionalidade e Outros Ensaios**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.

AVILA, Arthur Lima de. O Oeste Historiográfico Norte-Americano: a *frontier thesis* vs. a *new western history*. **Anos 90**. N° 21/22, pp. 370-413, Porto Alegre, 2005.

_____. **E da Fronteira veio um Pioneiro**: a *frontier thesis* de Frederick Jackson Turner (1861-1932). Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um Mapa da Questão Nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BANN, Stephen. **The Clothing of Clio**: A study of the representation of history in nineteenth-century Britain and France. Cambridge: Cambridge University Press, 1984

_____. **Romanticism and the Rise of History**. New York: Twayne Publishers, 1995.

BAPTISTA, Abel Barros. **A Formação do Nome**: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

BARTHES, Roland. **Michelet par lui-même**. Paris: Éditions du Seuil, 1954.

BARTHES, Roland. **O Grau Zero da Escrita**. Lisboa: Edições 70, 1973.

BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**: a explicação histórica dos quadros. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BAILYN, Bernard. **As Origens Ideológicas da Revolução Francesa**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. A virgem dos lábios sem mel. **Luso-Brazilian Review**. Vol. 36, nº 2, pp. 63-80, Madison, 1999.

BENJAMIN, Walter. **Magia, Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, volume 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultural**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BLAKEMORE, Steven. "Without a Cross": The Cultural Significance of the Sublime and Beautiful in Cooper's *The Last of the Mohicans*." **Nineteenth-Century Literature**, Vol. 52, nº 1, pp. 27-57, California, 1997

BRADLEY, Sculley *et al.* **The American Tradition in Literature**. Vol. 1. 4ª Ed. Nova York: Grosset & Dunlap, 1974.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1985.

CALLCOTT, George H. Historians in Early Nineteenth-Century America. **New England Quarterly**. Vol. 32, nº 4, pp. 496-520, Boston, 1959.

CALMON, Pedro. A verdade das minas de prata. In: ALENCAR, José de. **As Minas de Prata**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1953.

CAMILO, Vagner. Mito e História em Iracema: a recepção crítica mais recente. **Novos Estudos CEBRAP**, nº 78, pp. 169-189, São Paulo, 2007.

CAMPOS, Haroldo de. "Iracema: arqueologia de uma vanguarda. **Revista USP**. No 5, pp. 67-74, São Paulo, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. Introdução. **Formação da Literatura Brasileira (Momentos Decisivos)**. Vols. 1 e 2. 3ª Ed. São Paulo: Martins, 1969.

CANNY, Nicholas & PAGDEN, Anthony. **Colonial Identity in the Atlantic World**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1987.

CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Editora Nacional, 1939.

CARVALHO, José Murilo de. **A Construção da Ordem/Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. (org.). **Nação e Cidadania no Império**: novos horizontes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASTELLO, José Aderaldo (org.) **A Polêmica sôbre “A Confederação dos Tamoios”**. São Paulo: Seção de Publicações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1953.

CEZAR, Temístocles. Quando um manuscrito torna-se fonte histórica: as marcas de verdade no relato de Gabriel Soares de Sousa (1587). Ensaio sobre uma operação historiográfica. **História em Revista**. Vol. 6, pp. 37-58, Pelotas, 2000.

_____. **L’écriture de l’histoire au Brésil au XIX^e siècle. Essai sur une rhétorique de la nationalité. Le cas Varnhagen**. Paris: EHESS, Tese de Doutorado, 2002.

_____. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.) **História Cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. **A História Contada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHIARAMONTE, José Carlos. **Nación y Estado en Iberoamérica: El lenguaje políticos en tiempos de las independencias**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2004.

COOPER, James Fenimore. **O Últimos dos Moicanos**. São Paulo: W. M Jackson Editores, 1952.

_____. Notions of the Americans. In: STERN, Milton R. & GROSS, Seymour L. **The Viking Portable American Literature Survey: The American Romantics (1800-1860)**. New York: The Viking Press, 1968.

COUTINHO, Afrânio. **Conceito de Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1960.

COUTINHO, Afrânio (org.). **A Polêmica Alencar-Nabuco**. Rio de Janeiro: Edições Tepe Brasileiro, 1973.

CROCKETT, Davy. **A Narrative of the Life of David Crockett of the State of Tennessee**. Lincoln: Nebraska University Press, 1987.

DAHER, Andréa. “Cultura escrita, oralidade e memória: a língua geral na América Portuguesa”. PESAVENTO, Sandra J. (org.). **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Bauru: EDUSC, 2004.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução**: O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DAUBER, Kenneth. **The Idea of Authorship in America**: Democratic Poetics from Franklin to Melville. Madison, Wis., 1990.

DAVIDSON, Cathy N. **Revolution and the Word**: The Rise of the Novel (Expanded Edition). New York: Oxford University Press, 2004.

DE MARCO, Valéria. *As Minas de Prata*: O Rosto Brasileiro. **Língua e Literatura**. Vol. 11, nº 14, pp. 125-142, São Paulo, 1985.

_____. As Mulheres Fundadoras de Alencar. In: GAZOLLA, Lúcia Almeida (org.). **A Mulher na Literatura**. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1990.

_____. **A Perda das Ilusões**: o romance histórico de José de Alencar. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DEKKER, George. & McWILLIAMS, John P. **Fenimore Cooper**: the critical heritage. London: Routledge & Kegan Paul, Ltd., 1973.

DENIS, Fernidand. **Resumo da História Literária do Brasil**. Tradução e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968.

DIAS, Gonçalves. **O Brazil e a Oceania**. Paris/Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

_____. Dicionário da Língua Tupi chamada língua-geral dos indígenas Brasil. In: **Poesia Indianista**: obra indianista completa. Organizada por Márcia Lígia Guidin. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DYER, Gary. Irresolute Ravishers and the Sexual Economy of Chivalry in the Romantic Novel. **Nineteenth-Century Literature**. Vol. 55, nº 3, pp. 340-368, California, 2000.

EDELWEISS, Frederico G. Estudos tupis e tupi-guaranis : confrontos e revisões. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1969.

EDWARDS, Simon. The Geography of Violence: Historical Fiction and the National Question. **Novel: A Forum on Fiction**. Vol. 34, nº 2, pp. 293-308, The Romantic-Era Novel. Providence, 2001

FILSON, John. The discovery, settlement and present State of Kentucke. Appendix: The Adventures of Col. Daniel Boone. In: LEMAY, J. A. Leo (ed.). **An Early American Reader**. Washington: United States Information Agency, 1989.

FLUCKIGER, Carine. **L'Histoire entre Art et Science**: La "Couleur Locale" chez Thierry et Barante. Université de Genève, Faculté des Lettres, Département d'Histoire générale, DEA sob a direção de François Hartog, 1995.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel. A história das línguas na Amazônia.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

FREITAS, Marcos Cezar de (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva.** São Paulo: Contexto, 1998.

FREITAS, Renata Dal Sasso. **A Construção do Homem de Fronteira na Série de Romances *The Leatherstocking Tales* (1823-1841).** Porto Alegre: UFRGS (mimeo), 2003.

FRENCH, David P. James Fenimore Cooper and Fort William Henry. **American Literature.** Vol. 32 n° 1, pp. 28-38, Durnham, NC, 1960.

GAUCHET, Marcel (Ed.) **Philosophie des sciences historiques: le moment romantique.** Paris: Éditions du Seuil, 2002.

GAY, Peter. **O Estilo na História: Gibbon, Ranke, Burckhardt.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismos.** Lisboa: Gradiva, 1983.

GINSBURG, Carlo. **Nenhuma ilha é uma ilha.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOSSMAN, Lionel. **Between History and Literature.** Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1990.

GROSSMAN, James. **James Fenimore Cooper: a biographical and critical study.** Stanford, CA: Stanford University Press, 1967.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos.** N° 1, pp 5-27, Rio de Janeiro, 1988.

_____. Reinventando a Tradição: sobre o Antiquariado e a Escrita da História. **Humanas.** Vol. 23, n° 1/2, pp. 111-144, Porto Alegre, 2000.

_____. História e natureza em Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **História, Ciência e Saúde – Manguinhos.** Vol. 7, n° 2, pp. 389-410, Rio de Janeiro, 2000.

_____. (org.). **Estudos sobre a Escrita da História.** Rio de Janeiro: Sete Letras, 2006.

GUINSBERG, J.(Org.) **O Romantismo.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

HABERLY, David T. Women and Indians: *The Last of the Mohicans* and the Captivity Tradition. **American Quarterly.** Vol. 26, n° 4, pp. 431-444, Baltimore, 1976.

_____. **Three Sad Races: Racial Identity and national consciousness in Brazilian literature.** Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HANSEN, João Adolfo. **A Sátira e o Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII.** São Paulo/Campinas: Ateliê Editorial/Editora UNICAMP, 2004.

HAMILTON, Wynette L. The Correlation between Societal Attitudes and Those of the American Authors in the Depiction of American Indians, 1607-1860. **American Indian Quartely**, Vol. 1, n° 1, pp. 1-26, Nebraska, 1974.

HARTOG, François. **O século XIX e a História: o caso Fustel de Coulanges.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

HERMAN, Daniel J. The Other Daniel Boone: The Nascence of a Middle-Class Hunter Hero, 1784-1860. **Journal of the Early Republic.** Vol. 18, n° 3, pp. 429-457, Philadelphia, 1998

HIGHAM, John. **History: professional scholarship in America.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983.

HISTÓRIA dos Índios no Brasil. São Paulo: Cia das Letras; Sec. Mun. de Cultura; Fapesp, 1992.

HOBSBAWM, Eric J. **Nações e Nacionalismo desde 1780.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradição.** Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HOFSTADTER, Richard. **The Progressive Historians.** New York: HOLST, 1968.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. (Dir.) **História Geral a Civilização do Brasil.** Tomo II. Vol. 5. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HOXIE, Frederick E. (Ed.) **Encyclopedia of the North American Indians.** Boston/Nova York: Houghton Mifflin Company, 1996.

HUTTON, Paul Andrew & RITCHIE, Robert C. **Frontier and Region.** Albuquerque: New Mexico University Press, 2001.

KLIGERMAN, Jack. Notes on Cooper's Debt to John Jay. **American Literature** : a Journal of Literary History, Criticism and Bibliography.. Vol. 41, n° 3, pp. 415-419, Durham, 1969.

KNAUSS, Paulo (org). **O Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos.** Niterói: UFF, 2004.

KODAMA, Kaori. **Os filhos das brenhas e o Império do Brasil: a etnografia no**

Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1840-1860). Tese de Doutorado. Pós-Graduação em História da PUC-Rio. Rio de Janeiro: 2005.

KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e Crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 1999.

_____. **história/História**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.

LAWRENCE, D. H. **Studies in Classic American Literature**. New York: Penguin, 1977.

LEWIS, R.W.B. **The American Adam: Innocence, Tragedy, and Tradition in the Nineteenth Century**. Chicago: University of Chicago Press, 1955.

LIMA, Ivana Stolze. **Cores, marcas e falas. Sentidos da mestiçagem no Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

LIMA, Luiz Costa. **O Controle do Imaginário: razão e imaginário no ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOBO, Luiza. **Teorias Poéticas do Romantismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

LOUREIRO, Consuelo M. O Último dos Mohicanos e O Guarani: duas visões paralelas do Novo Mundo. **Revista de Letras**, nº 4, pp. 111-120, Curitiba, 1975.

LOVELAND, Anne C. James Fenimore Cooper and the American Mission. **American Quarterly**. Vol. 21, nº 2, pp. 244-258, Baltimore, 1969.

MACHADO, Ubiratan. **A Vida Literária no Brasil durante o Romantismo**. Rio de Janeiro: Ed. da UERJ, 2001.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. **Discurso sobre a história da literatura do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1994.

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria: Imaginação geográfica e política externa no Brasil (1808-1912)**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

MARCZYK, Marta Bernadete Frolini de Aguiar. **Representações cristãs do povo judeu em As Minas de Prata, de José de Alencar**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Língua Hebraica, Cultura e Literatura Judaicas da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2006.

MARTINS, Eduardo Vieira. **A Fonte Subterrânea: José de Alencar e a Retórica Oitocentista**. Londrina/São Paulo: Eduel/Edusp, 2005.

MATTOS, Ilmar. **Tempo Saquarema**: a formação do Estado imperial. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MAYHEAD, Robin. **Walter Scott**. Cambridge: Cambridge University Press, 1973.

MEGILL, Allan. Aesthetic Theory and Historical Consciousness in the Eighteenth Century. **History and Theory – Studies in the Philosophy of History**. Vol. XVII, pp. 29-62, Middletown, Conn., 1978.

MENEZES, Raimundo de. **José de Alencar**: literato e político. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977.

_____. **Cartas e Documentos de José de Alencar**. São Paulo/Brasília: HUCITEC/INL, 1977.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOERS, Ellen. Performing Heroism: The Myth of *Corinne*. **Harvard English Studies**. N° 6, pp. 319-350, Cambridge, 1975.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As Raízes Clássicas da Historiografia Moderna**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

MONTEIRO, John M. **Tupis, Tapuias e Historiadores**: estudos de história indígena e indigenismo. Tese de Livre Docência. Campinas: UNICAMP, 2001.

MOREIRA, Maria Eunice. **Nacionalismo Literário e Crítica Romântica**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1991.

MORETTI, Franco. **Atlas do Romance Europeu (1800-1900)**. São Paulo: Boitempo, 2003.

NETO, Lyra. **O Inimigo do Rei**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

NEVIUS, Blake. Introduction. In: COOPER, James Fenimore. **The Prairie**. New York: Penguin Books, 1987.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o Gênero. **Estudos Feministas**. Vol. 8, n° 2, Florianópolis, 2000.

PAGDEN, Anthony. **European Encounters with the New World**: from Renaissance to Romanticism. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1993

PARRINGTON, Vernon Louis. **Main Currents in American Thought**: An interpretation of American Literature from the Beginnings to 1920. Vols. 1-3. New York: Harcourt, Brace and Company, 1930.

PELLOGIO, Marcelo. **José de Alencar e as Minas da História**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2001.

_____. José de Alencar: um historiador à sua maneira. **Alea: Estudos Neolatinos**. Vol. 6, nº 1, Rio de Janeiro, pp. 81-95, 2004.

_____. **José de Alencar e as Visões de Brasil**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: 2006.

PERSON, Leland S. The American Eve: Miscegenation and a Feminist Frontier Ficition. **American Quaterly**. Vol. 37, nº 5, pp. 668-685, Baltimore, 1985.

_____. The Historical Paradoxes os Manhood in Cooper's "The Deerslayer". **NOVEL: A Forum on Fiction**. Vol. 32, nº 1, Reading Gender After Feminism, pp. 76-98, Providence, 1998.

PHILBRICK Thomas. Cooper's *The Pioneers*: Origins and Structure. **PMLA**. Vol. 79, nº 5, pp. 579-593, New York, 1964.

PIMENTA, João Paulo Garrido. **Estado e nação na crise dos impérios ibéricos no Prata (1808-1828)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da USP. São Paulo: USP, 1998.

PITTA, Sebastião da Rocha. **História da América Portuguesa**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950

POMIAN, Krzysztof. De la comparaison dans l'histoire. In : **Sur L'Histoire**. Paris: Gallimard, Folio/histoire, 1999

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

RAYLTON, Stephen. **Fenimore Cooper**. A Study of His Life and Imagination. Princeton: Princeton University Press, 1978.

RENAN, Ernest. **Qu'est-ce qu'une nation?** Paris: Éditions Mille et une nuits, 1997.

RICUPERO, Bernardo. **O Romantismo e a Idéia de Nação no Brasil (1830-1870)**. São Paulo: Matins Fontes, 2004.

RINGE, Donald. **James Fenimore Cooper**. New York: Twayne Publishers, 1962.

_____. Chioroscuro as an Artistic Device in Cooper's Fiction. **PMLA**, Vol. 78, nº4, pp. 349-357, New York, 1963.

ROBINSON, E. Arthur. Conservation in Cooper's *The Pioneers*. **PMLA**, Vol. 82, nº 7, pp. pp. 564-578, New York, 1967.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTT, Walter. **Ivanhoe**. New York: Penguin, 1994.

SHOEMAKER, Nancy. How Indians Got to Be Red. **The American Historical Review**. Vol. 102, n° 3, pp. 625-643, Chicago, 1997.

SLOTKIN, Richard. **Renegation Through Violence: The Mythology of the American Frontier, 1600-1860**. Middletown, Conn.: Wesleyan University Press, 1973.

_____. **The Fatal Environment: The Myth of the Frontier in the Age of Industrialization 1800-1890**. Norman: University of Oklahoma Press, 1998

SMITH, Henry Nash. *Virgin Land*. Cambridge: Harvard University Press, 1950.

SOMMER, Doris. **Ficções de Fundação: O Romances Nacionais na América Latina**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

SOUSA, Gabriel Soares. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1938.

SULLIVAN, Sherry. A Redder Shade of Pale: The Indianization of heroes and heroines in Nineteenth-Century American Fiction. **The Journal of the Midwest Modern Languages Association**. Vol. 20, n° 1, pp. 57-75, Iowa City, 1987.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções Criadoras: As identidades nacionais. **Revista Anos 90**. N° 15, pp. 7-25, Porto Alegre, 2001/2002.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TOMPKINS, Jane. **Sensational Designs: The Cultural Work of American Fiction, 1760-1860**. New York: Oxford University Press, 1985.

TREECE, David. Victims, Allies, Rebels: Towards a New History of Nineteenth-Century Indianism in Brazil. **Portuguese Studies**. N° 2, pp. 56-98, Londres, 1986.

_____. **Exiles, allies and rebels: Brazil's indianist movement, indigenist politics, and the imperial nation-state**. Londres: Greenwood Press, 2000.

VAUGHN, Alden T. From White to Redskin: Changing Anglo-American Perceptions of the American Indian. **The American Historical Review**. Vol. 87, n° 4, Chicago, pp. 917-953, 1982.

VEIGA, Cláudio. **Um Brasileiro Soldado de Napoleão**. São Paulo: Ática, 1979.

VERHOEVEN, W. M. (ed.) **James Fenimore Cooper: New Historical and Literary Contexts**. Amsterdam/Atlanta, GA: Rodopi, 1993.

WALLACE, Paul. A. W. John Heckewelder's Indians and the Fenimore Cooper Tradition. **Proceedings of the American Philosophical Society**, Vol. 96, n° 4, pp. 496-504, Philadelphia, 1952.

WARNER, Michael. **The Letters of the Republic**: Publication and the Public Sphere in Eighteenth-Century America. Cambridge, Mass.: Havard University Press, 1990.

WASSERMAN, Renata R. Mautner. The Red and the White: The "Indian" Novels of José de Alencar. **PMLA**. Vol. 98, n° 5, pp. 817-827, Nova York, 1983.

_____. Re-Inventing the New World: Cooper and Alencar. **Comparative Literature**. Vol. 36, n° 2, pp. 130-145, Portland, 1984.

_____. **Exotic Nations**: Literature and Cultural Identity in the United States and Brazil, 1830-1930. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1994.

WHITE, Hayden. **Metahistory**: the historical imagination in Nineteenth-Century Europe. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1973.

_____. **Tropics of Discourse**: Essays in Cultural Criticism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1978.

_____. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **History and Theory: Studies in the Philosophy of History**. Vol. XXIII, pp. 1-33, Middletown, Conn., 1984.

WOIDAT, Caroline M. Puritan Daughters and "Wild" Indians: Elizabeth Oakes Smith's Narratives of Domestic Captivity. **Legacy**. Vol. 1. n° 1, pp. 21-34, Linconl, NE, 2001.

ZILBERMAN, Regina. Natureza e Mulher: uma visão do Brasil no romance romântico. **Modern Language Studies**. Vol. 19, n° 2, pp. 50-64, Selingsgrove, PA, 1989.

ZOELLNER, Robert H. Fenimore Cooper: Alienated American. **American Quarterly**. Vol. 13, n° 1, Baltimore, 1961, pp. 55-66. p. 56.